

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns in a dark brown color, framing the entire page.

**J. M. Darhower -
Monster in his
Eyes 03**

J. M. Darhower

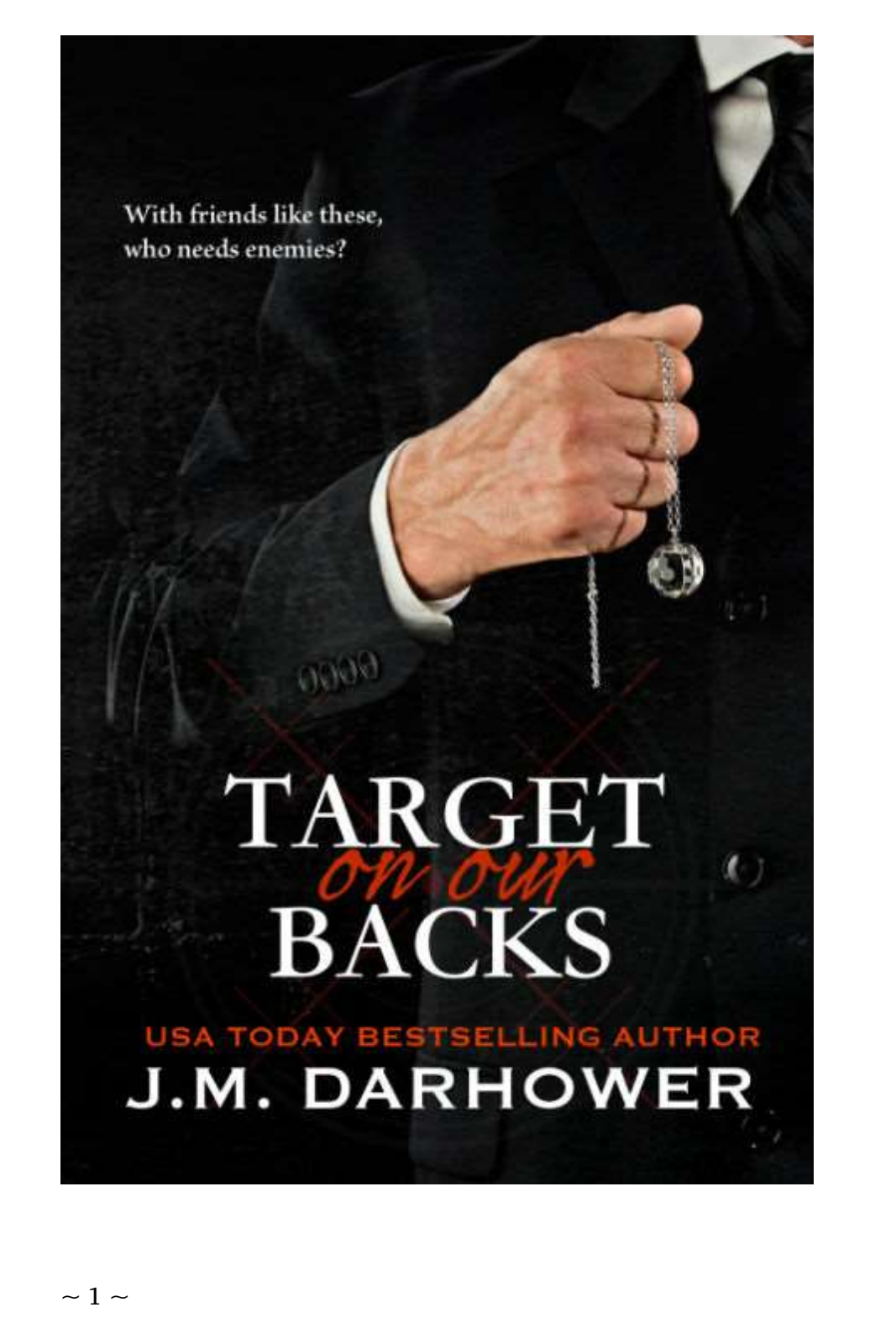
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, rendered in a dark brown color, framing the entire page.

**J. M. Darhower -
Monster in his
Eyes 03**

J. M. Darhower

A close-up photograph of a man's hand in a dark suit, holding a silver chain with a round, ornate pocket watch. The background is dark and textured.

With friends like these,
who needs enemies?

TARGET *on our* BACKS

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
J.M. DARHOWER

TARGET *on our* BACKS

~ 2 ~

SINOPSE

A melhor maneira de manter sua palavra é nunca dá-la.

Não muito tempo atrás, numa capela de Las Vegas, eu jurei amar Karissa

pelo resto dos meus dias. Mas ninguém prometeu um número infinito

de

amanhãs. Ninguém prometeu para sempre. Às vezes, tudo o que resta é o hoje.

Carpe Diem

Aproveite o dia.

Isso deveria ter acabado, nós deveríamos ter sido felizes, mas as pessoas

estão fazendo com que seja difícil para eu viver em paz. Eu tenho tanto sangue

em minhas mãos que elas nunca estarão limpas, e alguém lá fora parece querer

que eu pague por isso. Felizes sempre vem sempre com um custo, um que

qualquer homem normal estaria disposto a pagar. Mas isso não significa que eu

simplesmente vou abaixar a cabeça e aceitar essas consequências.

Porque quando se trata da mulher que eu amo? A vida pela qual eu lutei?

Ninguém está a salvo.

~ 3 ~

PROLOGO

Eu vou contar uma história, uma história sobre um leão que foi morto por um caçador impiedoso há não muito tempo. Este leão era o rei de

seu

orgulho,

e

esse caçador? Este caçador nem sequer pensou duas vezes sobre puxar o gatilho,

consequências não importavam.

E as consequências lá estavam.

Você vê, quando um rei é morto, a anarquia reina enquanto o próximo

homem mais forte se encaminha para tomar seu lugar. Às vezes esse homem é

considerado

compassivo, mas é mais provável que ele seja uma fera implacável. Para garantir

seu lugar no topo da cadeia alimentar, para afirmar seu domínio em um tempo

de

caos, o leão aniquila qualquer um que ele considera competição, começando

com os filhotes do seu antecessor.

Seus filhos, os que ele criou, os que ele educou para seguir sua liderança...

Um a um eles caíram, vítima do novo tirano cruel, até que o orgulho do ex-rei

não existia mais. Na mente do caçador, isso acabou no segundo que ele colocou

a arma para baixo, mas na realidade, aí foi quando o verdadeiro problema

começou.

E o problema?

Isso veio com uma vingança.

O orgulho estava afundado até os joelhos nisso.

Tiroteio no Centro da Cidade Deixa um Morto

Eu olho através da escuridão para manchete em negrito no meio do jornal de ontem. Ela não chegou à primeira página. Nem mesmo perto. Estava

inserida junto aos crimes insignificantes que assolam a cidade, como se um

tiroteio não significasse nada para estas pessoas hoje em dia.

Talvez não signifique.

Quem sou eu para julgar?

Balas certamente não me perturbam mais.

Mas esta me parou. Esta me fez hesitar. Meus olhos perambulam pela manchete vaga até o nome da vítima solitária: *Kelvin Russo*.

~ 4 ~

Eu o conheço.

Bem, eu o *conhecia*.

Kelvin não existe mais.

Uma vez um dos soldados de rua favoritos de Ray, Kelvin pegou uma bala

na parte de trás do crânio. Ele era jovem, apenas começando... Não poderia ter

mais de vinte e três ou vinte e quatro. O artigo não diz muito sobre o que

aconteceu, mas eu conheço uma execução quando eu leio sobre uma.

Outro dos filhotes do ex-rei caiu. Eu não puxei o gatilho desta vez, mas

quando se trata disso, eu ainda carrego nos ombros a culpa. Ele está morto

porque há um novo rei nesta selva de concreto, um rei que está enviando uma

mensagem para todos.

Curve-se.

A coisa é, no entanto, eu não me ajoelho para ninguém. Eu não fico de joelhos para nenhum homem fodido. Eu me afastei há um ano, antes de puxar

esse fatídico gatilho, mas isso não será bom o suficiente para alguém como ele.

É só uma questão de tempo antes que ele venha para mim.

Antes que ele me *queira*.

Quem quer que ele seja...

~ 5 ~

CAPITULO

um

Karissa

Um leopardo não muda de lugar.

Giuseppe Vitale não costuma ser um homem de medir palavras. Ele fala

em enigmas a maior parte do tempo, algo que seu filho herdou dele, mas seu

ponto está sempre lá, direto e claro. Ele sabe o que sabe e sente o que sente, e

quando se trata disso, ele não hesitará lhe dizer como é.

Um leopardo não muda suas manchas.

Ele está falando sobre Ignazio.

"Mas ele está diferente," eu digo, meus olhos vagando para a pequena mesa de madeira entre nós, como se talvez eu subconscientemente duvidasse de

minhas próprias palavras. Ele *tem* estado diferente, isso é verdade, mas eu sei

que isso não significa que ele realmente mudou.

Ele pode mudar?

Eu não sei.

Eu sequer deveria querer que ele mudasse?

Já faz mais de um ano que uma bala atravessou-me no foyer da casa em

Brooklyn, embora meu peito ainda doa como se tivesse acontecido ontem. A

ferida física cicatrizou, mas meu coração é outra história.

Parte dele permanece quebrado.

Provavelmente sempre será assim.

Seis semanas atrás, Naz me pediu para casar com ele. *Realmente* me pediu, ao contrário de antes. Desta vez, quando eu disse sim, eu sabia

~ 6 ~

exatamente com o que eu estava me comprometendo. Eu sei que tipo de homem

ele é. Eu sei as coisas que ele fez, as coisas que ele queria fazer. Nós dissemos

'*sim*'

naquela

mesma

noite,

no

Capela no MGM Grand em Las Vegas, e eu passei todas as noites desde então

convencida de que eu tinha tomado a decisão certa.

Porque ele está diferente.

Ele está.

Mas o que exatamente significa *diferente*?

Giuseppe se aproxima, colocando sua mão áspera e calosa em cima da minha, apertando levemente para chamar minha atenção de volta para ele. Ele

tem

um

sorriso em seus lábios, mas não é um sorriso de felicidade. Beira em algum lugar

próximo a pena.

Quase consigo ouvir o que ele está pensando.

Pobre garotinha, você não entende no que você se meteu.

"Você sabe, eles dizem que se você colocar um sapo em uma panela de água fervente, ele vai saltar de volta para fora," diz ele. "Mas se você colocar um

sapo em uma panela de água gelada e constantemente aumentar a temperatura,

ele vai ficar bem onde está, como se nada estivesse acontecendo. Você consegue

entender onde eu quero chegar com isso?"

Minha testa enrruga com o salto na conversa. "Não."

"Você é o sapo, a menina, e Ignazio? Ele está fervendo você viva sem você

sequer perceber."

Quero argumentar contra isso. Quero dizer-lhe que ele está errado.

Porque ele está. Ele está *errado*. Mas as únicas palavras que consigo apresentar

são "ele está diferente" e eu não estou sequer inteiramente certa como explicar o

que isso significa. Ele ainda é Naz, ainda o mesmo Ignazio intimidante, mas

Vitale não mostrou seu rosto... não ao *meu* redor, de qualquer maneira.

Eu sei que Giuseppe não pode diferenciar entre as máscaras, no entanto.

Ele olha para o filho e só vê o monstro que ele se transformou com o passar dos

anos. Ele não pode ver o homem que ele era, ou o homem que ele é, o homem

que ele jura que está tentando ser.

Ele ainda desaparece à noite às vezes. Ainda há ocasionais ligações de telefone sussurradas. Ele ainda é paranóico, e superprotetor, e extremamente

cuidadoso, mas o que ele não é, é cruel. Ele não é enganoso. Eu o entendo. Ele

me entende. Ele não me manipula com luvas de pelíca, mas ele não me dá mais

do que eu posso tolerar, também. Ele me trata como uma pessoa, não como uma

posse, embora, ok... Sua veia possessiva pode, às vezes, ainda ser consideravelmente feroz.

~ 7 ~

O homem é um enigma. Um belo e às vezes terrível quebra-cabeça que eu

ainda estou montando, pouco a pouco.

Giuseppe, porém, não tem interesse na cura de seu filho. Ele não tem interesse em que ele seja diferente. No que lhe diz respeito, Naz é o tipo de

quebrado que você apenas não pode reparar.

Antes que eu possa pensar em alguma coisa para dizer a Giuseppe, algo

diferente do habitual "mas ele está diferente," a porta para a deli abre, o sino

ruidosamente tocando. Nem preciso olhar para saber que é ele. Há algo sobre o

modo como ele entra, uma calma no ar, um calor no olhar, que me diz que Naz

está aqui.

Giuseppe não se vira para olhar, mas eu sei que ele sente isso também.

"*Porca vacca*," ele murmura, suspirando alto enquanto puxa suas mãos das minhas e empurra a cadeira para trás, levantando-se. Seus olhos permanecem no meu rosto, a pena agora mais para frustração. "Você quer

alguns biscoitos?" "Que tal alguns Snickerdoodles1?"

Ele não espera que eu responda antes de ir embora.

Alguns segundos depois, a cadeira em frente a mim se desloca novamente, outro corpo posicionando-se nela. Olho para ele, sorrindo quando

ele murmura sob sua respiração, "exatamente como uma prostituta na igreja por

aqui."

Eles são muito parecidos, Naz e seu pai, mas você não vai me pegar contando isso a nenhum deles. *Homens teimosos*.

"De todos os lugares," ele diz, erguendo as sobrancelhas enquanto ele me

olha pela mesa. "Eu poderia ter conseguido uma mesa no último minuto em *Le*

Bernardin, poderia ter levado você até *Paragone* de novo, mas não... você me

pede para encontrar você para almoçar na Vitale's Italian Delicatessen.”

Eu encolho os ombros. "A comida é boa aqui."

"Eu não vou discutir com isso, mas a atmosfera deixa um pouco a desejar."

Giuseppe retorna então, deslizando um pequeno prato de biscoitos sobre

a mesa à minha frente. Eles são tão frescos que posso sentir o cheiro da canela

quente

com açúcar. "Uh, você é enviado do paraíso," eu digo, pegando um biscoito e

tomando uma mordida dele. *Delicioso*.

Naz revira os olhos. Ele *revira* os olhos.

Eu não acho que eu já vi o homem revirar os olhos antes.

1 Um biscoito macio que é feito com farinha, manteiga, açúcar e ovos e é enrolado em uma mistura de canela e açúcar antes de assar.

~ 8 ~

“Você vai pedir um almoço?” Giuseppe pergunta impacientemente, olhando para seu único filho. "Ou você está planejando apenas ficar vagabundeando por um tempo?"

“Depende,” responde Naz.

"De que?"

“Se você está ou não disposto a me servir.”

Giuseppe resmunga para si mesmo quando ele se afasta, indo direto para

trás do balcão, empurrando grosseiramente a porta oscilante aberta.

Ele desaparece na cozinha.

"Então, uh, isso significa que estamos comendo?" Eu pergunto.

"Significa que estou fazendo o pedido," diz Naz. "Ele ou voltou lá para fazer a comida para nós, ou ele está chamando a polícia porque eu estou

invadindo novamente. Mas considerando o quanto estou com fome, eu diria que

provavelmente vale o risco."

Levantando-se, Naz se dirige para o balcão da frente, ordenando duas especialidades italianas.

Depois de pagar, ele vira para retornar para mesa, mas faz uma pausa.

"Você não teria o jornal de hoje, não é?" Ele pergunta ao jovem na caixa

registradora, um dos apenas três funcionários que Giuseppe paga para ajudá-lo

por aqui. Ele tende a fazer o trabalho pesado por si mesmo, qualquer que seja a

razão disso. Orgulho, talvez. Provavelmente teimosia.

Antes que o rapaz possa responder, Giuseppe grita da cozinha: "Compre

seu próprio maldito jornal!"

Balançando a cabeça, Naz retoma seu assento. "Suponho que é óbvio no

momento de onde eu consegui meus genes de babaca."

"Ele não é um babaca," eu digo, ainda empurrando o biscoito na minha

boca. "Nem você é, para constar. Você é apenas, você sabe... um pouco

intenso."

"Intenso," repete Naz. "Essa é uma maneira de dizer isso."

Intenso, ele é. Sua intensidade é incomparável. Seus brilhantes olhos azuis me queimam enquanto eles lenta e cuidadosamente varrem meu rosto, me

observando comer meu biscoito como se ele estivesse ficando excitado. Eu posso

sentir minhas bochechas se aquecendo com rubor. "Por que você está me

encarando?"

Ele se inclina um pouco mais perto, um sorriso malicioso puxando o canto de seus lábios, iluminando suas covinhas. "Por que não?"

Leva apenas alguns minutos para a nossa comida ficar pronta. Acabou que Giuseppe decidiu servi-lo, afinal. Eu mergulho no exato segundo que o meu

prato é colocado sobre a mesa, mas Naz hesita. Ele olha para o sanduíche,

separando-o com os dedos, os olhos ligeiramente estreitados enquanto inspeciona o conteúdo.

~ 9 ~

"Pelo amor de Deus, Ignazio," grita Giuseppe, saindo da cozinha. "Apenas

coma a maldita coisa!"

Um segundo passa.

Em seguida, outro.

E outro.

Eu não acho que ele vai comê-lo, mas então... Ele come. Ele pega e dá

uma pequena mordida, mastigando com cuidado. *Putá Merda.*

Eu não quero fazer um grande negócio do fato de que ele está comendo

na deli de seu pai, comida que, não muito tempo atrás, ele nem sequer tocaria.

Eu não quero fazer um estardalhaço, por assim dizer, ao assinalar que Giuseppe

dessa vez não ameaçou lançar seu traseiro para fora na rua. Eu não quero me

regozijar, mas não posso evitar. Posso me sentir sorrindo com satisfação. Ele

está diferente. Ele está.

‘ *Eu te disse,*’ está implorando para sair de meus lábios.

"Viu?" Eu digo, quase atordoada quando vejo Naz comer. "Eu sabia que

vocês dois..."

Eu não tenho uma chance de terminar qualquer coisa presunçosa que eu

estou planejando dizer. Minhas palavras morrem na ponta da minha língua,

enquanto fortes tiros ecoam pelo deli, um após o outro.

Bang

Bang

Bang

Antes mesmo de eu ter uma chance de reagir, Naz está de pé, agarrando a

mesa à nossa frente e jogando-a, empurrando-me para o chão quadriculado

atrás dele. Eu bato no chão. *Forte*. Encolhendo-me, atordoada, eu espio ao redor

da mesa, observando horrorizada o vidro que cobria a frente do edifício rachado

pela força das balas voadoras.

Balas.

Balas fodidas.

Alguém está atirando no local.

Todo mundo cai no chão, ratejando por instinto, todos, exceto Naz... E

seu pai, só para constar. Ambos os homens apenas ficam lá, olhando para

frente, enquanto o vidro matizado ondula e estilhaça entre as barras de metal,

mas nunca invade o lado de dentro.

A prova de balas.

Alguns segundos. Isso é tudo que dura. Uma dúzia de tiros em rápida sucessão antes de um carro sair acelerando do lado de fora, os pneus guinchando,

fumaça

voando.

Eu mal posso vê-lo através da destruição, mas posso dizer que o carro é preto,

uma massa sombria de metal acelerando para fugir antes de ser pego.

~ 10 ~

Meu coração está martelando, meu peito doendo pela força dos golpes.

Ofegante, eu tento recuperar o fôlego, mas é difícil. *Tão fodidamente difícil.*

Árido silêncio atinge a deli na esteira do tiroteio. Parece durar para sempre.

Estamos todos atordoados. Eventualmente, Naz vira a cabeça, calmamente

olhando para baixo, onde eu ainda estou agachada no chão, oferecendo-me

cuidadosamente sua mão.

"Você está bem?" Ele pergunta, embora ele realmente não pareça

alarmado. Eu não sei se o homem está apenas dessensibilizado a esse tipo de

coisa, ou se talvez ele soubesse que estávamos seguros onde estávamos.

"Eu, uh..." Minha voz engasga, meu corpo tremendo quando eu o deixo puxar-me para meus pés. "Sim, acho que sim."

Ele me olha, ainda segurando minha mão, antes de voltar sua atenção para a janela. As pessoas ao nosso redor estão ficando de pé, fugindo do medo

de tudo, enquanto Giuseppe ainda permanece ali, em silêncio, olhando fixamente.

Ele está em choque.

Eu não sei o que dizer. Eu não sei o que fazer.

Alguém acabou de atirar na porra da deli.

Algo me diz que haverá um inferno para pagar a um Vitale por isso.

Eu apenas não estou inteiramente certa de qual homem neste momento.

"Você," Giuseppe rosna, sua voz cheia de raiva que eu não ouvi desde o

primeiro dia em que Naz me trouxe para este lugar. É o som de raiva fervente,

de fúria, de *desgosto*. Sua cabeça gira, seus olhos vão direto para seu filho. Naz

se volta para o pai ao som da voz do homem, sua expressão estóica. "Saia! Saia,

e não volte!"

Estou muito atordoada para fazer qualquer coisa, exceto ficar lá e assistir.

Naz, por outro lado, não parece surpreso em tudo. Ele olha para o pai por um

momento antes de se virar para mim, puxando-me para ele. Ele envolve seus

braços em volta de mim, e eu o abraço de volta, segurando apertado.

"Da próxima vez," ele sussurra, "escolha outro lugar para comer."

Com isso, ele me solta.

Com isso, ele se foi.

Acontece em um piscar de olhos. O sino da porta está rangendo, e Naz

não está mais ao meu lado antes que eu possa fazer sentido do que está

acontecendo.

Franzindo a testa, o corpo ainda tremendo, eu corro para a porta, chocada que

minhas pernas podem mesmo me segurar. Eu puxo a porta aberta e

disparo

para fora para calçada, chamando seu nome. "Naz? Naz!"

~ 11 ~

Eu me viro em círculos, olhando, mas ele se foi. Rápido assim. Ele desapareceu da deli, deixando-me lá.

Ele apenas... me deixou aqui.

Como eu disse, ele está diferente.

O velho Naz *nunca* faria isso.

Sirenes retumbam à distância, aproximando-se enquanto eu permaneço

ali, meus olhos vagando para frente da deli. Fragmentos de vidro entulham a

calçada, assim como algumas balas que tinham ricocheteados. O vidro as

impediram de entrar, mas não era imune à destruição.

Está uma bagunça.

As pessoas estão correndo pelas ruas, gritando umas com as outras, o bairro em completo caos.

Um tiroteio ao ar livre em plena luz do dia.

É uma daquelas coisas sobre as quais minha mãe me advertiu, as

histórias de horror de monstros que dominam essas ruas. Naz sempre me disse

para nunca ficar assustada, que eu não tinha nada com que me assustar, mas

estou... Estou com *medo*. O que diabos aconteceu?

Eu volto para dentro da deli bem quando a polícia começa a chegar.

Giuseppe finalmente está se movendo, ajudando as pessoas a se levantarem,

tentando acalmar seus clientes restantes. Sua voz é calma, quase tranquilizante

enquanto ele fala, todos os vestígios de sua raiva saíram pela porta com seu

filho.

Recostando-me contra a parede junto à porta, deslizo-me para o chão,

envolvendo meus braços ao redor dos joelhos enquanto a polícia desce sobre o

cena. Eu estou atordoada, ouvindo, mas não prestando atenção a qualquer coisa

acontecendo em torno de mim, o mundo apenas um grande borrão até que

alguém chama meu nome.

"Senhorita Reed?"

Olho para cima, vendo um rosto familiar olhando para mim. Ele está tão

perto que sua sombra me cobre, enrolando-me num casulo sombrio. É ameaçador. *Detetive Jameson.*

A última vez que vi o homem foi quando eu tinha sido baleada. Ele veio

para o hospital enquanto eu estava em recuperação, pedindo para ouvir o meu

lado da história. Era como se ele esperasse que eu refutasse a declaração de Naz,

para dizer-lhes que de alguma forma ele tinha feito algo errado, mas eu não

podia. Naz, apesar das muitas vezes que ele me colocou em perigo, me salvou

naquele dia. O próprio médico tinha dito isso. Naz salvou minha vida.
O detetive

tinha ido embora, dizendo que sua porta estaria aberta se eu quisesse

~ 12 ~

reconsiderar, mas nunca uma vez eu pensei em me virar contra o
homem que eu

amo.

Porque mesmo com tudo o que aconteceu, Deus me ajude, eu o amo.

Eu o amo mais do que alguma vez pensei ser possível.

Eu limpo minha garganta, surpresa que minha voz funciona quando eu
digo, "Sra. Vitale."

A testa de Jameson enruga enquanto ele se agacha diante de mim,
como

se ele pensasse que talvez se ele estivesse mais no meu nível, eu faria
de algum

modo mais sentido. "O que?"

Erguendo minha mão esquerda, eu lhe mostro o anel no meu dedo.
"Já

não sou mais senhorita Reed."

Eu posso ver em seu rosto quando isso clica, seu comportamento frio
dissolvendo. Estendendo a mão, ele agarra minha mão, inclinando-a
para obter

uma melhor visão do anel. É simples, relativamente falando... Tão
simples

quanto Naz consegue, de qualquer maneira. Apenas uma faixa de ouro
incrustada com alguns pequenos diamantes.

Fora o anel de casamento de sua mãe.

"Você... você realmente se *casou* com ele." Sua voz combina com sua expressão. "Quando isso aconteceu?"

"Algumas semanas atrás," eu digo calmamente, puxando a minha mão, não gosto que ele me toque, e eu sei que de fato Naz também não gostaria. Ele não gostaria que o cara sequer *falasse* comigo.

"Bem, então, Sra. Vitale," ele diz, levantando-se, sua fachada impermeável de volta enquanto ele se ergue sobre mim novamente. "Gostaria de

lhe fazer algumas perguntas rápidas, se você não se importa."

"Ela se importa," uma voz ecoa, batendo no pequeno espaço ao nosso redor. *Giuseppe*. O homem tem alguns centímetros a mais que o detetive. "Se

tiver quaisquer perguntas, você pode me perguntar. Ela não sabe nada. Ela

estava aqui, apenas comendo. Espectadora inocente."

Jameson estreita os olhos diante da intrusão. "Se for esse o caso, não vejo

por que ela não pode me dizer isso."

"Ela está traumatizada o suficiente, tendo que ter seu almoço quebrado

por algum idiota," Giuseppe diz, fazendo sinal para trás dele, para minha agora

virada mesa, a comida espalhada por todo o chão xadrez. "A última coisa que ela

precisa é de um detetive insistente, respirando no seu pescoço, como se ela

tivesse feito algo errado."

Eu ainda não chamaria qualquer dos homens de *babaca*, mas eu

definitivamente vejo onde Naz tem sua intensidade. *Uau*. Até mesmo o detetive

parece recuar um momento, contemplando silenciosamente o seu próximo

~ 13 ~

movimento. Antes que Jameson possa dizer qualquer outra coisa, alguém o

chama de fora da deli, e ele desculpa-se para ir se juntar quem quer que seja.

Giuseppe observa o homem sair, balançando a cabeça, antes de se voltar

para mim. "Você está bem?"

Eu aceno. "Obrigada."

"Ah, não foi nada, se Ignazio vai se enfurecer com alguém por gritar, que

seja eu."

Eu fico de pé, agradecida que minhas pernas parecem mais estáveis

agora. "Eu não sei sequer por que esse cara está aqui. Ele é um detetive de

homicídio. Ninguém morreu, certo?"

Oh Deus, ninguém morreu, não é? Estávamos todos bem dentro, graças

às janelas, mas fora nas ruas pode ter sido uma história diferente...

"Não, todo mundo está bem," diz Giuseppe, afastando minha

preocupação. "Abalado, talvez, mas nenhum sangue derramado hoje." Ele faz

uma pausa, olhando ao redor. "Não *aqui*, de qualquer maneira."

"Então, por que ele está aqui?"

"O que você acha?" Giuseppe olha para mim, erguendo as sobrancelhas,

sua voz incrédula como se eu provavelmente devesse saber a resposta para aquela

questão. E eu sei. O segundo que nossos olhos se encontram, isso estala. Ele está

aqui por causa de Naz. É por isso que ele está em *qualquer lugar*. Não importa

se é sua Jurisdição ou não... O homem tem uma vingança pessoal contra Naz.

"Não é a primeira vez que eles vêm farejando por aqui e não será a última, não

enquanto Ignazio está lá fora, andando livre. Eles vêm com suas perguntas, e eu

lhes digo a verdade."

"Que é?"

"Que não o vi, e não pretendo vê-lo."

Algo me atinge então, algo que eu realmente não tinha considerado antes.

Giuseppe mantém constantemente seu filho a distância, e Naz acha que é

porque o homem o odeia. E para não dizer que ele gosta das coisas que Naz está

envolvido, mas talvez, apenas talvez, parte do que Giuseppe faz é para que ele

possa alegar ignorância.

Assim ele não pode ser usado para machucar seu filho de qualquer maneira.

Negação plausível.

É altruísta, em certo sentido, como se ele estivesse sacrificando qualquer

tipo de relacionamento com seu filho para fazer o que pode para mantê-lo

seguro, e enquanto eu não conheço Giuseppe tão bem como eu gostaria, parece-

me como algo que ele poderia fazer.

~ 14 ~

"Você deve sair daqui," diz Giuseppe então, sem me olhar, seus olhos fixos através do vidro quebrado de sua deli. "Use a porta dos fundos, através da

cozinha, para que eles não tentem detê-la."

Eu hesito, mas algo sobre o tom de sua voz me diz para não discutir. Eu

não acho que Giuseppe está aberto para negociação nessas situações mais do

que Naz geralmente está. Os policiais estão tão ocupados coletando evidências

ao longo da rua que ninguém se preocupa em cobrir a parte de trás da deli. Eu

entro no beco com facilidade, sem ser detectada, abraçando meu peito ainda

dolorido enquanto eu rapidamente caminho para além das caçambas de lixo

pixadas, longe da cena.

Um táxi está parado na esquina, estacionado na rua. Comprimento-o

assim que chego perto o suficiente, agradecida que ninguém mais chegue na

minha frente.

"Brooklyn, por favor," eu digo ao motorista, falando nosso endereço, minha voz tensa. Eu me instalo, agarrando meu cinto de segurança, mantendo

minha cabeça para baixo, com medo de olhar para fora, sentindo quase como se

eu estivesse fugindo da polícia. *Por favor, não venha atrás de mim.* O motorista

é jovem, em seus vinte e poucos anos, talvez. Ele pisca um conjunto de brilhantes dentes brancos para mim no espelho retrovisor enquanto ele se dirige

para o trânsito.

Se Naz me ensinou alguma coisa no nosso tempo juntos, é estar sempre

consciente do meu ambiente, observar e aprender. Mais é aprendido do que

ensinado. Ele me disse isso várias vezes. Meus olhos instintivamente brilham

sobre a carteira de motorista de táxi presa ao painel do carro. *Abele Abate.*

Nome infeliz.

Naz não gosta que eu pegue táxis. Ele não confia nos outros para me proteger do mal. Mas dada a situação, imagino que ele não teria muito a dizer

sobre isso agora.

Minha mente vagueia durante a viagem, perguntando aonde ele poderia

ter fugido, o que ele poderia estar fazendo agora.

Parte de mim tem medo de saber.

Demora quase uma hora para chegar em casa com o tráfego, e custa sessenta dólares a viagem. *Ugh*. Eu dou ao motorista uma nota de cem dólares, dizendo-lhe para ficar com o troco. Ele parece surpreso com o gesto, me mostrando outro sorriso e me agradecendo com uma voz calma. Ele não tentou falar comigo o caminho todo até aqui. Eu agradeço.

A casa parece parada, quase assustadoramente. Eu não gosto muito de estar aqui mais, especialmente sozinha. O lugar é assombrado por memórias, muitas delas não tão boas... Lembranças das vezes que brigamos, do tempo que

~ 15 ~

eu droguei a comida de Naz... Memórias do tempo que ele considerou tirar a

minha vida, do tempo que eu percebi que havia um monstro dentro dele. Ambos

quase morremos no foyer em noites diferentes, e, embora isso tenha sido há

muito limpo, às vezes, se eu olhar direito, eu acho que ainda posso ver remanescentes do sangue.

Falamos sobre nos mudar... Falamos sobre isso o tempo todo... Mas por

alguma razão, nós não puxamos o gatilho, por assim dizer, muito presos na vida

cotidiana para tomar uma decisão.

Muito ocupados tentando ajustar-nos às nossas novas realidades.

Ele, tentando ser alguém que ele consiga ser.

Eu, agora sua *esposa*.

Loucura.

Eu uso minhas chaves para destrancar a porta da frente antes de entrar e

retrancá-la novamente. Killer, meu cão, está dormindo na sala de estar. Ele olha

para cima quando entro, em alerta, antes de se esquivar alegremente em direção

a mim, balançando a cauda, querendo brincar. Eu esfrego sua cabeça, esfregando suas orelhas grandes, mas estou muito exausta para fazer muito

mais hoje.

Suspirando, eu tiro meus sapatos ali e me dirijo para a sala de descanso

com o cão bem em meus calcanhares. Talvez eu tire uma soneca no sofá, se eu

puder até mesmo fechar a minha mente para adormecer. Deus sabe quando Naz

vai chegar em casa. Podem ser horas. Podem ser *dias*.

"Você não demorou muito. "

Um grito escapa de mim no segundo que eu ouço a voz inesperada, me

assustando mais do que os tiros fizeram. *Que diabos?* Meus joelhos dobram e eu

quase caio no chão, em pânico, conforme os meus olhos procuram a fonte. Naz

está sentado no escritório em sua mesa, segurando um jornal aberto, seus olhos

nele.

"Jesus Cristo, Naz, o que você está fazendo?"

"Lendo o jornal de hoje."

"Lendo o jornal de hoje," eu repito.

Ele está lendo a porra do jornal? *Sério?*

"Sim," ele diz. "Eu peguei um no meu caminho para casa."

"Você pegou um," eu digo, incrédula. "No caminho de casa."

Seus olhos piscam para mim, então, enquanto ele levanta uma sobrancelha. "Por que você está repetindo tudo o que eu digo?"

"Por que estou repetindo tudo o que você diz?"

~ 16 ~

Ele não pode estar falando sério, pode?

Jesus Cristo, ele realmente está falando sério.

Sério?

Naz sacode a cabeça, colocando seu jornal sobre a mesa antes de se inclinar para trás em sua cadeira, virando-se ligeiramente em direção a mim.

"Agora eu vejo por que você odeia quando eu faço isso. É muito irritante."

"Eu só..." Sério, que diabos? "Eu nem sei o que dizer, eu não sei o que está acontecendo, você só... o que você está fazendo?"

Sua sobrancelha se ergue, como se eu fosse a que não fazia sentido, e talvez eu não faça, mas estou absolutamente confusa. Por que ele está aqui? Ele

desapareceu da deli, deixando-me lá para me defender sozinha, só para ir direto

para casa e ler o maldito jornal?

Isso não faz sentido.

"Como você chegou em casa?" Ele pergunta, me olhando com desconfiança.

"Eu peguei um táxi."

"Eu pensei que eu lhe disse..."

"Sim, bem," eu interrompo antes que ele possa até mesmo tentar me dar

uma palestra por não ouvi-lo. "Como diabos eu deveria ir para casa?"

"Você poderia ter chamado o serviço de carro," diz ele. "Levaria vinte minutos, no máximo, para chegar ao Hell's Kitchen onde você estava."

"Bem, não teria sido um problema em primeiro lugar, se você não tivesse

simplesmente ido embora."

"Ele me disse para ir embora," diz Naz casualmente, pegando o jornal novamente quando ele se afasta. "O que mais eu deveria fazer?"

"Uh... me levar com você. Você não precisava simplesmente me deixar lá."

"Você estava a salvo."

"Eu estava a salvo?" Eu debocho. "Como você sabe?"

"Porque eu não estava mais lá."

Sua voz é sem emoção. Eu não estou inteiramente certa do que dizer a isso. "Mas como você sabe...?"

Ele abaixa o jornal de novo, desta vez com um exausto aborrecimento, como se não quisesse falar sobre isso. Eu provavelmente não deveria pressionar

o assunto, mas eu quero ouvir o que ele tem a dizer.

Quero algum tipo de explicação.

~ 17 ~

Eu *mereço* uma.

"Você não é obtusa, Karissa, então não aja assim," ele diz, me olhando fixamente. "Você continua a se recusar a olhar para o quadro geral quando está

sempre bem ali. Como é que eu sei que era eu que eles estavam procurando?

Diga-me uma coisa, querida... quem mais naquele lugar tem um alvo em suas

costas? Só há uma razão para alguém fazer o que eles fizeram, e você está

olhando para isso." Ele aponta para si mesmo. "Então, sim, eu sabia que você

estava segura, porque *eu* não estava lá. É uma boa resposta?"

Eu quero dizer *não*, não é boa o suficiente, mas eu sei que ele nunca vai

aceitar isso. Ainda assim, entretanto, eu não posso evitar. "Não é culpa sua, você

sabe."

"Então, de quem é? Sua?"

"Por que tem que ser culpa de alguém?" Pergunto, caminhando até onde

ele se senta, me sentando no canto da mesa de madeira. "Coisas apenas

acontecem às vezes."

"Olha, eu aprecio o que você está tentando fazer, mas apenas... *não*,"

diz

ele. "Eu fiz a minha cama, e há muito tempo eu aceitei que algum dia e terei de

me deitar nela. Nada que eu faça – ou não faça – hoje apagará o que fiz ontem."

"O que você fez ontem?"

Ele corta os olhos para mim, e eu sei que preciso tomar cuidado neste momento, porque ele não está no clima para minhas besteiras. Ele parece

zangado. Ele quase parece *Vitale*. "Você sabe o que quero dizer, Karissa, o

presente não compensa o passado."

"Sim, eu entendi," eu digo. "Só porque você se desculpa não significa que

você é automaticamente perdoado."

"Exatamente," diz ele. "E no meu caso, eu nem me desculpei."

"Você está arrependido?"

"Não."

Eu não deveria rir, porque não é engraçado, mas eu faço. Eu rio. *Sempre*

o obtuso. Naz olha para mim, e ele nem sequer esboça um sorriso, mas eu

vejo sua expressão suavizar um pouco, sua postura relaxando.

Ficamos em silêncio por um momento – eu o observando, ele olhando para o jornal dele – antes que isso chegue a ser demais. "Isso ainda não significa

que a culpa é sua."

Ele bate o jornal na mesa com um gemido antes de correr as mãos

pelo

rosto. "Karissa..."

"Olha, tudo o que estou dizendo é que somos responsáveis por nossas próprias ações, não somos responsáveis pelo o que as outras pessoas fazem." Ele

não parece estar comprando o que estou dizendo, mas eu continuo de qualquer

~ 18 ~

maneira. "Então o que você fez ontem, sim, isso é com você, mas o que alguém

faz

hoje

por causa disso? Isso é sobre *eles*, Naz. Ninguém jamais foi forçado a retaliar."

"Teremos que concordar em discordar disso."

"Pfft, eu estou certa e você sabe disso," eu continuo. "A retaliação é uma

escolha pura e simples. Você *escolhe* vingar-se. Você sempre tem a opção de ser

um homem melhor."

Naz olha para mim como se tivesse brotado outra cabeça do meu pescoço.

Eu não sei se estou chegando a ele com isso ou não, mas espero que sim. Porque

tudo isso? Eu realmente só quero que termine. Talvez seja como pedir um

milagre em nossas vidas, mas não faz mal, eu acho, apenas... perguntar.

"Você sabe," ele diz depois de um momento, olhando para longe de mim.

"Você era muito mais submissa antes de me casar com você."

Novamente, eu rio.

Novamente, eu provavelmente não deveria.

"Tano faz," eu digo, revirando os olhos enquanto ele volta a ler. Eu o observo curiosamente, minhas palavras ainda pulando em minha cabeça.

Retaliação. Parte de mim imaginou que era o que ele estava fazendo, por que ele

tinha deixado a deli tão rapidamente, deixando-me para trás. "Como você

chegou em casa, afinal?"

"Dirigindo."

"Sério? Seu carro não estava na entrada."

"Estacionei na garagem."

Minha testa enrruga. "Você fez alguma parada no caminho para casa?"

Ele sacode o jornal para mim, continuando a ler. Ele parou para comprar

o jornal... ele disse isso antes.

É isso?

"Você não foi a nenhum outro lugar?"

Cuidadosamente, seu olhar desliza em minha direção, olhos estreitando

ligeiramente. "Não."

Deixo o assunto então, sabendo que estou empurrando os botões dele.

Nós temos uma política agora, uma que ambos aderimos: Eu não faço perguntas

que eu não posso lidar com as respostas, porque ele não vai mentir para mim,

não importa do que se trata. A ignorância, diz ele, é definitivamente mais feliz,

mas se eu quiser saber, ele vai me dizer.

Chame isso de benefício do casamento.

~ 19 ~

Isso já me afetou antes, no entanto, especialmente com sua franqueza.

Como quando eu trouxe o professor Santino e ele me disse, na cara, que a vara

de apontar interrompeu a caixa torácica do homem.

Então, se ele diz que não fez outras paradas, eu estou escolhendo acreditar nele.

Escolhendo isso, como eu temo que ele ainda esteja escolhendo retaliação.

~ 20 ~

CAPITULO

dois

Ignazio

Karissa está sonhando.

Ou tendo um pesadelo, mais provável.

Eu posso ouvi-la enquanto ela se deita ao meu lado, choramingando em

seu sono. Seu corpo está tenso, levantado como um fio vivo. Eu acho que se eu

tentar acordá-la agora, ela pode me eletrocutar.

Pergunto-me, às vezes, se seus sonhos são sobre nós. Eles são sempre

uma variedade de *felizes para sempre*? Ou eles são sempre sobre todas as coisas

que eu fiz? A dor que eu causei, a dor que ela atravessou, o horror de se

apaixonar por um homem como eu. Eu me pergunto, mas eu não pergunto a ela,

porque não tenho certeza se isso importa.

Não tenho certeza se ela sequer se lembra.

Ela nunca menciona seus sonhos para mim.

Além disso, os sonhos não significam nada quando se trata de realidade.

A vida é o que é.

Você não pode escapar.

O ventilador de teto gira levemente, soprando seu cabelo. Estendendo-me, eu cuidadosamente afasto o cabelo rebelde de seu rosto, observando-a por

um momento, antes de me inclinar para pressionar um pequeno beijo em sua

bochecha. Ela dorme em meio a isso, profunda em seu sonho, alheia a minha

presença, esperançosamente tão ignorante quanto à minha iminente ausência.

Eu não quero que ela se preocupe com isso.

~ 21 ~

Tão cuidadosamente quanto possível, deslizo para fora da cama, certificando-me de não perturbá-la. Pego uma calça moletom preta no meu

caminho para fora da porta, deslizando-a no corredor escuro antes de fazer o

meu caminho para baixo.

Eu sou grato que eu consigo fazer o meu caminho evitando o vira-lata.

Ele ainda não gosta de mim... não que eu o culpe. Eu atirei no seu dono bem na

frente dele uma vez. Mas ele torna difícil escapar às vezes. Faz com que seja

difícil manter a paz nesta casa.

É uma noite quente de outono, perto da meia-noite, mas o piso de mármore da cozinha é fresco contra os meus pés descalços. Meus passos

tremem ao aproximar-me da pia, e me estendo, arrancando a faca de

desossa do

bloco de madeira no balcão. O punho é preto, a lâmina estreita de 20 centímetros de comprimento, a ponta afiada o suficiente para puxar a carne do

osso.

Afinal, é para isso que se destina.

Pego minhas chaves do gancho perto da porta lateral antes de sair para a

garagem, atento para fechar a porta atrás de mim novamente. As portas abertas

são convites que eu não quero estender a ninguém agora, mas especialmente

não para Karissa.

Eu quero que ela fique bem onde ela está, adormecida.

Alheia.

Eu miro o porta-malas em minha Mercedes antes de empurrar minhas chaves nos bolsos de minhas calças. No momento em que eu faço isso, eu ouço

um choramingar conforme algo se desloca dentro do carro. Empurrando a

tampa aberta, eu olho fixamente para baixo na forma na escuridão, iluminado

pelas luzes maçantes do porta-malas.

O suor o cobre do topo de sua cabeça calva até as pontas de seus dedos

descalços, seu rosto encharcado, gotas pingando dele, sua camisa branca

imunda agarrada a ele. E isso cheira mal... Jesus, isso foididamene *fede*. Vai

demorar um mês para tirar o fedor do meu porta-malas depois disso. A raiva

cresce dentro de mim ao pensamento dele se mijando, o covarde. Ele tem sorte

de eu não mergulhar a faca em seu pescoço, aqui e agora. Sorte que ele possa...

possa... viver para ver outro dia.

Pelo o bem dele, espero que sim.

Parece que ele quer sobreviver.

Ele olha para mim, de olhos arregalados, em pânico. No momento em que ele avista a faca, ele explode em lágrimas. Ele está hiperventilando, sugando

ar através de seu nariz, tentando respirar, mas a fita adesiva cobrindo sua boca,

enrolada ao redor de sua cabeça, é quase malditamente sufocante. Seus pulsos e

tornozelos também estão amarrados, mas não o impede de debater-se ao redor

do porta-malas, fazendo uma confusão.

"O que lhe disse, Armando?" Eu seguro a faca em sua garganta, a ação o

fazendo tenso e parando de se mover tanto, para não cortar a si mesmo. "Você

deixa minha esposa ouvir você e eu não terei escolha a não ser cortar sua

garganta fodida."

~ 22 ~

Ele tenta acalmar seus gritos, ficando em grande parte em silêncio, mas

as lágrimas continuam caindo. Eu odeio isso, a visão de alguém chorando, seja

ele homem ou mulher, mas especialmente homens que são supostos ser uma

parte da *família*. Homens que se comprometem a viver pela arma não devem

desmoronar no segundo que é sugerido que eles poderiam morrer por ela,

também.

Ou, neste caso, por faca, o que sem dúvida, quando eu estou empunhando, pode ferir um inferno de muito mais.

Armando Donati era um dos soldados de rua de Ray, do tipo que fazia trabalho sujo, que vagava pelas trincheiras e não se opunha a violar as regras

dos livros para ganhar guerras. Sequestro, extorsão e assalto eram suas especialidades, assim como a média diária de tiroteios. As partes da vida que

não tinham honra. As partes da vida que nenhuma deles mencionou. Armando

tinha um talento especial para fazer com que uma batida parecesse mais como

um ato aleatório. Ray mantinha olhos e ouvidos por toda a rua, e a maior parte

de sua informação veio direto de Armando e seu bando de ladrões sangrentos.

Então, naturalmente, no segundo que o tiroteio atingiu o negócio do meu

pai, eu pensei *nele*.

"Não grite," digo a ele. "Se você quer alguma chance de ir para casa, você

vai me ouvir. Você entendeu?"

Ele balança a cabeça freneticamente.

"Bom."

Usando a faca, eu corto a fita adesiva em sua boca, observando como
o

sangue flui ao redor do buraco, a lâmina cortando seu lábio. Ele geme,
soltando

um grito estrangulado enquanto mais lágrimas caem, mas ele não
grita. Ele suga

uma grande lufada de ar através de sua boca, imediatamente
implorando no

segundo que ele exala.

"Por favor, Vitale, não fui eu! Juro por Deus! Juro pela minha mulher,
meus filhos, juro pela família, eu não fiz isso!"

Eu quero enfiar a faca em sua laringe para calá-lo, mas em vez disso
eu

aperto minha mão livre em torno de sua boca e nariz, apertando. Ele
começa a

esgoelar, mas para no segundo que eu digo, "Não."

Ele não pode respirar agora. Eu sei que ele não pode. Seu rosto está
ficando vermelho, seus olhos esbugalhados.

"Eu sei que não foi você," eu digo. "Então não perca seu fôlego
tentando

explicar isso para mim, ou da próxima vez eu vou tirar o seu fôlego
permanentemente."

Eu solto, e novamente, ele ofega por ar. Seu sangue está na minha
mão e

eu distraidamente esfrego-o na perna da calça, sem perceber o que eu

fiz até que

seja tarde demais.

Merda.

Vou ter que queimá-la agora.

Livrar-me das provas.

~ 23 ~

Ele está quieto desta vez. Bem, ele está hiperventilando, e soluçando, mas

pelo menos ele não está tentando *mendigar* mais.

Armando vive em Hell's Kitchen, não muito longe da deli do meu pai, num apartamento acima da loja de conveniência que Ray costumava possuir, a

mesma que eu roubei quando eu tinha dezesseis anos. Eu parei lá no meu

caminho para casa para pegar um jornal... e só aconteceu de eu pegar meu velho

conhecido enquanto eu estava lá.

Eu sei que ele não fez isso. Eu sei, porque ele estava sentado em uma poltrona, em suas boxers, assistindo novelas como o maricas que ele é. Mas só

porque ele não fez isso não significa que ele não saberia quem fez. Seu tipo é

como lobos... Eles correm em grupos.

Estou buscando o alfa.

O corajoso o suficiente para vir atrás de *mim*.

"Quero saber quem atirou no quarteirão em Hell's Kitchen esta tarde," eu

digo, continuando antes que ele possa me dar a palestra 'não fui eu'.
 "As ruas

falam, Armando, e você está tão perto de um rato de esgoto como os
 que existem

neste negócio. Você ouviu tudo. As pessoas de Ray estão caindo como
 moscas.

Todos os dias, é outra pessoa. Mas, de alguma forma, você ainda está
 vivo, e eu

posso provavelmente adivinhar por que. Então eu quero saber quem
 está por

trás disso... Eu quero saber para quem você está trabalhando agora."

"Eu não sou..." As palavras escorregam de seus lábios instintivamente
 antes que ele as silencie com um gole de ar, engolindo de volta a
 mentira que ele

é treinado para dizer. Todos nós somos ensinados a negar qualquer
 envolvimento, mas ele sabe melhor. Ele sabe que me dar a mentira só
 o matará.

"Olhe, eu não conheci o cara... ele não veio até mim ainda, eu juro, eu
 não sou

ninguém, eu não sou *nada*. Ele provavelmente nem sabe quem eu sou,
 mas as

pessoas falam, você sabe... Eles falam, bem como você disse. Um cara
 veio até

mim na semana passada, veio a mim sobre algumas informações, disse
 que

ouviu que eu poderia saber algumas coisas. Ele perguntou sobre você,
 mas eu

não disse a ele nada que ele já não soubesse!"

"Quem era o cara?"

"Não sei o nome dele."

Assim que a negação está fora de sua boca, a faca desliza para baixo, bem

na parte carnuda de sua coxa. Eu puxo-a direto para fora, outra vez prendendo

minha mão em torno de sua boca e nariz conforme ele solta um grito da dor,

abafando o som. Seu rosto fica vermelho, e eu solto, imediatamente me

arrependendo quando ele grita: "Joe, eles o chamam de *Fat Joe*!"

Ele pega seu erro imediatamente e começa a suplicar calmamente,

soluçando, conforme um fluxo de sangue corre da ferida em sua coxa. Não é

muito. Nada que ele não possa sobreviver facilmente. Ergo a faca, dizendo para

ele ficar em silêncio, quando o maldito cão começa a latir na cozinha, nos

ouvindo aqui.

Eu escuto por um momento, certificando-me de que Karissa não tinha sido perturbada. O cão para de latir finalmente, desistindo de descobrir o que

está acontecendo lá fora.

~ 24 ~

"Para quem esse cara Joe trabalha?" Pergunto quando tenho certeza de que não seremos interrompidos. Preciso acabar com isso e levar meu traseiro de

volta lá para cima. "E não me diga que você não sabe, porque da próxima vez, eu

estou apontando para a artéria."

"Há um cara, ele é novo na cidade."

"Eu sei disso."

"Joe, ele não disse para quem estava trabalhando, e você sabe, Vitale...

você sabe que nunca devemos perguntar! Ele continuou dizendo 'meu chefe isso,

meu chefe isso', mas tem que ser o novo cara!"

"Esse cara novo tem um nome?"

"Acho que eles o chamam de Scar."

"Você acha," eu repito. "É melhor você *pensar* direito, ou você vai se arrepender de me dar informações ruins, Armando."

"Tenho certeza," ele se corrige. "Estou certo de que é isso."

Scar. *Huh.*

"E o Fat Joe está trabalhando para esse tal cara Scar?"

Eu odeio mesmo perguntar essa frase.

Minha vida se transformou em um filme clichê da Máfia.

"Tem que ser," diz Armando. "Não sei quem mais faria isso."

Eu fico lá, tentando descobrir o que devo fazer com essa informação, quando Armando começa a choramingar novamente, pedindo misericórdia em

silêncio. O som grita em meus nervos, e eu me afasto, jogando a faca para baixo

no topo da minha caixa de ferramentas conforme eu pego o rolo de fita. Eu

rasgo um pedaço e coloco sobre a fenda sangrenta em sua boca, silenciando-o

novamente.

"Você tem sorte, Armando," eu digo. "Você vê, eu estou tentando fazer

melhor nos dias de hoje, tentando ser um homem melhor, tentando ser o

homem que a minha mulher acha que eu posso ser, então eu não vou matá-lo

esta noite. Vou dar-lhe uma chance. Se você sobreviver até de manhã, vou levá-

lo para casa, eu vou te deixar bem onde eu peguei você. Você entende?"

Ele não pode responder, não com a boca tapada novamente, mas eu levo

o murmúrio abafado e frenético para confirmar que ele entende. Antes, as coisas

não seriam negociáveis. Cruze meu caminho, e você morre. Era assim. Mas eu

não posso fazer isso mais. Eu não posso manter isso. Se eu não sou flexível, não

sou louvável.

E eu estou tentando ser louvável por ela.

"Mas lembre-se... você deixa minha esposa encontrá-lo e o negócio está

acabado."

Fecho o porta-malas, ouvindo seu choro assustado, mas então ele fica em

silêncio novamente.

O rato de esgoto quer viver.

~ 25 ~

Pegando a faca, volto para a casa, certificando-me de trancar atrás de mim. Killer recua alguns passos quando me vê, seu peito ruidoso quando ele

começa a rosnar.

Na cozinha, eu alcanço o armário ao lado da pia, cavando no saco
petiscos de cachorro com sabor de pepperoni. Eu atiro algumas para o
vira-lata,

e ele engole-os, muito distraído com os petiscos para me incomodar
mais.

Eu lavo o sangue da lâmina e atiro a faca na máquina de lavar louça
antes

de dirigir-me para as escadas, virando para a lavanderia no meu
caminho. Eu

tiro minha calça de moletom, enterrando-a em uma pilha de roupas
sujas,

fazendo uma nota mental para lembrar-me de fazer algo sobre ela
mais tarde.

Vou para o andar de cima, de volta ao quarto.

Karissa ainda está dormindo. Não parece que ela sequer se moveu um
centímetro. Eu subo na cama ao lado dela, envolvendo meus braços ao
redor

dela e puxando-a para mim.

Isso me preocupou hoje.

Graças a Deus ela está segura.

Só preciso que ela fique assim.

Ela se agita então, acordando brevemente, antes se aconchegar contra
mim e voltar a dormir nos meus braços. Ela começa a sonhar
novamente.

Desta vez, porém, ela está sorrindo.

Ela não estaria sorrindo se soubesse o que eu estava pensando, se
soubesse onde minha mente estava se aventurando, as coisas que eu

estava

ansiando fazer. Eu estou tentando, por ela, estou tentando o meu melhor, mas

não tenho certeza quanto mais eu posso dar. Ela diz que a retaliação é uma

escolha, e talvez ela esteja certa. Talvez seja uma escolha.

Mas talvez eu *queira* escolher retaliação.

É tão errado querer vingança?

Acho que não.

"Bom Dia."

A voz de Karissa é um murmúrio sonolento, suas palavras quebradas ao

redor de um bocejo. Olho para a porta quando ela entra na cozinha. Seu cabelo é

uma confusão emaranhada. Ela está vestindo nada, apenas uma camisa preta

muito grande que eu estou supondo que ela roubou da parte de trás do meu

armário.

Metade de seu guarda-roupa sai de lá.

"Dia." Eu não tenho certeza ainda se eu estou disposto a chamá-lo *bom*.

Eu não tive uma piscadela de sono e eu provavelmente não estou recebendo

qualquer até algum momento amanhã. "Você acordou cedo."

São sete, talvez oito da manhã. Relógios ainda são bastante escassos em

torno da casa, e eu não estou a fim de olhar para o meu relógio, então eu não

estou inteiramente certo. Estou vestido para o dia e estou assim desde cerca de

quatro horas.

"Sim," ela murmura. "Tive dificuldade em dormir."

Eu considero apontar o quanto ela realmente dormiu na noite passada, mas eu acho melhor não. "Coitadinha."

"Eu sei, certo?" Karissa mexe com a máquina de café no balcão,

preparando uma xícara, enquanto descarrega a máquina de lavar louça,

certificando-se de que tudo, incluindo a faca de desossa, voltasse para onde ela

pertence. Ela me observa enquanto ela espera seu café, esfregando a cabeça de

Killer enquanto ele cutuca contra ela, querendo sua atenção. "Parece que você

estive ocupado esta manhã."

Eu lavei uma pilha de roupas, queimei um par de calças, e esfreguei a cozinha de cima para baixo, tudo para me distrair enquanto esperava ela

acordar. "Suponho que você não é a única que teve dificuldade em dormir."

Ela me olha com curiosidade, pegando sua xícara de café quando está pronto, soprando o líquido fumegante. "Você sabe, ainda não é culpa sua."

Parando, eu fecho os olhos, forçando-me a não reagir a isso. Eu não

quero ter essa conversa novamente. Ela está começando a soar como uma

maldita fita de autoajuda com suas garantias constantes. *Não é sua culpa.*

Depois de um momento, continuo com o que estava fazendo e mudo de assunto.

"Então, quais são seus planos para o dia?"

"Oh, você sabe, um pouco disso, um pouco daquilo."

Eu atiro um olhar enquanto ela bebe seu café. Ela está tentando me provocar. "Se importa de elaborar?"

"Eu tenho aula a maior parte do dia," ela diz, parando antes de

acrescentar: "O que você já sabe... Além disso, nada demais... posso passar por

lá e ver Melody mais tarde. Faz um tempo desde que nós saímos. Você?"

"Nada."

"Nada?"

"Nada."

"Parece excitante."

"Tenho certeza que será tão emocionante quanto parece," eu respondo.

"Você quer que eu a leve para a cidade?"

"Não, está bem, posso pegar um táxi."

Puxo meu telefone do bolso assim que ela diz isso. "Que tal se eu chamar

um carro para você?"

Ela encolhe os ombros, como se não importasse, enquanto ela engole seu

café agora que está frio. Mas importa. Os motoristas com o serviço de

carro são

averiguados. Eu sei seus nomes e endereços.

Eu sei onde seus pais vivem.

~ 27 ~

"O que você quiser fazer," diz ela, afastando-se do balcão para sair da cozinha. "Estarei pronta em cerca de quarenta e cinco minutos."

"Vou pedi-los para vir buscá-la então."

Uma hora depois, o carro está parado junto à calçada em frente a casa, esperando pacientemente enquanto Karissa perambula pela casa, alimentando o

cachorro e fazendo outra xícara de café – esse para ela levar. Quando ela

finalmente está pronta, todas as coisas dela juntas, ela se ergue na ponta dos pés

e dá um beijo contra meus lábios antes de ir para a porta. "Tenha um bom dia

sem fazer *nada*."

"Tenho certeza que vou," digo a ela, observando enquanto ela sai, me deixando sozinho. Eu odeio sempre que ela sai, mas eu me sinto aliviado hoje

por ela ter ido. Eu sinto que posso respirar profundamente sem arriscar ela

perceber o que eu tenho feito e ter que ver *aquele* olhar em seu rosto.

O olhar que diz que ainda a assusto às vezes, até hoje.

Faz um tempo desde que eu o vi.

Eu certamente tenho tentado mantê-lo na baía.

Suspirando, eu olho em volta da cozinha imaculada, cheirando o

perfume

de lixívia áspera que se agarra a tudo, conforme eu me inclino contra o balcão

perto da pia. Killer está na entrada, as orelhas recostadas enquanto ele me olha.

O segundo que nossos olhos se encontram, eu ouço o resmungo, um grunhido

baixo ressoando profundamente em seu peito.

"Não me olhe dessa maneira," eu digo. "Eu faço o que tenho que fazer."

Ele late uma vez sem se mover. Estendendo-me para o armário perto da

minha cabeça, eu pego um petisco. Eu a atiro para ele, o rosnado cessando

instantaneamente, sua cauda de repente balançando enquanto engole o petisco,

esquecendo – pelo menos momentaneamente – que eu deveria ser o inimigo.

Ele é facilmente treinado.

Facilmente enganado.

Se ele se mantiver assim, eu poderia eventualmente começar a gostar dele.

Ou não.

Pegando minhas chaves, saio, indo para a garagem. Está um pouco mais

quente do que na noite passada. Vai ser um dia quente. Abrindo o porta-malas

do carro, faço uma careta quando o mau cheiro me bate novamente, abanando-o

enquanto recuo. Filho da puta, isso é ainda pior essa manhã. Vou

precisar de

uma tonelada de água sanitária para enfrentar este desastre.

Armando está frio, mas eu posso ver seu peito em movimento. Ele ainda

está respirando. Ele sobreviveu à noite.

Bastardo sortudo.

"Levante-se e brilhe," eu digo, batendo no rosto dele algumas vezes, despertando-o de seu sono. É incrível... ele dormiu mais em um maldito porta-

malas do que eu consegui na minha própria cama. Leva um momento para ele

entender, um momento para perceber onde ele está, para lembrar o que eu fiz

~ 28 ~

com ele. Ele se esquiva quando me vê, piscando rapidamente, seu rosto

contorcendo-se de dor. "Bem, *nada*, parece que você chegou até de manhã.

Parabéns."

Ele provavelmente chorou até dormir na noite passada, pensando que este era o fim, pensando que era apenas eu prolongando sua morte, torturando-

o um pouco antes de tirar a vida dele. Ele provavelmente desmaiou pensando

que era a última vez que ele veria o amanhecer de um novo dia.

Eu ainda tenho metade da minha mente disposta matar o bastardo

apenas por princípio. *Não deixe testemunhas.* Ele certamente testemunhou no

que eu estava metido até ontem. Mas eu não vou. Em vez disso, vou lhe dar sua

segunda chance. "Eu não vou matar você hoje, Armando, um acordo é um

acordo, e eu sou um homem da minha palavra, mas isso não significa que eu

não vou matá-lo amanhã. A primeira vez que você escorregar ou entrar no meu

caminho, eu vou acabar com você, e não vai ser tão misericordioso como uma

faca no pescoço. Você entende?"

Ele balança a cabeça enquanto ele começa a chorar de novo, lágrimas escorrendo de seus olhos. Enojado, eu fecho o porta-malas e caminho, subindo

atrás do volante. Vou levá-lo para casa, como eu disse, e eu vou deixá-lo ir, como

eu disse que eu faria, também. Eu vou dar a ele uma chance de viver o resto de

seus dias.

É melhor ele não me desapontar.

Já estou com pouca paciência.

CAPITULO

três

Karissa

O café perto da NYU está bastante morto às duas da tarde de uma terça-

feira, a maioria dos estudantes estão fora da sala de aula em algum lugar ou já

foram para casa. Há apenas um punhado de mesas ocupadas, ninguém

esperando na fila para uma bebida. Eu bebo meu chá de menta com chocolate

enquanto olho em torno do lugar, batendo meu pé no chão de linóleo escuro. Eu

tive uma tonelada de cafeína já hoje, o suficiente para revitalizar um cavalo

tranquilizado, mas isso não é o que me tem tão apreensiva.

Não, foi o que aconteceu na deli.

Eu não consigo tirar isso da minha cabeça.

Gostaria de saber como Giuseppe se sente, imagino o que ele está

pensando. O trabalho de sua vida foi interrompido por causa de uma chuva de

disparos aleatórios no meio da tarde. Lembro-me de que Naz disse que seu pai

acrescentou a segurança extra anos atrás, depois que seu filho se envolveu com

Raymond Angelo, mas pela primeira vez, as precauções realmente se tornaram

necessárias.

Eu só posso imaginar o que isso significa para qualquer tipo de relacionamento que os dois estavam começando a formar novamente.

Existe alguma volta para isso?

"Terra para Karissa!" Os dedos encaixam no meu rosto, me assustando.

"Você está tendo um episódio?"

Eu me encolho, meus olhos encontrando Melody através da pequena mesa redonda. "O que?"

"Jesus, eu pensei que você estava tendo uma crise psicótica ou algo assim," diz ela, balançando a cabeça enquanto ela me olha. "Estou falando com

~ 30 ~

você há tipo trinta malditos minutos, e você nem sequer reconheceu o fato de eu

estar aqui."

Ignorando o fato de que estivemos aqui por apenas dez minutos, no máximo, me inclino para trás na minha cadeira, agarrando minha bebida com

as duas mãos, dando a ela toda minha atenção. "O que você estava dizendo?"

"Eu nem sei mais." Ela geme, sua cabeça caindo bem sobre o livro aberto

na mesa, suas palavras abafadas conforme ela murmura nas páginas.
"Por que

eu continuo fazendo isso comigo mesma?"

"Talvez você seja um masoquista," eu sugiro. "Você precisa de um bom sádico em sua vida."

Isso me faz receber uma cabeça levemente levantada e um inferno de um

brilho. Rindo, encolho os ombros. Quem sabe? Eu nunca, em um milhão de

anos, pensei que eu seria uma exibicionista, mas Naz jura que eu poderia ser, e

eu não vou negar a emoção que eu tenho com a ideia de ser assistida.
"Ei, você

nunca sabe, nós todos temos nossas excentricidades."

"Eu sou uma idiota," ela contesta, ignorando minha sugestão. "Eu sou cem por cento uma fodida idiota, não há outra explicação, nunca vou aprender a lição."

Ela dramaticamente bate a cabeça contra o livro novinho de texto algumas vezes antes de se sentar de volta. Outra classe de filosofia, sua quarta

até agora. Desta vez é a *Filosofia da Mente*, o que quer que isso signifique. Nem

sei a diferença.

Não é *tudo* filosofia, você sabe, da mente?

Ela passou em cada uma das aulas, suas notas apenas ficando cada vez

melhores, mas isso não impede que ela se queixe cada vez.

Eu? Eu desisti na segunda.

Filosofia simplesmente *não* é para mim.

Melody, por outro lado, teve a brilhante ideia de torná-la sua especialização.

Um diploma em filosofia... o que se faz com isso?

"Não seja tão dura consigo mesma," eu digo. "É tudo apenas opiniões, lembra?"

Isso me dá mais um brilho.

Cara, eu estou em chamas hoje.

"Tanto faz," diz ela. "É isso, eu não estou mais fazendo isso, estou estabelecendo a linha."

Ela literalmente usa seu dedo para desenhar uma linha em cima da mesa,

sua unha de acrílico pintada de vermelho raspando contra o qualquer-que-seja-

a-merda-que-a-mesa-é-feita.

"Sim, certo," eu digo, estendendo a mão e pegando seu livro. Ela protesta

e tenta agarrá-lo de volta, levantando-se como se ela estivesse prestes a saltar e

me atacar por causa da coisa maldita, mas eu a empurro enquanto eu olho para

~ 31 ~

isso. *Funcionalismo*. Eu li a definição no topo do capítulo duas vezes, mas não é

nada exceto besteira para mim. "Whoa, isso é mesmo inglês?"

Ela rola os olhos, mais uma vez tentando pegar o livro, mas eu frustro sua

tentativa enquanto eu viro as páginas. Alguns capítulos eu esbarro em uma pilha

de notas de papéis. Estou prestes a devolvê-lo, não querendo estragar qualquer

tipo de sistema caótico que ela tenha com a coisa, quando meus olhos brilham

sobre o papel de cima. É um fluxo de definições, notas escritas ao redor deles

nas margens, mas no alto, centralizado, há um rabisco pequeno, o nome de um

menino em um coração torto.

Leo

"Leo?" Eu chio. Eu fodidamente *chio*. "Quem diabos é Leo?"

Assim que as palavras estão fora de minha boca, ela remove o livro de minhas mãos, fechando-o e empurrando-o diretamente em sua mochila, como

se ela não precisasse estudar em primeiro lugar. Funcionalismo para o inferno.

Olho fixamente para ela, incrédula, enquanto suas bochechas coram ficando

vermelhas.

Ela está corando.

Melody Carmichael, sempre confiante e controladora, está *corando*.

Putá merda.

"Quem é ele?" Eu pergunto. "Oh meu Deus, Melody, é melhor você

derramá-lo agora, ou eu vou pensar que você tem uma coisa pelo DiCaprio."

Ela encolhe os ombros. "Ele não é tão ruim."

"Não, não DiCaprio do *Titanic*," eu digo a ela. "Não DiCaprio de *Romeu e*

Julieta. Nem mesmo DiCaprio de *Lobo de Wall Street*. Eu estou falando DiCaprio *real*. DiCaprio em seu iate. DiCaprio com barba completa."

Melody faz um rosto de horror, estremeando quando ela se vira para mim. "De jeito nenhum."

Eu arqueio uma sobrancelha para ela. "Você tem um queda pelo estilo papai?"

Rindo, ela joga um guardanapo pela mesa para cima de mim. "Oh, Deus,

cale a boca!"

"Quem é ele?" Eu pergunto, agarrando o guardanapo e jogando-o de volta. "Conte-me!"

"Está bem, está bem!" Ela levanta as mãos. "Ele é apenas... ele não é ninguém, realmente."

"Ninguém? Você está desenhando seu nome em corações e ele não é *ninguém*?"

"Ele é apenas um cara que conheci," diz ela. "Nós saímos para o café algumas vezes."

"Café?" Eu suspiro, agarrando meu peito em horror fingido. "Mas café é

coisa *nossa*!"

~ 32 ~

Ela continua a corar. Estou absolutamente confusa. Primeiro, Naz revira

os olhos, e agora Melody está corando. Eu acordei na Zona Crepuscular ontem, e

eu não sei como diabos sair dela. Eu não sei se eu sequer *quero*.

"Não é nada sério," explica. "Eu nem sei se isso é algo que ele está procurando."

"Mas você espera."

"Mas espero," ela admite, suspirando enquanto se inclina para perto da mesa, sorrindo vertiginosamente. "Ele é apenas... *uau*. Ele é perfeito em todos

os sentidos. Absolutamente perfeito."

Uh-oh. Já ouvi isso antes.

Eu ouvi isso sobre Paul.

"A perfeição não é real," eu assinalo.

"Por favor," ela diz, acenando-me. "Você se *casou* com a perfeição, não?"

Um riso afiado me escapa com isso. "Difícilmente. Naz é... ele é ótimo.

Naz é o que eu quero na vida. Mas perfeito? De jeito nenhum."

Eu tenho certeza que ele concordaria com isso.

"Mas ele é perfeito para você. Vocês dois são, você sabe..." Ela acena em

minha direção, como se isso supusesse dar sentido a tudo. "Nas palavras de

Meredith Grey, você é escura e tortuosa, ok? Ele é todo intenso e você é

complexa e francamente estranha, ok? Vocês dois são. Mas é um bom estranho,

você sabe... é um estranho *mútuo*. Às vezes ele me assusta pra caralho e às vezes

você me confunde o inferno, e juntos vocês dois só... vocês fazem sentido."

Olho para ela enquanto termina de balbuciar. "Nós fazemos sentido."

"Vocês fazem," ela diz. "E Leo... eu nem sei como explicar isso, ele me faz

sentir como se eu fosse a única outra pessoa no mundo, como se nada importasse mais do que eu no momento. Ele me escuta... *realmente* escuta. É

loucura, eu sei, porque depois do que aconteceu com Paul, eu não pensei que eu

me sentiria desse jeito novamente, mas eu sinto." Ela suspira. "Eu sinto."

Nem sei o que dizer. Estou feliz por ela, é claro, mas isso me preocupa ao

mesmo tempo. Paul foi o primeiro sujeito que ela manteve por perto por um

tempo, e bem, todos nós sabemos como isso acabou.

Bem, *eu* sei como isso acabou.

Para a maioria, ele está apenas sumido, desapareceu no ar. Eles ainda esperam que ele possa algum dia voltar.

Eu sei melhor.

Mais uma daquelas perguntas capciosas que eu perguntei a Naz.

"Isso é ótimo," eu digo a ela, querendo dizer isso, na maior parte. Estou

feliz por ela estar finalmente seguindo em frente com sua vida. "Quando é que

vou conhecer o sortudo?"

"Uh, eu não sei," diz ela. "Talvez pudéssemos dobrar algum dia."

"Dobrar? Como em um encontro duplo?" Eu pergunto. "Eu acho que eu e

Naz podemos estar um pouco fora da coisa de casal." Ou melhor, *Naz* está fora

de encontros.

"Sim você está certa." Ela ri. "Além disso, eu provavelmente deveria levá-

lo a fazer mais do que me levar para o café antes de começar a fazer planos."

"Provavelmente," eu concordo, sorrindo enquanto a vejo arrumar suas coisas. "Eu tenho meus dedos cruzados."

"Eu também, amiga... eu também."

"Leo," eu penso sobre o nome. "Ele não é como um, uh, homem da montanha barrigudo parecendo filho da puta, é?"

"DiCaprio? Nah, ele não é *tão* ruim."

"Não," eu rio. "Seu Leo."

"Oh, de jeito nenhum." Levantando, ela enfia a mochila nas costas. "Ele é

lindo, *muito* fora do meu alcance."

"Ninguém está fora do seu alcance, Melody."

Ela sorri, me dando um estranho abraço de um braço, antes de plantar um beijo desleixado em minha bochecha. "E é por isso que você é minha melhor

amiga, *Kissimmee*... você realmente acredita nisso. Vejo você depois, ok?"

Ela se foi antes que eu possa até mesmo responder, saindo pela porta

para a classe para que ela não esteja atrasada para o seu teste de Filosofia.

Sento-me ali por um momento, saboreando meu chá, antes de me levantar e sair

com isso. Estou feita para o dia e considero apenas pegar um táxi, já que tem um

parado lá, implorando para ser pego, mas no último segundo, eu penso melhor.

Puxando meu telefone, eu peço um carro em vez disso.

Eles estão lá dentro de alguns minutos, um homem que eu vagamente reconheço. Eu andei com ele antes, mas eu não sei seu nome. Ele abre a parte de

trás do carro para mim e eu entro, instalando-me no banco para a viagem de

volta ao Brooklyn.

Quando eu chego, eu o deixo abrir a porta para mim novamente, porque

esses caras ficam um pouco irritados quando eu faço isso sozinha. Eu não sei se

é política ou se eles estão apenas com medo do que Naz fará se não o fizerem,

então eu aceito, irritantemente, pelo bem de manter a paz.

Eu assisto enquanto o carro se afasta e viro a cabeça para a casa quando

eu avista um outro carro estacionado na frente do lugar. O Ford preto de quatro

portas não marcado sai como uma dor na bunda, com suas janelas escuras e

uma meia dúzia de antenas.

Detetive Jameson está encostado no para-choque, com os braços

cruzados sobre o peito. No momento em que olho para ele, ele afasta-se da

coisa, indo direto para mim.

Ótimo.

"Senhorita Ree-uh, Vitale," ele diz enquanto ele para na minha frente.

"Sra. Vitale."

"Detetive," eu digo. "O que você está fazendo aqui?"

~ 34 ~

"Nós não tivemos uma chance de realmente falar ontem, então eu pensei

em passar por aqui."

"E o que, me interrogar?"

"Difícilmente," diz ele, fingindo ofensa. "Eu simplesmente queria tomar um momento para oferecer meus parabéns."

"Pelo o quê?"

Ele balança a cabeça em direção à minha mão. "Seu casamento."

"Oh." Distraidamente, eu mexo com o anel em meu dedo. "Sim.

Obrigada, eu acho."

"Eu teria dito isso ontem, mas você desapareceu antes que eu pudesse.

Seu marido também fez isso, ele foi embora antes que eu chegasse. Ele estava lá

com você, não estava?"

"Você me diz," eu digo. "Você deveria saber."

Virando, começo a sair quando sua voz me para de novo. "Curioso, porém, como tudo aconteceu tão rápido."

Eu deveria continuar andando. Eu sei que deveria. Mas eu quero saber o

que ele quer dizer com isso. "O que?"

"É só que, bem, vocês dois apressaram o casamento," diz ele. "Então, é apenas um pouco curioso para mim, você sabe... me faz pensar se tem algo a ver

com o privilégio conjugal, se talvez ele tenha feito isso para que você nunca

tivesse que testemunhar contra ele sobre qualquer coisa."

Eu recuo quando ele diz isso, quase como se ele tivesse me dado um tapa

na cara. Como ele ousa menosprezar o que temos? "Você está acusando-o de

alguma coisa?"

"Eu deveria estar?"

"Naz não fez nada," eu digo. "Ele estava comendo o almoço como o resto

de nós. Só mais um espectador inocente."

O detetive sacode a cabeça. "Se for esse o caso... "

"Se você me desculpar, eu terminei com esta conversa," eu digo, me movendo para sair, não voltando desta vez. "Adeus, detetive, você pode sair de

nossa rua."

Eu não dou ao homem uma chance de tentar me incitar a mais conversa.

Quando chego à porta da frente da casa, dou uma olhada para trás, vendo que

ele está me encarando. *Acho que ele não gostou do que eu tinha a dizer.*

Entrando, eu me asseguro de fechar a porta atrás de mim, deixando cair minhas

coisas direto na sala de visitas enquanto eu caminho pela casa.

Babaca.

No momento em que entro na cozinha, meus passos falham. Naz está recostado contra o balcão junto a pia, exatamente onde ele estava quando saí há

horas. É como se ele não tivesse se movido um centímetro o dia todo.

"Então, o que Jameson queria hoje?" Ele pergunta imediatamente.

"Você sabia que ele estava lá fora?"

~ 35 ~

"Claro."

Claro que sim.

Pego uma garrafa de água da geladeira, abrindo-a para tomar um gole.

"Ele queria saber se nos casamos para que eu tivesse assim algum tipo de

imunidade de testemunhar."

Naz parece genuinamente surpreso por isso. "Oh, sério? O que você

disse?"

"Eu disse que não precisava de imunidade porque você não era culpado

de nada."

Imediatamente, Naz ri, o tipo de riso alto que não pode ser contido.

"*Desta vez,*" eu elaboro, estreitando os olhos para ele. Estou feliz por *ele*

achar isso engraçado. "Independentemente do que você pensa, você não fez

nada de errado ontem."

"Qualquer coisa que você diga."

"De qualquer maneira..." Eu reviro meus olhos. "Eu não posso acreditar que você sabia que ele estava lá fora e você não fez nada sobre isso. Você nem

tentou impedi-lo de falar comigo."

"Você é uma garota grande, você pode lidar consigo mesma."

Eu quase engasgo com um gole de água quando ele diz isso. Pelo segundo

dia consecutivo, ele me deixou me defender quando se tratava da polícia. O

velho Naz nunca o teria arriscado. O velho Naz teria controlado cada detalhe

dessa merda. "Você certamente está colocando muita fé em mim hoje em dia."

"Eu confio em você," diz ele.

"Você confia em mim?"

"Claro."

Essas palavras me atordoam. Talvez eles não devessem depois de tudo, mas elas fazem. A confiança era sempre instável entre nós dois, e parte de mim

achava que seria sempre um problema, então ouvi-lo dizer, alto e claro, que ele

confia em mim, é quase alucinante.

Embora, sinceramente, eu também vim a confiar nele.

"Eu me casei com você, Karissa, eu não teria feito isso se eu não

confiasse

em você com minha vida. Minha fé em você foi selada no momento em que eu

coloquei esse anel em seu dedo."

"Porque eu pertenço a você agora."

"Não, porque você faz parte de *mim*. Decidi mantê-la naquele dia, para o

melhor ou para o pior."

"E o que acontece se eu decidir algum dia não mais te manter?"

"Huh." Ele olha para mim. "Não pensei nisso."

"Você não pensou?"

"Não."

~ 36 ~

"Você seriamente não considerou o que aconteceria se eu tentasse ir embora?"

"De jeito nenhum," diz ele. "Antes... *antes*... Eu teria apenas arrastado você de volta. Mas agora, se você se afastar de mim, eu suponho que eu só

espero que eu não sinta sua falta."

"Você espera que você não sinta minha falta?"

"Sim, mas eu não acho que seria um problema," ele diz, afastando-se do

balcão, caminhando em minha direção. "Afim, eu sou um bom atirador."

Eu ofego quando percebo o que ele está dizendo, e ele me agarra, me abraçando, rindo. Ele está rindo.

"Não é engraçado, Naz," eu rosno, tentando empurrá-lo para fora, mas ele se recusa a deixar ir. "Não é nada engraçado."

"Ah, vamos lá," ele diz, beijando minha cabeça antes de afrouxar seu aperto. "Admita... foi um pouco engraçado."

Eu olho para ele, nem um pouco divertida, o que só o faz rir ainda mais.

"Olha, você realmente quer me deixar, Karissa? Então eu suponho que eu

só... verei você ir embora." Ele encolhe os ombros, como se fosse tão simples

assim, como se ele simplesmente me deixasse ir. "Você está tentando me dizer

alguma coisa, planejando sua fuga?"

"Não, claro que não," eu digo, balançando a cabeça. "Eu nem sei por que

estou perguntando. Acho que o detetive apenas me atordoou com o que ele

disse."

"Bem, isso é um absurdo," diz ele. "Você teve a oportunidade ampla de me entregar... você poderia facilmente ter me feito ser preso há muito tempo

apenas abrindo sua boca. Eu não precisava casar com você para ganhar o seu

silêncio. Você me deu isso desde o começo. Se você não se virou contra mim

naquela época, quando você tinha muita razão para isso, eu confio que você não

vai fazê-lo agora, com ou sem o anel. Eu casei com você, Karissa, porque eu

te amo. Nada mais nada menos."

Apesar das muitas vezes que ele disse essas palavras... *Eu te amo...*
ainda

faz meu estômago revirar por ouvi-las vindo dele. As borboletas
disparam. Ele

não é uma pessoa exteriormente emocional, nem um pouco, então
quando ele

diz, eu sei que ele quer dizer isso.

Envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, eu alcanço nas
pontas

dos pés e o beijo. Seus lábios são suaves, doces. Sua língua tem gosto
de hortelã.

"Eu também te amo, você sabe."

"Eu sei."

Meu olhar passa por ele, para o quintal. Killer está correndo ao redor,
perseguindo borboletas animadamente, querendo brincar com elas. Ele
nunca

ousaria ferir uma. Naz costuma colocá-lo lá fora sempre que estão
apenas os

dois sozinhos.

Meus caras, eles ainda não gostam muito um do outro.

"Então eu acho que você realmente não fez nada hoje," eu digo,
voltando-

me para Naz, olhando-o, enquanto minhas pontas dos dedos mexem
com os

~ 37 ~

cabelos na sua nuca. Ele está bem vestido. Ele cheira como o Céu,
amadeirado e

aquático e muito ele. Ele até se barbeou esta manhã. É uma ocorrência rara, Naz

estar completamente barbeado. "Eu não sei por que você sequer se incomodou

em vestir um terno."

"Eu já lhe disse antes... não preciso *fazer* nada para vestir um terno, vou

colocar um para atender a porta, pedir comida, sentar na minha mesa... inferno,

eu vou colocar um apenas para foder."

Um arrepio rola através de mim, formigando subindo por minha espinha.

"Isso soa agradável."

"Qual parte?"

"Foder."

"Huh." Ele se inclina para baixo, seu nariz escovando o meu. Sua

bochecha descansa em meu rosto enquanto ele sussurra em meu ouvido: "É isso

que você quer? Que eu te leve lá para cima e te foda, passarinha engaiolada?"

Isso ainda me atinge quando ele me chama assim. Passarinha engaiolada.

Eu posso sentir meu corpo corando, cada centímetro de mim se aquecendo em

antecipação. "Uh-huh."

Eu mal posso obter uma resposta. Minha voz está rouca, necessitada. Ele

ri calmamente da minha óbvia reação, seus lábios levemente tocando minha

pele, seus dentes pastando o lóbulo da minha orelha. Meus olhos se fecham,

sentindo suas mãos escorregarem sob minha camisa, acariciando a pele ao

longo das minhas costas antes que suas ásperas pontas de dedos rastejam até

minha espinha.

Eu me perco no momento, praticamente ofegante e perto de apenas

escalá-lo como uma fodida montanha, quando um barulho alto ecoa através da

cozinha em torno de nós, me assustando. Meus olhos se abrem. Eu instantaneamente me afasto.

É uma canção, eu percebo, depois de um segundo, conforme ela continua

bradando.

Hotline Bling

Que porra?

Gemendo com a interrupção, Naz enfia a mão no bolso e puxa o telefone.

A balbúrdia... a canção... está vindo *dele*.

Sério? *O que?*

Ele me lança um olhar enquanto aperta um botão no telefone,

silenciando o som. Eu acho que ele pode ter desligado a chamada, pela maneira

que ele só fica lá, mas ele traz o telefone para o ouvido depois de um momento.

"Olá."

Eu não consigo ouvir quem está na linha, mas Naz ouve atentamente,

sua

expressão cautelosa. "Dê-me cerca de vinte minutos e eu vou estar no meu

caminho." Ele desliga, deslizando o telefone de volta no bolso e avança em

minha direção, mas eu estendo as mãos para detê-lo. "O que diabos foi aquilo?"

Ele hesita. "O que?"

~ 38 ~

"Essa música," eu digo. "Esse toque."

"Oh, você não gosta?"

"Eu, uh..." O que eu deveria dizer? "Eu não sei, *você* gosta?"

Ele encolhe os ombros. "Não é o pior que eu ouvi."

Ele tenta me beijar, se inclinando, mas afasto a cabeça. "Não, sério, Naz,

que diabos, de onde veio isso?"

Ele desiste, pelo menos temporariamente, e dá um passo para trás,

arqueando uma sobrancelha para mim. "Eu baixei hoje. Achei que poderia usar

um novo toque."

"Mas *isso*?"

"O que há de errado com isso?"

"Nada, mas..."

"Mas o que?"

"Mas não é você."

"Não?"

"Além disso, você nem gosta de música, você me disse que era apenas barulho e inútil, e você não gostava."

"Verdade."

"Então, o que diabos é isso? Algum tipo de crise de meia-idade?"

"Ai," ele diz, rindo. "Não sou *tão* velho assim."

"Ok, você não é, mas realmente... que porra?"

Diferente.

Tão fodidamente diferente.

Ele olha para mim em silêncio por um minuto sólido, o suficiente para me fazer começar a me contorcer sob seu olhar. Finalmente, ele pisa para frente,

sua mão escorregando em volta da minha nuca, agarrando-a enquanto ele me

guia para ele.

"Estou a quinze minutos antes de eu ter que sair," diz ele, sua voz grave

sólida. "Então você quer falar mais sobre Drake, ou quer subir e foder?"

Bem, quando ele coloca assim...

"Quinze minutos," eu digo. "Isso é tempo suficiente?"

Sua expressão se abre na minha pergunta, um sorriso arrogante virando

seus lábios enquanto as covinhas saem. "Querida, só preciso de cinco."

"Vou tomar a segunda opção, então," eu digo a ele, "mas não vejo razão

para ter que ir lá em cima por isso."

O rosto de Naz paira na minha frente, sua boca tão perto que eu posso

praticamente provar sua respiração. Suavemente, seus lábios roçam os meus,

enquanto sussurra, "Eu gosto do jeito que você pensa."

~ 39 ~

Eu vou beijá-lo, mas antes que eu possa, ele me gira ao redor para que minhas costas estejam contra ele, seu braço serpenteando em torno de minha

cintura, agarrando-me apertado. Ele me arrasta através do cômodo, empurrando-me contra o balcão da cozinha tão forte que tira o ar dos meus

pulmões.

Eu suspiro, inalando bruscamente, enquanto ele desabotoa minha calça

jeans e a puxa, arrancando-a pelas minhas pernas. Eu tento ajudar, tentar

chutá-la, e conseguir me livrar de uma perna antes que ele desista. Uma de suas

mãos desliza para frente da minha calcinha, seus dedos acariciando meu clitóris,

conforme sua outra trabalha em seu próprio zíper, fazendo nada mais do que

arrancá-lo para baixo para libertar-se. Ele acaricia seu pau algumas vezes antes

de empurrar minha calcinha para baixo das minhas coxas, desistindo quando

ela chega aos meus joelhos.

Sua mão está em minhas costas então, empurrando-me para baixo contra

a bancada fria. Eu me escoro, agarrando a borda, conforme ele

empurra em

mim por trás. É apertado, já que mal consigo separar minhas pernas, mas ele

não parece se importar nem um pouco. Eu estava pronta no segundo que ele me

tocou, meu corpo sempre reagindo instantaneamente a ele.

O primeiro impulso é suave, cuidadoso, mas depois é imprevisível. Ele

puxa para fora e move os quadris para frente tão forte que eu bato contra o

balcão, quase derrubando a maldita máquina de café.

"Merda," eu praguejo, mas essa é a última palavra que eu consigo falar,

porque ele está me dirigindo tão ferozmente que sou fodidamente sortuda de

ainda poder *respirar*. Arqueio minhas costas conforme um de seus braços

serpenteia ao meu redor, mais uma vez encontrando meu clitóris, enquanto sua

outra mão ainda pressiona forte contra minhas costas, prendendo-me em

posição. Ele me fode como se estivesse correndo em direção a uma linha de

chegada, o bang-bang-bang do meu corpo batendo no balcão amplificado na

casa outrora silenciosa.

Porra.

Porra.

Porra.

Estou ofegante, gemendo e suspirando, grunhindo como uma maldita

mulher das cavernas que não sabe falar.

Uh. Uh. Uh.

Eu mal estou segurando e minhas pernas estão trêmulas, mas ele está me

mantendo no lugar, como se eu não fosse mais do que uma boneca de pano. Eu

posso sentir o aperto no meu estômago, pode sentir a tensão assumindo meus

músculos, agarrando dentro de mim. Isso constrói como se eu estivesse subindo

em uma montanha-russa antes de eu atingir a queda.

Whoosh.

Um barulho explode do meu peito, um grito rosnado. *Porra.* Meus

joelhos quase dobram da intensidade do orgasmo, mas seu forte aperto me

mantém. Ele não para seus movimentos, esfregando e empurrando, dando-me

tudo o que tem, até que meu orgasmo comece a diminuir. Meus gritos se

~ 40 ~

transformam em choramingos, mas ele não para, grunhindo atrás de mim

enquanto seu corpo fica tenso.

Posso sentir quando ele se solta dentro de mim.

Mas em um piscar de olhos, ele se foi.

Em um piscar de olhos, ele está fora de mim.

Em um piscar de olhos, ele deixa ir.

Suas mãos já não estão tocando meu corpo.

Instantaneamente sinto falta do calor.

É tão rápido que não tenho chance de me adaptar à mudança. Minhas pernas desistem de mim, e eu deslizo longe do balcão, batendo minha bunda

direto no chão. Há um latejar entre as minhas pernas e um aperto no meu peito,

e eu não sei como ele fez isso, mas eu sinto como se eu tivesse lutado doze

rounds e perdido.

Eu olho para ele enquanto ele se afasta.

"Eu ainda tenho alguns minutos," diz ele, sua voz calma, composta, "se você quiser ir de novo."

Eu mantenho as mãos erguidas, acenando-o. "Eu estou bem."

Sua expressão se racha com um sorriso enquanto ele se afasta, fechando

as calças, endireitando o cinto. Leva trinta segundos para ele se recompor.

Vai levar-me a noite toda.

Voltando para mim, ele se agacha para que fiquemos à altura dos olhos.

Sua mão descansa suavemente em meu joelho enquanto esfrega lentamente

círculos em minha pele com seu polegar. Ele está quieto enquanto olha para

mim por um momento. Eu ainda estou tentando recuperar o fôlego... minha

calcinha é como algemas em torno de minhas panturrilhas e meu jeans estão

apenas fodidos.

"Você vai ficar bem?" Ele pergunta, me olhando, seu sorriso crescendo como ele faz.

Presunçoso filho da puta.

"Tudo bem," eu digo, balançando a cabeça. "Eu vou ficar bem."

Não se ele não parar de acariciar meu joelho, no entanto.

Arrepios estão começando a correr através da metade inferior do meu corpo.

É possível gozar apenas com o *toque* de alguém?

Inclinando-se, ele pressiona um beijo breve e casto na minha testa, antes

que ele se levante.

"Eu não sei quando estarei em casa," diz ele. "Você provavelmente não deveria esperar."

Quero perguntar a ele para onde ele está indo. Quero saber o que ele vai

fazer.

Quero saber exatamente no que ele está metido.

~ 41 ~

Eu quero, mas eu não pergunto, sentada em silêncio enquanto ele sai.

Ele está certo, você sabe... Eu não sou obtusa.

Eu poderia descobrir seus planos se eu *realmente* quisesse.

~ 42 ~

CAPITULO

quatro

Ignazio

É preciso muito para conseguir uma reunião com as cinco famílias em Nova York.

Era uma vez, eles costumavam ter essa coisa chamada a Comissão, uma

organização acima de todas as organizações. A participação era limitada aos

chefes das famílias de Nova York, bem como aos líderes de Chicago e Buffalo. Os

sete homens mais poderosos do país se reuniam em segredo, tomando decisões,

como se a delinquência fosse uma democracia. Queria alguém assassinado?

Peça à Comissão. Queria convidar alguém para a dobra? A Comissão era o único

caminho a percorrer.

Agir sem permissão poderia matá-lo.

A Comissão acabou anos atrás. Você tem sorte de encontrar dois chefes

dispostos a se encontrar agora, muito menos *todos* eles. Ainda existem regras,

embora... regras que eles insistem que todos nós sigamos.

Regras que eu quebrei quando matei o cabeça de uma dessas famílias.

Raymond Angelo.

Eu estou na varanda da frente de uma antiga mansão de tijolos em Long

Island. Ainda está claro lá fora, mas o crepúsculo está começando a aparecer.

Há uma pitada de laranja no horizonte azul sem nuvens. Parece que o fogo

queima a distância em algum lugar.

Todo o bairro pode me ver parado aqui, mas ainda não estou pronto para

me mover, mesmo que esteja prestes a me atrasar para a maior reunião da

~ 43 ~

minha vida. Porque eu sei que há uma chance, quando eu passar por aquela

porta, que pode ser a última vez que eu ande em *qualquer* lugar.

Eles podem me levar de volta, envolto em uma lona.

Largar meu corpo no East River.

Eu nunca iria reaparecer.

O fato de me terem chamado aqui durante o dia não significa nada. Não

sou idiota. Eu nunca fui. Alguém atirou nos negócios do meu pai enquanto o sol

estava brilhando.

Esses homens não permitem que a rotação da Terra dite seus horários.

A porta de madeira branca se abre enquanto eu estou parado ali. Eu me

viro para ela imediatamente, deslizando a hortelã em minha boca contra minha

bochecha, ainda mastigando, tentando acalmar meus nervos. Um jovem sujeito

corpulento está em frente a mim, sua cara ondulada com crateras. Um dos

agentes de Genova, eu imagino. O cara tem um tipo. *Bestas* Eu não sou tão

versado no funcionamento interno das outras famílias, embora eu tenha feito

negócios com todos eles algumas vezes no passado.

Eles tinham um emprego e eu lidava com isso, sem perguntas.

Foi assim que eles sabiam como chegar até mim esta tarde, como eles

sabiam como me chamar para esta reunião. Aparentemente meu número ainda

estava em discagem rápida.

Eu provavelmente deveria fazer algo sobre isso.

"Eles estão esperando por você," diz o cara, sua voz aguda, quase

comicamente, como se suas bolas ainda não tivessem saído. *Ou talvez eles*

empurraram-nas de volta para dentro sempre que eles fodiam seu rosto.

"Siga-me."

Devia ter sabido que eles estavam assistindo.

Não há necessidade de bater.

Eu não gosto de receber ordens de pessoas. Eu nunca gostei de receber ordens de Ray. Estou inclinado a resistir, mas empurro meu instinto, seguindo o cara em vez disso.

Agora provavelmente não é o momento de tentar afirmar meu domínio.

Alguém fecha a porta atrás de nós. Olhando para trás, eu vejo um cara que está de guarda bem dentro do foyer, tentando ficar longe da vista. *Huh.* Eu

viro de volta, seguindo o cara corpulento através da casa, virando um longo

corredor. O segundo que eu viro a curva, vejo que estamos indo direto para um

conjunto de portas, mais dois caras guardando fora delas.

Os AK-47 sobre seus ombros me dizem que estes estão propositadamente

tentando se fazer vistos. Acho que eles estão tentando me intimidar.

~ 44 ~

Eles abrem o conjunto de portas quando nos aproximamos, e meus passos quase falham. Eu não os deixo ver minha hesitação, entretanto.

O cara me guiando para nos arredores, mas eu continuo andando. Não há

nenhuma saída agora. É tipo uma sala de jantar, ou mais como um espaço para

reuniões. Uma longa mesa de mogno passa por ela, cadeiras ao redor.

Apenas quatro delas estão preenchidos.

Um dos homens, o patrão Frank Genova, dirige-se para as portas atrás de

mim. "Deixe-nos."

Imediatamente, o homem obedece. Não surpreende que Genova esteja tomando a dianteira. É a casa dele onde está acontecendo o encontro. Só fico

aqui esperando *alguma coisa*. Eu não estou inteiramente certo como isto vai

acontecer.

Como eu disse, essas reuniões são raras.

Uma vez que o homem desocupe a sala, Genova movimenta-se em direção à mesa entre nós. "Arma."

Eu levanto minhas mãos. "Eu não tenho uma."

Sua testa enrugada. "Você veio desarmado?"

"Eu nunca carrego uma arma," eu digo, "mas isso não significa que estou

desarmado."

Tudo é uma arma se você olhar para ela do jeito certo.

"Facas, então."

"Nenhuma dessas, também."

"Então, o que você tem?"

"Não muito." Eu considero isso por um momento. "Alguma troca sobressalente, uma hortelã, minha carteira... oh, e eu tenho uma caneta no

bolso."

Ele olha para mim com descrença. "Uma caneta."

Chegando em meu bolso, eu puxo uma caneta esferográfica preta

simples.

Provavelmente custa um dólar.

"Você vai matar alguém com isso?" Ele pergunta.

Eu encolho os ombros, colocando-a sobre a mesa. "Nunca se sabe."

Isso parece confundi-lo por um momento, enquanto ele olha para a caneta, antes que ele a sacuda. "É apenas uma formalidade de qualquer

maneira, não importa, vá em frente, sente-se. *Junte-se a nós.*"

~ 45 ~

Eu me sento bem em frente a eles e considero que Genova, o presidente

deste conselho extinto, se preparou para falar por todos. Eu não gosto da forma

como ele ordenou isso.

Junte-se a nós.

"Tenho certeza que você sabe por que você foi chamado aqui esta tarde,"

ele diz, mergulhando direto nisso. "Precisamos discutir o assassinato de

Raymond Angelo."

O hipotético assento de Ray na mesa está vagamente vago. Eu meio que

esperava que o cara novo na cidade já estivesse ocupando seu lugar, por assim

dizer, mas não... a cadeira está vazia. Acho que o famoso Scar ainda não foi

convidado.

Pena. Eu gostaria de conhecê-lo.

"Eu não chamaria isso de assassinato," eu digo. "Foi mais uma morte prematura."

"É uma maneira interessante de ver isso, Vitale, mas isso não muda o fato

de um chefe ter sido morto, não podemos ter esse tipo de coisas acontecendo,

você sabe, é ruim para os negócios. Ruim para a *ordem*. Comece a esquecer

onde está o seu lugar e estamos todos em apuros. Você me entende?"

Eu concordo.

"Então você vê como isso é um problema para nós," ele continua. "Você

vê como você matar um chefe é uma má notícia. Vê como não podemos tolerar

que isso aconteça em nossa vigília, não é nada pessoal, você sabe, mas..."

Ele dá um encolhimento ocasional do ombro, como se dissesse ‘ *sem ressentimentos quando nós matarmos você por isso.*’

"Com todo o respeito," eu digo. Se eu vou morrer hoje, então vou morrer.

Nada que eu faça nesta sala mudará suas ideias. "Você me chama aqui para falar

sobre essas *regras*, mas onde você está quando as regras estão sendo quebradas

todos os dias?"

Um dos outros chefes entra em sintonia. Michael Grillo. "Do que você está falando?"

"Perdoe-me se estou errado, já que eu nunca fiz pessoalmente os votos,

mas vocês não dão palestra aos seus homens, quando eles são trazidos, para que

mulheres e crianças nunca sejam prejudicadas? Então onde estava a reunião

quando Raymond Angelo estava lá fora caçando a esposa e a filha de alguém?"

Grillo franziu o cenho. "E me perdoe se *eu* estiver errado, Vitale, mas não

era você realmente fazendo aquela caça?"

Ele me pegou lá.

"Não fui eu quem deu a ordem," eu digo. "Ray foi quem plantou essa semente. Se você colocar um homem no comando que acaba por ser um

~ 46 ~

monstro, você não deve se surpreender quando alguém faz o monstro ir embora.

Eu matei Ray, e eu não me arrependo. Eu *não vou* me arrepender. Ele atirou na

mulher que eu amo bem na minha frente."

Genova entra agora. "Não foi Johnny Rita quem fez isso?"

A raiva surge através de mim, e talvez seja irracional, mas eu quero arrancar o pescoço do homem por dizer esse nome. "Karissa, Ray atirou em

Karissa."

Eu não sei se ele é realmente estúpido ou se ele está fingindo ignorância,

mas um olhar de surpresa passa sobre seu rosto. " *Essa* é a mulher que você

ama, é isto?"

"Estamos aqui para discutir meu relacionamento, Genova, ou podemos voltar aos negócios?"

Minha voz é aguda, mas ele ri. "Sim, você está certo, eu não acompanho

você crianças. Odeio um dia, amo no próximo. Mas eu desvio... Concordo que

Angelo também tomou algumas medidas questionáveis, então eu não posso

dizer que te culpo pelo que você fez... Ainda assim... nós não podemos tolerar

esse tipo de coisas, Vitale, então eu estou te avisando agora: se você esquecer

seu lugar novamente, vamos ter que lidar com você."

Eu não gosto de ser ameaçado.

Falar é fácil.

Prefiro que um homem tente me matar do que ameaçar minha vida.

Pelo menos nesse caso eu posso me defender. Aqui, eu só tenho que sentar e aceitar isso, acenar com a cabeça como o pequeno soldado submisso

que eu não tenho em mim para ser.

O pequeno soldado submisso que eles *querem* que eu seja.

Aquele que eu nunca fui.

"E quanto ao substituto de Ray?" Eu pergunto. "Não posso deixar de notar que ele está ausente da reunião."

"Angelo ainda não foi substituído."

Eu quase rio disso.

A cápsula cheia de munição de metal do AR-15 que atingiu a deli do meu

pai há poucos dias me diz o contrário. *Família* em Nova York está caindo como

moscas. Então o que ele quer dizer é que eles não votaram, mas Ray foi

definitivamente substituído.

E quem quer que seja, provavelmente é pior do que o resto deles.

Ele não pede permissão.

Ele não se importa com essas regras.

~ 47 ~

Voto não significa merda nenhuma para ele.

"Quem é ele, o cara novo?" Eu pergunto. "Ninguém parece saber muito sobre ele."

Eles parecem não querer falar sobre isso. Os outros três permanecem calados como pedra, enquanto Genova pelo menos finge me divertir. "Scar, eles

o chamam. Cara jovem. Cruel."

"Quão jovem?"

"Em torno da idade," diz ele. "Veio do sul."

"Filadélfia?"

"Não, muito mais para o sul."

Não há muita presença de uma família além da Linha Mason-Dixon, então não sei ao certo quão sulista ele pode ser. Eu não pressiono, embora. Eu

posso dizer que eu já me intrometi demais.

Nós não fazemos perguntas neste negócio.

É provavelmente a maior regra.

"Isso é tudo?" Eu pergunto. "Estou livre para ir embora?"

"Ainda não," diz Genova, dobrando as mãos sobre a mesa na frente dele.

"Antes de você ir, eu quero falar com você sobre alguns negócios. Tenho um par

de trabalhos que eu preciso que você faça por mim."

Trabalhos.

Coisas que eu disse a Karissa que eu não estava fazendo mais.

"Que tipo de trabalho?"

"Oh, você sabe... o habitual."

O habitual. "Não vou mais fazer isso."

Os homens murmuram entre si. Você vê, quando um homem com uma inclinação para matar qualquer um que o nega pede um favor, bem, é meio

corajoso dizer não a isso... especialmente quando aquele homem acabou de lhe

dar um passe.

"E por que é isso?" Genova pergunta. "Decidiu andar em ordem, ter uma

vida, conseguir um emprego de verdade?"

Eles riem disso, riem as minhas custas.

"Ou talvez você esteja se aposentando," continua Genova. "A próxima coisa que você sabe, você está usando mocassim e tem uma casa em Boca Raton.

É para isso que você está indo?"

Não digo nada.

Eu aceito o ridículo.

~ 48 ~

Ele acha que ele pode me quebrar com isso, dobrar-me a sua vontade, me

levar a fazer o que ele quer que eu faça.

Eu não vou fazer isso.

No momento em que a reunião finalmente conclui, está escuro lá fora, a

escuridão há muito tempo estabelecida. Genova acena para eu sair da mesa,

zombando. "Saia da minha frente, Vitale. *Pense nisso*. Volte quando você

finalmente chegar a seus sentidos."

O mesmo cara de antes me leva a porta, os soldados armados atrás de nós, nem um único homem à vontade.

Acho que minha reputação me precede.

Não é até que eu esteja no meu carro e dirigindo pela rua, longe dessa casa, de alguma forma ainda respirando, que eu me permito suspirar de alívio.

Sempre vale a pena valer mais do que você pega.

Eu posso ter negado ele esta noite, mas Genova não está feito.

Ele não vai desistir.

Quando eu chego em casa muito mais tarde, a casa ainda está acesa, mesmo que seja quase meia-noite. Vou direto para sala de descanso, encontrando Karissa profundamente adormecida no sofá. O trabalho escolar

está espalhado ao redor dela. Eu disse a ela para não esperar por mim, mas ela

nunca foi muito boa em ouvir.

Teria sido uma longa noite para ela se eu não tivesse saído daquela casa

vivo.

Tirando meus sapatos, eu agarro suas pernas, pegando-as para que eu possa escorregar debaixo delas, sentando no fim do sofá. Ela se mexe com o

movimento, os olhos se abrindo. Piscando rapidamente, ela olha para mim, um

sorriso sonolento tomando seu rosto. Ela se desloca para suas costas quando eu

coloco suas pernas para baixo, seus pés bem no meu colo.

"Você está em casa," ela diz, sua voz rouca de sono.

"Eu estou," eu digo, passando minhas mãos pelo topo de seus pés antes que meus polegares rocem as solas. Ela se contorce, como se estivesse prestes a

arrancar seus pés, quando eu começo a massagear um deles. Isso a obstrui, seus

dedos do pé se curvando enquanto ela deixa escapar um suspiro.

Ela gosta quando faço isso.

Aprendi isso na Itália.

Está silencioso, exceto pelo som da televisão que ela deixou ligada quando ela desmaiou. Food Network, como de costume. Ela ainda gasta seu

tempo livre estudando essa besteira.

"Sério?" Ela diz depois de um tempo, uma nota incrédula em sua voz.
"De

todas as coisas? *Hotline Bling*?"

"Vamos conversar sobre isso de novo?"

"Claro, quero dizer, eu só esperava que se você tivesse alguma música, seria outra coisa... algo como, eu não sei... Frank Sinatra?"

"Que estereotipado." Eu atiro um olhar para ela. "Talvez eu devesse ter escolhido o tema de O Poderoso Chefão."

"Sim!"

Eu balanço a cabeça, continuando a esfregar seus pés. "Eu só queria algo

diferente."

Algo que não me fizesse pensar *naquela* época da minha vida.

Algo que não me lembrasse de trabalhar para Ray, de ser *aquele* homem,

sempre que meu telefone tocava. Karissa adora música. A maneira como ela

descreve, é quase como se isso possuísse um pedaço de sua alma.

Parte de mim queria saber a sensação disso.

Queria saber se eu tinha isso em mim por esse tipo de pessoa.

Para sentir esse tipo de coisa.

"Então você escolheu *Drake*?"

Chegando em meu bolso, eu puxo meu telefone e jogo-o para ela. Ele pousa bem em seu peito, e ela bufa conforme ela o pega.

"Encontre outra coisa," eu digo. "Mas, por favor, Deus me ajude, Karissa,

se você escolher aquele idiota do Bieber..."

"Ugh, bruto." Ela faz uma careta. "Eu nunca escolheria."

Ela navega na música enquanto eu continuo a esfregar seus pés.

Leva apenas um minuto antes de um barulho alto quebrar o silêncio, notas de piano agudas misturando-se com o que soa como crianças gritando

sobre uma batida de bateria. É *desagradável*. Karissa joga meu telefone de

volta, e ele salta do meu colo, batendo no chão.

Instinto assume, e eu quase piso nele.

Quase pisei na porra só para fazer com que fique quieto.

"O que é isso?" Eu pergunto, estendendo a mão e segurando-o, pressionando o botão do lado para silenciá-lo imediatamente.

"One Direction," diz ela.

"Sério?" Eu afasto seus pés do meu colo. "Isso é ainda pior!"

Ela ofega quando ela se senta, agarrando seu peito. "De jeito nenhum!

Retire isso!"

~ 50 ~

"Por favor, pare."

"Você é louco! One Direction é a melhor banda a conquistar o palco!"

"Você está sendo ridícula."

"Eles são totalmente *brilhantes*, a melhor coisa vinda do Reino Unido,"

diz ela, agarrando-me quando eu tento me levantar. Antes que eu possa me

mover, ela empurra-se através do sofá e sobe em meu colo, montado em mim.

"Rolling Stones, o *que*? Beatles, *quem*?"

Minhas mãos encontram seu caminho até seus quadris, segurando ela, enquanto eu a olho fixamente. "Você está se envergonhando, Karissa."

Ela ri, como se eu não estivesse falando sério, e pressiona seus lábios contra os meus antes que eu possa dizer qualquer outra coisa. Ela me beija

apaixonadamente, profundamente, a língua deslizando e encontrando a minha.

Depois da noite que tive, é uma mudança bem-vinda. Eu não poderia pensar em

uma distração melhor. Ela cantarola contra meus lábios enquanto minhas mãos

se movem de seus quadris, deslizando em torno da curva de sua bunda. Eu

gemo quando ela se desloca no meu colo, esfregando-se bem contra a minha

virilha. Não é preciso muito, apenas uma leve esfregada contra o meu pau para

que ele se mexa, bem de pé em atenção para ela.

Eu movo meus quadris para cima, lentamente moendo contra ela, provocando um suspiro dela conforme ela quebra o beijo. Meus lábios percorrem sua mandíbula, fazendo seu caminho até seu pescoço, enquanto ela

sussurra alguma coisa.

Algo que eu não ouço muito bem.

"O que é que foi isso?" Eu pergunto, meus dentes roçando o ponto sensível logo abaixo de sua orelha.

Ela repete-se novamente, e de novo, sua voz ofegante, quase melódica.

Leva um momento antes que as palavras me atinjam, para que eu

perceba o que

ela está fazendo.

Ela está cantando a música que meu telefone estava tocando.

"Isso vai ser o suficiente disso," eu digo, agarrando seus quadris e deslocando-a para fora de mim, de volta para o sofá, enquanto eu me levanto.

Ela tenta agarrar-se a mim, rindo, mas eu me afasto e vou embora.

"Espere, onde você está indo?" Ela pergunta, virando-se para me observar.

"Tomar um banho."

"Mas a sua, uh, *situação*, " diz ela, fazendo sinal para a virilha das minhas

calças. "Você não quer cuidar disso primeiro?"

"Eu mesmo cuidarei disso."

~ 51 ~

Eu saio, e tudo que eu ouço é risada... alta, *risada* despreocupada.

Sacudindo a cabeça, eu não posso evitar o sorriso que luta para se libertar. É

completamente ridículo. É provavelmente os poucos minutos mais absurdos da

minha vida. Mas o som de seu riso, de sua felicidade, faz-me algo que nada mais

pode.

Isso corta diretamente através da minha escuridão.

Com ela, quase me sinto *leve*.

Vou para o andar de cima e tiro o meu terno assim que chego ao

banheiro. Eu não me preocupo em acender a luz, navegando na escuridão. Uma

pequena luz noturna está ligada acima da pia. É realmente tudo que eu preciso.

Meus olhos se fixam no meu reflexo no espelho enquanto a água aquece para o

meu chuveiro.

Eu não tenho certeza se é apenas a minha percepção, mas eu pareço mais

velho do que os meus trinta e oito anos.

Eu certamente *me sinto* mais velho, também.

Sinto como se tivesse vivido mais de uma vida, cada uma delas durando

uma eternidade. Uma eternidade de raiva, e ressentimento, e transgressão...

Isso cobra seu tributo a um homem, isso é certo. Mas nada disso teve tanto

efeito sobre mim quanto no ano passado. Algo que eu aprendi foi que sentimento pode tirar isso de você. Eu costumava não ter respeito por mim

mesmo - ou por *qualquer um*, na verdade. Eu não tinha mais razão para viver.

Mas agora que me importo com o que acontece com ela - e pelo bem dela,

comigo - eu estou ficando exausto da preocupação constante.

Preocupação que o meu passado vai nos alcançar.

Preocupação de que ela vai ser a única a pagar por esses pecados.

É a consequência, penso eu, de me amar.

A consequência de estar com alguém que viveu tão negligentemente.

Conforme o vapor começa a encher o banheiro, eu passo para dentro do

chuveiro, deixando o spray escaldante lavar o dia hoje. Não pode ser mais de um

minuto ou dois mais tarde, quando uma súbita explosão de ar frio me rodeia.

Alguém abriu a porta do banheiro.

A cortina do chuveiro é empurrada de lado, e eu olho na direção, meus

olhos encontram Karissa. Ela não está rindo mais, mas a diversão ainda está

gravada em todo o seu rosto. Sem uma palavra, ela começa a se despir, jogando

suas roupas atrás dela no chão.

"Há algo que você precisa?" Eu pergunto, erguendo uma sobrancelha

enquanto meu olhar percorre sua pele exposta. Mulher corajosa que ela acabou

por ser. "Algo que eu possa fazer por você?"

~ 52 ~

"Talvez," ela diz, entrando no chuveiro comigo, arremessando a cortina

fechada novamente. Está tão escuro que mal consigo vê-la. "Ou talvez seja algo

que eu possa fazer por *você*."

Ela cai de joelhos na minha frente, bem ali, debaixo da água. Sua mão envolve meu pau, acariciando-o, seu aperto firme. Uma voz no fundo de minha

mente me diz para detê-la, me lembra que ela não pertence a seus joelhos, me

lembra que depois de tudo o que eu fiz, eu deveria ser o único adorá-la. Ela

merece isso. Mas sua boca está em mim antes que eu possa dizer qualquer coisa,

seus lábios envolvem em torno de meu pau quando ela me engole, e eu esqueço.

Eu fodidamente esqueço.

Eu esqueço que eu já tive uma preocupação no mundo.

É apenas assim *tão* bom.

"Jesus, Karissa," eu gemo, passando meus dedos pelas mechas molhadas

de seu cabelo. "Eu queria saber o que fiz para merecer você."

~ 53 ~

CAPITULO

cinco

Karissa

"Hoje, senhoras e senhores, vamos mergulhar no tema da *guerra*. "

O Professor Adjunto Rowan Adams para no meio da sala de aula, suas mãos batendo distraidamente contra as pernas de sua calça, enquanto ele olha

em volta para todos nós. Estamos em uma sala de aula familiar... a mesma sala

de aula que eu uma vez tive filosofia. Eles parecem pensar que já passou

bastante tempo que as pessoas não seriam afetadas mais, e talvez eles estejam

certos, eu não sei. Todos os memoriais improvisados que surgiram após sua

morte já se foram. Mas o que eu sei é que eu estou surtando por isso, mesmo

que ninguém mais por aqui esteja.

Três semanas no semestre e isso ainda me dá calafrios.

O professor Adams, que insiste que o chamemos de Rowan, está muito longe do tipo de professor que Santino tinha sido. Ele é aberto, gentil e paciente.

Nunca o ouvi depreciar ninguém. Ele também é jovem, com 20 e poucos anos de

idade no máximo, mal fora da faculdade com um diploma em alguma coisa ou

outra. Ok, eu não tinha exatamente prestado atenção, mas eu estou chutando

História, desde que é o que ele está ensinando. Então talvez seja a sua idade, ou

talvez seja apenas seu temperamento, mas ele dirige esta sala muito diferente do

que Santino dirigia.

"Dê-me algumas razões pelas quais as pessoas vão à guerra."

As respostas são gritadas ao meu redor.

"Vingança."

"Orgulho."

"Estupidez."

"Medo."

"Proteção."

~ 54 ~

"Amor."

Rowan reconhece as respostas uma a uma, sorrindo enquanto aponta para a fonte, antes de concentrar-se na última. Ele balança em direção ao cara

que gritou... um cara que está sentado atrás de mim. Ugh. "Ah, sim, *amor*. Mas

amor a que especificamente?"

"País."

"Deus."

"Mulheres."

Novamente, é o cara atrás de mim que grita o último, aquele que chama a

atenção do professor. Ele se volta para ele, sorrindo. A maioria dos olhos na sala

atira naquela direção, quase como se fosse instinto, e eu me afundo ainda mais

no meu assento, não querendo que eles *me* notem. Aprendi a lição da última

vez. Eu nunca vou chamar a atenção para mim novamente.

"O amor de uma mulher," diz Rowan. "Não há razão mais valente, não é?"

Seja para defender sua honra ou provar seu próprio valor, os homens têm lutado

guerras desde o início dos tempos tudo por causa do amor de uma mulher.

Cleópatra... Helena de Tróia... todos nós sabemos suas histórias... mas hoje

vamos falar sobre Bate - Seba."

Ele vagueia pela mesa na frente da sala de aula - uma mesa em que ele nunca se senta - e pega uma Bíblia de cima.

"Durante a luta pelas Terras Sagradas, o Rei Davi se viu paralisado por

uma mulher chamada Bate-Seba. O problema era que Bate-Seba estava casada

com um de seus soldados – Urias. Isso perturbou o Rei Davi, mas não o

suficiente para não dormir com ela. Os dois tiveram um caso, mas o Rei Davi,

profundamente apaixonado, a queria toda para si mesmo, *especialmente...*

especialmente... depois que ela engravidou... Imagine o escândalo! Então veio a

Batalha de Rabá, Davi ordenou a Urias para a mais perigosa posição no campo

de batalha, sabendo que o soldado não iria sair vivo. Seus inimigos cuidaram de

seu rival para ele. *Problema resolvido.*"

Rowan faz uma pausa, olhando ao redor para ver se estamos entendendo.

"Orgulho,

vingança,

proteção,

medo,

amor,"

ele

continua.

"Provavelmente uma dose saudável de estupidez em cima disso. Está tudo bem

aqui neste livro. O Rei Davi se casou com Bate-Seba quando tudo acabou, e ela

deu à luz a seu filho, mas a criança morreu depois. *Punição*, ele pensou. Veja, há

sempre consequências para a guerra, mesmo depois que nós pensamos que a

ganhamos."

Ele joga a Bíblia de volta na mesa. Algumas pessoas fazem perguntas que

ele alegremente responde. Ele tem uma política de 'não se preocupe em levantar

a mão' em cima de uma filosofia 'Eu não vou chamá-lo se você não quiser falar'

que faz um período de aula bastante pacífico.

Se ao menos não estivéssemos nessa maldita sala.

Eu espero o resto da hora, anotando algumas notas, esperando até sermos dispensados para arrancar o traseiro do meu assento. Eu sou a primeira

a ir para porta, a primeira a sair de lá. É meu terceiro ano na NYU, embora eu

seja tecnicamente ainda uma estudante do segundo ano.

~ 55 ~

Eu perdi um semestre enquanto estava em recuperação.

Vagando lá fora, eu paro e olho em volta, sem saber o que fazer. Eu tenho

cerca de uma hora antes de eu ter a minha próxima aula e, normalmente, eu iria

apenas direto para a biblioteca, mas pela primeira vez em um bom tempo eu

estou presa em tudo.

No fim do quarteirão, atravesso a rua, indo para Washington Square Park. Está um dia agradável, o tempo de verão insistindo em prolongar-se. Eu

encontro um banco de cimento vazio ao longo do caminho e sento sobre ele,

deixando cair minha bolsa no chão a meus pés. Eu deslizo em meus fones de

ouvido cor-de-rosa e conecto-os em meu telefone, pressionando play em alguma

música, enquanto eu olho ao redor.

Apreciando a vista.

Apreciando a sensação de solidão.

Está um pouco cheio aqui, com estudantes indo e vindo, mas ninguém me incomoda. Ninguém parece me notar, para falar a verdade.

É agradável, surpreendentemente, sentir-se invisível.

Eu costumava ansiar que alguém olhasse para mim, que me vissem.

Alguns dias eu gostaria de poder simplesmente desaparecer novamente.

Para não dizer que eu não amo minha vida, porque eu amo. Eu *amo* isso.

Mas eu não amo algumas das coisas que aconteceram. Eu não amo todas as

memórias que me assombram aqui.

Eu só queria uma vida normal.

Nada disso é normal.

Eu estou sentada aqui por cerca de vinte minutos, quando algo me chama

a atenção. Cabelo loiro familiar salta em minha direção conforme as

pessoas

tecem ao longo do caminho. *Melody*. Sorrindo, eu puxo um fone para fora e

estou prestes a chamá-la quando alguém chama minha atenção para isso,

alguém de pé nas proximidades. A voz é toda masculina com um tipo estranho

de sotaque, quase como se ele realmente não tivesse um. *Esquisito*.

Virando a cabeça, vejo um jovem rapaz.

Um jovem rapaz lindo.

Putá merda.

Eu vejo como *Melody* se vira para ele, sua expressão brilhando, os olhos

se iluminando como o Quatro de Julho. E eu sei disso instantaneamente, apenas

pelo olhar em seu rosto... aquela expressão única, apaixonada, sem palavras.

Leo.

Homem de montanha barrigudo filho da puta ele não é.

Ele parece com algo saído de uma passarela.

Ele é alto, e magro, mas não magricelo. Ombros largos e pele bronzeada,

uma mandíbula afiada e características escuras. Seu cabelo é tão preto quanto a

meia-noite, e suas sobrancelhas podem ser um pouco espessas, mas ele as

balança como se fosse a última coisa na moda.

E o inferno, o que eu sei?

Talvez seja.

Seus dentes são tão brancos que são ofuscantes conforme ele pisca um sorriso para ela. Ele está usando jeans e um botão preto aberto, as mangas

empurradas até o cotovelo, o que fala sério, é a coisa mais quente imaginável.

Eu amo Naz. Eu amo. Eu o amo mais que tudo neste mundo. A primeira

vez que eu coloquei os olhos nele, o homem me deixou sem palavras, e olhando

para trás, eu soube naquele momento que a vida como eu conhecia tinha

acabado. Naz é o tipo de cara que, uma vez que ele entra em seu mundo, ele te

joga fora de seu eixo, por isso, mesmo se ele for embora, nada mais gira do

mesmo jeito.

Eu o amo, apesar de tudo, com cada fibra do meu ser.

Mas Leo.

Uau.

Posso apreciar a beleza quando a vejo.

Esse é o tipo de cara por quem as mulheres iriam guerrear, eu acho.

Eles se aproximam, e ele envolve um braço ao redor dela, puxando-a para

ele para um abraço. É breve, mas eu posso ver o rubor em suas bochechas por

ele fazer isso. Quando ele se afasta, ele diz algo para ela, conversando por um

momento, mas eles estão longe demais para eu ouvir qualquer uma das suas

palavras. Quanto mais ele fala, porém, mais os olhos dela se iluminam, antes

que ela finalmente acene com entusiasmo. Ele beija a ponta dos dedos e

pressiona nos lábios dela. A ação é tão rápida que mal a pego.

Ele se foi então, afastando-se, olhando para ela uma vez e sorrindo antes

de desaparecer em uma multidão de pessoas. Melody olha para ele, esperando

até que ele esteja fora de vista antes que ela solte um grito alto.

Ela salta para cima e para baixo no lugar, como se ela estivesse tendo um

fodido ataque.

"Melody?" Eu chamo.

O som da minha voz a faz parar. Ela balança em meu caminho tão rápido

que quase cai. "Karissa!"

Ela corre para onde eu estou sentada, sem palavras me empurrando no

banco. Eu abro espaço para ela, deslocando minha bolsa de modo que assim ela

pode deixar cair a sua a nossos pés.

"Aquele deve ter sido o infame Leo," eu digo, indicando a direção em que

ele desapareceu. "Tenho que dizer, Mel, eu entendo totalmente agora."

Ela sorri, empurrando-me animadamente. "Eu te disse! Ele não é *tudo*?"

"Sim, ele é algo, tudo bem."

"Ele acabou de me convidar para sair," ela continua. "Tipo, realmente me

convidou para sair, e não apenas para o café. Estou falando de jantar e um filme.

Um encontro real."

"Isso é incrível, quando isso está acontecendo?"

~ 57 ~

"Esta noite." No momento em que ela diz, sua expressão cai. "Oh meu

Deus, é *hoje à noite!* Que horas são? Eu tenho que ir, eu tenho meu cabelo para

fazer, e maquiagem, e merda... o que eu vou vestir?"

"Whoa, acalme-se," eu digo. "É como, uma da tarde agora."

"Isso só me dá seis horas para me preparar!"

Eu rio para mim mesma, divertida por seu pânico, antes dela agarrar o meu braço e me puxar para fora do meu assento. Estendendo a mão, ela pega

nossas duas bolsas, puxando-me junto com ela. "Vamos!"

"Whoa, espere, eu tenho aula daqui a pouco."

"Jesus Cristo, Karissa, a aula pode esperar, você não me ouviu? Eu tenho

um encontro!"

Eu não tenho certeza se ela percebe que ela rimou lá. Normalmente ela

indicaria isso, como se ela fosse uma rapper em treinamento, mas acho que ela

está muito cansada para encontrar o humor nisso agora. "Ok, ok, relaxe, Dr.

Seuss, eu vou com você, apenas... me dê um segundo."

Ela para de me puxar, e eu pego minha bolsa dela, colocando-a em minhas costas antes de me dirigir para o caminho. "Depois de você."

Melody ainda mora nos dormitórios, no mesmo quarto que costumávamos compartilhar juntas, antes de eu me mudar e, você sabe, *me*

casar. Uma sensação de nostalgia me bate quando chegamos ao décimo terceiro

andar, e eu olho para a porta enquanto ela abre, sorrindo. **1313.**

Tantas memórias aconteceram aqui, mas ao contrário da sala de aula, estas são na sua maioria todas felizes.

Meu sorriso se obscurece, no entanto, no momento em que ela abre a porta e meus olhos caem diretamente sobre sua última colega de quarto. É a

quarta desde que eu... elas nunca duram muito. A nova garota se vira, seus olhos

se estreitam, e ela nos olha quando entramos, o tipo de hostilidade que você

nunca deveria obter de um estranho. Fechando seu livro, ela levanta-se e sai

como um furacão do quarto, passando direto por nós sem dizer uma palavra.

Melody parece, na maior parte, não afetada. Eu assisto como a menina vai direto para os elevadores, batendo o botão como se a maldita coisa tivesse

ofendido ela. Ela é uma garota bonita – ruiva com olhos verdes e sardas – mas a

carranca no rosto dela é meio feia.

"Problemas no paraíso?" Eu pergunto, entrando no quarto atrás de

Melody e fechando a porta. Ela suspira dramaticamente.

"Elas não podem ser tão compreensivas quanto você."

"Uh-oh, você não pegou um cara em um terno de voo no Timbers e o trouxe para casa para fode-lo, não é?"

Merda. Merda. Merda.

No momento em que as palavras saem de meus lábios, instantaneamente

me arrependo delas. Eu sou uma idiota. É claro que eu traria o assunto Paul em

um momento como este.

~ 58 ~

Ela franze o cenho, caindo na cama... ou o que parece ser apenas uma gigantesca pilha de roupas atualmente. "Ela diz que eu sou confusa."

"Sim," eu digo, olhando ao redor. O lado do quarto de Melody é, como de

costume, semelhante a um desastre natural. "Então?"

"Então ela diz que eu sou descuidada, e escandalosa, e ugh, ela diz que eu

ronco. Você pode acreditar nisso?"

"Bem, uh... só quando você esteve bebendo."

"Eu não tenho feito nada para aquela garota! Mas tudo o que ela quer fazer é sentar aqui em silêncio e comer suas porcarias de barras de proteína e

meditar. Você sabe que ela nunca foi ao Timbers? *Quem* nunca foi ao Timbers?"

"Eu acho que ela não foi, qualquer que seja seu nome."

"Kimberly," Melody diz, seu rosto enrugando. "Kimberly Anne

Vanderbilt, nome de rico esnobe, se eu já ouvi um."

Eu me abstenho de apontar que ela é *Melody Priscilla Carmichael*, o que não soar mais popular. Eu posso dizer que ela está ficando deprimida agora,

então eu mudo de assunto. "Agora, sobre este encontro..."

É como se um interruptor fosse ligado. Assim rápido. A faísca está de volta em seus olhos enquanto ela solta outro grito.

Cara, eu ainda invejo como ela salta ao redor tão facilmente.

Ela sai da cama novamente, cavando através de seu armário, arremessando mais roupas para a montanha na cama.

Não sou de muita ajuda. Quero dizer, vamos... alguém espera algo diferente? Tenho mais coisas do que jamais poderia ter imaginado, mas ainda

estou usando meu jeans velho favorito, botas pretas, e uma camisa preta, uma

que eu tenho cerca de noventa por cento de certeza que eu encontrei no armário

de Naz. É *muito* grande para mim. Então eu só sento lá, tentando distraí-la de

seu pânico, conforme ela se despe desordenadamente na minha frente, provando metade do que ela possui.

Uma hora passa, e eu sinto falta da minha aula, mas é bom sair e rir com

minha amiga novamente.

Além disso, é só matemática.

Quem realmente precisa saber como fazer isso?

A porta do quarto se abre, e Melody está lá em um sutiã e sua calcinha,

não se importando quando sua colega de quarto entra. A garota solta um

barulho de nojo enquanto ela senta em sua mesa, de costas para nós.

"Eu não tenho nada para vestir," Melody diz, balançando a cabeça, ignorando que eu levantei o polegar para pelo menos uma dúzia de roupas.

"Tipo... nada."

"Bem, onde ele está levando você?"

"Eu não sei," ela diz, puxando um par de leggings. "Mas ele disse algo sobre reservas, então eu tenho certeza que não é no *Wendy*."

"Huh, há mesmo um Wendy aqui na cidade?"

~ 59 ~

"Há alguns." Ela me lança um olhar. "Isso não é importante aqui."

Algumas batatas fritas mergulhadas no sorvete soam malditamente muito importante para mim no momento, mas eu deixo isso passar.

"Olhe, vamos lá," eu digo, levantando-me da cama. "É óbvio que não estamos chegando a lugar algum aqui, então vamos para outro lugar."

"Graças a Deus," murmura Kimberly, nem mesmo em voz baixa, obviamente não se importando se a ouvimos.

Melody atira adagas em sua companheira de quarto antes de virar para

mim. "Tipo onde?"

"Meu armário."

Ela zomba, olhando para mim, julgando minha roupa, antes que algo pareça atingi-la. "Oh! Isso mesmo! Naz atualizou seu guarda-roupa! Quero

dizer, não dá realmente para dizer isso..." Ela franze o cenho para minha

camisa, alcançando e puxando-a. "Eu estava prestes a dizer, não há nenhuma

maneira que eu estou vestindo um de seus conjuntos de lenço para meu

encontro hoje à noite. Você pode manter seus malditos couros."

Eu rolo meus olhos. "Eu não uso couro."

"Mas você possui alguns."

Eu tenho metade de minha mente para vir em minha própria defesa, mas

qual é o ponto, realmente?

Além disso, tenho certeza que ela está certa aqui, então eu a deixo com

isso também.

Ela coloca uma camisa comprida e calça seus sapatos, sem dizer uma única palavra a sua colega de quarto enquanto ela sai pela porta.

"Uh, tchau," eu murmuro, dando um aceno desajeitado, mas a menina nem sequer olha para mim, muito menos diz qualquer coisa de volta.

Quando saímos, eu puxo meu telefone para chamar um carro, mas Melody me para. "Olha, vamos lá, há um táxi ali mesmo."

Ela a acena.

Quem sou eu para discutir?

Eu não vou pega-lo sozinha.

Isso significa que não conta como quebrar a regra de Naz, certo?

Eu deslizo ao lado dela e ela diz o endereço, enganando-se com os números de rua, mas eu corrijo-os. Conforme o táxi puxa para o

tráfego, eu olho

para frente por hábito.

Demora um momento, mas o reconhecimento me impressiona.

Abele Abate.

Homem com o nome infeliz.

Ele me levou para casa outro dia da deli.

~ 60 ~

Ele olha para o espelho retrovisor, sorrindo como da última vez. Eu não

sei se ele me reconhece, mas é duvidoso. Ele certamente não diz nada. Ele

provavelmente leva centenas de pessoas todos os dias.

Quando chegamos em casa, a primeira coisa que eu percebo é que ela está

vazia. Naz saiu. Killer me cumprimenta assim que abro a porta da frente,

abanando a cauda animadamente.

"Hey garoto," eu digo, esfregando sua cabeça. "Você está sozinho?"

Melody passa pelo cachorro, segurando as mãos. "Oh meu Deus, não salte sobre mim ou eu poderia cheirar como você."

Eu rio. "Ele não cheira *tão* mal."

"Realmente, Karissa? Quando foi a última vez que você banhou a pobre

coisa?"

"Uh, já faz um tempo."

Eu tenho um inferno de um tempo fazendo isso sozinha, e Naz não ajuda.

Ele é bom o suficiente para levá-lo para a tosa para mim no Mercedes quando eu

peço a ele, mas Killer não gosta de entrar nesse carro.

"Sério, lave o pobre filhote de cachorro se você quiser," ela diz. "Ele está

começando a cheirar como os pés da minha companheira de quarto. Ugh, eles

fedem."

Revirando os olhos, vou para a porta dos fundos da casa, abrindo-a para

deixá-lo correr para fora. O quintal não é muito grande, mas isso nunca parece

incomodá-lo. Eu tentei levá-lo para o parque antes, mas isso requer entrar no

carro, e bem... como eu disse, isso não o faz feliz, então resta o quintal.

"Tenho certeza que você pode descobrir qual é o meu armário," eu digo a

ela. "No andar de cima, primeira porta à direita."

Melody desaparece enquanto eu coloco um pouco de comida para Killer,

certificando-me de que ele esteja satisfeito antes de me juntar a ela lá em cima.

Menos de dez minutos se passaram, mas metade das minhas roupas já está

espalhada pelo quarto. Ela desliza em um vestido preto pequeno, um que eu

nunca tive uma razão para vestir. "Deus, essa coisa é linda, quem é o designer?"

Ela olha para mim como se eu devesse ter uma resposta para isso. "Uh,

esse cara, você sabe... aquele que fez aquela coisa naquele tempo."

Ela racha um sorriso. "Você é tão cheia de merda."

Eu sou.

"Está ótimo em você," eu digo a ela. "Você deve usá-lo."

Ela grita, correndo para o armário novamente. "Tem algum sapato para ir

com essa coisa?"

Cinco minutos mais tarde, ela está parada no banheiro, fixando seu cabelo no espelho e pegando emprestada um pouco de minha maquiagem. Eu a

deixo se arrumando e vou lá para baixo. Cara, apenas observá-la ficar pronta me

cansa. É exaustivo.

"Você chegou em casa cedo hoje."

~ 61 ~

A voz inesperada me assusta. Pegando meu peito, dou um passo para trás, olhando para a porta da frente. Naz está no foyer, as mãos nos bolsos, o

jornal enfiado debaixo do braço direito. Depois de todo esse tempo, como ele

ainda se move sorrateiramente por mim?

"Jesus, Naz, eu não te ouvi entrar."

"Eu não achei que você ouviu," ele responde, sua voz plana. "Você parece

estar bastante ocupada."

"Eu estava... eu quero dizer, nós estávamos... você sabe."

Eu aponto atrás de mim, subindo as escadas. Eu não sei se isso é

suficiente para ele continuar, para que ele descubra o que estou dizendo. Mas

meus nervos de repente são c *ompletamente* disparados, ondas de nervosismo

correndo pelo meu corpo, enquanto eu olho para ele. Ele não está se movendo,

nem um pouco. Ele está lá, como se estivesse de guarda.

Eu não diria que ele parece irritado, porque ele não parece, mas algo parece fora.

"Sim," ele diz. "Eu sei."

"Melody tem um encontro esta noite," eu digo a ele, como se ele

realmente se importasse, mas se ele está chateado por ela estar aqui, talvez ele

entenda se eu explicar por quê. Ele sempre foi estranho sobre as pessoas

estarem dentro de casa. "Ela precisava de algo para vestir, e bem, ela não tinha

nada. Quero dizer, ela tinha coisas, mas nada, você sabe... usável. Então nós

viemos aqui, para ver se eu tinha alguma coisa, e eu tinha, então ela está usando

isso, porque, bem, ela não tinha nada."

Enquanto balbucio como uma idiota, sua expressão muda, sua testa levantando. "Por que você está nervosa?"

"Eu não estou."

"Você está mentindo."

Eu suspiro. *Eu estou.*

Ele quebra sua postura, pisando na minha direção. "O que está

errado?"

"Nada."

"Outra mentira."

"Ugh, ok," eu digo, acenando para ele. "Você é apenas, você está sendo todo *you* e isso está me distraindo."

"Estou sendo eu," ele diz, "e isso está te distraindo."

"Sim! Eu não esperava vê-lo aqui."

"Você não esperava ver..."

"Ugh, e lá vai você!" Eu digo, cortando-o. "Você está fazendo isso!"

"Estou fazendo isso."

"Você está repetindo tudo o que eu digo."

Isso o bloqueia por um momento.

Sim, ele sabe agora como isso é irritante.

~ 62 ~

"Estou apenas tentando entender o que a deixa nervosa," diz ele. "Além de eu estar sendo eu, o que quer que isso signifique."

"Eu não sei." Não é uma mentira desta vez. "Você só estava de pé lá e me

pegou desprevenida porque você não estava aqui e então de repente você estava

lá."

"Ah!" Ele se aproxima mais quando sua postura relaxa um pouco. "Eu estava fora apenas tendo o carro verificado. Eu não esperava você em casa até

mais tarde. Pensei que você tinha aulas."

"Eu tinha," eu digo. "Ou eu *tenho*... Eu as ignorei."

Depois de Matemática eu tinha Inglês, mas realmente, quem precisa disso? Eu já falo muito bem.

Ou... *bom*?

Eu falo bem?

Quem sabe?

Ele se aproxima ainda mais, parando bem na minha frente. Ele cutuca meu queixo com a mão, inclinando meu rosto para cima. "Ignorando as aulas?

Como você é muito delinquente, Passarinha engaiolada."

Depois de beijar-me, um simples beijinho nos lábios, ele se afasta, segurando o jornal que está carregando, tocando-me levemente com ele

enquanto se afasta, indo para sala de descanso. Eu permaneço ali por um

momento antes de seguir, parando na entrada. Eu me inclino contra o batente

da porta, observando-o enquanto ele se senta em sua mesa e abre o jornal na

frente dele. Ele percorre as páginas rapidamente, parando em algum lugar no

meio, e olha para isso. Eu não sei se ele está lendo ou o quê, mas ele certamente

está transtornado por algo que ele vê.

A curiosidade tem o melhor de mim.

Cuidadosamente, eu ando devagar até ele, meio esperando que ele

fechasse o jornal e o jogasse fora quando eu me aproximasse. Isso é o que o

velho Naz faria, de qualquer maneira. O velho Naz guardava segredos.
O velho

Naz às vezes me impediu. Em vez disso, porém, ele simplesmente
empurra sua

cadeira para trás, colocando um pouco de espaço entre ele e a mesa,
conforme

ele olha para longe dela. Seus olhos se voltam para mim, e ele abre os
braços,

convidando-me para seu espaço.

Eu não sei se eu vou me acostumar com a abertura.

Eu me encaixo no braço de sua cadeira.

Meu olhar vai direto para o jornal.

Fogo destrói o edifício histórico em West Village

Relatam sete feridos, dois mortos no incêndio.

Não tenho certeza o que eu esperava ver, mas certamente não era isso.

Não há muito em detalhes, só que aconteceu no dia anterior e a causa
ainda

estava sob investigação. Viro a cabeça, olhando para Naz. Ele está
olhando para

um ponto fixo em sua estante ao longo da parede, essa expressão
novamente em

seu rosto, a mesma do vestíbulo.

~ 63 ~

Não zangado, não... mais *preocupado*.

"Você não fez?" Eu pergunto calmamente. Ok, eu não deveria estar

perguntando nada, mas não posso evitar. Isso está incomodando ele.
"Quero

dizer, você...?"

"Não."

"Eu não pensei, mas você sabe..."

"Mas eu não estava em casa quando aconteceu." Foi quando ele saiu, dizendo-me para não esperar porque ele tinha coisas para fazer. "Eu estava em

outro lugar então."

Volto para o jornal. Se ele diz isso, eu acredito nele. "Você conhecia as pessoas?"

"Sim."

"Eram seus amigos?"

Ele solta o que parece um barulho de riso, mas não tem humor. "Eu não

diria que tenho *amigos*, Karissa."

"Então talvez você precise fazer alguns."

Estou falando sério, mas ele ri novamente, desta vez como se fosse a coisa

mais engraçada que ele já ouviu. "Receio que meus dias de encontrar amigos no

parquinho tenham acabado."

"E os vizinhos?" Eu pergunto. "Este é um bom bairro. Eles parecem ser os

tipos de jantar no fim de semana. Eu poderia sair com as esposas de Stepford

enquanto você, eu não sei, vai jogar golfe ou algo assim."

"Golfe."

"Sim, eu aposto que você tem um giro assassino."

Ele balança a cabeça. "Com o tanto de vezes que a polícia visitou esta

casa, Karissa, eu não acho que isso vai funcionar. Eu coloco um pé em sua

propriedade e eu garanto que eles já estão chamando 911."

"Bem... então *eu* vou jogar golfe com você."

Erguendo as sobrancelhas, olha para mim. "Você quer ir ao golfe?"

"Não."

"Eu também não."

Graças a Deus.

"Nós sempre poderíamos ter um encontro duplo com Melody e seu novo

cara algum dia."

Naz reage a isso como eu esperava que ele fizesse a primeira vez
Melody

sugeriu. Ele se levanta, rindo novamente, enquanto ele fecha o jornal,
balançando-o e jogando-o na lata de lixo. "Eu vi o gosto dela para
homens,

então eu vou ter que passar a amizade com qualquer um que esteja
com ela."

"Eu não sei," eu digo. "Este novo pode ser diferente."

"Você já o conheceu?"

~ 64 ~

"Sim," eu digo, me corrigindo rapidamente. "Bem, não tecnicamente,
mas

eu o vi."

"Você o viu."

"Sim."

"Aparências enganam."

"Eu sei disso," eu digo defensivamente. "Eu só tenho um bom pressentimento sobre este."

"Você teve um bom pressentimento sobre mim quando nos conhecemos?"

"Não." Eu hesito. "Eu não sei, talvez? Você era um pouco intimidante, mas eu não tinha sentimentos *ruins* sobre você, se é isso que você quer dizer."

Naz passeia pelo quarto, até a estante de livros. Seus dedos passam na lombada de alguns livros antes de puxar um para fora. Ele volta para mim

enquanto ele o segura, e eu vislumbro a capa. Guerra & Paz. Ele para na minha

frente, inclinando a cabeça ligeiramente enquanto estuda meu rosto. "Esse cara

novo, ele tem o quê? Dezenove? Vinte? Provavelmente nem sequer tem idade

suficiente para beber legalmente."

"Provavelmente."

"E você acha que eu teria algo em comum com ele?"

Sua pergunta é séria.

Ele acha que estou sendo ridícula. Inferno, talvez eu esteja.

Mas não pelas razões que ele pensa.

"Tenho apenas vinte anos, você sabe," eu lembro. "Minha idade não o impediu você de me conhecer."

Acho que é um bom argumento, pessoalmente, mas posso dizer que ele

ainda acha que estou sendo ridícula.

"Karissa, baby, eu te amo, você sabe disso, mas você acha honestamente

que, se eu não tivesse tido outras razões, eu teria lhe dado um segundo olhar?"

Eu empalideço. "Ouch."

Levanto-me do braço da cadeira e tento me afastar – porque *ouch* – quando ele agarra meu braço. "Não aja como se isso fosse algo mais do que é.

Você é linda e sábia além de seus anos. Mas eu estou chegando aos quarenta

aqui, querida. Não teria nem sequer cruzado minha mente persegui-la. Você é

tudo que eu não sou... Tudo o que provavelmente nunca serei. E o simples fato

de você honestamente achar que é possível para mim fazer amigos nesta cidade,

depois das coisas em que me envolvi, prova o que estou dizendo."

Eu quase faço isso, porque parte de mim pensa que ele quer isso. Eu

quase faço menção sobre nos mudar, a possibilidade de escapar de Nova York,

como já falamos antes, quando Melody grita meu nome de algum lugar perto do

foyer.

Agora não é o momento para esta conversa, eu percebo.

~ 65 ~

"Eu estou aqui," eu grito de volta quando Naz solta meu braço. Só leva

Melody um momento para aparecer, saltando pela porta, seu cabelo preso

acima.

"Como estou?" Ela pergunta, girando, mostrando seu visual.

"Você está usando o Moreau," diz Naz.

Melody olha para si mesma enquanto ela para. "O quê?"

"Moreau," diz ele. "Ele desenhou o vestido."

Ela olha para ele com surpresa. Inferno, eu também.

"Como você sabe disso?" Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. "Eu conheço o cara, ele me devia."

"Ele *devia* você."

Ok, agora eu estou fazendo a coisa de repetição, que Naz percebe e estreita seus olhos para mim.

"Sim, ele me devia, e essa foi sua retribuição."

Ele aponta para o vestido.

"Oh merda," Melody diz, balançando a parte inferior do vestido. "Devo tirá-lo?"

"Não," Naz e eu dizemos ao mesmo tempo. Eu olho para ele enquanto ele

dá de ombros, continuando. "Karissa nunca vai usá-lo, então você pôde usá-lo.

Eu apenas certifiquei-me que ele pagasse. Isso era o que importava."

Melody lhe dispara um olhar interrogativo, mas não pergunta o que *fazê-*

lo pagar significa. Nunca abordamos o assunto do que Naz faz para viver.

Tenho certeza de que ela tem a maior parte descoberta, considerando tudo o que

aconteceu no ano passado. Seu nome atingiu o jornal quando ele

matou Ray.

Mesmo que tivesse sido feito em legítima defesa, isso não impediu os repórteres

de especularem, arrastando todos os detalhes nítidos que poderiam conseguir

em suas mãos para insinuar que ele não era, exatamente, o herói na situação.

Ela leu o artigo. Eu sei que ela fez.

A menina provavelmente nunca comprou um jornal em sua vida, mas ela

certamente sabe como usar o Google. Ela teria procurado informações.

"Obrigada," Melody diz, sorrindo. "Espero que o Leo goste."

Antes que eu possa dizer a ela que tenho certeza que ele vai adorar, Naz

acena. "Leo?"

"Faz você pensar em DiCaprio, não é?" Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. "Pensei no leão."

Isso atrai a atenção de Melody. "Você acredita em astrologia?"

"Não."

Sua expressão cai. Melody é um tipo de garota horóscopo, aquela que não

faz nada quando Mercúrio está retrógrado, o que quer que isso signifique. Ela se

animou após o desaparecimento de Paul lembrando-se de que seus sinais não

eram compatíveis, de qualquer forma, então nunca funcionaria.

~ 66 ~

Naz e eu?

Total de almas gêmeas, diz ela.

Eu pensava que era tudo uma piada até que ela disse isso.

"Tenho alguns recados para fazer na cidade," diz Naz, enfiando o livro sob seu braço, seu olhar piscando para mim antes de se estabelecer em Melody.

"Você precisa de uma carona de volta para casa?"

Melody encolhe os ombros. "Claro."

"Você, uh... você quer que eu vá?" Eu pergunto curiosamente.

"Bobagem," diz Naz, inclinando-se e beijando minha bochecha antes de ir

para a porta. "Não vou demorar muito."

Melody agarra suas coisas, acenando adeus. "Café pela manhã?"

"Claro."

Ela vai em direção à porta atrás de Naz. Eu só fico lá na sala de descanso,

ouvindo enquanto eles vão para fora. Eu não acho que os dois já estiveram

sozinhos juntos antes.

E eu confio neles, é claro, mas ser uma mosca na parede do carro durante

aquela viagem...

CAPITULO

seis

Ignazio

São apenas 10 quilômetros da casa no Brooklyn para os dormitórios de NYU onde Karissa costumava viver, mas leva mais de meia hora para chegar lá

com o tráfego.

Às vezes é até uma hora.

Eu sei, porque eu calculei o tempo do percurso várias vezes.

E o tráfego, a esta hora, está intenso, a ponte de Manhattan engarrafada

quase para-choque a para-choque. Pela primeira vez em tanto tempo como eu

posso lembrar, eu realmente ligo o rádio.

Se houver barulho para preencher o silêncio, talvez Melody não se sinta

compelida a tentar falar comigo.

É um truque que eu aprendi com Karissa.

Eu transportei muitas pessoas neste carro, mas além de Karissa, Melody

é a primeira pessoa a subir nele por vontade própria. E eu não necessariamente

queria convidá-la, mas eu estava vindo nessa direção e teria sido errado eu não

oferecer.

Estou tentando ser melhor, lembra?

Além disso, talvez eu não tenha mais amigos, mas Karissa tem, e

provavelmente me cairia bem, pelo menos, ser civilizado para eles. As coisas em

casa são muito mais agradáveis quando eu não estou fazendo um grande

negócio sobre ela ter pessoas.

Ainda assim, eu não gosto.

Eu nunca vou gostar.

~ 68 ~

"Este é um carro legal," Melody diz, sentando-se no banco do passageiro

enquanto ela puxa o cinto de segurança. Ela tem estado inquieta todo o passeio

até agora, olhando para fora da janela lateral. Ela está nervosa. Eu não tenho

certeza se é o encontro iminente ou eu que estou afetando-a no momento.

"Obrigado," eu respondo, impacientemente batendo os dedos contra o volante. Eu não tenho certeza que tipo de música está tocando, algum

das atuais sem sentido. Acabei de apertar o botão na coisa, parando na primeira

estação que veio. Eu quero desliga-lo, mas o truque pode estar funcionando, já

que nós estamos no tráfego por trinta minutos e esta é a primeira vez que ela se

incomodou em falar.

"De qualquer forma, quanto um desses custa? Sessenta, setenta mil?"

Eu sorrio com isso. "Adicione uma centena."

"Cento e setenta mil?" Ela ofega. "Você está falando sério?"

Ela vira a cabeça, olhando para mim como se eu estivesse fora de mim.

"Esse é o preço inicial," eu digo. "Eu paguei um pouco mais pelo meu."

"Por quê?"

Por quê? Eu odeio essa palavra.

Karissa nunca pergunta.

"Porque é blindado," eu digo. "Custa ficar em segurança."

Ela zomba. "Eu poderia comer por minha vida inteira com o que você gastou neste carro."

Agora ela soa como Karissa.

Tenho certeza de que ela já me disse isso antes.

"Cerca de uma dúzia de vidas se você comer apenas miojo Ramen."

"Ugh, quem faria isso?"

"Karissa, se eu deixar."

Melody ri. "Sim, ela provavelmente iria. Nem sequer se queixaria,

também. Você é bom para ela dessa forma, você sabe. Não dizendo que você não

é bom de outras maneiras, mas definitivamente isso. Ela nunca teve nada

realmente, eu acho. A mãe dela... diabos, eu nem sei o que dizer sobre a mamãe

Reed. Para não falar mal dos mortos, mas ela era um pouco paranoica. Karissa

não podia nem respirar sem a mulher a questionar, e ela apenas... aceitou, você

sabe? Karissa agiu como se isso fosse normal. Então é bom vê-la feliz e ter coisas

e *fazer* coisas."

Eu poderia acrescentar muito a isso, mas eu mantenho a boca fechada, grato quando o tráfego começa a afrouxar e podemos ir a mais de vinte

quilômetros por hora.

~ 69 ~

"Então, basicamente, o que eu estou dizendo," Melody continua, "é que Karissa poderia fazer pior."

"Ela podia," eu concordo.

Provavelmente *não muito* pior do que o homem que matou seus pais, mas acho que as circunstâncias atenuantes contam para algo em meu benefício.

Melody se vira de volta para a janela, olhando para fora novamente, ainda se movendo no assento como se não pudesse se sentir confortável. A

música parece fazer o truque novamente, enquanto ela

silenciosamente

murmura as letras para o que quer que esteja tocando no rádio,
conforme eu

dirijo pelas ruas em direção NYU. Quando nos aproximamos de seu
dormitório,

ela solta um suspiro dramático, olhando em minha direção, como se
estivesse

lutando muito para pensar em algo para dizer.

Eu acho que é normal, bater papo com as pessoas, conversa fiada, mas
eu

odeio.

"Guerra & Paz, hein? Isso não tem, tipo, um bilhão de páginas?"

Tiro os olhos da estrada por um segundo, olhando para o meu colo
onde

o livro repousa. "É por volta de trezentos, mais ou menos."

"É seu favorito?"

"Eu não chamaria exatamente de meu favorito, mas tem estado lá para
mim em momentos de necessidade."

Ela sorri, como se ela soubesse o que quero dizer. "Eu li algumas
coisas

assim."

"Tipo?"

Quase espero que ela diga a Bíblia, quando ela explode com

"Cosmopolitan."

Puxando para a entrada da garagem de estacionamento ao lado dos
dormitórios, eu coloco o carro no estacionamento enquanto me viro
para ela.

Ela sai, não hesitando, e enquanto eu realmente quero apenas deixá-la

ir, eu me

sinto compelido a dizer alguma coisa. "Tenha cuidado no seu encontro,

senhorita Carmichael. Nem todo mundo é digno de seu tempo e atenção."

Ela parece surpresa quando ela para ao lado do carro, a porta ainda aberta. Inclinando-se de volta, ela sorri. "Você parece meu pai, você sabe."

Eu tento não fazer careta.

Estou bem ciente de quem é o pai dela, e eu não sou nada assim. *Idiota de Wall Street*. Ele é mais um bandido do que eu.

Ela fecha a porta, correndo para longe, em direção ao dormitório dela, enquanto eu ponho o carro em movimento e volto para o trânsito, ignorando as

buzinas soando por minha intrusão.

~ 70 ~

Vou para West Village.

É apenas a alguns quarteirões de distância.

O Cobalt Room.

Era uma vez, isso era onde os sonhos eram feitos. Acordos foram feitos no escritório na parte de trás, esquemas que lucraram mais dinheiro do que a

maioria das pessoas alguma vez veria em uma vida. Passei mais noites do que

posso contar dentro dessas paredes, planejando minha vingança, questionando

meu futuro.

O Cobalt Room foi como minha casa longe de casa, quando minha casa

era nada mais me que uma concha, mas o Cobalt Room é nada agora.

Fitas amarelas de segurança da Polícia agitam-se ao vento que rodeia o

edifício, uma vez a maior estrutura no quarteirão, agora uma laje queimada de

nada. A estrutura dele ainda está lá, o exterior carbonizado, mas é fácil ver,

mesmo a distância, que o interior está destruído. O que quer que tenha fluído

através disso queimou quente e rápido... tão rápido que duas pessoas não

conseguiram sequer sair.

Sete outros tinham sido queimados, alguns deles quase irreconhecíveis.

Derreteu suas peles, como se eles tivessem sido pessoalmente embebidos

em gasolina. E talvez tenham sido, eu não sei. Os que são capazes não

pronunciaram uma palavra sobre o que aconteceu. Todos eles disseram: "Eu

não sei o que aconteceu."

Mas eu sei... ou bem, eu tenho uma ideia.

Porque esse tipo de fogo?

Isso foi feito por alguém que sabia o que estavam fazendo.

Eu estaciono meu carro no primeiro ponto que eu encontro no fim da rua

e alcanço abaixo, abrindo Guerra & Paz, puxando a pequena arma de fogo prata

do poço criado nas páginas cortadas. Eu deslizo-a no meu casaco. Eu não

pretendo precisar dela, e eu nem gosto de carregá-la, mas não estou prestes a

correr riscos hoje. Chegando ao porta luvas, retiro minhas luvas de couro preto e

as coloco.

Saindo do carro, eu mantenho minha cabeça para baixo enquanto faço a

caminhada de volta para Cobalt. Eu escorrego debaixo da fita de segurança

frágil que bloqueia o beco ao lado do lugar, fazendo o meu caminho para a parte

de trás do edifício onde os transeuntes não podem ver.

Não é difícil entrar. O que resta da porta traseira está bloqueado, mas um

simples empurrão contra ela bate-a direto fora das dobradiças. Fazendo uma

careta, me inclino para trás, virando a cabeça para evitar o sopro de cinzas que

se levanta quando a porta bate no chão. Isso fede, como o fogo geralmente faz.

Cheira a fumaça e inflamável, uma pitada de enxofre, como um fósforo aceso me

~ 71 ~

dando um tapa na cara. E eu sei que não é seguro... mal seguro o suficiente para

eu entrar, mas eu entro, pisando com cuidado.

Eu só chego a alguns metros antes de eu parar, não realmente precisando

ir mais longe. Eu posso facilmente encontrar o que estou procurando.
Buracos

cobrem o chão, mas não os causados pelo fogo. Estes são feitos pelo homem,

perfurados na fundação, provavelmente quando todos estavam dormindo. Eles

teriam sido cobertos durante a luz do dia, então ninguém teria sido mais

prudente, antes de um incêndio ter sido iniciado no porão.

Na adega, onde todo o álcool é armazenado.

Eu posso garantir que todas as janelas foram empurradas abertas, para deixar ainda mais oxigênio entrar, mas não há maneira de dizer isso, não de

onde estou em pé. Mesmo assim, eu posso garantir.

Porque era o que eu teria feito, se fosse eu.

É peculiar. Eu quase teria dito que era um feito meu, olhando para isso,

mas eu estava em Long Island com as Cinco Famílias quando o fogo começou.

Ou bem, eu estava com *quatro* delas.

Suspeito que o número cinco estava aqui.

Protelar aqui é inútil. Eu vi o que eu vim ver. Eu não confio em relatos da

polícia ou no que leio no jornal. Esses são distorcidos pelo erro humano,

manchados pela aparência. Eu precisava ver com meus próprios olhos que isso

era o que eu suspeitava que fosse.

Outro ataque.

Outra *mensagem*.

Eu escorrego para fora do prédio e faço meu caminho para o meu carro,

meus olhos examinando cuidadosamente o bairro. Não me surpreenderia se

alguém estivesse olhando, se os olhos ainda não estivessem no prédio.

Eu nunca olhei para trás.

Eu não demorei.

Mas eu sei que outros gostam de assistir.

Eles gostam de ficar por aí e se deleitam em sua destruição,
supervisionam as consequências.

O sol está começando a baixar quando eu volto para Brooklyn.
Quando

chego a casa, está escuro lá fora. Faz apenas duas horas que a deixei,
mas

Karissa já está de pijama, como se estivesse pronta para dormir.
Quando eu

entro, ela está parada na cozinha, encostada no balcão, segurando
uma tigela de

algo na mão.

"Você já está de volta," diz ela, soando surpresa.

~ 72 ~

"Eu disse que não demoraria muito."

Ela sopra em sua tigela, mexendo o que quer que seja com um garfo.

"O que você está comendo?"

Eu não consigo me lembrar da última vez que eu realmente me sentei
e

comi alguma coisa. Foi uma semana longa.

Demasiado longa.

"Macarrão instantâneo," ela diz, segurando um garfo para me mostrar.

"Quer um pouco?"

"Eu prefiro morrer de fome."

Ela ri, dando de ombros, e dá uma mordida. "Eu vi algumas receitas na

internet de como incrementá-lo, tipo com sopa de creme de frango e queijo ou

qualquer coisa. Pensei em tentar."

Ela está incrementando macarrão que custou vinte e cinco centavos.

O que vou fazer com ela?

"É isso que você planeja fazer para esses jantares hipotéticos quando você

milagrosamente se tornar amiga das pessoas neste bairro?"

"Pfft, não," ela diz. " *Eles* vão cozinhar; nós só vamos comer."

"Comer a comida deles."

"Sim."

"Alimentos preparados por estranhos."

"Não, eles vão ser nossos amigos, lembra?"

"Pior ainda," eu digo. "Você tem que observar as pessoas que você deixa

perto de você. Eles não podem colar uma faca em suas costas, se você não os

deixa chegar perto o suficiente para fazê-lo."

Ela não diz nada a isso, apenas me encarando enquanto toma outra mordida de macarrão. Ela está olhando duro, como se estivesse

procurando

algo.

"O que?"

"Há fuligem em sua camisa."

Olho para baixo quando ela diz isso, vendo a mancha. *Merda*. Eu tento limpar, o que é impossível. A camisa é branca e isso apenas aumenta a mancha preta.

"Ou pelo menos eu acho que é fuligem," diz ela. "Ou isso ou é maquiagem, como sombra escura de olho ou talvez rímel, e se for esse o caso, então eu acho que você tem algum outro tipo de explicação para fazer."

"Não é maquiagem."

~ 73 ~

"Sim, eu não pensei que fosse."

Ela está olhando para mim novamente.

Quando essa mulher ficou tão destemida?

No minuto que eu a convenço de que eu nunca vou matá-la, de repente

ela é a única tentando *me* intimidar.

"Eu não fiz isso," digo a ela, sabendo o que ela está pensando, "mas eu fui ver."

"Encontrou o que procurava?"

"Sim."

"Bem, isso é bom." Ela faz uma pausa. "Eu acho." Ela coloca outra garfada em sua boca.

Por mais que eu não queira admitir, isso está me deixando com fome.

Mas eu não estou comendo o que ela está comendo.

Nunca farei isso novamente.

"Olhe, vamos jantar fora."

"Estou usando pijama," diz ela. "Além disso, já estou comendo."

"Você não pode se trocar?"

"Eu poderia," ela diz, "mas por que não podemos simplesmente ficar?
Eu

tenho aula pela manhã, e eu já estou meio cansada, e a última vez que
você e eu

comemos em algum lugar... bem, olhe o que aconteceu, eu não estou
com humor

para outro tiroteio nesta noite."

"Não foi um tiroteio."

"O que foi isso?"

"Um tiroteio veicular."

Ela suspira alto. "Qual é a diferença, honestamente?"

"Eu não atirei de volta."

Ela balança a cabeça, murmurando, "Talvez você devesse."

Demora um momento para essas palavras se registrarem.

Eu quase não acredito em meus próprios ouvidos.

"O que você acabou de dizer?"

"Nada, apenas me ignore... Eu não sei o que estou dizendo."
Suspirando

de novo, ela joga sua tigela de macarrão no balcão, ignorando quando alguns

deles saltam, fazendo uma bagunça. "Talvez nós devêssemos ir buscar alguma

comida, mas eu escolho o lugar."

~ 74 ~

Alcançando meu bolso, eu retiro minhas chaves. "Isso está bom por mim.

Apenas deixe-me colocar uma camisa diferente."

"Não se preocupe," diz ela. "Não vou me trocar."

Acho que ela está brincando.

Realmente, eu acho, porque ela está vestindo uma de minhas calças xadrez que é cerca de três tamanhos muito grandes para ela. Mas em vez de

trocar, ela só desliza um par de sapatos e diz, "Ok, vamos agora."

Eu a olho uma vez antes de gesticular em direção à porta. "Depois de você."

Quem sou eu para lhe dizer o que vestir?

Nós entramos no carro e eu me afasto da casa, esperando até que eu chegue ao fim da rua antes de perguntar a ela que caminho eu deveria virar.

"Uh, depende," ela diz, olhando para os dois lados, sua testa franzida.

"De que?"

"Em que caminho fica o Wendy's mais próximo. Você não sabe, não é?"

Eu apenas olho para ela.

Suspirando dramaticamente, como se eu estivesse sendo irracional por

não responder a essa pergunta, ela puxa o telefone e pergunta a Siri, apertando

um botão quando Siri responde para abrir um mapa. "Aqui, basta seguir essas

instruções."

Eu faço isso, porque eu concordei em deixá-la escolher.

Eu não gosto de voltar atrás em minha palavra, não se eu posso evitar.

Então é assim que, dez minutos depois, eu acabo de pé dentro de um pequeno Wendy's lotado, encomendando batatas fritas e um sorvete para

Karissa e algum tipo de sanduíche de frango para mim.

Depois que eu peço, eu fico de pé lá.

E espero.

E espero.

E espero.

Karissa está sentada em uma pequena mesa de plástico, enquanto continuo de pé aqui, prestes a perder a paciência. Estou a três segundos de

explodir quando eles batem minha comida em uma bandeja, empurrando-a

para a borda do balcão. Pego a bandeja e me junto a Karissa na mesa, observando como ela arrebatava o sorvete e imediatamente, sem hesitação,

mergulha uma batata frita nele.

Ela come, então.

~ 75 ~

Eu não sei o que dizer.

"O que?" Ela diz, percebendo minha expressão. "Vamos lá, você não pode

me dizer que você nunca fez isso."

"Eu não fiz," eu digo. "Mas, novamente, eu não tenho o hábito de pedir sorvete com meu jantar."

"Você deveria. Você não sabe o que está perdendo." Ela pega outra batata

frita e mergulha em seu sorvete antes de segurá-la para mim. "Aqui tente isto."

Meu instinto natural é negá-la, não porque eu pense que poderia estar adulterado, mas porque parece francamente repugnante. Mas eu estou virando

uma página nova aqui, e eu já acabei em um restaurante fast food com minha

esposa em seu pijama.

Por que não diverti-la?

Dou uma pequena mordida, mastigando lentamente, enquanto ela coloca

o resto na boca.

Não é terrível.

É apenas... chocolate.

E gelado.

Uma batata de chocolate fria.

OK.

Eu não gosto.

Ela ri da minha expressão.

"Você é tão esnobe," diz ela. "É bom!"

"Qualquer coisa que você diga."

Eu como metade do meu sanduíche antes de jogar o resto fora.
Também

não é ótimo. Eu poderia comer um bife, ou talvez alguma lagosta, ou mesmo

algum frango real, mas Karissa parece bastante satisfeita com o que ela está

comendo.

Isso me faz pensar no que Melody disse no carro.

Quando você não tem nada, eu suponho que você aprecia as pequenas coisas muito mais.

Voltamos para o carro depois que ela termina, e uma vez que estamos dentro, ela se aproxima e agarra minha mão. "Obrigada."

"Por nada," eu digo, "mas da próxima vez, *eu* escolho."

~ 76 ~

CAPITULO

sete

Karissa

A segurança nos dormitórios sempre foi inútil.

Eu não posso contar quantas vezes Naz entrou e saiu do lugar sem ser detectado quando eu morava lá. Portanto, não estou de todo surpresa que posso

apenas entrar direto, contornando check-in para o andar superior.

É fim da manhã e as pessoas estão constantemente indo e vindo. Eu

liguei para a Melody algumas vezes só para conseguir seu correio de voz. A

maldita coisa nem sequer toca. Ela deveria me encontrar para tomar café esta

manhã, mas ela nunca apareceu no café.

Tarde da noite, eu acho, considerando que ela estava em seu *encontro*.

Faço uma pausa na frente do quarto 1313, silenciosamente ouvindo, mas

não há sons dentro que eu possa ouvir. Batendo na porta, ouço alguns barulhos

antes que seja aberto, alguém aparecendo na minha frente. Cabelos vermelhos,

dúzias de sardas e a carranca mais angustiante que já vi me cumprimentam. No

segundo que ela coloca os olhos em mim, ela literalmente faz uma careta,

deixando para fora um som de nojo como se ela realmente tivesse repulsa de

mim.

Que porra é essa?

"Uh, oi... Kimberly." Acho que é o nome dela. "Melody está aqui?"

"Não."

Não.

É isso.

Nenhuma saudação.

Nenhuma explicação.

~ 77 ~

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, a porta bate bem na minha

cara. Eu olho para ela por um momento antes de balançar a cabeça, virando-me

para sair.

"Karissa?"

Eu olho para o som da voz, bloqueando os olhos com Melody conforme

ela caminha para fora do elevador. Seu cabelo é um ninho de rato em cima de

sua cabeça. A maquiagem velha mancha seu rosto. Ela ainda está usando meu

vestido preto.

A boa velha caminhada da vergonha.

"O que você está fazendo aqui?" Ela pergunta, sorrindo timidamente enquanto puxa o vestido, sabendo muito bem que percebi que ela não

mudou.

"Eu vim verificá-la," eu digo. "Você furou comigo esta manhã."

"Ah Merda!" Seus olhos se arregalam. "Café! Eu sinto muito, esqueci!"

"Nada demais." Eu movimento em direção a ela. "Eu posso dizer que você

estava, uh... de outra forma ocupada."

Corando... *mais uma vez*... ela agarra meu braço e arrasta-me de volta para o quarto, não oferecendo uma palavra de explicação no caminho. Ela

destranca a porta e entra, puxando-me para dentro atrás dela antes de fechar a

porta novamente. Kimberly está sentada em sua mesa e não se preocupa em

virar ao entrarmos, mas eu posso ver suas costas se esticando como se ela

estivesse se preparando para um ataque ou algo assim. Eu me jogo na cama

confusa de Melody, relaxando em uma pilha de roupas, enquanto Melody tira o

vestido sobre sua cabeça, atirando-o para mim.

"Eu realmente sinto *muito*," ela diz, cavando através de suas gavetas. "Eu

nunca teria dispensado você assim, isso completamente deslizou da minha

mente."

"Está tudo bem," eu asseguro-lhe. "Eu só queria ter certeza de que você estava bem."

"Estou mais do que tudo bem," diz ela, pegando uma camisa e uma calça

antes de virar para mim. "Eu estou *perfeita*, ele é apenas... uau! Ele é perfeito.

Ele me levou para jantar ontem à noite em *Paragone*... você sabe, aquele lugar

chique perto do Central Park, você pode acreditar? Eu sempre quis comer lá!"

Posso acreditar? Eu não sei.

Eu comi lá uma vez antes.

Naz me levou lá no nosso primeiro encontro, eu acho que você poderia

chamá-lo disso. Ele gostou milhares em pequenos pratos de comida e absurdamente caro champanhe. Ele teve de intimidar a equipe para obter uma

mesa porque as reservas são com semanas de antecedência.

"Uau," eu digo. "Como é que ele conseguiu uma reserva?"

"Quem sabe," diz ela, "mas nós nos apresentamos e havia uma em seu nome! Nós comemos, conversamos e rimos... e então voltamos para sua casa e dormimos."

"Você *dormiu*."

~ 78 ~

"Sim." Ela se vira para olhar para mim. "Nós dois dormimos. Foi a primeira vez na minha vida que eu dormi com um cara a noite toda, você sabe?

Sem sexo."

Eu realmente não sei o que dizer.

Melody Carmichael louca por meninos está em pé na minha frente, meio

nua, dizendo que ela manteve suas roupas na noite passada?

"Então vocês não fizeram, você sabe... isso?"

"Oh, pfft, claro. Fodi seus miolos no primeiro momento esta manhã."
Ela

ri.

Eu apenas balanço a cabeça.

Kimberly, do outro lado do quarto, bate um livro fechado e passa as mãos

pelo rosto.

Melody lança um olhar para a companheira de quarto, revirando os olhos, antes de se concentrar em mim novamente. "Então essa foi a minha noite.

Eu tive que fazer a viagem de volta aqui do Brooklyn desse jeito."

"Brooklyn?"

"Sim, tipo, Bensonhurst ou algo assim... Demorou *eternamente*... De qualquer maneira, eu vou tomar um banho rápido, não vá a lugar nenhum, ok?"

Ela não me dá tempo para responder antes de ir para o banheiro, deixando-me aqui. Eu sento em silêncio, distraidamente alisando e dobrando o

vestido para ocupar o meu tempo, enquanto Kimberly desloca as coisas em

torno de sua mesa, arrumando seus livros. Ela puxa um fora de sua bolsa, e eu

avisto a capa preta e branca. *História: Um guia definitivo.*

Eu tenho aquele livro, também.

"Você está tomando a classe de Rowan?"

A pergunta está fora da minha boca antes que eu possa até mesmo

convencer-me a não perguntar. Kimberly continua o que ela está fazendo

enquanto responde com impaciência, "Você se senta três fileiras atrás de mim."

"Oh."

Eu não notei.

Eu não presto atenção aos meus colegas.

Estive muito ocupada tentando passar despercebida.

"Ele é um bom professor," eu digo, não sei o que mais posso dizer em resposta a isso. "Melhor do que a maioria, de qualquer forma. Eu definitivamente tive piores."

Ela empurra a cadeira para trás, virando-se para olhar para mim. O grito

das pernas contra o chão silencia meu balbucio. A carranca ainda está sobre seu

rosto, mas é mais profunda agora, gravada com um tipo de raiva.

"Podemos não fazer isso?" Ela pergunta, fazendo sinal entre nós. "Você pode parar de tentar me envolver em conversas como se fossemos amigas para

que eu possa fingir que você não está aqui? Isso faria minha vida *muito* mais

fácil."

~ 79 ~

Eu pisco algumas vezes, recuando em seu tom. "Desculpa?"

"Você me ouviu. É ruim o suficiente que eu tenha que viver neste inferno

com aquela... *garota*, eu não preciso de qualquer mau carma que você traga em

cima disso."

Estou absolutamente espantada.

Ela realmente disse isso?

"Olha, você nem me conhece, então eu não tenho certeza do que eu fiz para te fazer..."

Ela ri, cortando-me, mas é uma espécie de riso maníaco, como se a garota

tivesse um pouco de Coringa nela que está morrendo de vontade de sair. Ela

está a três segundos de pintar sua cara de merda e ir atrás do Batman.

"Você não pode ser tão estúpida," diz ela. "Talvez você seja uma pessoa

legal, eu não sei, mas coisas acontecem quando você está por perto, coisas que

eu prefiro que não aconteçam na minha vida. Talvez seja uma coincidência, mas

talvez não seja, e as pessoas falam. A menina Reed, a última pessoa a ver o

Professor Santino vivo. A menina cujo namorado da companheira de quarto

desapareceu. A menina que foi baleada por um gângster louco o ano passado.

Essas coisas... não são normais. Isso não acontece com pessoas normais. Então,

por favor, leve qualquer bagagem que você tenha para outro lugar, porque eu

prefiro não ajudá-la a carregá-la."

Ela vira de volta, voltando direto para seus livros, como se ela não tivesse

apenas me atormentado com malditas brasas. Eu olho para ela, meu estômago

amarrado em nós. Eu sinto que vou vomitar.

Melody está de volta, então, retornando da chuveirada mais rápida que

ela já tomou, e está murmurando sobre algo. Eu não sei. Eu não estou ouvindo.

Eu não consigo me concentrar. Minha mente continua repetindo as palavras de

Kimberly.

As pessoas falam.

As pessoas falam sobre mim?

"Terra para Karissa!" Melody encaixa os dedos no meu rosto. "Jesus, menina, o que há de errado com você ultimamente? Você sempre parece tão

distante!"

Eu olho para ela.

Eu ainda não sei o que dizer.

Um toque quebra o silêncio, salvando-me de ter que inventar algumas desculpas. *O telefone do quarto*. Kimberly bufa, levantando-se e saindo, enquanto Melody agarra o telefone para responder. "Quarto 1313."

A chamada dura apenas um minuto antes de ela desligar, dizendo a quem

quer que seja ela estará lá em um minuto.

"Um pacote ou algo assim," ela me diz, mesmo que eu não tenha perguntado. Ela rapidamente termina de se vestir e escovar o cabelo. "Anda

comigo até lá embaixo?"

"Uh, sim... Eu devo ir indo, de qualquer maneira."

~ 80 ~

"Certo, você tem classe."

"Sim."

Melody continua seu murmúrio no caminho para o lobby. Pegou algumas

palavras – ela está entusiasmada sobre Leo. Eu sorrio e aceno, tentando ser uma

boa amiga. Mas isso é mesmo possível?

Eu não sei, honestamente.

Porque todas aquelas coisas que Kimberly mencionou?

Definitivamente não é uma coincidência.

"Você está bem?" Melody pergunta, agarrando meu braço para me parar

quando chegamos ao primeiro andar e sair do elevador.

"Sim, uh... eu não sei." Eu encolho os ombros, porque realmente, eu não

sei. Eu não sou uma idiota. Eu não sou estúpida. Eu conheço as pessoas

fofoqueiras. Mas eu nunca tive alguém trazendo isso tão descaradamente. "Você

ouviu...? Quero dizer, as pessoas realmente falam sobre mim?"

Melody olha para mim em confusão antes de sua expressão mudar, um olhar de conhecimento tomando seu rosto. Eu não chamaria isso de pena.

Melody não é o tipo de pessoa que tem pena de ninguém. Mas é solidário, como

ela soubesse exatamente o que quero dizer.

Como se ela tivesse ouvido rumores.

"As pessoas são idiotas," diz ela, acenando. "Eles gostam de inventar histórias como estas que acontecem em *General Hospital* e *Sonny Corinthos*.

Eu nem sequer lhes presto atenção e você também não deveria."

Mais fácil dizer do que fazer, eu acho.

Ela sorri, como se ela quisesse dizer o que ela disse, e eu sorrio de volta,

porque talvez ela queira. Independentemente disso, eu sei que não mereço uma

amiga como Melody. Ela está melhor sem Paul em sua vida, claro, mas isso não

me perdoa por fazer parte de sua ausência. Eu não coloquei um dedo nele,

pessoalmente, mas isso não me faz inocente.

Eu caminho com Melody para a recepção, onde ela tira sua identificação

da universidade. A senhora que trabalha lá, por sua vez, entrega um buquê de

lírios brancos. Melody grita excitadamente, me mostrando o cartão. Nenhuma

mensagem escrita nele, apenas as palavras: x2, Leo.

"O que eu te disse?" Melody diz, agarrando-as a ela. "Perfeito."

Deixo-a lá ainda deleitando-se com seu pós-encontro, dizendo-lhe que eu

preciso ir para a aula, mas eu ando em sentido oposto, em vez disso, indo para o

metrô. Eu raramente o pego para casa, porque está sempre tão cheio, mas estou

tão em minha cabeça que eu mal avisto os outros.

A porta da frente está trancada quando chego em casa, mas o carro de

Naz está no seu lugar habitual na entrada de automóveis, por isso acho que ele

não foi a lugar algum. Deixo-me entrar, indo para a sala de descanso, e o

encontro sentado atrás de sua mesa, lendo o jornal de hoje.

2 beijinhos

~ 81 ~

Estou começando a sentir um padrão.

Ele olha para cima quando entro. "Você está em casa mais cedo, de novo."

Eu me jogo no sofá, deixando cair minha bolsa a meus pés. "Isso é um problema?"

"Para mim? Não. Para você? Talvez."

"Por quê?"

"Todas estas aulas perdidas não pode ser bom para suas notas," ele diz.

"Então eu acho que vamos ver se é um problema quando o boletim chegar."

Eu rio disso. "O que você vai fazer, me colocar de castigo?"

"Não, mas eu poderia espancá-la."

"Promete?"

Ele olha para mim.

Ele não está rindo.

Seus olhos buscam meu rosto, procurando algo. Eu não sei o quê, mas

eu

não acho que ele vê, porque ele dobra o jornal e o deixa de lado, inclinando-se

para trás em sua cadeira para me olhar. "Venha aqui."

"Por quê?"

Ele levanta uma sobrancelha antes de se repetir. "Venha aqui."

Parte de mim quer resistir, simplesmente porque ele ignorou a minha pergunta, mas eu não tenho isso em mim no momento. Eu me levanto e ando

até onde ele está sentado, entrando entre ele e a mesa. Eu subo nela, sentando,

minhas pernas balançando. Ele continua a olhar para mim, como se soubesse

que algo está errado.

Provavelmente sim.

Ele não me pergunta se estou bem.

Ele não precisa.

"Você é linda," diz ele, "mesmo quando você não está sorrindo."

É tão fora do comum que eu não posso evitar sorrir para o elogio.

"Obrigada."

Ele balança a cabeça, suas mãos chegando para descansar em minhas panturrilhas. Ele acaricia minhas pernas pelo meu jeans. "Você quer falar sobre

isso?"

"Não particularmente."

Ele acena com a cabeça mais uma vez, e esse é o fim disso.

Suas mãos vagueiam mais para cima, acariciando minhas coxas, antes

que ele pegue o botão do meu jeans, facilmente abrindo-o. Eu silenciosamente

assisto quando ele puxa o zíper, sua mão escorregando para dentro. Meus jeans

estão apertados, mal lhe dando acesso, mas seus dedos ainda conseguem

encontrar meu clitóris.

~ 82 ~

Seus dedos são magnéticos, atraídos diretamente para isso.

Ele esfrega, e golpeia, trabalhando a magia instantânea, o tipo que faz meus dedos do pé enrolarem e minha pele formigar, incendiando meu interior.

Fecho meus olhos, inclinando minha cabeça para trás, conforme as sacudidas

minúsculas de prazer ondulam através de meu corpo, cursando acima de minha

espinha. Eu não sei como o homem faz isso, levando meu corpo de zero a

sessenta em meio segundo. Eu deito de volta na mesa, quase caindo da coisa

quando ele arranca meu jeans, puxando-os para baixo.

Um segundo é sua mão, no próximo é a língua dele, pressionando bem o

meu clitóris dolorido, provando-me enquanto me livra das minhas roupas. Eu o

ajudo, puxando-as para fora e lançando-as através do cômodo, não me importando que estou completamente nua e ele ainda está completamente

vestido em seu terno. Estendo-me para seu paletó, tentando ajudá-lo a

sair dele,

quando ele pega meus pulsos e os puxa para a mesa.

"Relaxe," ele sussurra. "Eu cuido disso." Quem sou eu para discutir?

Eu esqueci o que diabos eu estava prestes a fazer, de qualquer maneira.

Porque sua boca está em mim mais uma vez, lambendo e chupando, seus

dentes pastando em minha pele. Estou me contorcendo e gemendo enquanto ele

aumenta seu ritmo. Eu demoro eternamente para conseguir me aliviar, mas de

alguma forma este homem pode realizá-lo em segundos, como se o meu corpo

apenas *soubesse* que é tudo para ele. Eu posso sentir a pressão construindo e

construindo, mais rápido do que eu sei como lidar. Meu coração está

acelerando. Meus punhos estão apertando. Minhas costas estão arqueadas. Um

grito está crescendo no meu peito que eu tento engolir de volta, para manter-me

para baixo, mas não posso. *Não posso*. Eu solto um grito estridente e

estrangulado, enquanto o orgasmo rasga-me, fazendo minhas pernas tremerem

pela intensidade dele.

Estou ofegante, tentando respirar, meus músculos como geleia sob minha

pele. Abrindo os olhos, eu imediatamente encontro o olhar de Naz enquanto ele

permanece ali, inclinando-se sobre mim.

É quase instinto como eu enrolo minhas pernas em torno de sua cintura,

tentando atraí-lo mais perto, como minhas mãos alcançam ele. Sua expressão

séria racha com um pequeno sorriso, e ele agarra-me, puxando-me para fora da

mesa e sobre seu colo, ele se senta para trás em sua cadeira.

Eu estou montando ele.

Ele ainda tem todas as suas roupas.

As minhas estão Deus-sabe-onde.

Suas mãos começam em meus quadris e lentamente correm até minhas costas antes de escorregarem para frente. Ele espalma meus seios, seus polegares acariciando os mamilos, enquanto ele olha para mim.
Novamente.

Ele não faz nenhum movimento para levá-lo mais longe.

Nenhuma indicação de que isso está indo a algum lugar.

"Pelo que foi aquilo?" Eu pergunto, minha voz ainda ofegante.

~ 83 ~

Ele encolhe os ombros. "Você parecia que poderia aliviar um pouco de estresse."

Isso é um eufemismo, eu acho, mas certamente fez o truque. A tensão que

senti toda a manhã diminuiu. Eu quase me sinto à vontade sentada aqui com

ele. Apenas nós dois. Só eu e ele. Ainda está tudo lá, porém, no fundo da minha

mente, mas no momento eu deixo de lado a culpa por tudo isso.

Culpa é uma coisa feia.

Come devagar em suas entranhas.

Eu me pergunto como Naz faz isso, como ele passa seus dias sem sentir a

incômoda sensação profunda dentro dele, a realidade feia do arrependimento.

Porque ele fez coisas... inferno, muito mais do que eu já fiz. Ele terminou suas

vidas. Ele tirou futuros. Ele destruiu sonhos.

Inferno, ele quase *me* assassinou.

Mas ainda assim ele se levanta todas as manhãs e vai para a cama todas

as noites, e ele sobrevive as horas no meio sem nunca dar-se por vencido.

Ele está tentando ser melhor, sim, mas eu acho que, quando se trata disso, ele está fazendo isso por *mim*. Ele não está fazendo isso porque quer

arrepender-se por suas ações. Ele não está fazendo isso para compensar seus

pecados. Ele está fazendo isso não porque ele está cansado de ser o homem que

ele tem sido. Ele está fazendo isso porque acha que é o que *eu* preciso.

Ele quer ser um homem melhor para aliviar minha culpa por amar alguém como ele.

Um leopardo não muda suas manchas.

Foi isso que Giuseppe disse.

Você pode vestir um lobo em roupas de ovelha, mas o filho da puta ainda

vai te comer vivo se você deixar.

A mão de Naz se desloca para o colar em volta do meu pescoço. O

pingente fica baixo, quase entre meus seios. Ele enrola o pequeno cristal

redondo entre as pontas dos dedos, olhando para ele. "Você nunca tira isso."

"Não," eu sussurro, mesmo que ele não tivesse realmente falado como uma pergunta. Ele sabe que não. Ele vê isso em mim todos os dias. "Bem, quero

dizer, eu o tiro para tomar banho, e quando eu vou dormir, mas eu coloco-o de

volta ao amanhecer."

Ele me deu muito, mas o colar tem um significado especial. Ainda me lembro do dia vividamente, as palavras que ele me disse depois que ele prendeu

o colar em volta do meu pescoço.

Poderia ser assim o tempo todo, Karissa, a cada momento de cada dia.

Eu posso te dar o melhor de tudo. Você só tem que deixar.

Essas palavras ficaram comigo. Mesmo quando estávamos em desacordo

um com o outro, eu nunca esqueci o que ele disse. Porque naquela noite, pela

primeira vez na minha vida, eu senti realmente que valia alguma coisa. Eu senti

como se eu importasse, como se eu fosse alguém. E não é por causa de um

pedaço bobo de joia, embora, ok... é linda. É porque, mesmo se ele não tivesse

dito as palavras naquela noite, eu realmente me sentia *amada*.

Carpe Diem. As palavras estão gravadas no pingente de metal. Amanhã não é uma garantia. Nada é prometido. Então hoje? *Aproveite o dia.*

É assim que Naz vive sua vida.

É assim que eu quero viver com ele.

Ele olha para mim, soltando o colar. "Vamos lá para cima."

"Por quê?"

Ele levanta uma sobrancelha para mim... *novamente...* mas desta vez ele

responde a essa pergunta. "Porque você ainda parece um pouco tensa. Acho que

temos algumas perversões que podem funcionar, se você sabe o que quero

dizer."

Eu rio, segurando-o firmemente enquanto ele se levanta, agarrando-me.

Uma vez que ele está de pé, eu caio aos meus pés, empurrando para longe dele.

"Eu poderia ter carregado você," ele protesta.

"Pfft, e ter você destruindo suas costas, velho? Eu não penso assim."

"Ha-ha," ele diz, tentando agarrar-me, mas eu escorrego de seu aperto.

Rindo, eu me esgueiro pela entrada, indo para as escadas. Tomo dois degraus de

cada vez, segurando meus seios para que as malditas coisas não saltem, quase

sem fôlego quando eu chego ao quarto.

Eu posso ouvir Naz quando ele chega lá em cima, seus passos medidos,

metódicos, intencionalmente altos. O homem é muito bom em esgueirar-se, mas

ele está se certificando de que o ouça. Ele está me provocando.

A antecipação é uma cadela.

Ele desce o corredor, direto para o quarto, e faz uma pausa na porta.

Instintivamente, dou alguns passos para trás, em direção à cama.

"Você acha que é engraçada, não é?" Ele pergunta, dando um passo em minha direção, não hesitando quando eu recuo um pouco mais.

"Talvez."

"Talvez," ele repete, parando na frente da cômoda, abrindo a gaveta superior. Cada músculo dentro de mim congela, meu estômago em nós quando

ele puxa para fora um cinto de couro grosso. Ele o envolve em torno de seu

punho enquanto ele se vira para mim.

O olhar está em seu rosto.

Aquele olhar.

Já faz um tempo desde que o vi, que ele já me olhou assim. Desde que baixou a guarda e deixou o monstro sair para jogar.

É emocionante.

Excitante.

Aterrorizante.

Talvez seja doente que eu tenha sentido falta desse lado dele, mas eu tenho. Eu senti falta disso. Eu não tinha admitido isso nem mesmo para mim

até agora. Há algo excitante sobre viver na beira, sobre incitar o que eu sei que

ele mantém enterrado dentro dele. Ele não vai me machucar. Eu sei que ele não

vai. Mas ele é apaixonado e primordial. *Feroz*.

Ele se aproxima.

E mais perto.

E mais perto.

Eu recuo até que eu bato no o criado-mudo, preso ao lado da cama.
Naz

para em frente a mim, as pontas de seus sapatos pretos contra meus dedos

desnudos e não pintados, seu corpo quase pressionando contra o meu enquanto

ele se ergue sobre mim. Ele se inclina em minha direção, seu rosto

aproximando-se do meu, a leve barba em sua mandíbula esfregando-se contra a

minha pele.

Está silencioso.

Meu coração está acelerando.

O thump-thump-thumping é tudo que eu ouço.

"Eu ia pegar leve com você," ele diz, sua voz baixa. "Deita-la na cama e adora-la, todo o dia e toda a noite. Beijar e acariciar cada centímetro de você.

Prova-la com a minha língua até que você não pudesse mais aguentar. E então

fode-la, profundo e lento... Fazer você gozar uma e outra vez, até que tudo que

você pudesse fazer seria gemer e choramingar meu nome." Sua mão

livre, a que

não está agarrando o cinto, lentamente passeia ao longo da frente do meu corpo,

as pontas dos seus dedos roçando minha pele ruborizada. Ele corre a mão ao

longo dos meus seios antes de se estabelecer no meu peito, sobre o meu coração.

"Você gosta assim, não é? Gosta quando te faço sentir todo o meu amor."

Eu aceno, formigamento estourando por toda parte. "Uh-huh."

"E eu ia te amar direito, lembrá-la como é ser amada, ser idolatrada, ser

tratada como a rainha que você é. Eu ia fazer um amor *sério* com você, baby."

Eu solto uma respiração trêmula, e antes que eu possa sequer inalar novamente,

sua mão se desloca. É uma fração de segundo, apenas um piscar de olhos. Sua

mão está em volta do meu pescoço, apertando firmemente, enquanto ele me

puxa para ele, corando contra ele. "Mas agora eu acho que vou fode-la, em vez

disso."

Eu ofego enquanto ele me empurra para a cama, me lançando para que

eu esteja em meu estômago. Ele facilmente empurra-me como se eu não pesasse

nada, um braço serpenteando em torno de mim, debaixo de mim, e puxando

meu traseiro para o ar. Eu tento me adaptar rapidamente, minha visão se

desvanece com a adrenalina correndo pelas minhas veias. Eu empurro para

cima em minhas mãos e viro minha cabeça para olhar para ele em apenas tempo

suficiente para vê-lo amarrar o cinto.

Seus olhos se encontram com os meus.

Não pode ser mais do que alguns segundos.

Antes mesmo de perceber o que ele está fazendo, ele desliza o cinto para

baixo sobre a minha cabeça. Agarrando o fim, ele puxa, apertando-o ao redor do

meu pescoço como um colarinho.

Eu suspiro.

~ 86 ~

Ele aperta mais.

Oh, porra.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu tento agarrar meu pescoço, afrouxar o cinto, dar-me um pouco de ar

fodido, mas apenas aperta mais cada vez que me movo. Cinco segundos. Dez

segundos. Um minuto. Uma maldita eternidade. Meu peito está queimando,

meus olhos estão lacrimejando, e eu começo ferozmente a me mover,

levantando em meus joelhos. Antes que eu possa fazer muito para lutar com ele,

Naz está empurrando-me de volta para baixo contra a cama, seu

aperto no cinto

afrouxando. Eu inalo bruscamente, desesperadamente, mal capaz de respirar

antes que ele empurre dentro de mim duro, batendo o ar direto para fora de

mim novamente.

Eu grito enquanto a força de seus impulsos enfia meu rosto no colchão.

Ele segura o cinto solto, então eu posso sentir isso pressionando em minha

garganta, mas ele não corta meu fluxo de ar enquanto ele começa a me foder

brutalmente. Ele ainda está usando seu terno, e ele tenta puxá-lo entre empurrões, arrancando sua camisa aberta, mas não chega muito longe antes de

desistir. Sua mão que não está segurando o cinto segura em meu quadril

conforme ele me prende no lugar, me impedindo de me afastar.

Não que eu faria isso.

Não, hoje não.

Eu estou empurrando para trás contra ele, encontrando seus impulsos,

grunhindo conforme ele vai mais profundo e mais profundo, aniquilando uma

parte de mim enquanto ele ainda me constrói.

"Você fodidamente adora isso também, não é?" Ele pergunta, sua voz

baixa, tensa. "Você não precisa que a trate como realza para saber o que você

significa para mim. Eu posso foder você assim, foder você como se você não

fosse *nada*, e você ainda sabe que você é tudo para mim."

Quero lhe responder.

Quero dizer-lhe que é verdade.

Mas as palavras estão alojadas no fundo do meu peito, bloqueadas pelo

cinto pressionado contra minha garganta. Tudo o que pareço fazer através da

barreira são grunhidos e gritos e choramingos que soam como o seu nome,

enquanto ele me fode.

E me fode.

E me fode tanto que estou à beira de tentar implorar.

Implorar para ele parar.

Implorar para que ele continue.

Implorar para ele me foder até o esquecimento.

Implorar para ele me dar mais... mais... mais.

~ 87 ~

Eu não sei quanto tempo passa, ou quantos orgasmos rasgam-me, antes

que meu corpo inteiro comece a tremer, enquanto ele continua a empurrar

dentro de mim. Minha respiração é trabalhada, meu coração martelando duro,

como se algo dentro de mim parecesse quebrar e eu desisto. Paro de lutar. Eu

paro de me debater. Desisto e deixo que ele faça o que quiser. Meu corpo fica

mole na cama, enquanto o corpo de Naz fica tenso.

O cinto aperta ao redor do meu pescoço, cortando meu fluxo de ar mais

uma vez, enquanto outro orgasmo rasga meu corpo gasto. Naz empurra forte

algumas vezes antes de gozar, grunhidos ecoando de seu peito enquanto ele se

solta. No segundo que ele termina, ele para completamente, largando o cinto,

deixando-o cair.

Inspiro profundamente, desabando na cama quando ele puxa para fora.

Ele se senta lá atrás de mim, de joelhos, sem fazer um som nem se mexendo. Eu estou ofegante, ainda pegando minha respiração, conforme eu me

afogo no edredom suave. Puta merda, eu não consigo me mexer. Eu não consigo

fazer nada além de ficar aqui.

Meu corpo não é nada além de uma dolorosa bola de formigamento.

Estou completamente fodida.

Literalmente.

Figurativamente.

Quem realmente sabe?

Depois de um momento, Naz se dobra antes de alcançar e desfazer o cinto, puxando-o do meu pescoço. Ele sai da cama, e eu ouço seus passos

tranquilos atravessando o quarto.

Virando-me, eu olho para ele.

Ele me confunde com como ele parece tão imperturbável.

Sua camisa está aberta, claro, mas está apenas retorcida. Eu nem acho que ele suou. Como diabos é isso possível?

Ele tira o cinto antes de tirar cuidadosamente as roupas, jogando-as de lado, antes de se juntar a mim na cama novamente. Deitado ao meu lado, sua

mão faz o seu caminho para o meu pescoço, e eu fico tensa, mas ele não aperta.

Seus dedos ásperos acariciam suavemente a pele.

"Provavelmente eu não deveria ter feito isso," ele diz, o polegar acariciando minha garganta.

"Por quê?"

Minha voz está rouca, confusa.

"Porque," ele diz, seus olhos encontram os meus, "você provavelmente vai

ter que usar uma gola rolê amanhã."

Eu rio levemente, estendendo a mão para colocar a minha mão sobre a dele. "Sim, bem, eu temo não ter nenhuma dessas coisas. Eu não acho que

alguém tenha."

"Eu tenho."

~ 88 ~

Eu fico boquiaberta com ele. " *Você* tem?"

Ele balança a cabeça. "Uma preta."

"Eu, uh... o quê? Como é que eu nunca vi isso?"

"Porque eu não uso isso," diz ele. "Está em meu armário em algum lugar."

Eu fuzei aquele armário e roubei suas roupas.

Eu não posso acreditar que eu nunca notei isso antes.

"Por que não estou surpresa?" Eu murmuro. "Quero dizer, golas rolê estavam na moda há muito tempo... você sabe, quando você tinha a minha idade."

Ele aperta o meu pescoço, brincando enquanto ele olha para mim, e eu

rio. Ele fica tão exaltado quando eu aponto a sua idade.

"Continue," diz ele, "e eu poderia acabar espancando você antes que esse

dia acabe."

Revirando os olhos, eu me movo na cama, aproximando-me dele. Ele envolve seus braços em torno de mim, puxando minha cabeça em seu peito.

Nenhum de nós diz nada mais por um tempo. O silêncio atinge o quarto. Não

demora muito para que eu me perca na cabeça novamente, pensando em tudo.

"Você *alguma vez* se sentiu culpado?" Eu pergunto, eventualmente, curiosidade tirando o melhor de mim. Ok, talvez eu queira falar sobre isso.

"Culpado sobre o quê?"

"Tudo," eu digo. " *Qualquer coisa*."

Ele faz uma pausa antes de dizer: "Por que você está perguntando?"

"Eu não sei," eu digo. "Acho que estou pensando."

"Você está se perguntando se eu me sinto mal com as coisas que eu fiz."

"Sim."

Ele está quieto de novo.

Eu realmente não preciso que ele responda.

Esse silêncio me diz tudo.

"Se eu tivesse a chance, eu poderia fazer algumas coisas diferentes,"
ele

diz finalmente. "Mas a maior parte disso, eu provavelmente ainda
faria. Eu me

sinto culpado? Não, não realmente. Eu não acho que tenho em mim
para sentir

esse tipo de remorso."

Essa resposta não me surpreende.

É sobre o que eu esperava ouvir.

~ 89 ~

CAPITULO

oito

Ignazio

Joseph Gladstone.

Eles o chamam de Fat Joe.

Isso é tudo que eu realmente sei sobre o homem na minha frente – seu nome – mas é mais que suficiente. Armando desenterrou um endereço onde eu

poderia encontrar o cara, que – para sorte dele – acabou por ser credível. Eu

não sei quando ele nasceu ou de onde ele é, não sei se ele tem uma família ou se

ele vive sozinho, não sei quanto dinheiro ele tem ou se ele sequer tem algum no

banco. Não sei, e não me importo, porque no final do dia, não faz diferença.

Tudo o que importa, francamente, é que ele de alguma forma atravessou

o caminho errado, andou na linha errada, e ofendeu o homem errado.

Eu, especificamente.

Mas o pobre Joe ainda não sabe disso.

Ele não sabe que eu estou o observando.

Ele não sabe que eu estive seguindo ele.

Esperando o momento perfeito para atacar.

Ele caminha lentamente, como se não tivesse onde estar, como se não tivesse medo de nada nessas ruas. E talvez ele não tenha. Eu certamente não tenho. Mas ele deveria ter.

É quase meia-noite de uma quarta-feira. Karissa está em casa, na cama,

dormindo, alheia de que eu estou aqui, pegando velhos hábitos, rondando as

~ 90 ~

ruas. Se eu tiver sorte, ela não vai acordar até de manhã, nem vai saber que eu

deixei o conforto da nossa cama para vir aqui e fazer isso.

Fazer algo que eu disse a ela que eu não estava fazendo mais.

O tipo de coisa que os homens bons não fazem a outras pessoas.

Saindo do meu carro, eu silenciosamente fecho a porta, mantendo minha

cabeça para baixo enquanto eu sigo Joe na rua quase estéril. Ele anda por esta

rota quase todas as noites neste horário... toda vez que eu estive aqui fora, de

qualquer maneira. Não sei para onde ele vai. Eu nunca fico muito por aí para

ver. Ele deixa um pequeno apartamento de merda acima de um pequeno

mercado no Lower Eastside e corta algumas ruas laterais em seu caminho para

um parque perto do East River.

Hoje à noite, ele não vai chegar lá.

Ele corta o primeiro beco, e eu estou bem em seus calcanhares. Ele não

me nota nas sombras, não ouve meus passos até que seja tarde demais. Ele

começa a se virar, sentindo minha presença, palavras na ponta de sua língua

que mal rompem de seus lábios quando eu o bato.

Eu o soco.

Filho da puta, seu rosto machuca meu punho.

Isso o atordoa, mas ele não cai. Não é gordo, como seu apelido sugere, mas o homem é maciço. Isso o pega desprevenido o suficiente para me dar a

vantagem. Eu o coloco em um estrangulamento, cortando seu fluxo de ar,

estrangulando-o.

Ele luta.

Ele é forte.

Eu mal posso manter meu controle sobre ele.

Ele agarra minhas roupas, tentando me bater, tentando se libertar. Seus

olhos incham, seu rosto ficando vermelho quando ele entra em pânico. Ele sabe

que está em apuros.

Um *monte* de problemas.

"Você tem sorte de eu não ter vontade de matar ninguém hoje," digo a ele

enquanto ele começa a desfalecer.

Uma vez que ele está frio, eu o deixo cair.

Ele bate no beco com força, batendo a cabeça no asfalto. Um sentimento

irritante me agarra, me provocando, me incitando a terminar com isso. A *matá*-

lo. Eu deveria. Eu poderia. Parte de mim, obviamente, quer. E enquanto olho

para ele, quase faço isso. Não seria difícil.

Nunca é tão difícil.

~ 91 ~

Eu apenas estou aqui para enviar uma mensagem. Para que eles saibam

que eu não estou abaixando a cabeça e aceitando isso. Se eu o quisesse, eu

poderia tê-lo, mas por esse patético covarde não vale a pena ficar com mais

sangue em minhas mãos.

Menos de um minuto e eu estou virando para caminhar me afastando,

saindo do beco. Faço alguns passos, não mais do que dez, antes de ouvir algo

atrás de mim, o som de um motor em movimento.

Um carro está puxando para o beco na outra extremidade.

Eu lanço um olhar rápido nessa direção. É todo preto, pequeno... parece

um BMW. Não consigo perceber muito na escuridão. As luzes estão apagadas.

Ele está tentando não ser visto.

Eu apresso meus passos enquanto eu viro de volta, precisando sair.

Mal dou mais cinco passos, quase até o fim do beco, quando outro

carro

aparece na minha frente, tão perto que tenho que fazer um rápido recuo, alguns

passos para trás, para evitar que ele bata em mim. Meu coração para de bater no

meu peito, para igual o carro preto com as luzes apagadas e janelas escuras de

frente para mim.

Estou bloqueado.

E eu sei isso instantaneamente.

E estou puto.

Estou fodidamente puto.

Porque eu não era o único me esgueirando esta noite.

Não era o único observando, perseguindo, esperando o momento perfeito.

Eu estou puto que eu não peguei isso mais cedo, que eu não percebi que

eu estava sendo seguido, também.

Eu congelo exatamente onde estou, deslizando minhas mãos em meus bolsos enquanto eu olho para o carro, não deixando transparecer o fato de que

estou alarmado. Nunca deixe que eles vejam o seu medo... é a regra número um.

E não é que eu tenha medo. Não, eu não tenho.

Eu não temo a morte.

Eu já morri muitas vezes antes.

Eu sou um gato com nove vidas e eu já estou na número doze. Estou

vivendo em tempo emprestado. Quando a morte quiser me levar, vai me levar.

Mas eu estou tão puto que estou fora do meu jogo, puto que eu não poderia ser capaz de matar quem está no carro antes que eles possam me matar,
e isso é apenas inaceitável.

~ 92 ~

Se eu morrer, você pode ter a maldita certeza de que estou levando todos

ao meu redor também.

Todo mundo que poderia tentar ir atrás *dela*.

Três das portas do carro abrem – ambas da frente e uma traseira. Três homens saem, parando onde estão, protegidos pelas portas. Eu não reconheço

nenhum deles, não que eu esperava. Parecem como os cascas-grossas típicos

que circulam em nossos círculos, vestidos todos de preto, uma jaqueta de couro

jogada em alguns. Cabelos escuros, traços escuros... Italianos, obviamente, ou

perto o suficiente para passar como um. Eu não vejo nenhuma arma, mas isso

não significa que eles não estão carregando.

Homens assim não saem de casa sem uma arma.

A quarta porta abre depois de um momento, outro homem aparece. No

segundo que eu coloco meus olhos nele, uma sensação de familiaridade bate em

mim.

Filho da puta.

Eu o conheço.

Ele está mais velho do que eu me lembro, mas acho que também estou muito mais velho. Já passaram quase duas décadas desde que cruzamos

caminhos, uma vida inteira, mas nunca esqueceria o rosto desse fodido.

Eu entendo agora, por que eles o chamam de *Scar*.

Eu quase rio do absurdo disto.

Uma grotesca cicatriz irregular percorre todo o lado direito do seu rosto,

cortando pelo olho. Ele é descolorido, um tom de azul mais claro do que o outro.

Ele está cego nesse olho, tem estado por tanto tempo desde que eu o conheço,

mas isso nunca ficou em seu caminho. Seus outros sentidos compensam isso.

Ele é um filho da puta furtivo.

Ele deveria ser.

Eu ensinei-lhe muito do que ele sabe.

Ele aprendeu a sobreviver assistindo-me.

Ele passeia em minha direção... perambulando, realmente. O bastardo não tem um pinga de medo ou alarme escrito nele em qualquer lugar. Seus

olhos escorregam através de mim quando ele se aproxima, e ele para trezentos

metros à minha direita, hesitando, enquanto seu olhar se aproxima de

mim,

como se ele estivesse me medindo. Ele está *avaliando*.

Ele passa por mim, então, andando pelo beco atrás de mim. Eu não movo

meu corpo, mas eu viro a cabeça, observando enquanto ele se aproxima de Joe

deitado no asfalto, sangrando de onde bateu na cabeça.

"Seu amigo?" Eu pergunto.

~ 93 ~

Lorenzo balança a cabeça enquanto ele se ajoelha ao lado do cara. "Ele ainda está vivo."

Ele olha para mim enquanto ele diz isso, levantando a sobrancelha.

"Por hoje," eu digo.

"Por hoje," ele repete, voltando-se para Joe. Balançando a cabeça novamente, ele se levanta e começa a vir em minha direção. "Faz muito tempo,

Ignazio."

"Faz."

"É bom te ver."

"Gostaria de poder dizer o mesmo."

Ele ri daquilo.

Não estou surpreso.

A maioria das pessoas provavelmente o achará encantador, até mesmo atraente, apesar da cicatriz em seu rosto. Ele pode ser tão carismático, tão

manipulador, que eles ignoram. Mas eu? Conheço um predador

quando vejo

um. Posso encontrar a dois quilômetros de distância. Não há nada inocente

sobre o cara, nada inofensivo sobre suas intenções. Ele atrai você direto em sua

teia com toda a intenção de prendê-lo para sempre.

Por muito tempo, se ele decide deixar você viver.

Eu disse a Karissa antes que eu não era a coisa mais perigosa lá fora, e eu

não estava mentindo. Porque ele? Aquele que eles estão chamando de Scar? Ele

pode ser o pior do grupo.

Lorenzo Gambini.

Quando Genova disse que era do sul, ele quis dizer isso.

Flórida.

Kissimmee.

"Oh, não seja assim," Lorenzo diz, parando ao meu lado novamente.

"Somos amigos, não somos?"

"Eu não tenho amigos."

"Nenhum mesmo?"

"Nenhum, e você sabe disso," eu digo. "Não há amigos neste negócio, só

há pessoas que precisam de você, até que chegue o dia em que eles não precisam

mais de você."

Ele sorri para isso. "Sempre o cínico."

"Mais como realista."

"É bom ver que você não mudou," ele diz, me dando um tapa nas costas,

com força, fazendo-me dar um passo com a força dele. Meu cabelo se arrepia em

resposta, minhas mãos apertadas em punhos em meus bolsos. Se ele não parar

de me tocar... "Mas eu ainda acho que você e eu podemos ser amigos... ou pelo

menos o tipo de pessoas que precisam umas das outras para o longo prazo. Você

me entende?"

Eu entendo ele.

Eu entendo exatamente o que ele está dizendo.

Ele pode mascarar isso em palavras bonitas como ‘*amigos*’, mas eu não

sou um idiota.

Ele quer que eu faça algo por ele.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo.

"Eu não sou de nenhuma utilidade para você," eu digo. "Eu não estou mais no negócio."

Ele ri ainda mais quando ele se desloca pelo beco. "Para mim parece como se você ainda estivesse trabalhando... Ou, espere, isso é pessoal... Mais

buscas por vingança? Por favor diga-me, quem matou sua esposa desta vez?"

Nem sequer penso nisso.

No segundo que eu ouço essas palavras, eu reajo.

Eu me aproximo dele, mas ele é rápido, como se ele esperasse essa reação

de mim. Inferno, ele provavelmente esperava. Ele dá um passo para trás,

segurando as mãos para cima defensivamente, conforme eu pego a frente de sua

camisa, puxando-o de volta para mim. Em um instante, as armas são engatilhadas, todos os três caras montando guarda mirando e apontando.

Lorenzo olha para mim, parecendo mais divertido do que qualquer coisa,

enquanto eu luto para evitar bater nele na cara.

"Mal-humorado," ele diz, erguendo minhas mãos dele. Ele endireita a camisa, suavizando as rugas dela. Ele não está vestido como os outros. Está

vestido como se não fosse ninguém. Jeans e uma camisa. Torna mais fácil

misturar-se em multidões dessa forma. Casualmente, Lorenzo move para os

caras, dizendo-lhes para abaixar suas armas. Eles ouvem sua ordem silenciosa,

sem hesitação. "Você sempre teve um pouco de temperamento, Ignazio."

"Corte as besteiras," eu digo a ele. "Diga-me o que você quer de mim."

Ele dá de ombros, dando alguns passos para trás. "Eu lhe disse... eu só quero que sejamos amigos, mas se você não quer ser meu amigo, que assim

seja."

"Então, o que, você vai me matar? Se esse é o seu jogo final, Lorenzo, eu

estou aqui. Não há motivo para adiar. Você me pegou, mas faça agora, se você

está indo fazê-lo, porque eu não estou jogando esses jogos com você."

~ 95 ~

Ele ignora isso, virando-se para voltar para o carro. Parando pela porta,

ele olha para mim, sua expressão séria pela primeira vez desde que saiu da coisa

minutos atrás. "Você me disse algo há muito tempo atrás, algo que ficou comigo.

Você disse, 'se você não está ao meu lado, você está apenas no meu caminho.'

Então, eu fiquei ao seu lado, Ignazio, e você vai se lembrar bem disso."

Ele entra no carro, fechando a porta. Segundos depois, os outros seguem

o exemplo. O carro puxa para fora do beco, disparando para acelerar pela rua

conforme o carro no lado oposto do beco faz o mesmo, desaparecendo.

Eu não hesito.

Eu já estive aqui por muito tempo.

Mais um pouco e Joe estará acordado.

Agachando a cabeça, saio rapidamente, voltando para o meu carro. Eu saio do bairro, minhas mãos enluvadas apertando o volante com força, meus

nódulos machucados pela tensão. Eu tenho a metade da mente para seguir

Lorenzo agora, para matá-lo em seu sono por sequer pensar em falar comigo

dessa maneira, por sequer pensar em me encurralar, mas eu sei que não posso.

Eu não deveria.

Ele está de guarda. Ele está cercado.

Não há como me aproximar dele.

Não esta noite, de qualquer forma.

Além disso, ele poderia ter me matado, mas ele não fez, o que significa

que ele quer algo de mim, algo para fazê-lo valorizar a minha existência, mas

não estou iludido de pensar que tem algo a ver com sentimento. Apesar do que

ele poderia alegar, Lorenzo também não tem amigos.

Ele não iria derrubar uma lágrima se eu morresse.

Ele nem hesitaria em puxar o gatilho.

É depois da uma da manhã quando eu chego em casa. Eu piso levemente

indo para dentro, certificando-me de ser quieto, mas o cão me ouve quando eu

passo pela porta. Ele aparece bem ali no foyer, o pelo eriçado, um grunhido

baixo roncando em seu peito.

"Não comece comigo," murmuro enquanto me dirijo para sala de

descanso, tirando minhas luvas, jogando-as em minha mesa. Ele me segue,

parando na porta. "Eu lidei com bastante merda hoje à noite. Eu não preciso de

você me incomodando em cima disso."

"Eu ou o cão?"

Sua voz está próxima.

Muito próxima.

Eu nem notei ela aqui.

~ 96 ~

Meus olhos olham para o outro lado da sala, onde Karissa está sentada no

sofá na escuridão. Seus pés descalços estão apoiados na mesa de café enquanto

ela come um pequeno pote de sorvete de Ben & Jerry, usando nada além de uma

camisa muito grande.

"O vira-lata," eu digo, dando uma volta e sentando-me ao lado dela.
"Eu

me casei com você, então é meio que seu trabalho me dar um tempo difícil."

"Bom saber." Ela aponta sua colher para mim antes de pegar uma colherada grande de qualquer que seja o sabor com chocolate que é ela está

comendo. "Você foi esteve fora por um tempo, eu acordei e você sabe... você não

estava aqui. Não tinha certeza para onde você fugiu."

"Eu não esperava que você acordasse," eu admito. "Tinha algo para cuidar."

"E você cuidou disso?"

"Eu cuidei."

Ela balança a cabeça e continua a comer o sorvete.

Ela não me pede para elaborar.

Não pergunta nada mais sobre onde eu estive.

Posso sentir a tensão, no entanto. Eu senti isso saindo dela desde ontem,

quando ela chegou em casa. É como uma parede em volta dela, uma que eu não

sei como eu deveria romper.

"Eu vou te dizer," eu digo, "se você realmente quer saber."

Ela para de comer, lentamente puxando a colher de entre seus lábios.

"Eu

sei que você vai."

Ela ainda não pergunta.

Garota esperta

Suspirando, ela descarta a colher no pote quase vazio e o coloca na mesa

de café. Empurrando a camisa sobre seus joelhos, ela levanta as pernas no sofá,

envolvendo seus braços ao redor delas. Ela põe a cabeça sobre os joelhos,

olhando em minha direção. Seus olhos são cautelosos enquanto me examinam.

"Talvez devêssemos nos mudar."

"Se é o que você quer."

"Mas eu quero que *você* também queira."

"Tenho o que quero," eu digo. "Eu tenho você, eu não poderia me importar menos onde vivemos, se é aqui em Nova York ou no meio do mundo.

Então se você quiser se mudar, nós vamos nos mudar. Eu vou para

onde você

for. Fim da história."

Não sei se ela gosta da minha resposta.

~ 97 ~

É verdade, sim, mas não ajuda com a sua decisão.

"Existe algum lugar onde possamos ir onde eu vou ser capaz de dormir a

noite toda sem você sair para *lidar com as coisas*?"

Eu encolho os ombros. "Alasca."

"Alasca?"

"Eu nunca sairia da casa, é muito frio lá, minhas bolas podem se encolher."

Ela ri.

Sua risada é a que eu amo.

É macia e feminina e completamente genuína.

"Isso seria trágico."

"Nem me fale. Eu meio que preciso delas."

"Bem, sempre há Nevada, Califórnia, Ohio, Flórida."

"Flórida não."

"Não?"

"Eu não sou um fã."

Ela me olha com cautela novamente. "Talvez devêssemos ficar aqui."

"Se é o que você quer."

"Eu não sei," diz ela. "Não sei o que quero."

"Deixe-me saber quando você descobrir."

Ela revira os olhos, levantando-se e pegando o pote. "Eu vou ter certeza

de fazer isso."

Estendendo a mão, agarro seu braço, parando-a antes que ela possa se afastar de mim. "Estou *tentando*, Karissa, não sei o que mais posso fazer."

"Eu sei," diz ela. "Não é isso."

"Então, o que é?"

Ela hesita, como se estivesse pensando em não responder, antes de soltar

um suspiro resignado. "Você acha que sou uma má pessoa?"

De tudo no mundo que ela poderia ter dito, isso não estava nem na minha

lista de possibilidades. Eu estou atordoado de até mesmo ouvi-la perguntar isso.

Ela? Uma pessoa *má*? "Claro que não. Por que você pensaria isso?"

"Porque estou aqui."

Sua resposta é automática.

Sua expressão de pânico diz-me que ela não queria dizer isso em voz alta.

~ 98 ~

"Porque você está comigo," eu elaboro para ela, "e porque eu sou um homem mau."

"Não, eu não quis dizer—"

Eu a puxo para mim, silenciando-a antes mesmo que ela possa tentar se

explicar. É inútil. Eu sei o que ela quer dizer. Eu não preciso que ela mude de

opinião sobre seus sentimentos. "Olha, eu não me desculpo por quem eu sou, ou

pelo que eu fiz, mas nada disso é um reflexo sobre você. O fato de você me amar

não faz você ser *como* eu."

"Mas e se eu *for* como você?"

"Você não é."

"Mas—"

"Você não é," eu digo de novo. "Você ama um pecador. Na verdade, isso a

torna uma santa."

Ela sorri, inclinando-se para me beijar suavemente. "Vou para a cama, Naz."

"Essa é a sua maneira de sair dessa conversa?"

"Talvez," ela diz, antes de sussurrar, "boa noite."

CAPITULO

nove

Karissa

"Vocês sabiam... e isso pode ser chocante... mas Napoleão Bonaparte não

era baixo?"

Algumas pessoas murmuram em resposta à declaração de Rowan, mas a

maioria, como eu, está apenas ouvindo em silêncio. Embora eu lhe dê crédito,

ele é um professor mais interessante do que a maioria, não há muito que ele

possa fazer para nos excitar sobre as Guerras Napoleônicas.

"Ele tinha realmente, pelas medidas modernas, apenas tímidos um metro

e setenta, então ele era tão alto quanto eu sou," ele continua. "O rumor provavelmente começou por algumas razões, uma delas é que ele foi

listado

apenas como um metro e cinquenta e sete no seu certificado de óbito,
mas essas

eram medidas francesas. Ele estava realmente acima da média de
altura de seu

tempo, mas ele se cercou de guardas muito mais altos. Isso apenas o
fez *parecer*

mais baixo... Fascinante, não é?"

Fascinante?

Não é a palavra que eu usaria, mas o que quer que o alegre.

A classe acabou, tecnicamente, e as pessoas ao meu redor estão

guardando as coisas para sair, mas o professor ainda está falando,
claramente

apaixonado pelo assunto.

"Para a próxima terça-feira, eu gostaria de um artigo sobre por que sua
altura importa, duas páginas, espaços duplos!"

Isso recebe uma reação de todos, mas não é uma boa.

Honestamente, eu não sei por que isso importa.

Curto, alto, grande, pequeno... não o torna menos babaca.

As pessoas já estão jorrando para fora da porta quando eu deslizo meu

livro de história em minha bolsa. Minha atenção está fixada três
fileiras na

minha frente, para o pesadelo ruivo guardando suas coisas. Ela olha
ao meu

~ 100 ~

redor, fazendo questão de nunca olhar *para* mim, talvez, como se
nossos olhos

não se encontrarem, ela pode fingir que eu não existo no mesmo plano que ela.

É infantil. Ridículo. *Grosseiro*.

É provavelmente exatamente o que eu faria no seu lugar.

Eu sou quase a última a sair da sala de aula hoje. Está estranhamente quente, e eu tenho suado toda a manhã. Provavelmente não ajuda que eu estou

vestindo um lenço preto grosso.

Era a única coisa que eu tinha para cobrir a leve contusão ao longo da minha garganta. Eu tentei usar maquiagem, mas bem, eu nunca fui boa em

combinar tons de pele. Era como desenhar um maldito olho de boi no meu

pescoço.

Então a opção era o lenço.

Dando uma volta para fora, eu pauso na frente do edifício, considerando

minhas opções. Eu tenho outra aula em pouco mais de uma hora, então, como

de costume, eu tenho um pouco de tempo a perder.

Honestamente, eu meio que quero apenas ir para casa e dizer ao inferno

com isso.

Eu não estou realmente certa do que está acontecendo comigo, se as pessoas estão em minha cabeça ou se eu estou exausta demais para importar-me

realmente. Eu sinto que estou apenas passando por movimentos sem direção

real, não tendo ideia do que eu quero fazer quando eu crescer.

Eu devo escolher uma especialização em breve.

Estou longe de estar pronta para esse tipo de responsabilidade.

Casar-me foi um compromisso mais fácil.

Começo a me afastar, a fazer exatamente isso – *ir embora* – quando

vislumbro Melody à distância, indo para a sala de aula. Ela não está sozinha

hoje, não... alguém está bem ao lado dela, segurando sua mão.

Leo.

Eu fico onde estou, esperando, enquanto eles se aproximam.

Jesus, ele é ainda mais bonito de perto.

Melody percebe que estou esperando aqui e caminha em minha direção,

arrastando Leo atrás dela. Ele ri, parecendo confuso por um momento, antes de

me notar também. A confusão desaparece de seu rosto, substituída por algum

tipo de compreensão que me diz que ele sabe exatamente quem eu sou sem

precisar de uma introdução.

Ele recebe uma, embora... Melody se certifica disso.

"Kissimmee!" Ela me puxa para um abraço, ainda segurando Leo, então

estamos em algum estranho abraço de triângulo assombroso que só Melody iria

achar que é aceitável. "Este é Leo... Leo, esta é minha melhor amiga, Karissa."

"Prazer em conhecê-la," diz Leo, estendendo sua mão livre em minha

direção. Olho fixamente para ela por um momento antes de apertá-la fracamente. "Eu ouvi muito sobre você."

~ 101 ~

"Eu estava com medo disso," murmuro, afastando-me.

Melody ri, cutucando-me. "Foi tudo bom, prometo."

"Foi," Leo concorda.

"Bem, nesse caso, é um prazer te conhecer, também."

"Nós estávamos indo pegar um pouco de café," Melody diz, sorrindo radiante. "Você quer se juntar a nós?"

"Eu não deveria—"

"Você deveria." diz Leo.

Eu encolho os ombros, concordando, não quero ser rude. "Claro, eu acho."

Eu ando com eles os poucos blocos para o café, sentindo como uma merda de vela, conforme os dois andam de mãos dadas, melosos todo o caminho.

É bom, porém, vê-la tão feliz.

"Vou pegar as bebidas," diz Leo assim que chegamos, soltando a mão da

Melody. "Vocês duas nos achem alguns lugares."

"Eu posso pegar o meu," eu digo.

"Bobagem," ele responde.

Bobagem.

Ouçõ aquela palavra todo o maldito tempo. É uma das favoritas de

Naz.

Eu começo a protestar um pouco mais, porque ele não precisa comprar

meu café quando ele nem me conhece, e além disso, não estou inteiramente

certa de como Naz se sentiria sobre outro cara pagando algo para mim, mas

Melody puxa meu braço, puxando-me para uma pequena mesa ao lado, não me

deixando lutar contra isso. Eu resmungo, deslizando na cadeira em frente a ela,

dizendo algo sobre pagar-lhe de volta que ela ignora completamente.

Típico.

"A propósito, eu totalmente arrasei no teste no outro dia," diz ela. "Só fodi uma questão."

"Filosofia?"

"Sim."

"Viu? Você estava preocupada por nada."

Ela encolhe os ombros, balançando a cabeça ao mesmo tempo, como se

ela estivesse concordando, mas não quisesse admitir que eu estava certa. Leo

retorna então, equilibrando dois cafés e um pequeno chá de menta de chocolate.

Ele coloca o chá quente na minha frente e eu olho para ele enquanto ele se

instala em seu assento ao lado de Melody.

"Algum problema?" Ele pergunta hesitante. "Isso é o que você bebe aqui,

certo?"

"Sim, é," eu digo, olhando para ele com desconfiança. "Como você sabia?"

~ 102 ~

Ele parece surpreso com a minha pergunta e apenas olha para mim, enquanto Melody entra, acenando. "Ele disse há dois minutos que ouviu muito

sobre você, o que significa que ele provavelmente já ouviu *tudo* sobre você. Nós

viemos aqui algumas vezes, eu mencionei como você bebe essa coisa de mijo

chocolate."

"Oh."

"Talvez eu tenha mencionado também o quanto você costuma usar esse

lenço," diz ela, indicando em minha direção. "Jesus, está tipo, trinta malditos

graus hoje, você não está com calor?"

Alcançando, eu corro meus dedos ao longo do lenço. "Não."

Estou mentindo. *Obviamente.*

Estou suando como uma porca.

O calor que irradia de minha bebida certamente não está ajudando.

Parece uma sauna neste lugar.

Ugh, acho que posso inventar uma febre...

Ela encolhe os ombros, como se ela acreditasse no que estou dizendo, e

volta sua atenção para Leo. *Graças a Deus.* Sento-me em silêncio, observando

os dois conversarem, uma facilidade natural entre eles enquanto falam e riem.

Eu não bebo minha bebida. Eu realmente não sei por quê. O pensamento de

fazê-lo quase me enjoa.

Quinze minutos.

Eu não sei.

Eles estão encerrados em uma bolha de qualquer que seja o inferno que é

que está irradiando fora dos dois. Eu não sei se eu chamaria isso de amor, uma

vez que ainda é tão novo, mas certamente há uma saudável dose de luxúria se

misturando com algo maior. Algo mais.

Inferno, talvez *seja* amor.

O que eu sei?

Eu me apaixonei no momento em que eu coloquei os olhos em Naz fora

da sala de aula de Santino.

Eu não sabia disso na época, mas aconteceu.

Acontece.

Então talvez tenha acontecido com eles, também.

Um telefone tocando quebra o momento, o som de Tupac atravessando o

café. *Amtionz Az a Ridah*. Meus olhos se instalam imediatamente em Melody,

mas ela não faz nenhum movimento para responder ao que está tocando. Não,

ao seu lado Leo chega ao bolso, tirando um iPhone dourado. Ele olha para a tela,

franzindo a testa, antes de apertar um botão na frente. A canção

instantaneamente para quando ele traz o telefone para sua orelha.

"Sim."

Estou surpresa.

Absolutamente espantada.

~ 103 ~

Alguém além de Melody ainda está curtindo Tupac.

Essa sempre foi a coisa dela.

"Você fez isso?" Eu pergunto calmamente, acenando para seu telefone,

enquanto ele se afasta de nós, não se levantando, mas definitivamente abafando

sua conversa. Não que isso importe, você sabe, considerando que tudo o que ele

está fazendo é concordar com o que a pessoa na linha está dizendo.

Uh-huh.

Sim. OK. Certo.

Ele é tão malditamente... agradável.

"O que?" Melody pergunta, olhando para mim antes de rir. "Oh, não...

não fui eu. É realmente como nos conhecemos, se você pode acreditar. Eu estava

passando por ele, um dia na Washington Square. Seu telefone começou a tocar.

Eu comecei a cantar. O resto é história."

"Oh, eu imaginei que você o tivesse conhecido na aula ou algo assim."

"Não, ele não vai para NYU."

"Onde ele vai?"

Ela ri. "Onde quer que ele queira ir, eu acho, já que ele não está na faculdade."

"Então, o que ele faz?"

"O que ele quiser," diz ela. "Agora mesmo, ele está apenas trabalhando com seu irmão."

"O que o irmão faz?"

"Oh, uh... Eu não sei, é uma empresa familiar ou algo assim, ele só está

fazendo biscates para ganhar um pouco de dinheiro."

Muitas bandeiras vermelhas estão subindo. Eu estou surpresa que eu ainda posso ver através delas.

Isso tudo soa familiar... tão, tão familiar.

Ele está praticamente desempregado, fazendo *biscates* para ajudar a *família*, mas ele pode pagar uma refeição no Paragone? Ou ele é um bebê de

fundo fiduciário com um coração de ouro ou suas transações não estão exatamente na linha.

Ugh, eu não sei o que pensar. Ele não poderia ser, poderia?

"Tudo bem, tudo bem, sim... me dê alguns minutos." Leo desliga o telefone, colocando-o no bolso. Seu foco gira de volta para nós, e ele sorri, mas

há algo errado a respeito dele. Eu não sei se estou apenas sendo paranoica

depois de tudo o que aconteceu, ou se ele está realmente atuando da maneira

que eu penso. De qualquer maneira, meu cabelo se eriça quando olho

para ele.

"Senhoras, eu odeio partir, mas eu tenho algumas coisas que eu preciso lidar

com o meu irmão."

Melody franze o cenho. "Te vejo mais tarde?"

"Claro," ele diz enquanto está de pé, inclinando-se para pressionar um rápido beijo em sua testa. "Eu vou te ligar." Ele se vira para mim, balançando a

~ 104 ~

cabeça. "Que bom finalmente te conhecer, Karissa. Nós vamos ter que sair outra

vez."

"Sim," eu digo. "Tenho certeza de que vai acontecer."

Ele se foi, simples assim, dando um breve olhar para trás antes de desaparecer.

Melody suspira uma vez que ele está fora de vista. "Então?"

"Então?"

"Então, o que você acha?"

O que eu acho?

Não sei se é algo que ela está aberta a ouvir.

Ainda não, de qualquer maneira.

"Eu acho que você gosta dele," eu digo, "muito mais do que eu já vi você

gostar de qualquer um."

Seu sorriso cresce. "Eu acho que você está certa."

"Quanto você realmente sabe sobre ele, quero dizer... quem é ele,

realmente?"

Uma nuvem de confusão ocupa seu rosto. "O que?"

"Só estou dizendo, você sabe, você não o conhece há muito tempo..."

"Parece que eu conheço, no entanto," diz ela, encolhendo os ombros.
"É

como se eu o conhecesse toda a minha vida. Há tanta coisa sobre ele que

parece... *familiar*."

"Eu conheço o sentimento," eu murmuro.

"Eu não estou tentando soar clichê ou o que quer que seja, mas quando

eu o olho, eu sinto como eu estivesse olhando para mim mesma... como, uma

parte de mim. Você sabe?" Ela ri. "Ugh, eu pareço um maldito romance de

Nicholas Sparks."

"Ele realmente escreve tragédias," eu assinalo. "Eles chamam de romance, mas alguém geralmente sempre morre, e certo como merda não é

onde isso está indo..."

Eu não acho, de qualquer maneira.

Ugh, Deus, por favor, não deixe que seja.

Eu não quero que nossas vidas sejam uma maldita história de Nicholas Sparks.

"Mesmo?" Ela faz uma careta. "Como isso é romântico?"

"Eu não sei, acho que pode ser, se você está morrendo por alguém que você ama, ou alguém te ama mesmo sabendo que você vai morrer. É altruísta,

sacrificar-se por outra pessoa, então alguém que você ama não tem que sofrer

tanto quanto eles poderiam de outra forma."

"Uau, isso é..." Ela pausa. *Amoroso? Compassivo? Nobre? "Mórbido."*

Mórbido.

~ 105 ~

"Essa é uma maneira de dizer isso." Eu rio. "É como a *Tábua de Carneades*."

"O plâncton de quê?"

"A *Tábua de Carneades*," repito. "Jesus, você está em seu quarto semestre de filosofia e eu ainda sei mais do que você faz sobre isso." Ela faz uma careta, mandando a língua.

"É um experimento mental," eu continuo. "Se duas pessoas estão naufragos e há uma tábua flutuando na água, grande o suficiente para segurar

apenas uma pessoa, então só uma delas vive, quem a pega?"

"Kate Winslet," ela diz imediatamente. "Você não viu o filme? Olá, DiCaprio antes de ter um corpo de pai, lembra?"

Eu rio. *Titanic*. Claro que sua mente foi lá. A minha também.

"E você não achou isso romântico?" Eu pergunto. "O fato de que ele deu a

ela, que ele a deixou ter, sabendo que ele iria morrer na água pelo o que fez?"

"Foi *estúpido*," diz ela. "Eu teria empurrado aquela vadia direto para fora

e tomado isto."

"Não, você não teria."

"Uh, sim, você viu Dois é bom, três é demais? O filme? Absolutamente terrível. Nós todos teríamos sido melhores se ela não estivesse por perto para fazer isto."

Eu olho para ela. Ela está falando sério? Não sei se ela está falando sério.

"Você sabe que não era ela, certo?"

"É claro que era."

"Não, era Kate Hudson, não Kate Winslet."

Ela não concorda comigo. "Qual é a diferença?"

Qual é a diferença?

Sério?

"Elas são pessoas diferentes," eu digo. "Como, nem sequer são a mesma pessoa."

"Você tem certeza?"

"Uh, sim... positivo."

"Huh... e qual estava em Quase Famosos?"

"Hudson."

"Bem, o que diabos Winslet fez?"

"Muito," eu digo. "Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças, por exemplo."

Sua sobrancelha enruga. "Isso não é um livro do Dr. Seuss?"

"Eu só..." Eu acho que ela está falando sério. Tipo, honestamente *sério*.

"Eu nem sei o que dizer a isso."

"Eu também não," diz ela. "Mas você sabe, como o Dr. Seuss disse, todos

nós cometemos erros, então eu acho que nós podemos perdoar os dela."

"Eu não acho que ele disse isso," eu assinalo. "Eu não acho que o Dr. Seuss disse que *todos nós cometemos erros*."

"Como você sabe? Ele está vivo há mais de cem anos... Tenho certeza de

que ele provavelmente disse isso em algum momento."

Há tanta coisa errada com o que ela está dizendo que eu não tenho certeza por onde começar, então eu nem me preocupo em tentar corrigi-la. Não

é como se fosse importante, de qualquer maneira. Nós começamos assim fora

do tópico que eu não posso recordar o que o inferno nós estávamos falando para

começar com isso.

"Eu devo ir indo," eu digo a ela, empurrando minha cadeira para trás para levantar-me. "Eu vou chegar atrasada para a aula se eu não sair daqui."

"Buuu... você tem certeza que você não pode faltar? Nós mal conseguimos

sair mais."

"Eu faltei a última vez," eu digo, "e um dia na semana passada."

"Bem, o que você vai fazer este fim de semana?"

"Eu não sei... o de costume, eu acho."

Sentar em casa.

Fazer nada.

"Vamos sair," ela diz, sua expressão brilha. "Nós podemos ir para

Timbers, vai ser como nos velhos tempos! Oh meu Deus, eu acho que é mesmo

noite dos anos oitenta!"

Eu quero discutir.

Eu tento argumentar.

Eu tento dizer-lhe que é a pior ideia do mundo, nós duas irmos para

Timbers novamente, especialmente na noite dos anos oitenta. Lembro-me do

que aconteceu na última vez, e embora as coisas tenham funcionado desde

então, eu certamente não quero uma repetição daquela noite. Mas ela não me dá

uma chance, não me deixa falar, ela está me ignorando. Ela já está de pé,

planejando, me dando um rápido abraço enquanto corre para a saída.

"Eu ligo para você," ela diz excitada. "Eu não posso esperar!"

Suspirando, eu a vejo desaparecer do café. Pegando minha bebida ainda

quente e intocada, caminho até a lata de lixo, despejando a coisa. Pena, você

sabe, desperdiçá-la, mas eu tenho uma sensação no fundo do meu estômago que

não consigo espantar.

Se Naz me ensinou alguma coisa, é que às vezes as coincidências não são

realmente coincidências.

Às vezes elas estão *orquestradas*.

~ 107 ~

Toda a minha vida foi o caos enquanto eu crescia.

Novos lugares, novos rostos, nunca a mesma coisa duas vezes.
Estávamos

em fuga desde o dia em que nasci até o dia em que finalmente bati
meu pé e me

mudei para a cidade, querendo nada mais do que realmente
experimentar Nova

York. Eu desejava estabilidade. Eu estava desesperada para encontrar
algo meu.

Eu tenho isso agora.

Tenho essas coisas.

Tenho permanência. Eu tenho um lugar para chamar de casa.

Tenho uma rotina.

Mas às vezes, eu percebo, isso é realmente foddidamente maçante.

Não me interpretem mal... Eu amo a vida que estamos construindo.

E, Deus me ajude, eu certamente amo Naz, também.

Mas há algo a ser dito sobre previsibilidade, sobre raramente ser

surpreendida. Naz tornou-se uma criatura de hábito. Inferno, talvez
ele fosse

sempre assim. Eu não sei. Mas quando volto para casa da aula, ele está
sempre

aqui, sentado na sala de descanso, lendo o jornal do dia. Ele está
sempre usando

o mesmo terno preto. Seu cabelo sempre parece o mesmo. Ele nunca tem a TV

ligada, nunca escuta música, o que ok, é provavelmente uma coisa boa se o que

ele for ouvir é *Hotline Bling*.

Mas ele nunca se cansa das coisas sempre sendo as mesmas?

É como se eu estivesse vivendo o *efeito do ciclo repetitivo*.

"Alguma coisa interessante hoje?"

Seu olhar chega até mim quando eu faço essa pergunta antes de ele voltar

para seu jornal.

"Mais do mesmo," diz ele. "Políticos corruptos... evasões de impostos...

ameaça de bomba em uma escola. Um pub pegou fogo no distrito dos açougues.

Os Rangers de Nova York estão realmente indo bem. Um homem atirou no

marido de sua amante em Harlem. Oh, e um cara foi encontrado inconsciente

perto de East River."

"Impressionante," eu digo.

Ele fecha o jornal, dobrando-o, e joga-lo diretamente na lata de lixo ao lado de sua mesa. "E você, algo interessante aconteceu hoje?"

Deixo minha bolsa no chão ao lado do sofá. "Eu conheci o novo namorado da Melody."

"Ela tem um novo namorado?"

Eu olho para ele com incredulidade.

E ele *me* acusa de não prestar atenção.

"Uh, sim, lembra? Ela estava aqui se preparando para o encontro dela."

"Lembro-me," diz ele. "Eu só não sabia que era tão sério, você pode ter um encontro sem estar em um relacionamento. Na verdade, eu levei você

~ 108 ~

algumas vezes antes que você fosse qualquer coisa mais para mim do que

apenas um encontro."

"Eu nunca fui um *encontro*," eu digo a ele enquanto me abro no sofá. "Eu

era mais um alvo."

"E eu fui bem sucedido, não é?"

"Depende de quem você perguntar."

"Estou *lhe* perguntando."

"Então, claro." Eu abro minha bolsa para puxar meu dever de casa para

fora. "Você foi."

"Uma e outra vez."

Eu balanço a cabeça, decidindo não responder a isso.

Eu conheço uma insinuação sexual quando ouço uma.

Ligando a TV para ter algum tipo de ruído de fundo, eu pego minhas coisas da aula de História e me acomodo para escrever meu trabalho, para

acabar logo com isso, antes que eu me esqueça. Napoleão Bonaparte, ditador de

tamanho médio com um inferno de um complexo. Percorro algumas seções do

meu livro, quase cochilando com o texto aborrecido, antes de recorrer a

pesquisá-lo em meu telefone, procurando algo mesmo remotamente interessante.

"Então, me fale sobre ele."

"Uh, ele provavelmente não estava com medo de gatos, mesmo que algumas pessoas parecem pensar assim," eu murmuro, percorrendo algum site

Wikidepia, "e Deus nos ajude, mas aparentemente ele escreveu um romance ou

algo assim."

Naz está em silêncio por um momento. "Ele escreveu um romance."

"Sim," eu digo. "Ou eu acho que é mais uma história curta, já que tem apenas vinte páginas. Eu não sei, eu nem sei o que fazer com essa informação."

"Eu também não," diz Naz. "E estes gatos que você está falando são literais, ou você está falando metaforicamente sobre bucetas?"

Uau.

Isso atrai minha atenção.

Eu pisco algumas vezes, olhando para Naz. "O que?"

"Ele tem medo da buceta?"

"Oh, uh..." eu faço uma careta. "Eu vou dizer não, desde que ele gerou algumas crianças."

Isso parece surpreendê-lo. "Ele tem filhos?"

"Sim, um casal."

"E Melody está bem com isso?"

"Melody, por que ela se importaria?"

"Bem, ele é o namorado dela, não é?"

~ 109 ~

Minha testa enrugou. "Do que você está falando?"

"Do fato de que as crianças são um grande negócio," diz ele. "Sem ofensa,

mas isso não parece o tipo de responsabilidade que sua amiga está preparada

para assumir."

Eu apenas olho para ele.

Ele olha de volta, esperando por algum tipo de resposta sobre Melody criando filhos. *Sim, certo.* Eu nem sei como ela mantém-se consigo mesma.

"Acho que estamos falando de duas pessoas diferentes aqui," eu digo eventualmente. "Estou falando de Napoleão Bonaparte, estou pensando que não

é a quem *you* se refere."

Ele ri. "Não. Você disse que conheceu seu namorado hoje."

"Oh, sim, certo..."

"Por que está falando de Napoleão?"

Eu levanto meu livro e o pedaço de papel em branco, mostrando a ele.

"Eu tenho que escrever um artigo sobre por que alguém dá uma porcaria sobre o

quão alto ele era."

"Huh."

Huh.

Essa palavra pode ficar tão irritante.

"Você tem uma teoria sobre o porquê disso?" Eu pergunto. "Se sim, eu sou toda ouvidos."

Ele encolhe os ombros. "É tudo sobre percepção."

"Percepção."

"Sim," ele diz, levantando-se de sua mesa e dando uma volta pelo cômodo, para suas estantes de livros. "Sua baixa estatura fez dele uma piada,

uma caricatura em certo sentido... um homem pequeno compensando suas

falhas, tentando dominar o mundo. É difícil levá-lo a sério quando ele é visto

dessa maneira. Isso foi enfraquecendo. Ele é realmente intimidante se ele é

caracterizado como parecendo uma criança? *Difícilmente.*" Ele faz uma pausa,

examinando as colunas de uma fila de livros. "Mas é muito diferente quando

você descobre que ele era apenas um cara médio. Porque isso faz com que ele

seja menos uma criança de birra e mais um cérebro escondido em plena vista.

Seus inimigos não queriam isso. Eles não queriam que ele fosse levado a sério e,

ainda hoje, ele muitas vezes não é. Mas o fato é que Napoleão foi um dos

maiores líderes militares de todos os tempos, mas isso muitas vezes é ofuscado

pelo debate sobre sua estatura."

Lançando meu telefone na almofada ao meu lado, eu busco uma caneta

em minha bolsa. "Você quer repetir tudo isso para que eu possa escrevê-lo?"

"Tenho certeza que você pegou a essência disso."

Ele puxa um pequeno livro de sua prateleira antes de caminhar para onde

eu estou sentada. Ele bate-me na cabeça com ele, sorrindo, e deixa cair sobre

meu colo, direito em cima do meu papel.

~ 110 ~

Olho para a capa.

Clisson e Eugénie

Napoleão Bonaparte

Ele tem o livro.

Inacreditável.

"É realmente decente," diz Naz, pegando meu telefone da almofada para

movê-lo para fora de seu caminho para que ele possa se sentar ao meu lado.

"Você deve lê-lo."

"Vou manter isso em mente," eu digo, colocando-o no braço do sofá enquanto me concentro no meu papel. Não consigo nem mentir – escrevo

exatamente o que Naz disse, sem vergonha de usar suas palavras. Faz sentido,

afinal... a realidade é tudo uma questão de percepção. Vemos o que queremos

ver.

"Ele é bonito," eu digo depois de um tempo.

"Nós concordamos que ele não era baixo," diz Naz. "Bonito pode estar forçando a barra."

"Não, eu quero dizer o namorado da Melody." Eu rio. "Ele tem boa aparência... Tipo, *muito*, muito bonito, estou falando sobre o tipo bonito de capa

da GQ, é como, *uau*..."

"Se você está tentando me fazer matá-lo, tudo que você tem a fazer é pedir."

Suspirando, eu bato com o ombro em Naz. "Não é engraçado, eu nunca

diria. Eu só estou dizendo..."

"Você está dizendo que ele é bonito." Ele acena, como se ele realmente não se importasse com o que eu pensava sobre o visual do cara, mas eu posso

dizer pela expressão dele que ele se importa. Puta merda, isso é *ciúme* que vejo?

"Como eu disse, é tudo sobre percepção."

"Sim, é," concordo calmamente. "E sim, ele é bonito, mas ele é quase *muito* bonito, você sabe? E ele é esperto, e legal... *muito* legal... generoso..."

Seu tom é curto enquanto ele corta. "Eu entendi a imagem, Karissa."

Um sorriso puxa meus lábios. Definitivamente ciumento.

"Quero dizer, eu acabei de conhecê-lo, então eu realmente não o conheço," continuo, "mas há algo nele... algo que me parece familiar."

Naz se interessa, levantando as sobrancelhas. "Como assim?"

"Ele a levou a Paragone para o primeiro encontro deles."

"Lugar legal."

"Eu sei... foi lá que você me levou e gastou uma quantia impiedosa em comida exagerada. Tipo, muito mais do que uma pessoa deveria pagar, é

loucura. E ele a levou lá no último minuto, como você fez, de alguma forma

conseguindo pegar uma mesa... como você fez."

"Talvez ele conheça alguém."

~ 111 ~

"Como você conhecia?" Eu balanço a cabeça. "E ele trabalha para a família, é o que Melody disse. *Família*, E hoje ele recebeu um telefonema e teve

que sair rápido, teve que fugir para lidar com algumas coisas. Soa familiar?"

"Um pouco."

" *Um pouco*, minha bunda! Ele é praticamente *você*."

"Bobagem," Naz diz imediatamente. "Só há um de mim."

"Talvez sim, mas há muitos *como* você," eu rebato.

"Você está insinuando que ele está na máfia?"

Sua pergunta flagrante me para.

Eu estou?

É uma acusação séria.

"Eu não estou insinuando nada, só estou dizendo, você sabe... eu acho que é meio estranho, como ele sai do nada e faz essas coisas que me são

familiares, como, ele mandou flores para ela depois de seu primeiro encontro,

assim como você fez, ele insiste em pagar a conta, como você. Ela o vê por perto,

perto do campus, mesmo que ele não seja um estudante, como eu costumava te

ver."

"Você sabe, Karissa, há uma razão pela qual eu fiz todas essas coisas.

Porque são coisas naturais que alguém pode fazer nessas circunstâncias, nem

todos têm motivos ocultos."

"Mas às vezes eles tem."

"Às vezes," ele concorda. "E às vezes estamos apenas sendo

desnecessariamente paranoicos."

Ele soa tão calmo, de fato, como se eu estivesse sendo ridícula. E,

diabos... talvez eu esteja. Mas é difícil abalar a sensação de que há mais nisso

tudo do que parece.

"O nome dele é Leo," e o aponto. "Como *Leonardo*. Isso é italiano, certo?"

Um ligeiro sorriso transforma os lábios de Naz nessa pergunta. "Sim.

Assim como Michelangelo e Donatello são, é mais do que provável que seja uma

Tartaruga Ninja disfarçada."

"Ha-há. *Engraçado*. Só estou dizendo—"

"Você está dizendo que acha que ele está na máfia," diz Naz. "Olha, qual é

o sobrenome dele? Talvez esta *família* dele seja uma família que eu

conheço."

"Eu, uh..." *Merda*. "Eu não sei."

"Você não pensou em perguntar?"

"Não."

"Não pode estar muito preocupada com isso, então."

"Eu não estou preocupada," eu digo, revirando os olhos e elaborando quando Naz me lança um olhar de descrença. "Eu não acho que isso o torna uma

ameaça, ou que ele realmente tem segundas intenções, ou qualquer outra coisa.

Eu não estou preocupada com essa parte. Eu só estou um pouco preocupada

~ 112 ~

com Melody. Ela já passou por bastante com os caras. Depois do que aconteceu

com Paul, eu não quero que ela se machuque mais."

"Eu odeio contar isso para você, querida, mas isso não é algo que você pode controlar."

"Eu sei," eu digo. "Eu só acho que ela deve saber no que ela está se metendo, você sabe, e se ele *estiver* na máfia..."

"Então, o que? Você vai sentá-la para uma conversa franca?"

"Eu não sei... talvez?" Eu encolho os ombros. Eu não tenho ideia do que

farei se minhas suspeitas forem verdadeiras. "Talvez você pudesse falar com ele,

assustar o cara, para que ele não machuque minha amiga?"

O sorriso anterior de Naz irrompe de novo, com uma risada desta vez.

Ele

balança a cabeça, brincando com o meu telefone, passando os dedos pelas

bordas da capa rosa brilhante, mas não diz nada.

"Algo engraçado sobre o que eu disse?"

"Há muita coisa engraçada nisso."

"Como o quê?"

"Como o fato de que você quer que *eu* assuste um cara para longe da Melody. E não apenas qualquer cara... alguém que você suspeita que está

conectado."

"E?"

"Então você disse que me apoiava saindo, mas você ainda acha que eu tenho o mesmo tipo de atração que eu tinha quando eu estava *dentro*. Eu odeio

quebrá-lo para você, mas simplesmente não funciona dessa maneira. As pessoas

me ouviram porque eles estavam com medo das consequências se não o

fizessem. A desvantagem disso é, a fim de obter o meu ponto de vista, por vezes,

essas consequências tinham que acontecer. Tenho que ser um homem de

palavra. Então você quer que eu o assuste? Claro que eu faria. Mas se ele não me

ouvir, terei que apagá-lo."

Eu vacilo.

Ele percebe.

Um olhar de decepção atravessa seu rosto.

"Ameaças vazias só *me* matarão," explica. "Uma coisa é manter-se em silêncio no negócio e outra é fazer o tipo de promessas que não estou planejando manter."

Eu entendi.

Eu entendo.

Eu não gosto de falar sobre isso, mas eu sei que é verdade.

Ele está fora... tão fora quanto alguém como ele pode estar. Mas isso não

significa que ele está livre de suas próprias consequências. Não significa que as

regras ainda não se aplicam a ele.

É um jogo perigoso que ele costumava jogar.

~ 113 ~

Acho que, de certa forma, ele sempre terá que jogar. "Sim, eu acho que

nós não queremos isso," eu murmuro.

"Estou muito certo de que não," diz ele. "Além disso, Melody é uma adulta, ela não precisa de ninguém se intrometendo em seus casos. Então, a

menos que esse cara de alguma forma ponha em risco a *sua* vida, o que ele faz

para ganhar a vida não é da nossa conta."

Eu franzo o cenho, mas não respondo a essa afirmação, embora eu discorde inteiramente dela. Ela é minha amiga. Claro, ela tem que tomar suas

próprias decisões, mas isso não significa que não é meu negócio com quem ela

está se juntando.

Amigos cuidam uns dos outros.

Eu volto meu foco de volta para o meu papel, rabiscando um pouco mais

sobre percepção, antes de embalar minhas coisas e afastar tudo. Pegando o livro do

braço do sofá, a história de romance escrita por Napoleão. "Do que se trata isso,

afinal?"

"Um soldado se apaixona por uma mulher."

"Tem um final feliz?"

Ele olha para mim. "O que você acha?"

Acho que não, porque Naz apreciaria a tragédia muito mais do que ele iria desfrutar de um felizes para sempre. *Ficcionalmente, é claro.*

Eu folheio as páginas antes de me estabelecer, enfiando meus pés debaixo

de mim enquanto eu o abro no começo. Só me levará meia hora para lê-lo, então

por que não?

"Você não tem Nicholas Sparks em sua estante, não é?" Eu pergunto curiosamente.

"Claro que não," ele diz, sua voz tingida de nojo. "Embora, *Um Amor para Recordar* seja um filme decente, então eu poderia considerar a leitura

desse livro."

"Sério?"

"Claro."

Balançando a cabeça, murmuro: "Já nem sei quem é você."

"Sou o mesmo homem que sempre fui," diz ele, levantando-se. "Só um pouco menos preocupado com assassinato."

Eu faço uma carranca.

Novamente.

Naz começa a sair, mas para na entrada da sala. "Um conselho?"

"Uh, claro."

"Julgue-o por suas ações e não por suas suspeitas," diz ele. "Porque se a

única medida do valor de um homem é o que ele faz para ganhar dinheiro,

muitos homens bons serão julgados injustamente."

"Como você?"

~ 114 ~

"Não como eu," diz ele. "Não tenho certeza de quantas vezes eu tenho que

te dizer... Eu não sou um bom homem, Karissa, e por mais que eu tente, eu

provavelmente nunca serei."

~ 115 ~

CAPITULO

dez

Ignazio

A deli está mais uma vez aberta.

Na verdade, apenas realmente ficou fechada por um dia.

Os reparos estão em andamento, o que parece uma remodelação decente,

mas isso é o mais longe quanto isso vai. O vidro foi substituído, novas fechaduras e barras instaladas. Não há sinal néon fluorescente na frente,

chamando as pessoas, mas luzes brilham de volta na cozinha, então eu sei que

meu pai está aqui.

Ele provavelmente nunca saiu, francamente.

Desde que minha mãe morreu há alguns meses, seu coração parou em seu sono, ele ficou longe da casa que compartilhavam o máximo possível.

Eu não tenho ideia de onde o homem dorme, se é que ele ainda dorme.

Ele sempre dizia que iria dormir quando estivesse morto.

Do jeito que ele está indo, eu posso ver isso acontecendo.

Eu paro em frente ao local por um momento, verificando os reparos, antes de ir para o beco que leva atrás do edifício.

Eu não deveria incomodá-lo.

Eu sei que não deveria.

Ele não quer mais ver meu rosto.

Não posso dizer que eu o culpo.

~ 116 ~

Mas algo me atraiu aqui, cedo de manhã, o sol mal começando a subir.

Talvez seja alguma forma de masoquismo, onde eu consiga ter meu pai me

repreendo. É provavelmente doente, mas eu quase acho isso refrescante estes

dias, alguém que não tem medo de me dizer o que eles realmente pensam sobre

mim. Especialmente quando Karissa está sempre no meu ouvido, tentando me

convencer de que sou um homem melhor do que acredito.

Meu pai? Ele certamente não pensa assim.

Ele acha que sou um cruel pedaço de merda.

Ele vê o feio que ainda sangra de mim.

O feio que Karissa simplesmente não vê.

Ele me faz sentir como *eu*.

"Eu pensei que eu disse para você ir embora."

Sua voz é plana, sem emoção. Ele está encostado na parede de tijolos cheia de pichação, ao lado da porta traseira aberta, um sujo avental branco

amarrado à cintura. A fumaça de cigarro o envolve como nevoeiro enquanto ele

respira antes de deixá-la de volta para fora. Não tenho certeza quando ele trocou

os palitos de canela para os Marlboros... o mesmo tipo que ele fumava quando

eu era criança. Talvez tenha sido quando ele perdeu o amor de sua vida.

Talvez tenha sido quando comecei a voltar por aqui.

"Você disse," eu digo, parando no beco perto dele. "Eu não sou muito bom em ouvir."

Ele solta uma risada amarga. "Você nunca foi."

"Sim, minha mãe costumava dizer que herdei isso de meu pai."

"Você tem muito de mim", ele concorda. "Um vergonha que foi tudo de

ruim e nada de bom."

Eu aceno, não discordando com isso, e observo-o enquanto ele continua a

fumar. Ele puxa a fumaça no fundo, segurando-a nos pulmões antes de soltá-la,

saboreando cada respiração, apreciando a nicotina. Eu nunca entendi isso...

pegar um hábito que mataria você com tanta facilidade.

Mas hey, o que eu sei?

Eu matei pessoas para ganhar a vida.

Não há maneira mais rápida de você entrar na lista de convidados da Morte do que se intrometer em seus negócios e participar de seu jogo.

"Então, quando você começou a fumar de novo?" Eu pergunto curiosamente.

~ 117 ~

"Quando alguém tentou destruir o trabalho da minha vida," ele diz, fazendo sinal para o lado, na direção da parte de trás da deli. "Você descobriu

quem era?"

Estou surpreso que ele esteja me perguntando isso.

"Eu tenho uma ideia."

Ele dá outro trago no cigarro antes de jogá-lo para baixo e apagá-lo. "Sim,

bem, quando você encontrá-los, diga a eles que me devem dez mil. Tive que

raspar minhas economias para consertar tudo."

"Eu— "

Eu pagaria por isso.

Essas palavras ficam em meus lábios.

Eu sei melhor do que oferecer.

Ele não quer o meu dinheiro.

Ele ficaria ofendido com a oferta, e já ofendi o homem o suficiente.

"Eu vou ter certeza de dizer a eles."

Ele balança a cabeça antes de girar, puxando a porta da deli para entrar.

Ele bate contra o bloco de cimento quando ele fecha novamente. Ele não me

ofereceu um convite para me juntar a ele. Eu não esperava um. Mas isso não me

impede de fazê-lo de qualquer maneira, de agarrar a porta e entrar na cozinha

onde ele está.

Ele começa a trabalhar direto, cortando tomates. Estou quieto, quando me junto a ele, mas ele me ouve.

Me sente.

Conhece-me.

"Algo que você precisa de mim, Ignazio?" Ele pergunta, frustração

marcando sua voz. "Porque não me lembro de convidá-lo para conversar esta

manhã."

Ou qualquer manhã.

"Eu só queria verificar, ver como você estava."

Ele ri daquilo.

Ri.

"Você não veio aqui por anos. *Anos*. Você não se importava como eu

estava indo quando você estava correndo nessas ruas, causando problemas. Não

importava como isso afetava mais ninguém, quando você estava fazendo esses

inimigos. Porque devo acreditar que você de repente se preocupa agora?"

"Eu sempre me importei."

Ele se vira, usando a faca para apontar para mim. "Besteira. As únicas pessoas que você já se importou eram as pessoas que podiam fazer coisas para

você, então me diga, Ignazio... o que você precisa de mim?"

Minha pele formiga com essa acusação.

Eu não gosto.

Pode ser verdade, eu não sei, *mas parece* uma mentira.

Eu certamente me importo com Karissa. Talvez, no início, *tenha* sido sobre o que ela poderia fazer por mim, mas é mais do que isso agora. *Muito*

mais. Mesmo quando ela não estava me dando uma hora do dia, quando ela não

queria nada comigo, eu me importava com o que acontecia com ela. Eu me

preocupava com ela. E não porque eu soubesse que iria me destruir perdê-la...

porque iria. Não haveria volta. Mas quando chegou o momento, eu me preocupava por ela, por causa dela. Eu não queria que ela se machucasse. Eu

teria me sacrificado para ter certeza de que ela se afastasse incólume.

E eu fiz.

Eu a deixei ir.

Eu disse a ela para ir embora.

Mas ela voltou.

"Ela diz que você está diferente, você sabe," ele continua, virando-se para

continuar a cortar os tomates. "Eu tenho tentado ver isso... ver o que ela vê...

mas você não parece diferente para mim."

Eu quero dizer a ele que é porque ele não está olhando duro o suficiente,

mas isso é uma mentira e eu sei disso. O problema é que ele está procurando

mais do que Karissa. Ela pensa que eu estou diferente porque ela quer que eu

esteja. E eu estou tentando ser. Mas eu ainda sou eu.

Eu não posso ser ninguém *além* de mim.

Em algum momento, cada parte de mim se tornou cada parte *disso*. A

vida não é apenas algo que eu vivi... foi como eu *sobrevivi*. Infundiu-se em cada

uma das minhas células, infectando cada mitocôndria. Está em meu sangue e

em meus ossos, e a menos que você me drene e me rasgue em pedaços, você

nunca me livrará de tudo isso.

É como esperar que um homem sobrevivesse sem um coração batendo em seu peito.

Esperar que ele respirasse sem pulmões.

Esperar que ele lute quando ele não tem razão para viver.

É como esperar que um homem ainda seja um homem depois de tirar tudo o que faz dele quem ele é.

Posso ser bom para ela.

~ 119 ~

Posso até ser bom *por* ela.

Mas isso não significa que eu seja bom.

Meu pai sabe disso.

"Eu amo ela."

"Eu sei que você ama."

Essa não era a resposta que eu esperava dele. Imaginei que ele iria lutar

comigo sobre isso, dizer que eu não era capaz de amar ninguém.

"Você sabe?"

Ele balança a cabeça. "Descobri que você deve amá-la, já que ela ainda está viva."

Ouvi-lo dizer isso faz o meu peito apertar. "O que faz você pensar que eu

já planejei matá-la?"

Ele atira um olhar sobre seu ombro, seus olhos se estreitaram. "Eu nunca

disse que você fez."

Huh. Suponho que não.

Eu posso dizer pelo olhar de desgosto que atravessa o rosto dele que eu

acabei de dar uma parte chave de informação. Ele pensou que eu a levaria a

morte. Inferno, ele ainda acha que eu vou levá-la a morte. Mas até agora, ele

nunca percebeu que eu tinha afundado tão baixo que eu a teria matado eu

mesmo.

"As pessoas começaram a atirar e a primeira coisa que você fez foi jogá-la

longe do mal," ele continua, afastando-se de mim. "Então você ficou lá,

onde

eles puderam ver você, porque você sabia quem eles estavam atrás de você. Você

sabia que você era o alvo."

"Estávamos a salvo," eu digo. "Eu sabia que o vidro era à prova de balas."

"Não importa," diz ele. "Foi instinto, e não foi a primeira vez que isso apareceu. Você matou Angelo no ano passado. Você sempre disse que ele era um

pai para você... mais pai do que eu. Mas você o matou, por ela... você a escolheu

sobre quem você chamava de *família*. Você e eu... nós amamos de forma

diferente. Mas isso não significa que você não a ame, a sua própria maneira

torcida."

Isso quase soa como um elogio.

Quase.

"Eu me meti em algo," eu digo, "algo que eu não consigo sair."

Ele está quieto por um momento, continuando o que está fazendo. Quase

quero preencher o silêncio, tentar explicar, mesmo que saiba que não adianta

elaborar. Ele sabe o que quero dizer. Mas algo sobre o homem me faz sentir

~ 120 ~

como uma criança novamente, um garoto tentando se defender de um chicote

explicando tudo.

Nunca funcionou antes.

Não funcionaria agora.

Eu poderia tentar fazê-lo sentir simpatia pelo que eu estou passando, mas

eu nunca teria sucesso. A única coisa que eu poderia despertar é um pouco de

piedade.

Pena por eu ser patético, provavelmente.

Pena que eu não posso salvar minha própria bunda.

"Foi por isso que você veio aqui, Ignazio, algum conselho paternal?"

"Talvez."

"Então eu vou te dizer a mesma coisa que eu disse a Johnny todos

aqueles anos atrás," diz ele. " *Fuja.*"

A frieza corre através de meu corpo com essas palavras, começando no

topo da minha cabeça e fluindo direto para ponta dos meus dedos dos pés. Meus

dedos formigam, minha pele coça, pinos e agulhas em todo o meu corpo. "Você

disse para ele fugir?"

"Eu disse," ele diz calmamente, como se aquelas palavras não fossem

mais potentes do que como se ele estivesse contando a promoção de ontem da

deli. "Ele veio até mim, assustado, disse que ele estava muito profundo para

sair, e ele estava preocupado... não para si, mas por ela. Pela garota."

Carmela.

"Você sabia?" Minha voz é baixa, tão baixa que nem sei se essas palavras

saem. A raiva fria que flui através de mim faz meu corpo tremer.

"Você sabia o

que ele tinha feito para mim? Para minha esposa? Para o meu bebê?"

"Eu tinha uma ideia," ele admite. "Você ainda estava no hospital, você

não estava falando ainda, eu não achei que ele tivesse puxado o gatilho, eu não

pensei que ele poderia, mas eu pensei... eu suspeitava que talvez ele soubesse.

Talvez ele estivesse de alguma forma envolvido."

"Então você o ajudou?"

"Não, eu estava tentando *te* ajudar."

"Como? Como dizer para ele fugir estava me ajudando?"

Ele se vira, sua expressão em branco, como se ele não estivesse afetado

pela raiva na minha voz, a raiva que estou lutando realmente duro para conter.

Minha mãe, Deus descanse sua alma, nunca me perdoaria se eu roubasse aquela

faca de sua mão e a enfiasse através de sua garganta. "Porque eu não queria que

meu filho se tornasse um assassino. Era ruim o suficiente pensar que talvez

Johnny tivesse caído tão longe, mas você? *Meu filho*? Eu ainda tinha esperança

~ 121 ~

para você, então, eu esperava que você acordasse, e você percebesse o que essa

vida fez para você, o que ser *filho de Angelo* fez para você, e você iria embora

antes que fosse tarde demais."

Ele se vira de volta, voltando aos seus tomates, mais uma vez. Como se

essa fosse a sua maior prioridade aqui. *Tomates.*

"Olha quanto bem isso fez," diz ele. "Olhe para você agora."

A tensão amarga paira no ar.

Eu não tenho ideia do que dizer.

O que fazer.

Ray tentou me induzir à sua organização depois do que aconteceu. Ele disse que eu ganhei meu lugar. Ele disse que eu pertencia a eles. Em outra vida,

eu provavelmente teria hesitado, mas no mundo que eu acordei depois de

perder a minha família? Nada disso importava. Tudo o que me importava era

vingança.

Eu segui Johnny para a Flórida eventualmente, encontrei ele e Carmela

em um laranjal. Eu conhecia o lugar. Conhecia, porque tínhamos ido lá antes.

Os dois pareciam felizes, planejando suas vidas juntos, estabelecendo-se com a

ajuda de um *amigo da família*. Edoardo Accardi, ex-fiscal da família criminoso

de Genova. Ele se mudou para coisas maiores: para o mercado negro. Se você

queria algo, você ia para Accardi.

Eu disse a ele que queria Johnny.

Ele recusou meu pedido.

Percebi, rapidamente, que não havia amigos neste negócio.

Então eu matei o Accardi por isso... *entre outras coisas*.

Uma sensação de traição se instala em mim enquanto eu permaneço ali,

digerindo a memória. Isso me corta como meu pai fatia aqueles malditos

tomates. "Você devia convencê-lo a se entregar."

"Como se isso tivesse funcionado."

"Nunca se sabe."

Ele para o que está fazendo. "Diga-me uma coisa, Ignazio... você vai se entregar? Johnny matou uma pessoa em toda a sua vida. *Uma*."

"Era a minha mulher e o nosso bebê... ele matou o nosso filho!"

Ele olha para mim. "Duas, então! E eu entendo, não era certo, mas

quantas pessoas você matou? Quantas vidas você arruinou? Quantas famílias

você despedaçou? Estou me arriscando a adivinhar que é muito mais do que

ele."

~ 122 ~

"Mas essa foi a *minha* vida que ele arruinou. *Minha* vida que ele rasgou em pedaços."

"Ele matou a sua família, e isso é imperdoável, mas a sua vida, Ignazio?

Você arruinou você mesmo. Você arruinou fazendo exatamente o que eu

esperava que você não fizesse. Eu disse a ele para fugir, e ele ouviu, porque era a

única maneira de salvar sua família. Então eu estou te dizendo a mesma coisa...

você está em algo que você não pode sair? *Fuja.*"

Minha cabeça dói.

Isso fodidamente dói.

Nem sei mais o que dizer.

"Isso não funcionou para ele. O que te faz pensar que funcionaria para mim?"

"Provavelmente não," diz ele. "Mas isso deu-lhe alguns anos, não é?"

Eu balanço a cabeça – não que eu esteja discordando, porque fugir lhe deu quase duas décadas, mas porque eu não posso acreditar no que ele está

dizendo. Eu vim aqui para... inferno, eu não sei, mas não foi para *esta* conversa.

"Eu não sou um covarde," eu digo. "Eu não fujo."

"Então ande."

Eu rio, apesar da seriedade de sua voz. Esta conversa? Não é engraçada.

É francamente ridícula. Mas isso? Isso foi engraçado. "Como é que isso é

diferente?"

"Não é," diz ele, "mas afastar-se não faz de você um covarde. Isso faz de

você *esperto*. Continue assim e você vai morrer e ela também pode morrer. Você

sai, e você ainda morrerá... um dia, mas provavelmente não será assim

tão cedo.

Essa é a realidade... a realidade que *você* criou."

Acho que já tive o suficiente sobre isso.

"Bem, é bom saber onde você está," eu digo. "Eu provavelmente deveria

ir."

"Você deveria", ele concorda.

Não há *adeus*, não há um *veja você mais tarde*, nada, apenas o som de sua faca batendo na tábua de corte conforme eu dou meia volta e saio. É uma

manhã fresca, como se o outono finalmente estivesse em cima de nós, embora o

sol ainda esteja brilhando. Provavelmente, Karissa já está de pé, provavelmente

se perguntando para aonde eu fugi enquanto ela estava dormindo.

Levando uma lição do meu pai é provavelmente a última coisa que ela suspeita.

~ 123 ~

Pela segunda vez em tão pouco tempo, encontro-me neste lugar, esta antiga mansão de tijolos em Long Island, mais uma vez inquieto sobre isso.

Quando eu me tornei essa pessoa? O que me transformou nesse tipo de homem?

O tipo de homem que hesita em bater em uma porta.

Isso não sou eu.

Eu piso na varanda, dando uma breve olhada ao redor do bairro tranquilo.

Me preparando, eu bato.

A porta é aberta quase de uma vez, um jovem aparecendo. Ele é grande,

um pouco musculoso, e feio para completar. Um soldado de rua, eu acho. Eu fui

aquele garoto uma vez. Lembro-me de andar ao redor da casa de Ray, entregando recados, atendendo às portas.

"Preciso falar com Genova."

O garoto não diz nada, apenas acenando com a cabeça antes de fechar a

porta novamente. Eu olho para ela, meus olhos observando a pintura branca

lascada da madeira enquanto eu espero.

Um minuto depois, a porta se abre de novo.

Desta vez, o próprio Genova me cumprimenta.

"Vitale," ele diz, sua voz hesitante. Ainda é tão cedo que ele está vestindo

o que eu acho que é seu pijama, mas parece mais com algo que Hugh Hefner

pode andar por aí – camiseta branca, calças de seda e roupão combinando. Ele

está até mesmo descalço. Eu o peguei antes que ele estivesse pronto para

companhia. "Que bom que você tenha passado por aqui... inesperado, mas ainda

assim... *legal*. O que posso fazer por você?"

Sua voz me diz que minha aparição sem ser anunciada é nada agradável,

mas ele está tolerando, como eu imaginei que ele faria, porque sua curiosidade é

aguda. "Eu estava esperando que você pudesse separar alguns minutos para

falarmos."

"Sobre?"

"Coisas."

Eu não tenho que elaborar.

Não exatamente aqui, de qualquer maneira.

Ele sabe que *coisas* são o tipo de coisas de que não falamos em público,

então ele não tem muita escolha senão me convidar para entrar. Dando um

passo para o lado, ele sem dizer uma palavra sinaliza com a cabeça para eu

~ 124 ~

entrar. O som de algum tipo de ópera italiana flutua através do andar de baixo

conforme eu o sigo não para o quarto que nos encontramos dias atrás, mas em

vez disso um pequeno escritório no mesmo andar. É a fonte da música... está

muito mais alto aqui. Genova abaixa um pouco antes de tomar um assento em

uma cadeira de couro preto.

"Junte-se a mim," ele diz, fazendo sinal para outra cadeira alguns metros

em frente a ele. *Junte-se*. Aí está aquela palavra outra vez. "Diga-me sobre que

tipo de coisas você quer falar esta manhã."

"Meu pai tem uma deli," eu digo a ele. "É na Hell's Kitchen."

Sua expressão se ilumina. "Oh, é claro! Eu sei tudo sobre o Vitale's.

Melhor mozzarella que eu já experimentei. Ótimo local."

"Sim, bem, no outro dia tivemos um incidente lá."

De repente, sua expressão muda. "Que tipo de *incidente*?"

"Alguém atirou no lugar."

"Ah!"

Ah! Isso é tudo o que ele diz. Essa é a única reação dele.

"Eu conversei com algumas pessoas que me guiaram na direção de um cara que eles pensavam ser capaz de fazê-lo, então eu o confrontei..."

"Você o *confrontou*. "

Ele parece quase alarmado com aquela palavra.

"Ele ainda está vivo," eu elaboro, não querendo que ele pense que eu estou de alguma forma de volta ou querendo jogar seu jogo. "Mas depois do

nosso pequeno confronto, eu tive outro encontro... desta vez com o cara que

você chama de *Scar*."

Eu fico olhando para ele quando digo isso, na esperança de descobrir sua

reação, mas sua expressão permanece em branco. Nenhuma surpresa. Sem

medo. Nenhuma intriga. *Nada*.

"Que tipo de encontro estamos falando aqui?"

"Só mais ou menos uma apresentação."

Ou melhor, uma *reapresentação*, mas deixo essa parte fora.

Eu não estou pronto para dar todas as minhas cartas.

"Primeira impressão?"

Primeira impressão? A mesmo que eu tive há tantos anos. "Curioso."

"Curioso," ele ecoa, alcançando uma caixa de charutos em uma mesa
ao

lado dele, tirando um charuto. É longo, escuro, com uma etiqueta
marrom.

Cubanos, estou supondo. Ele sem uma palavra me oferece um, mas eu
aceno,

~ 125 ~

declinando. Ele acende o dele, tomando um sopro profundo antes de
continuar.

"Ele não vai ser um problema, não é?"

Talvez.

"Para mim? De jeito nenhum."

"E para o resto de nós?"

Conhecendo Lorenzo como eu acho que eu conheço? O resto deles está
ferrado. Tudo depende, porém... depende do que eu faço sobre ele.
Depende de

quão duro ele faz a vida para mim.

"Difícil dizer," eu respondo. "Ele está determinado, eu vou dar-lhe
isso."

"Parece que sim," diz ele, soprando seu charuto. Tem um cheiro forte.
Faz

o meu nariz contrair. "Ele tem causado muitos estragos, o tipo de
estragos que

chama a atenção para todos nós".

Isso ele tem.

Genova olha para longe, como se estivesse pensando nisso. Ele joga suas

cinzas diretamente no chão, deixando-as cair no tapete escuro. Tenho pena de

sua governanta.

"Diga-me, Vitale," ele diz depois de um momento. "Você está planejando

fazer algo sobre ele?"

"Estou pensando nisso," eu respondo. "Isso será um problema?"

"Para mim? De jeito nenhum."

Não escapa minha observação que ele está usando minhas palavras

exatas. Genova é um homem esperto. Você não pode simplesmente levá-lo pelo

o que ele diz... você tem que considerar como ele diz.

De pé, eu escovo as rugas do meu casaco do terno. Vim testar as águas.

Isso era tudo que eu realmente queria. Eu estendo minha mão para ele. "Foi um

prazer."

Ele pega minha mão, sacudindo-a. "O prazer tem sido todo meu. Se você

decidir lidar com seu pequeno problema, eu ficaria feliz em oferecer—"

Eu o corto antes que ele possa terminar o que ele está dizendo. Eu não quero nada dele. "Não se preocupe com isso."

Ele parece surpreso. "Tem certeza?"

"Lidar com isso beneficiará a todos, simplesmente chamaremos de

presente de despedida."

A surpresa em seu rosto só aprofunda com essas palavras. "Oh, indo a algum lugar depois de tudo?"

Eu encolho os ombros. "Estou ficando velho demais para tudo."

~ 126 ~

"Bobagem, Vitale... você ainda é jovem. Chegue a minha idade e depois

vamos conversar."

Eu não respondo a isso. Não há sentido. Assentindo meu adeus, viro-me

para sair, encontrando o jovem que estava no corredor lá fora. Ele me acompanha alguns passos atrás, seguindo-me até a porta da frente da casa.

Ele tranca no momento em que eu piso fora. Eu posso ouvir o fecho enquanto ele segura a porta, impedindo que qualquer pessoa possa entrar.

Genova sempre foi mais paranoico que os outros. Mais fechaduras. Mais

segurança.

Isso é provavelmente o porquê ele vive sozinho, porque ele nunca foi casado.

Ele não confia em ninguém o suficiente para ficar deitado ao lado dele quando está dormindo.

Pisando fora da varanda, eu dirijo-me a meu carro, mas meus passos paralisam enquanto eu me aproximo. Os músculos do meu corpo ficam tensos,

em alerta. A poucos metros, eu paro, as mãos nos bolsos da minha

calça preta,
segurando minhas chaves.

Alguém está empoleirado no capô do meu carro.

Não apenas qualquer um.

Lorenzo.

Inacreditável.

Ele se senta lá, relaxado, o pé direito apoiado na curva do para-choque
dianteiro, seus braços descansando em seu joelho. Ele está
descascando uma

laranja, puxando-a para fora e jogando seus restos diretamente na rua.

Meus olhos examinam o bairro, procurando por qualquer sedã preto
que

possa explicar os carros que encontrei na noite passada, mas a rua é
calma, nada

fora do comum. Ele parece estar sozinho.

Huh.

"Jogar lixo na rua é ilegal, você sabe."

Ele olha em minha direção quando digo isso, erguendo as
sobrancelhas.

"Agredir homens em becos é ilegal também... ou assim eu ouvi."

"É, mas o truque é ter cuidado. Os policiais nesta cidade estão sempre
procurando por uma razão para nos derrubar. Um lixo caído na
calçada pode

custar para alguém como nós dez dias na prisão."

"Você passa muitos dias na prisão?"

"Não," eu digo. "Eu sou cuidadoso."

Ele ri, voltando a sua laranja, e descasca outro pedaço, novamente jogando os restos na rua. Ele não está preocupado, nem um pouco. *Destemido.*

"Ah, a vida é muito curta para ser sempre cauteloso, Ignazio. Às vezes você tem

que se colocar lá fora e assumir riscos."

"É verdade, mas você tem que ser esperto sobre que tipo de riscos você toma."

Ele coloca um pedaço da laranja em sua boca, mastigando lentamente enquanto me olha. Eu não sei por que ele está aqui ou o que ele quer, e eu tenho

certeza que não vou conseguir uma resposta direta dele se eu perguntar. Ele está

jogando algum tipo de jogo, um jogo que eu não tenho vontade de jogar, mas ele

vai me forçar, de qualquer maneira.

"Você tem bolas," eu digo a ele. "Para estar sentado aqui, em frente a esta

casa, em plena luz do dia."

"Oh, você quer dizer o lugar do velho Genova?" Lorenzo sinaliza a mansão de tijolos. "Ele não vai fazer nada comigo."

"Como você pode ter tanta certeza?"

"Porque ele jurou," diz ele. "Tive um encontro com as cinco famílias na noite passada, ou bem, os quatro que ficaram." Ele atira um olhar em minha

direção que me diz que ele sabe exatamente o que aconteceu com a número

cinco. "Foi... e *sclarecedora*, eu acho que você poderia chamar assim.

Um bando

temperamental. Incendeie um pequeno prédio simples e eles começam a torcer

as calcinhas, mas eu consegui contorná-los... por agora."

O cabelo na parte de trás do meu pescoço se arrepia no jeito casual que

ele diz.

Um encontro com as famílias?

Não sei o que fazer com isso.

Não tenho certeza se *acredito* nisso.

Genova certamente não mencionou quando sugeriu que eu matasse o cara.

"Vamos, Lorenzo... nós dois sabemos que não é *tudo* que você fez."

"O que te faz dizer isso?"

"As ruas falam."

Ele pondera isso por um momento, continuando a comer sua laranja, pingando por todo o capô do meu carro. Quero agarrá-lo e arrancá-lo de lá,

bater seu rosto contra a bagunça e fazê-lo lamber, mas também gostaria de ir

para casa hoje. E mesmo que eu não consiga ver nenhum carro reconhecível ao

nosso redor, eu não estou totalmente convencido de que ele está aqui sozinho.

Ele é realmente *tão* descarado?

~ 128 ~

"Como você chegou aqui?" Eu pergunto curiosamente.

"Um amigo me deixou."

"Amigo," eu murmuro. "Você tem muitos desses, amigos?"

"Eu tenho dez deles," diz ele. "Onze, se estivermos contando você."

"Não estamos."

"Dez, então."

"E você tem certeza de que um deles não é Fat Joe?"

Sua resposta é imediata. "O rapper?"

"O homem do beco."

Seus olhos me procuram quando digo isso. Ele ainda está sentado

casualmente, como se ele não estivesse preocupado, mas há algo em seus olhos

agora, uma suspeita profunda, como se soubesse que estou na ponta de uma

acusação. "Você tem algo onde você está tentando chegar aqui, Ignazio? Nunca

pensei que você seria o tipo que anda em círculos. Apenas cuspa isso."

"Você mandou alguém atirar na deli do meu pai."

Ele balança a cabeça. "Não fui eu."

Dou um passo para ele, reagindo por instinto, mas consigo parar antes de

fazer alguma coisa. Sua negação range em mim, embora, enterrando-se sob

minha pele. É covardia. *Ridículo*. Se você está indo atacar um homem tão

pessoalmente, o mínimo que você pode fazer é tomar o crédito para o ato.

"Então eu acho que nada disso foi você, hein?" Os homens do Ray foram

escolhidos, um a um?"

"Não."

"Nem mesmo os homens que morreram no Cobalt? Aqueles que queimaram vivos naquela noite? Ainda não é culpa sua?"

"Agora, tudo bem, isso *fui* eu," ele diz, empurrando para longe do carro

para se levantar, estourando um outro pedaço de laranja em sua boca.
"Eu os

avisei primeiro, entretanto. Não é minha culpa que eles não me levaram a sério.

Acho que eles vão agora."

"Sim, os que sobreviveram."

Sua testa enrugada enquanto caminha em volta do meu carro, na direção da

porta do passageiro. "Não me diga que você tinha algum tipo de apego emocional a esse lugar."

"Eu passei muito tempo lá", eu digo. "Eu não diria que eu estava apegado,

mas chegou um pouco perto de lar para o meu gosto."

"Oh, bem, então nesse caso..." Ele levanta as mãos, sorrindo. "*Inocente.*"

~ 129 ~

Ele é um filho da puta mentiroso.

Eu sei que ele está sendo sarcástico, mas de nenhuma maneira eu acho engraçado.

"Wm minha defesa," ele continua, abaixando as mãos, "bem, você sabe,

não há realmente nenhuma defesa. Você sabe tão bem como eu que às vezes as

coisas só têm que ser feitas. Você já esteve lá."

Eu estive.

Ele sabe disso.

Eu sei isso.

Eu fiz mais do que minha parte justa de coisas ruins porque eu sentia que

era simplesmente o que tinha que ser feito. Eu nunca me incomodei em tentar

defender minhas ações. Eu não estou surpreso que ele não está se incomodando,

também.

"E sim, ok, talvez eu tenha escolhido um cara ou dois," ele diz, segurando

sua mão como uma arma e atirando. *Pow-Pow*. "Mas não tenho nenhuma razão

para te fazer de alvo, Ignazio."

Ele não precisa de uma razão, eu acho, e eu começo a apontar isso,

quando um barulho alto e desagradável quebra o ar em torno de nós. Meu bolso

vibra, e eu alcanço nele, agarrando meu telefone. A música... está vindo dele.

Merda.

A maldita banda de rapazes.

Eu silencio, pressionando o botão do lado, apenas para parar o chiado

irritante. O rosto de Karissa está aparecendo na tela, e por mais que eu odeie

fazê-lo, eu ignoro sua chamada.

Agora não é a hora para isso.

Deslizando o telefone de volta, eu olho para Lorenzo. Seus olhos estão largos, a laranja até a metade de sua boca, como se estivesse esquecido de tudo

por um momento.

"Isso era...?" Ele olha para mim. "O que *foi* isso? Eu quero mesmo saber?"

"Não," eu admito, "você não quer."

Ele balança a cabeça antes de atirar o que sobrou de sua laranja direto na

sarjeta ao lado do meu carro. Ele esfrega as mãos em suas calças pretas como se

elas simplesmente não importassem. Ele está vestido casual, seu botão azul

claro até meio aberto, expondo parte de seu peito.

Pelo menos não é jeans e uma camisa hoje.

"Ótimo ver você, como sempre," ele diz, assim que um carro preto chicoteia ao virar a esquina do quarteirão, indo em nossa direção. *Bingo*. "Nós

~ 130 ~

deveríamos nos reunir novamente em breve. Eu adoraria conhecer sua esposa.

Eu ouvi muito sobre ela."

"De quem?"

"As ruas falam, lembra?" Ele pisa fora da calçada atrás de meu carro assim que o sedan preto para ao nosso lado, bloqueando-me. "Além

disso, você

parece esquecer que eu conheci os pais dela uma vez que. Você não é o único."

Com isso, ele se foi, puxando a porta do passageiro e se agachando para

dentro antes que ele afaste. Eu olho para isso conforme ele acelera, meus olhos

varrendo a placa de licença da Flórida.

Não, eu não esqueci que ele conhecia seus pais.

Eu estava apenas esperando como o inferno que isso não surgisse.

~ 131 ~

CAPITULO

onze

Karissa

Short jeans de cintura alta.

Polainas rosa pastel.

Camisa combinando, caindo em meu ombro direito.

Sinto-me totalmente ridícula e completamente fora de lugar, embora, ok,

eu acabei de comprar estas roupas *hoje*. Estava tudo lá, na loja, esperando na

prateleira. Aparentemente os anos oitenta estão voltando.

Quem sabia?

Eu certamente não.

As roupas me cercam no meu quarto, algumas com as etiquetas ainda presas, outras arrastadas para cá do armário de Melody... ou de seu chão .. ou de

sua cama... ou de onde quer que tenham estado. Bastantes roupas loucas para

vestir uma dúzia de pessoas.

Eu tinha conseguido pegar o mais modesto conjunto do grupo.

O fraco hematoma em torno do meu pescoço está, em sua maior parte, desbotado. Eu mal posso vê-lo mais. Ninguém em torno de mim o mencionou,

nem mesmo Melody, que eu sei, de fato, que teria tocado o alarme se ela tivesse

notado.

Estou olhando para mim no espelho de corpo inteiro ao lado da cômoda

– outra de minhas compras hoje. O único espelho que Naz alguma vez teve neste

lugar era o pequeno no banheiro, e bem, digamos que Melody notou a última

vez que ela tentou se arrumar aqui. " *Ugh, não admira que você sempre seja*

tão... você, " ela disse, fazendo sinal para mim. "*Como você escolhe calças de*

manhã sem, você sabe, verificar seu traseiro?"

Não sabia como responder a essa pergunta.

Não tinha certeza se havia sequer uma resposta para isso.

~ 132 ~



Mas ainda assim, eu comprei um espelho esta tarde, porque ela tinha um

ponto em algum lugar lá, eu acho.

E tudo bem, eu tenho que admitir... minha bunda parece bem legal nesses shorts.

Parece maior do que costumava ser.

"Você tem alguma renda?" Melody pergunta, andando direto para minhas gavetas para percorrer minhas coisas. Ela começa com a gaveta

superior, atirando-me um sorriso afetado conforme ela arranca uma calcinha.

"Qualquer outra coisa além desta calcinha?"

Ela atira em mim, como se fosse um estilingue, antes de voltar para o resto das minhas gavetas e abri-las para encontrar nada que ela

queira.

"Não uso muito rendas," eu admito. "Coça."

"E?"

"E eu gosto de estar confortável."

Ela olha para mim novamente, fechando a última gaveta. "Às vezes temos

que sofrer pela moda, Kissimmee."

Eu faço uma careta. "Você, talvez. Eu vou passar."

Revirando os olhos, ela desiste de sua busca de rendas e mergulha na pilha de roupas espalhadas ao redor da minha cama, encontrando um par de

leggings com o verso de rendas no fim delas. "Ha!"

Aparentemente leggings estão de volta, também.

E calças harém³.

Calças Hammer⁴.

Melody comprou um par delas hoje.

Eu não sei o que há de errado com ela, honestamente.

Ela rebola fora da dita calça onde ela está ao lado da cama, jogando-a sobre a pilha, já lamentando essa compra, eu acho. Ela está colocando as

leggings, prestes a puxá-las, quando uma voz chama através do quarto.

Uma voz que não é *nossa*.

"Você—?"

Naz entra na porta, interrompendo a pergunta. Sua reação é automática,

sua expressão mudando para uma de surpresa conforme ele vira a

cabeça, longe

de nós, e fecha os olhos, levantando as mãos como para se defender de qualquer

que seja o inferno que ele tinha acabado de ver.

3

4

~ 133 ~

Melody está de calcinha.

Não sei por que, mas acho muito engraçado.

Eu rio, vendo sua angústia em entrar *nisso*, especialmente quando

Melody geme. "Nossa, Ignazio, nunca pensei que você fosse um voyeur."

"Eu posso te assegurar," ele diz, "essa era a *última* coisa que eu queria ver."

Melody zomba, as leggings finalmente colocadas e empurra-o de

brincadeira com seu cotovelo enquanto ela sai do quarto, indo para o banheiro

no corredor. Naz cautelosamente vira em minha direção quando ela se foi, suas

sobrancelhas levantadas quando ele se aproxima. Seus olhos varrem o quarto ao

meu redor, tomando a confusão absoluta, antes de se fixar no espelho. Ele

observa meu reflexo enquanto ele para ao meu lado, virando-se finalmente para

o lugar onde estou. "Outra aventura nos anos oitenta, eu imagino."

"Como você adivinhou?"

"Você parece com alguém que eu costumava me masturbar quando eu estava na minha adolescência."

Meu rosto se aquece, cor cobrindo minhas bochechas.

Os olhos de Naz me avaliam da cabeça aos pés, antes de assentar no pedaço de renda preta a meus pés. Ele se abaixa e pega. Não é até que isso está

em sua mão que ele percebe exatamente o que é. Seu rosto empalidece um

pouco enquanto ele sussurra, "Por favor, diga-me que isto é seu."

"Claro que é."

Ele respira um suspiro de alívio, sorrindo, enquanto ele dá um passo para

trás, sem palavras empurrando a calcinha em seu bolso. Eu rio e estou prestes a

dizer algo sobre isso quando Melody caminha de volta, escova na mão,

constantemente penteando seu cabelo loiro. Naz olha para ela rapidamente, não

da mesma maneira que ele olhou para mim.

Ele quase parece confuso.

"Sabe, nós realmente não nos vestíamos assim nos anos oitenta," ele diz a

ela... a mesma coisa que ele me disse uma vez. "Eu não sei de onde vocês garotas

têm essa ideia."

Melody olha para baixo em seu conjunto, suas leggings de renda preta e o

que parece como um sutiã esportivo rosa néon com tutu combinando.
Ela ainda

tem um par de sandálias de plástico... algo mais que encontramos hoje na loja.

Ela disse que não seria vista em um par dessas em nenhuma outra hora.

Eles não devem fazê-las para qualquer pessoa com mais de nove anos.

"Sério?" ela diz. "O que vocês vestiam?"

"Jeans manchados," eu digo. "Eles também realmente gostavam de ombreiras, por algum motivo."

Melody finge se engasgar. "Mesmo eu não sou louca o suficiente para ir

por esse caminho."

~ 134 ~

Naz sacode a cabeça, como se ele discordasse, e vira de volta para mim

sem comentar. Melody desaparece novamente depois de pegar sua bolsa cheia

de maquiagem, como de costume, a última a estar pronta.

"Eu, o que?" Eu pergunto, passando minhas mãos pelo meu cabelo. Está

cheio por ter sido ondulado. Outra coisa que nós tropeçamos na loja – uma

prancha modeladora de cachos. Eu nem hesitei antes de pegar essa.

"Desculpa?"

"Quando você entrou," eu digo. "Você estava perguntando alguma coisa."

"Eu estava me perguntando se você tinha algum plano para hoje à

noite,"

ele diz, olhando em volta. "Meio que já respondi à minha pergunta."

"Oh, sim... Melody queria ir para Timbers, e quero dizer, eu não pensei

que fosse uma boa ideia... Eu ainda não sei, mas eu percebi, bem... sem dano,

certo?"

Eu estou balbuciando, porque eu não tenho certeza de como explicar isso

ou o que eu deveria dizer, se eu deveria perguntar como ele sente sobre eu sair.

Tenho apenas vinte anos, e esta é a principal idade para "sair", mas estamos

casados agora.

Eu nunca vi exatamente um exemplo de como a vida normal de um casal

deveria ser.

"Certo," ele diz. "Você não precisa da minha permissão. Se você quer ir dançar, por favor, vá dançar. Eu não vou dizer que *não*."

"Mas você vai me seguir?"

Um sorriso lento se espalha pelo seu rosto.

Claro que ele vai.

Eu não estou surpresa, e não é como se eu planejasse fazer qualquer coisa

que ele não aprovaria, mas ainda assim, eu reviro meus olhos. Agora esse é

velho Naz. Por mais que eu odeie isso, eu tenho que admitir – é bom vê-lo sendo

ele mesmo novamente.

"Eu faria," ele diz, "mas eu tenho algumas outras coisas que eu preciso fazer esta noite."

"Tipo?"

"Tipo," ele diz, se aproximando, tão perto que nossos dedos dos pés se tocam, enquanto ele se inclina ligeiramente para mim. " *Coisas.*"

Ele se inclina para me beijar, fechando a distância, mas eu viro a cabeça,

tentando conter meu sorriso quando ele geme por causa da minha rejeição. Eu

olho para ele no espelho. "Prometa-me uma coisa."

"O que?"

"Apenas... *prometa.*"

"Você quer que eu prometa algo sem saber que coisa é?"

"Sim."

"Não funciona assim," diz ele. "Eu posso prometer sempre tentar o meu maldito melhor para chegar em casa para você à noite ... Eu posso prometer te

~ 135 ~

amar para o resto da minha vida... mas eu não posso prometer qualquer coisa

que seja sem saber mais sobre isso."

"Por quê?"

"Porque eu não quebro promessas", diz ele. "Eu tenho que saber se é algo

que eu posso manter."

Eu olho para seu reflexo. "Se você me seguir esta noite, depois que você

terminar com suas *coisas*, me prometa que você pelo menos entrará."

"Você quer que eu entre no clube?"

"Sim," eu digo. "Se você me seguir."

Ele hesita. Eu posso dizer por sua expressão conflituosa que ele quer dizer não. Timbers é dificilmente seu tipo de lugar. É alto e lotado, cheio de

adolescentes bêbados da faculdade. Eu sei que ele costumava ir para aquele

lugar chamado The Cobalt Room para beber, mas eu tenho certeza que o lugar

era como uma casa de repouso em comparação com o Timbers.

"Tudo bem," ele concede, sua voz tensa, como se tivesse que forçar a palavra para seus lábios. "Se eu aparecer esta noite, eu vou entrar."

"Promete."

"Eu prometo," ele diz, agarrando meus quadris e virando meu corpo, forçando-me a olhar para ele e não seu reflexo. "Mas eu preciso que você me

prometa algumas coisas. Sem drogas, sem beber, sem flertar, sem brigas, e pelo

amor de Deus, sem *foder*."

"Uh, não é divertido," Melody diz, aparecendo na porta. "Belo jeito de ser

um estraga prazeres."

Ele a ignora, olhando para mim, sua expressão séria. Ele está esperando a

minha promessa. Ele já sabe que não tem nada com o que se

preocupar com as

últimas coisas, e eu certamente não sou o tipo de usar qualquer droga, mas

beber?

Ugh.

"Uma bebida."

"Nenhuma."

"Só um gole."

"Não."

Ugh. Ugh. Ugh.

Compromisso é uma merda.

"Tudo bem," eu murmuro. "Eu prometo."

Ele me beija então. Desta vez eu não viro a cabeça. É macio, doce e muito

breve.

"E quanto a mim?" Melody chia.

"Você pode fazer o que quiser," diz Naz, virando-se para ela. "Contanto que você não deixe minha esposa largada lá, é isso."

Melody o cumprimenta alegremente. "Entendido, chefe."

~ 136 ~

Naz sai do quarto. Eu posso ouvir seus passos na escada, e então ele

simplesmente sai. Não tenho certeza para onde ele está indo, que tipo de coisas

ele planejou esta noite, mas eu estou esperando que ele esteja seguro, onde quer

que ele esteja, e não fazendo nada que possa machucá-lo.

"Eu juro, vocês dois..." Melody diz, balançando a cabeça. "Eu ainda não

consigo superar isso. Vocês dois são tão de boa sobre tudo, tipo, seja lá o que

for."

Eu sei o que ela quer dizer. É difícil de explicar, mas eu acho que quando

you salta sobre um obstáculo como o assassinato de seus pais, todo o resto

apenas empalidece em comparação. Já faz um tempo que não brigamos por

alguma coisa, desde que fiquei realmente zangada com ele. Ele é frustrante,

claro, mas eu o entendo.

E eu gosto de pensar, depois de tudo, que ele me entende.

"Você está pronta?" E pergunto, olhando para Melody. É bem depois do

anoitecer, e ainda temos que fazer a caminhada até Manhattan.

"Ugh, mais ou menos, mais cinco minutos," diz ela, balançando para sair

do quarto. "Estou quase pronta."

Cinco minutos viram dez, que viram vinte. Meia hora depois, ela

finalmente terminou. Tomamos o metrô de volta para a cidade, e Melody parece

desfrutar da atenção que ela recebe nele, vestindo seu conjunto ridículo. Os

anos 80 estão de volta, sim, mas acho que a maior parte de Nova York ainda não

recebeu o memorando. Ela fica em frente a mim, segurando a barra, enquanto

eu me enfiou num banco ao lado de dois empresários.

A fila fora de Timbers é longa quando chegamos, mas só leva alguns minutos para entrarmos. Eu entrego minha carteira de motorista para o cara

que está trabalhando na porta, um sujeito robusto que parece estar carregando

um pacote de cachorros-quentes na parte de trás do pescoço, e faço uma

carranca quando ele desenha um grande 'x' preto com marcador permanente na

parte de trás do minha mão.

Melody, como de costume, obtém sua pulseira verde-limão, benefício da

identidade falsa que ela carrega. Muito em breve, ela não vai precisar disso. Ela

vai ter vinte e um em poucas semanas. O segurança analisa isso, no entanto,

dobrando-a e estudando-a, como se ele soubesse que a coisa não é real.

"Você se lembra do outro cara que costumava trabalhar na porta aqui?"

Ela pergunta quando estamos dentro. "Você sabe, o cara quente... Kevin ou algo

assim?"

Era Kelvin. Eu lembro.

Ele *trabalhava* com Naz.

"O que tem ele?"

"Ouvi dizer que ele morreu," diz ela. "Algumas das garotas da minha turma falaram sobre isso há algumas semanas. Ele foi baleado ou algo

assim.

Ninguém sabe quem fez isso".

"Isso é... *uau*."

"Não é? Ele parecia ser um cara legal."

~ 137 ~

Eu não tenho uma resposta para isso, mas suas palavras me irritam.

Kelvin. *Baleado*.

Eu não acho que isso é algo que Naz tenha feito.

Eu não tenho a chance de pensar nisso, no entanto, enquanto Melody

agarra minha mão e arrasta-me através do clube. Madonna explode dos alto-

falantes, vibrando o chão enquanto a energia zumbe no ar. Está abafado, lotado

na pista de dança, mas Melody não hesita em me puxar para o fundo da

multidão, encurralando-nos em um pequeno espaço no centro. É algum remix

techno de *Like a Prayer*, o baixo batendo em meu corpo quando eu começo a

me mexer, como se fosse quase instinto. Melody e eu estamos pulando,

cantando no topo de nossos pulmões, gritando as letras como se nossas vidas

dependessem disso.

Madonna muda para New Kids on the Block, que muda para Michael

Jackson em algum lugar lá, antes de Madonna vir novamente. Uma e outra vez,

uma chuva contínua de músicas antigas. Tudo se confunde em uma mistura de

baixo batendo e histeria amorosa dos anos oitenta. Melody desaparece para

obter uma bebida para si, mas nesse momento eu estou num ponto em que não

me importo.

Péssima ideia? *Pffft, foda-se isso.*

Tem sido um tempo desde que eu tive alguma diversão despreocupada.

Estou dançando sozinha, estilo vogue, rindo enquanto canto.

O suor escorre pelo meu rosto.

Jesus Cristo, está quente aqui.

Melody vai e volta, virando bebidas e rindo conforme ela sacode a bunda

em qualquer um que chegue perto dela. Em um ponto, ela aparece, empurrando

um copo de plástico transparente para mim. "Aqui."

Eu pego, parando enquanto olho para a coisa. Está cheio até a metade com alguma coisa. Trazendo-o para o meu nariz, eu cheiro o líquido, ganhando

uma risada dela enquanto ela dança contra um garoto desengonçado que

provavelmente parece agradável com seus óculos de cerveja.

"É apenas água," diz ela. "Eu prometo."

Dando de ombros, eu viro a bebida, minha garganta seca.

Tem gosto de água para mim.

Ela está ocupada moendo contra o cara, então eu me afasto, me

espremendo através da multidão até o cesto de lixo mais próximo, jogando o

copo vazio fora. Eu me viro, ainda cantando no topo de meus pulmões
– Paula

Abdul agora – quando eu bato direto em alguém de pé ali, quase o derrubando.

"Merda! Desculpa!"

Mãos agarram meus braços como se quem quer que seja ele quisesse se

firmar e ri. Olho para o rosto dele, prestes a pedir desculpas novamente, quando

alguém que eu conheço me cumprimenta.

Bem, mais ou menos.

Eu o reconheço.

~ 138 ~

Leo.

Sentimentos conflitantes percorrem-me. Eu sorrio gentilmente em reconhecimento, porque santa merda, Melody vai ficar feliz, mas outra parte de

mim se arrepia com sua presença. Porque não importa o que Naz disse, eu ainda

não posso apenas afastar o sentimento estranho, especialmente com ele estando

aqui.

"Ei!" Eu digo, fazendo sinal para a pista de dança. "Melody está ali."

Ele olha para trás no mesmo momento que eu olho. Temos um ponto de

vista perfeito de sua namorada... apoiando-se no cara estranho. *Ugh.*
Não é

bom.

Eu espero algum tipo de reação irritada dele, uma intensa onda de ciúme,

mas em vez disso ele apenas ri e balança a cabeça.

Ok, isso não é como Naz, nem um pouco.

Ele empurra seu caminho até ela, e eu o sigo. Melody olha para cima, nos

avistando e grita, abandonando instantaneamente o cara com quem estava

dançando, empurrando-se para o namorado. Ela envolve seus braços ao redor

dele, pulando, então a única coisa que a mantém de bater no chão é o seu

aperto.

Merda, ela está realmente bêbada.

Ele quase cai tentando segurá-la, mas ele não parece se importar.

Eles começam a dançar juntos, lentamente, nem de perto na batida da música tocando. Eu me afasto deles, dando de ombros, e começo a dançar,

também. Eu não sei que a música está tocando, mas eu me lembro disso de *The*

Breakfast Club, então eu canto o que eu sei e apenas vou com tudo.

O tempo passa.

Estou derramando suor.

Meus pés doem e meus músculos queimam, mas não me impede de dançar.

Melody bebe mais.

Leo nada bebe nada.

Outro copo de água é forçado em minha mão, e eu sou grata por isso,

porque estou sedenta. Eu não sei quantas músicas passaram, quantas horas nós

estamos aqui, mas a multidão diminuiu um pouco, dando-me mais espaço para

me mover. Eu estou cantando o último verso de *Tainted Love* quando eu me

viro, meus passos hesitantes, as letras morrendo em meus lábios.

Putá merda.

Ele está aqui.

Eu tenho que piscar algumas vezes, porque eu não posso nem acreditar

em meus próprios olhos.

Naz.

Ele prometeu. Ele fez. Mas eu nunca realmente esperava que ele aparecesse, que colocasse seu traseiro dentro do clube.

~ 139 ~

Ele não está nem um pouco vestido para o lugar, mas ele o atenuou um

pouco, tirando o paletó e a gravata, afrouxando o colarinho. Suas mangas estão

enroladas até os cotovelos, o que, mais uma vez, é a coisa mais quente que

existe.

Ele está olhando em volta, procurando por mim.

Ele está olhando para todo mundo, vestidos com suas roupas falsas dos

anos oitenta.

Ele parece completamente perturbado por isso.

Cuidadosamente, deslizo para a borda da pista de dança, observando-o,

esperando que ele se aproximasse. Quando ele está ao alcance do ouvido, eu

levanto minha voz, para que ele possa me ouvir sobre a música. "Você vem aqui

muitas vezes, estranho?"

Ele se vira em minha direção imediatamente, e de repente eu posso ver a

tensão sair de seus ombros enquanto alívio a substitui. Uau, eu não acho que eu

já vi ele parecer tão *desconfortável*.

Fale sobre sair da caixa.

"Não posso dizer que venho," ele diz, olhando por mim, para a pista de dança, antes de se concentrar em mim novamente. "Não posso dizer que eu

alguma vez vou vir aqui novamente, também."

"Mas você veio," eu aponto quando ele se aproxima, parando bem na minha frente.

"Eu vim," diz ele. "Fiz uma promessa."

A música muda de novo.

"Dance comigo," eu digo, sorrindo enquanto eu pego sua mão e tento puxá-lo para a pista de dança. Não funciona. Ele não se move de jeito nenhum.

Ele é muito mais forte do que eu e ele é infinitamente mais teimoso.

"Ninguém disse nada sobre *dançar*."

Eu paro, olhando para ele enquanto solto sua mão. "Você se lembra daquele tempo que você me levou para aquele jantar-festa-político-

beneficente-

qualquer porra que aconteceu no hotel em Manhattan?" Eu alcanço minha

camisa, tirando o colar escondido nela. "Foi a mesma noite que você me deu

isso."

"É claro que eu me lembro."

"Você me disse para dançar com você naquela noite, e eu hesitei, e você

se lembra do que você disse para mim? Você me disse para parar de ser

medrosa."

Ele ri, alto e genuíno, quando digo isso. "Não sei se usei essas palavras,

querida."

"Tanto faz," eu digo. "Eu dancei com você naquela noite, então agora é sua vez de me pagar de volta."

"Justo." Ele sinaliza para eu ir para pista de dança, mas eu apenas olho para ele. Ele concedeu *muito* rapidamente. Eu estava preparada para mais uma

~ 140 ~

luta. Eu estava conjurando todo um argumento para ganhar aquela. Eu estava

preparada para trazer as lágrimas. "Vá em frente, então."

Sacudindo, eu me viro e escorrego para a pista de dança, ele bem atrás de

mim. Eu começo a me virar quando chegamos a um espaço aberto, mas suas

mãos agarram meus quadris firmemente por trás, puxando-me de volta contra

ele.

Eu danço.

Naz na sua maioria fica lá, mas eu posso senti-lo ligeiramente balançando

junto, em sintonia com a batida. Duas músicas passam, ou talvez sejam três,

antes que o som de Bell Biv DeVoe atravessasse os alto-falantes.

Poison.

Eu estou surpresa que ele está me dando tanto, mas eu sei que não vai durar, e eu provavelmente nunca vou ter uma repetição, então eu vou aproveitar

bastante isso. Puxando de seu aperto, eu me viro em seus braços, olhando para

ele.

Ele está cantando.

Put a merda, ele está *cantando*.

Ok, então não *realmente*, porque nenhum som está vindo de seus lábios,

mas ele com a maldita certeza está murmurando as letras, o que significa que ele

as conhece. Ele para quando ele percebe que eu vi, e ele só olha para mim, mas é

tarde demais.

Eu o peguei.

"Ignazio Michele Vitale," eu digo brincando, intencionalmente errando seu nome do meio, só para irritá-lo mais. "Eu não posso acreditar que

você

estava cantando uma canção dos anos oitenta."

"Você estava vendo coisas."

"Acho que não," eu digo. "Acho que talvez você goste dessa música, quero

dizer, eu sei que não é *Hotline Bling*, mas..."

Seus olhos se estreitam ligeiramente enquanto suas mãos deslizam para

baixo, ao redor, descansando em minha bunda. "Também não é dos anos

oitenta."

"Claro que é."

"Não," ele diz. "Saiu em 1990. Eu estava na escola secundária. Lembro-me disso."

Eu quero discutir, mas ele provavelmente está certo, e bem, eu não tinha

nascido ainda, então eu *certamente* não me lembro. "Bem, o que quer que seja...

não muda o fato de que você estava cantando, velho."

Seus olhos se escurecem quando digo isso.

Envia um calafrio pela minha espinha.

"Continue falando comigo desse jeito," ele diz, "e eu vou foder sua garganta tão duro que você nunca vai falar novamente."

Não há emoção em sua voz.

~ 141 ~

É um fato.

Jesus Cristo, isso é quase aterrorizante, mas por alguma razão, eu tenho

uma emoção com isso. "E se eu gostar dessa ideia?"

"Eu destruindo sua garganta?"

"Não, você fodendo minha garganta," eu digo. "Parece que poderia ser um bom momento."

Eu não sei o que está acontecendo comigo.

Inferno, eu estou *excitada* por pensar nisso. Calafrios cobrem cada centímetro da minha pele suada. Ele sempre foi aquele a se afastar de uma

boquete. Eu nunca tive ele tomando iniciativa nesse departamento.

Ele para de se mover e me olha, os olhos varrendo meu rosto, como se ele

não soubesse o que dizer. Depois de um momento, ele se afasta, arrancando a

bebida da minha mão. Ele cheira como eu fiz antes de tomar um gole.

"Água," ele diz, como se pensasse que talvez eu tivesse quebrado minha

promessa e tivesse bebido hoje à noite.

"Sim."

Assentindo com a cabeça, ele vira o resto, antes de agarrar minha mão e

me puxar para fora da pista de dança, jogando o copo vazio no lixo enquanto

passamos. Acho que talvez estejamos saindo, como se ele decidisse que era hora

de eu ir para casa, e eu olho ao redor para Melody, para dizer adeus, não tendo

ideia de onde ela fugiu com Leo.

Mas uma vez que estamos fora, Naz desvia para uma direção

surpreendente, afastando-se da rua, em vez disso, entrando em um pequeno

beco próximo. *Meu Deus, ele não pode estar falando sério.* Ele para a meio

caminho, mas eu ainda tenho uma visão ampla da rua, onde qualquer um pode

passar a qualquer hora e me ver.

"Você está...?" Olho fixamente para ele, incrédula, enquanto ele começa a

desfazer as calças, desabotoando-as. "Você está falando *sério*, você quer, quero

dizer... *aqui*?"

"Achei que não seria um problema," diz ele, "desde que você gosta da ideia de ser assistida e tudo mais."

Em algum lugar, profundamente dentro de mim, reside uma senhora recatada e apropriada, uma com um sentido da modéstia, uma quem não diz

muito 'porra'... de preferência nunca. Ela é bonita e gentil, e cora como uma

virgem com a ideia de sequer sujar sua reputação. Aquela garota está sacudindo

freneticamente a cabeça, gritando que isso é absurdo. Não podemos fazer isso

aqui. É completamente insano.

Mas outra está mantendo essa menina cativa.

Esta tem uma pequena veia selvagem.

Esta diz, " *Foda-se.*"

"Tem certeza disso?" Ele pergunta. "Eu preciso que você me diga."

"Uh, claro," eu digo. "Tenho certeza."

~ 142 ~

Ele pega suas calças desabotoadas e agarra meu braço, puxando-me ao redor, empurrando-me de volta contra o lado do prédio de tijolos, nas sombras.

Ele é áspero quando ele me empurra para o chão, e eu assobio quando meus

joelhos nus batem no asfalto imundo.

Merda, isso dói.

Ele agarra minha cabeça, envolvendo os cabelos franzidos em torno de seu punho, empurrando minha cabeça em direção a ele enquanto eu me encolho.

"Abra sua boca," ele rosna, e eu estou tão surpresa que não posso fazer nada além de obedecer. Ele se liberta com a outra mão, acariciando-se, antes de guiar minha boca aberta para ele.

Uau.

Um impulso, um golpe, e eu já estou lutando conforme ele me força para

baixo sobre ele, deslizando todo o caminho pela minha garganta. Estou

tentando não engasgar... tento... e *tento*... mas ele é muito grande e muito mais

duro do que eu me lembro dele sendo. Eu engasgo enquanto ele

empurra seus

quadris, fodendo minha garganta, suas bolas batendo contra meu queixo. Eu

não quero mordê-lo, mas minha mandíbula aperta em resposta, e eu posso

sentir meus dentes pastando contra ele, mais e mais. Ele rosna com a sensação,

e eu sei que isso deve doer, mas em vez de aliviar comigo, isso só envia-o em um

frenesi maior.

Porra.

Porra.

Porra.

Ele está me observando o tempo todo. Eu posso sentir seus olhos em meu

rosto. Olho para cima curiosamente, encontrando seu olhar severo. Há algo em

sua expressão, escuridão que não consigo afastar. Seu aperto no meu cabelo

aumenta enquanto ele puxa minha cabeça para cima, forçando-a para trás,

abrindo minha garganta mais para ele.

"Relaxe," ele sussurra. "Relaxe a garganta."

Eu tento escutá-lo, mas bem, *como*? Como diabos eu posso relaxar

quando eu mal posso respirar, quando meus olhos estão começando a

lacrimar por causa disso. Ele parece quase com raiva, como se eu os estivesse

desapontando, mas eu não sei o que fazer.

Eu nunca fiz isso.

É apenas um minuto.

Talvez dois.

Eu não sei.

Ele me puxa para fora dele, e eu inalo bruscamente, sugando um gole de

ar. Eu estou respirando pesadamente, freneticamente, enquanto ele se acaricia,

rápido e duro.

Ele não está brincando.

~ 143 ~

Sua mão ainda está emaranhada em meu cabelo. Eu assisto com

admiração enquanto ele se dá prazer. Não pode demorar mais de um minuto

antes dele me puxar de volta para ele, novamente empurrando pela minha

garganta.

Um golpe, e é isso.

Eu posso sentir quando ele derrama na minha boca. A amargura me

engasga, mas eu forço-a para baixo. Inclinando a cabeça para trás, Naz geme,

afrouxando seu aperto e parando seus movimentos enquanto eu o sugo.

Há um barulho perto do beco. Movimento. Vozes. Naz se afasta de mim, e

antes que eu consiga me agarrar ao que está acontecendo, ele me põe em pé. Ele

está se afastando, arrumando as calças, enquanto eu fico parada ali,

assustada,

sem saber o que fazer com qualquer coisa. Eu corro meus dedos através de meu

cabelo... não como se isso fosse fazer diferença.

Antes que eu possa me estressar demais sobre isso, Naz me puxa para ele,

colocando seu braço em torno de meu ombro conforme ele orienta-me para

baixo do beco, para a saída. O clube já está fechando.

Para onde foi essa noite?

Estou nervosa, talvez irracionalmente. Eu não sei. Meu corpo está

tremendo conforme eu me encaixo a seu lado, quase como se eu estivesse me

encolhendo. Ele sequer gostou disso?

"Você fez bem," ele sussurra, como se ele pudesse sentir minhas preocupações. Naz sempre foi bom em me ler.

Olho para ele, vendo um sorriso preguiçoso em seus lábios. É como se um

peso fosse tirado dos ombros do homem. Ok, talvez ele *tenha* gostado.

"Sério?" Eu pergunto, surpresa. "Eu não tinha certeza. Eu nunca tive minha garganta fodida antes..."

Ele ri silenciosamente, parando no final do beco enquanto uma multidão

parecida com Cyndi Lauper começa a se formar. Ele me puxa, então eu estou na

frente dele, e é quase como instinto, mas eu envolvo meus braços ao redor dele,

abraçando-o. Coloco a cabeça contra seu peito, sentindo seu calor,

sorrindo

quando sinto suas mãos em minhas costas, me segurando a ele.

É como estar envolvida em um casulo.

Exibições públicas de afeto não são realmente coisa de Naz, mas ele parece à vontade – pelo menos por enquanto.

"Então você gosta desse jeito?" Eu pergunto. "Você nunca tentou fazer isso comigo antes."

Suas mãos esfregam minhas costas. "Você sabe que eu gosto quando você

luta."

Eu provavelmente deveria estar preocupada com essa afirmação, mas eu

entendo. Eu *entendo*. Ele gosta de me empurrar para a beira antes de me puxar

para trás, empurrando-me para baixo antes de me deixar ressurgir. É como se

isso lhe desse vida novamente, estar lá, me observando respirar.

"Sim, você gosta daquele número da donzela aflita," eu murmuro.

"Gosta

de ser meu herói."

~ 144 ~

Sua mão serpenteia minha espinha, agarrando meu cabelo, e ele puxa-o,

brincando empurrando minha cabeça para trás, para que eu possa olhar para

ele.

"Você não é nenhuma donzela em perigo, querida," ele diz. "E eu sou a

coisa mais longe que há de um herói."

"Seja como for," eu digo. "Que tal para o seu aniversário deste ano, eu deixo você me amarrar, talvez até me amordaçar, e ter seu caminho comigo a noite toda?"

"Isso não vai acontecer."

"Por que não?"

"Porque não é seguro." Ele olha para mim, sério, quase advertindo, como

se, de alguma forma, eu já devesse saber disso. "Se você está amarrada, você não

pode lutar comigo. Se você está amordaçada, você não pode usar sua palavra

segura. Se você está completamente incapacitada, Karissa, você é suscetível de

se machucar. A única razão pela qual nós jogamos tanto quanto nós fazemos é

porque eu sei que se for demais para você, você encontrará uma maneira de

parar-me."

"Você realmente não me machucaria."

"Não *intencionalmente*," ele concorda. "Mas só porque você me chama de

bom rapaz não significa que eu sou um. Só significa que eu fiz você ter síndrome

de Estocolmo suficiente."

Rindo, eu acotovelo dele, assim quando alguém chama meu nome.

Melody. Virando-me, volto a encostar-me contra Naz, seu braço ainda enrolado

à minha volta enquanto ela se aproxima, cambaleando, arrastando Leo junto.

Ele parece hesitante, como se estivesse tentando puxá-la para o outro lado, mas

ela não está aceitando.

"Karissa!" Ela grita, me olhando. Neste ponto, eu ficaria surpresa se ela não estivesse vindo dobrado. "Oh meu Deus, o que aconteceu com você?"

Olho para baixo, onde seus olhos pararam, sentindo um corar subindo através de mim, se assentando em minhas bochechas. Meus joelhos estão

esfolados do beco.

"Ela caiu," diz Naz, enfiando-me mais a seu lado, enquanto ele se vira de

Melody, em vez disso se estabelecendo em seu namorado. Eu posso praticamente senti-lo conforme ele infla o peito, como se ele estivesse tentando

ser intimidador, mas tudo bem... ele não tem que *tentar*. Leo percebe isso

também, ao que parece, porque ele mantém um pouco de distância entre eles,

malditamente perto de vacilar quando Naz estende a mão. "Ignazio Vitale."

Uau.

Ele está se apresentando.

Estou meio orgulhosa.

Eu não sei se isso é algum show ridículo de armas ou algo assim, ou se esta é sua maneira de tentar fazer amigos para me apaziguar, mas de qualquer

maneira, é bom ver.

~ 145 ~

Leo estende a mão, segurando sua mão, sacudindo-a. "Prazer em conhecê-lo, eu sou Leo."

"Você tem um sobrenome, Leo?"

Leo acena com a cabeça, e eu acho que talvez seja a única resposta que ele

está fornecendo, antes dele limpar a garganta. "Accardi."

"Como Bacardi!" Melody chia, rindo. "O que é *totalmente* o que eu tenho

bebido hoje à noite!"

Eu rio dela.

Naz acena antes de me puxar. "Se vocês nos desculpam, devemos ir."

Ele me puxa para longe antes que eu possa dizer adeus a minha amiga.

Não que ela perceba, realmente.

Um rápido olhar me diz que ela já está muito envolvida em Leo.

Ela está acariciando seu pescoço, enquanto ele está sussurrando algo,

algo que eu imagino é provavelmente escandaloso baseado na maneira como ela

reage isto.

É doce, eu tenho que admitir.

Até mesmo meio fofo.

Ok, talvez eu esteja sendo ridícula com essa coisa de *sensação estranha*.

Leo parece realmente bom para ela.

Dando de ombros, eu sigo Naz até o fim da rua, onde seu Mercedes

está

estacionado. Ele destranca, abrindo a porta para mim. Começo a entrar, mas

paro, olhando para ele. Ele sente a minha atenção e olha para mim, levantando

sem palavras as sobrancelhas.

"Obrigada," digo-lhe, "por ter vindo esta noite."

Um sorriso malicioso toma conta de seus lábios.

"Por nada," diz ele, "para ambos os significados dessa palavra."

Revirando os olhos, subo no carro. Eu assisto pelo para-brisa, no fim da

rua, como Leo leva Melody para longe do clube. Um carro preto se aproxima,

parando, travando os carros em frente. Leo abre a porta de trás do carro,

indicando para Melody entrar, e ela entra sem hesitação. Ele entra depois dela,

fechando a porta antes que o carro volte a decolar.

Naz está prestes a entrar, mas faz uma pausa, observando-os. Ele fica ali,

sem se mover, seus olhos fixos no carro preto enquanto ele lentamente passa

por nós. Não é até então que ele finalmente fica ao meu lado, mas algo está

errado.

Eu sei no segundo que eu olho para ele.

Sua postura está tensa, sua expressão em branco. Raiva, tristeza e

felicidade são uma coisa com este homem, mas quando ele fica completamente

em branco, eu sei que temos um problema.

"O que está errado?"

"Nada."

~ 146 ~

Seu tom é cortado.

Antes que eu possa questioná-lo mais, ele liga o carro, empurrando-o para pista. Ele dá uma olhada rápida nos espelhos antes de puxar para fora no

trânsito, instantaneamente fazendo uma inversão de marcha no meio da rua,

provocando algumas buzinas de carro conforme as pessoas batem nos freios

para evitar de nos bater.

Eu não questiono, embora.

Não com ele.

Não, eu aperto meu cinto de segurança em vez disso conforme meu coração martelar duro no meu peito. Ele passa por carros, tecendo através do

trânsito, dirigindo de uma maneira que Naz geralmente não dirige. Não é até

chegarmos a um semáforo a poucos quarteirões de distância, bem ao lado de um

carro preto, que eu percebo exatamente o que ele estava fazendo.

Ele estava seguindo o carro em que Melody entrou.

A luz permanece vermelha pelo o que parece eternamente, o brilho dela

banhando-nos no carro. Estou observando Naz, na borda, enquanto Naz está

virado para o lado, observando o outro carro. É um BMW do que eu posso

perceber pelo emblema no capô. As janelas estão apagadas, escurcidas, de

forma ilegal. Nova York tem leis. Você tem que ser capaz de ver dentro.

Não consigo ver *nada*.

O vermelho fica verde, e o carro decola, seguindo direto pela interseção.

Eu olho para ele conforme ele vai embora, vendo uma placa de licença da

Flórida.

Naz fica parado ali por um segundo, até que o carro atrás de nós soa a

buzina. O som parece trazê-lo de volta à realidade conforme ele se vira, olhando

para frente, e acelera, dirigindo em direção ao Brooklyn.

"O que está errado?" Pergunto de novo, minha voz hesitante, quando ele

não diz nada para explicar o que aconteceu.

Eu preciso saber, porém, se envolve minha amiga.

"Nada," ele diz novamente, olhando em minha direção. "Só pensei que eu

reconhecia o carro."

CAPITULO

doze

Ignazio

É uma pequena casa de dois andares em Bensonhurst, um bairro na parte

sul do Brooklyn, não muito longe de onde moro. Tijolo com aparas rosa pálido,

parece modesta, luminosa e arejada, cercada por uma grade branca, o mais

próximo que chegamos a uma cerca de piquete branco por aqui. Há um pequeno

caminho à direita da calçada, espaço apenas grande o suficiente para um carro

caber.

E aí está.

O BMW preto.

Não foi difícil rastrear. Uma visita sem aviso prévio para Armando e

não

só eu tinha um endereço, mas me foram dadas direções certas. É incrível para

mim, a informação que um homem pode produzir, quando você enfia uma faca

na sua garganta e ameaça cortá-la se ele não lhe disser exatamente o que você

quer ouvir.

Eu ando em torno do carro, examinando-o, antes de recostar-me contra a

porta do passageiro e cruzar os braços sobre o meu peito.

Eu espero.

Dez minutos passam, depois vinte, mas não importa. A paciência sempre

foi um fato forte meu. Ficarei aqui o dia todo se for preciso, mas sei que não vou.

Ele vai sair em algum momento.

~ 148 ~

Já se passaram trinta minutos quando a porta da frente da casa se abre e

ele sai valsando. *Lorenzo*. Vestido com jeans e camiseta preta, segurando uma

laranja enquanto ele cantarola para si mesmo. Ele olha para cima por hábito,

olhando para o carro. Seus passos vacilam, um olhar de surpresa passando em

seu rosto que ele rapidamente endireita.

Eu o peguei desprevenido, mas ele é bom neste jogo, porque ele não

deixou isso transparecer por muito tempo.

Cuidadosamente, ele sai da varanda e se dirige para mim, parando do outro lado da grade branca. Apenas alguns metros nos separam. Eu poderia

alcançá-lo se eu quisesse.

Nós dois sabemos disso.

"Ignazio," ele diz, balançando a cabeça em saudação. "O que posso fazer

para você?"

"Estou apenas curioso no que você está metido."

"Uh, verificando o correio," ele diz, apontando para a caixa de correio.

"Pensando sobre o que comer para o almoço."

"Você sabe o que quero dizer, Lorenzo. Você apareceu na cidade e começa

a agitação. Você deixa as pessoas nervosas."

"Você não seria uma dessas pessoas, não é?" ele pergunta. "Nervoso que

posso derramar alguns de seus segredos?"

"Você não me preocupa," eu digo. "Eu não tenho mais segredos para

derramar."

Ele me olha fixamente por um momento antes de sua expressão rachar e

ele ri. "Certo, certo... então você quer saber o que eu quero, Ignazio?"

"Sim."

"Eu quero o mundo inteiro," ele diz, "mas eu decidi me contentar com Nova York."

Ele diz isso, como se fosse simples assim, como se toda Nova York

pudesse ser simplesmente *dele* se ele quisesse. Não é assim que isso funciona.

"Isso não vai ser fácil," eu digo. "Você encontrará resistência aqui."

"Assim eu ouvi," diz ele. "É curioso, porém, considerando que não fui atrás de nenhum dos territórios deles. Tudo o que fiz foi um jogo justo."

Ele tem razão, tecnicamente. Ele não fez nada além de dominar os antigos campos de Ray, lugares que estavam prontos para serem tomados.

Qualquer um poderia ter reclamado. Ele não mexeu com ninguém, exceto com

os homens de Ray.

"Você planeja parar por aí?" Eu pergunto.

~ 149 ~

"Claro que não," diz ele.

Não estou surpreso com essa resposta.

Eu só posso imaginar o que ele está planejando.

"É um problema, porque eles não gostam de pessoas de fora. Você é um

estranho para eles."

"Talvez você deva me apoiar, então."

"Receio que isso não esteja acontecendo."

Nem agora.

Nem nunca.

Não vou apoiar ninguém.

Não mais.

Porque uma vez, eu cometi um erro grave e apoiei um homem que eu pensei que era o meu melhor amigo. Alguns meses depois, ele me pagou por esse gesto com um tiro no peito.

"Não pensei que fosse," diz ele. "Não consigo nem mesmo fazer você admitir que somos amigos."

Eu ignoro isso.

Eu não vou ser incitado nessa conversa.

Há movimento na casa atrás dele, algo caindo na sala da frente, uma cortina se movendo. É apenas um breve movimento quando um rosto aparece

antes de desaparecer novamente. Lorenzo olha na direção, franzindo o cenho,

antes de voltar para mim.

Ele balança a cabeça em direção à casa. "Você se lembra do Leo?"

Eu lembro, mas eu não lembro. Eu nunca soube seu nome. Nunca me importei com isso. Eles o chamavam *Garoto Bonito* naquela época. Ele não era

nada mais do que uma criancinha chorona a última vez que eu o vi.

O irmãozinho de Lorenzo.

Eles tinham a mesma mãe.

"Um pouco," eu admito. "Ele cresceu um pouco."

"Sim, um pouco, ele ainda é um menino bonito. Ele é mole. Essa vida...

seu coração não está nisso como o meu."

"Se isso é verdade, por que ele está aqui?"

"Porque eu sou tudo que ele tem," diz Lorenzo.

Essa é a única explicação que ele me dá.

É provavelmente a única explicação que ele tem.

~ 150 ~

Eu não tenho certeza se é suficiente, porém, não nesta situação.
Porque

ele está enrolado em algo perigoso e ele está ficando muito
malditamente perto

da minha vida pessoal.

Eu não gosto.

Ele está me arrastando de volta.

"Olha, eu só vou te dizer uma vez," eu digo, afastando-me do carro,
dando

um passo em direção à grade. Já estou cansado dessa conversa. É
exaustivo. "Se

minha esposa se machucar de *alguma forma*, eu vou te matar, e posso
prometer

que não será misericordioso."

Ele sabe que eu falo sério. Ele me viu fazer isso antes. Ele ficou ao
meu

lado, na casa do seu padrasto, e observou como eu tomava a vida do
homem

sem um pinga de simpatia ou remorso.

Ele balança a cabeça. "Entendido."

"Bom."

Eu começo a me virar, a sair, até que sua voz me para.

"Mas eu já lhe disse, Ignazio... Não tenho nada contra você, não há
razão

para te atacar, não há motivo para ferir sua esposa."

"Eu te ouvi."

"Mas você não acredita em mim."

Não, eu não acredito.

Eu não tenho que verbalizar isso.

Ele sabe.

"Ele também não lhe faz mal," continua Lorenzo. "Meu irmão, ele está apaixonado pela garota Carmichael. Eu te garanto que é pura coincidência Não

tem nada a ver comigo ou com você. Então eu estou pedindo para você não

estragar isso para ele. Um favor para um favor. Deixe o meu irmão fora disto, e

eu vou me certificar de que ninguém machuque o que é seu."

"Justo."

Ele sorri no segundo que eu concordo e me lança a laranja. Eu quase a deixo cair, não esperando, e seguro a fruta firmemente em minha palma.

Lorenzo retrocede alguns passos, apontando para mim. "Fique com isso... é sua.

Diretamente do laranjal em Kissimmee. Tenho certeza que você se lembra. Aas

melhores laranjas do mundo."

Olho para a laranja, apertando-a, e aceno com a cabeça em gratidão. É um ramo de oliveira que ele está estendendo. Eu não confio nele, mas eu sei

como jogar este jogo.

Vou dar-lhe algo, também. "Um conselho, Lorenzo?"

"Sim?"

"Faça algo sobre o seu carro," eu digo a ele. "Você ainda tem placas da Flórida, que se destacam como um polegar dolorido. Facilitou-me encontrá-lo."

Ele olha para o carro, aquele olhar de surpresa retornando, como se ele

nem tivesse considerado isso. "Como você me *achou*?"

Eu encolho os ombros, virando-me para sair. "As ruas falam, lembra?"

No segundo em que abro a porta da frente de minha casa, ouço o rosnar.

É um barulho baixo, completamente ameaçador. Eu não tenho que olhar

para ele para saber que ele está mostrando os dentes. É a mesma saudação,

todas as vezes. Ele lembra o que eu fiz.

Ao contrário de Karissa, ele ainda não me perdoou.

Embora, *perdão* não pode ser a palavra para isso. Mais como se ela estivesse escolhendo não ter isso contra mim quando se trata de nosso relacionamento. É complicado. Não faz muito sentido.

É o que é.

Mas Killer?

Ele tem isso contra mim ainda.

Por enquanto, de qualquer forma.

Entrando no foyer, eu paro lá, tirando meu paletó enquanto eu olho para

o vira-lata. Enrolando minhas mangas para cima, eu passo direto por dele,

provocando um pequeno recuo de pânico. Ele me segue, no entanto, ainda

ligeiramente rosnando, enquanto eu vou para a cozinha e pego algo para beber.

Tomo alguns goles de água gelada antes de chegar até o armário, agarrando um

petisco para cão.

Eu atiro para ele.

De repente, o rosnado cessa. Ele engole-o, de uma vez balançando a cauda, antes de me olhar como se quisesse outro.

No total, eu atiro-lhe três.

Saindo da cozinha com a minha água, ainda agarrando a laranja que

Lorenzo me deu, caminho para a sala de descanso onde a televisão toca.

Está no meio da tarde, mas Karissa está dormindo profundamente.

Estendida no sofá, encolhida sob um manto negro, o controle remoto jogado em seu peito enquanto ela ronca levemente. Pego o controle remoto

~ 152 ~

antes de me acomodar na borda da almofada do sofá perto de seus pés, com

cuidado para não perturbá-la.

Food Network.

Balançando a cabeça, rapidamente passo através dos canais, parando

quando me deparo com *O Poderoso Chefão* em um dos canais a cabo. Está

cortado e editado, diluído para as massas, mas é um inferno de muito melhor do

que o que ela estava assistindo.

Colocando minha água na mesa de café, começo a descascar a laranja, meus olhos na tela. O carro preto de Sonny Corleone acelera até a praça de

pedágio, bloqueado por outro. O trabalhador do pedágio? Ele se esquia e se

esconde.

Até *ele* sabe que é uma emboscada.

BANG BANG BANG BANG BANG

Uma rápida sucessão de disparos ilumina a tela, aniquilando o carro com

Sonny ainda nele. Ele sobe, preparado para lutar de volta, mas ele sabe que isso

está além dele. Homens como Sonny? Homens como *eu*? Sabemos quando é

tarde demais.

Ajuda vem, mas não breve o suficiente.

Alerta Spoiler: Sonny está morto.

Se eu arruinei isso para você, bem, isso é sua própria culpa. O filme saiu

há mais tempo do que eu estive vivo. Eu o assisti algumas vezes, principalmente

alimentado por curiosidade, escolhendo os fragmentos precisos que se relacionam com a minha vida. Pode ser um clichê, mas não é só besteira.

Eu pensei que talvez fosse como *eu* morreria algum dia.

Não seria exatamente surpreendente, não é?

Exceto que, ao contrário de Sonny, eu não acho que eu teria um pai que

apareceria para chorar depois.

Rindo para mim mesmo, eu olho para longe da televisão enquanto o pai

de Sonny, o Don, chora sobre ele no necrotério. Sim, não na *minha* vida...

"Você sabe, a maioria das pessoas acham esta parte triste, *não engraçada*."

Assim que ouço a voz de Karissa, eu olho para ela, encontrando seus olhos enquanto ela me olha cautelosamente de onde ela se deita. Ela está

acordada agora, mas mal. Seu rosto está ruborizado, olhos injetados, com linhas

de sono marcando sua bochecha.

"Não é engraçado", eu digo, continuando a descascar a laranja. "Eu estava

pensando tipo, se fosse eu, Giuseppe provavelmente estaria dançando."

~ 153 ~

Ela revira os olhos e se desloca no sofá, afastando o cobertor de si mesma.

"Ele *não* faria isso."

"Sim, você provavelmente está certa," eu murmuro. "Ele me disse algumas vezes que eu já estou morto para ele. Eu morri há duas décadas. *Isso?*"

Eu me movo em direção à televisão, onde todos já se moveram, a

trama

avanzando. "Isso provavelmente seria apenas um alívio."

"Você morrer não seria um alívio para *ninguém*." Ela faz uma pausa, seu

rosto se enrugando. Ela não é estúpida. Ela sabe que tenho inimigos. "Bem, eu

quero dizer, exceto por, você sabe, alguém que realmente odeia você, mas esse

não é seu pai."

"Se você diz."

"Eu sei," ela diz, sua voz severa. "Então, não morra. Eu o proíbo. Você tem que ficar e envelhecer."

Eu espero por isso, assim que ela diz isso.

Como de costume, ela não decepçiona.

"Bem, *mais velho*, de qualquer maneira," ela murmura. "Você já está meio velho."

Sorrindo, eu separo a laranja, tirando um pedaço para comer. É doce e suculenta. Você pode encontrar laranjas em qualquer supermercado, mas não

há nada como uma tirada diretamente de uma árvore na Flórida.

"Eu não sabia que tínhamos laranjas," diz Karissa, ainda olhando para mim. "Inferno, eu não sabia que você *gostava* de laranjas."

"Eu gosto, mas nós não temos," eu digo, puxando um pedaço e segurando-o para ela. "Eu peguei essa enquanto eu estava fora."

Ela não hesita em arrancá-lo diretamente da minha mão, comendo-o antes de virar para mim, pedindo silenciosamente outro pedaço. Ou mais como

exigindo, já que ela sabe que eu vou dar a ela. Ela não precisa perguntar. Eu

quebro o que restou pela metade, perdendo parte para ela, enquanto minha

atenção volta para o filme.

Eu não estou prestando atenção nela.

É por isso que me pega desprevenido quando ela engole sua parte da laranja e salta do sofá, me chutando acidentalmente onde estou sentado. Eu

pulo, assustado, e viro para ela, mas ela se foi.

Ela já saiu do cômodo.

Ela está *correndo*.

Eu não sou aquele que vira presa e segue a ideia do rebanho, mas estou

em meus pés sem um pensamento, seguindo ela. Ela subiu as escadas e passou

pelo corredor.

~ 154 ~

Eu encontro-a no banheiro.

A porta está bem aberta, e ela está de joelhos na frente do vaso, perdendo

tudo de seu estômago. O pânico varre através de mim. É uma sensação rara.

Isso *me* deixa doente do estômago.

Isso é tudo o que é, não é?

Eu olho para a minha mão, para os restos da laranja que estou

segurando. *Filho da puta*. Eu devia ter sabido melhor do que realmente comer

algo que ele me deu. O pensamento nem sequer me passou pela cabeça que não

seria seguro.

Estou ficando mole.

Muito mole.

Isso não é como eu.

Este idiota mole e falho que eu me tornei não é nada como o homem de

vontade forte que sempre me orgulhei ser. Aquele homem não pegava doces de

estranhos e só fodidamente os *comia* como se ele não tivesse motivo para se

preocupar. Aquele homem sabia o custo de ser mole.

Lanço o que resta da fruta no lixo antes de me agachar ao lado de Karissa,

minha mão em suas costas. Ela parece ter melhorado já, e agora ela está apenas

deitada lá, contra o vaso, sua cabeça para baixo, como se ela estivesse planejando dormir.

Estou me esforçando para não ficar perturbado com isso.

Eu esfreguei isso há não muito tempo, uma noite, quando eu não conseguia dormir.

Mas, ainda assim... Eu mijo nessa coisa.

"Karissa, baby..." Minha voz é calma. Eu não estou tentando alarmá-la.

"Fale comigo."

Ela vira a cabeça, abrindo os olhos. "Eu acho que estou com alguma coisa."

"O que te faz pensar isso?"

Seu rosto se contorce com essa pergunta. "Além do fato de eu estar deitada no meio do banheiro?"

"Fora isso."

"Eu me sinto como uma porcaria o dia todo. Estou enjoada. Exausta. Me

sinto meio de ressaca, mas eu não bebi na noite passada, então..."

"Então você está com alguma coisa."

"Sim."

~ 155 ~

Eu esfrego suas costas por mais um momento mais antes de me levantar,

oferecendo-lhe uma mão. Ela me deixa ajudá-la a levantar-se, sem argumentar

quando a agarro, arrancando-a dos seus pés e carregando-a pelo corredor até o

quarto. Sim, deve estar com algo para não brigar sobre isso.

Coloco-a na cama e passo a mão por sua testa. Ela está pegajosa, mas não

quente.

"Que tal uma sopa?"

"Você vai pedir alguma para entrega?"

"Não, vou cozinhar."

"Nós não temos Campbell's."

"Eu não preciso de nenhum," eu digo a ela. "Eu sei como fazer sopa do zero."

Ela olha para mim com descrença enquanto tira as cobertas que eu acabei

de colocar nela. "Se você estiver cozinhando, eu estou assistindo."

Rindo, eu a forço de volta para a cama e mais uma vez coloco as

coberturas sobre ela. "Relaxe. Você pode assistir outra hora. Agora você precisa

descansar."

Ela fez uma pausa, mas novamente não discute, ficando. Eu conecto meu

telefone para carregar, colocando-o no suporte de cabeceira, enquanto eu deixo

o quarto.

Killer está no corredor entre o quarto e as escadas, me observando. Ele rosna um pouco enquanto eu passo, mas eu o ignoro, descendo.

A despensa está carregada com ingredientes, graças ao seu incessante desejo de aprender a cozinhar tudo o que vê na televisão. Eu quero fazer a sopa

de galinha italiana da minha mãe, e retiro tudo o que eu me lembro dela usando

para isso quando eu era criança, mas estou dando um chute no escuro aqui.

Ou pelo menos na maior parte.

Faz muito tempo desde a última vez que ela fez isso por mim.

Eu passo um tempo a juntando e deixando ferver no fogão antes de voltar

para sala de descanso, desta vez sozinho. O tema de O Poderoso Chefão ecoa

pela sala enquanto os créditos rolam na tela da televisão. Agarrando o controle

remoto novamente, eu passo através de canais, parando quando eu chego ao

noticiário local, pegando um relatório recente sobre uma pequena loja de

esquina na Hell's Kitchen explodir, derrubando todo o edifício de apartamentos

acima dela.

Gás escapando, eles estão dizendo, mas eu sei melhor.

Porque conheço essa loja. Conheço esses apartamentos.

~ 156 ~

Eu estava dentro deles, visitando Armando, ameaçando-o por informações.

Eu estou olhando para o noticiário ao vivo do local, mal ouvindo o que o

repórter está dizendo, mas eu pego algumas de suas palavras, o final de seu

segmento.

Um carro preto foi visto espreitando perto do negócio, faltando uma placa de licença.

Eu me pergunto por que disso.

Desligo a televisão e sento-me em silêncio por um momento, deixando isso internalizar.

Eu não entreguei nomes, mas eu não ficaria surpreso se Lorenzo

arrebata isso. Se ele descobriu onde eu consegui minhas informações e decidi

silenciar a fonte.

Posso ter muito bem conseguido Armando morto esta tarde.

E eu talvez possa até ter ajudado Lorenzo a se safar.

Quando a sopa termina, eu carrego uma tigela dela lá em cima, encontrando Karissa deitada na cama, tocando em um telefone. *Meu telefone.*

A visão disso me para.

Não que eu tenha algo a esconder dela. Eu tento não guardar segredos. Se

ela quiser saber, eu direi a ela. Mas, ainda assim, meu instinto natural é recuar.

"O que você está fazendo?"

Ela olha para mim, sorrindo, e abaixa o telefone. Ela não parece alarmada, como se ela tivesse sido pega fazendo qualquer coisa que ela não

deveria ter feito. "Apenas mudando seu toque para algo mais *você*."

"Mais bandas de garotos?"

"Isso conta se eles são meninos em uma banda?"

"Certamente essa é a definição."

"Então sim," ela diz, enquanto lhe entrego a sopa. "Mas hey, pelo menos

ainda não é Bieber."

"Graças a Deus," eu digo, tirando o telefone dela e voltando a carregá-lo.

"Eu odiaria ter que me divorciar de você."

"Você se *divorciaria* de mim?"

"Ou pior."

CAPITULO

treze

Karissa

"Senhorita Vitale? Uma palavra?"

Ainda é estranho para mim, se chamada pelo sobrenome. Tão estranho que eu não respondo às vezes, porque não clica em mim que sou *eu* quem eles

querem até que eles dizem isso de novo.

"Senhorita Vitale?"

Olhando para cima, parando de guardar as coisas na minha mochila, eu

olho para Rowan quando ele para no final do corredor, ao lado da minha mesa.

A maioria dos meus colegas já saiu daqui, mas estou um pouco para trás hoje.

Como uma idiota, eu adormeci na aula.

Eu dormi direto durante sua palestra inteira, perdendo tudo. Lembro-me

de sentar-me e bem... aqui estou, uma hora depois, preparando-me para partir

novamente.

Oops.

Limpo minha garganta. "É Senhora."

Isso o surpreende. "Desculpa?"

"Há um Senhor, então eu não sou uma *Senhorita*."

"Oh. Você é casada."

"Sim."

Ele parece genuinamente surpreso com essa informação.

Não deve ter lido meu arquivo.

Graças a Deus.

~ 158 ~

"Oh, bem, Sra. Vitale, eu estava esperando que eu pudesse ter uma palavra com você."

Eu quero dizer não, porque ter uma palavra comigo leva a mais palavras,

o que me leva a dizer palavras de volta, e a julgar por como a última conversa

que tive com um professor nesta sala acabou sendo uma de suas *últimas*, vou

correr o risco e dizer que ter uma palavra comigo provavelmente não é sábio.

Outra coisa que ele saberia se ele tivesse lido meu arquivo. Mas como posso

explicar isso sem realmente explicar nada?

Eu não sei.

Não posso.

Então eu simplesmente encolho os ombros e continuo guardando minhas

coisas para sair, imaginando que se ele quer ter uma palavra comigo, não há

realmente nada que eu possa fazer para detê-lo.

"Eu só queria te dizer que eu dei nota a seu trabalho sobre Napoleão."

"Oh?" Colocando minha mochila, olho-o cautelosamente, sentindo essa estranha sensação de déjà vu sobre essa conversa. "Deixe-me adivinhar...

inimaginável? Medíocre? *Pretensioso*?"

Isso era o que o professor Santino sempre dizia sobre meus trabalhos.

Sua testa enrugava enquanto ele puxa o papel de uma pasta que ele está carregando, estendendo-o para mim. "Eu na verdade achei que era revigorante."

Essa palavra me para por um momento. *Revigorante*. Pego o papel dele,

olhando para isso vendo o vermelho A + escrito no topo dele.

Uau.

"Obrigada," eu digo, sem saber o que eu *deveria* dizer nessa situação. "Eu

não tinha certeza..."

"A maioria das pessoas foi literal na tarefa," diz ele, como ele soubesse onde eu estou indo com o que estou dizendo. "Mas você explorou o conceito

mais profundo, e isso é apreciado. Eu sei que história, para a maioria das

pessoas, é bastante chato, por isso é refrescante ter um aluno

realmente

tentando analisar as coisas. Isso é como nós aprendemos com a história, então

não nos encontramos repetindo-a... se você sabe o que quero dizer."

"Sim..." Eu sei exatamente o que ele quer dizer. "Obrigada novamente."

Ele sorri gentilmente. "Eu deveria estar *te* agradecendo."

"Bem... por nada, eu acho," eu digo com uma risada, virando-me para sair. Ele está bem ao meu lado, andando comigo. "Eu realmente não tenho um

bom histórico quando se trata de escrever trabalhos analíticos. Eu meio que

bombei na minha primeira classe de filosofia por causa disso."

"A classe de Daniel Santino?"

"Uh... Sim. Essa mesmo."

"Eu nunca conheci o cara, mas ouvi que ele poderia ser bastante difícil."

Difícil. Inferno de subavaliação.

~ 159 ~

"Eu não era exatamente sua pessoa favorita," eu digo a ele enquanto nos

dirigimos para fora. "Tínhamos alguns problemas, então provavelmente

também tinha algo a ver com isso."

"Provavelmente," ele concorda. "Porque duvido que seus trabalhos o tenham feito, especialmente se eles fossem algo *assim*."

Se estendendo, ele sacode o papel que eu estou segurando, me dando outro sorriso antes de ir embora. Eu fico lá, na frente do prédio,

observando-o.

Esquisito.

"Seu amigo?"

Eu salto com a voz inesperada atrás de mim... bem atrás de mim. Tão malditamente perto que eu posso praticamente sentir o hálito quente contra o

meu pescoço. Virando, eu olho para Naz. "Oh, o que você está fazendo aqui?"

"Vim ver você," ele diz casualmente antes de apontar para a rua, na direção em que Rowan se dirigiu, repetindo sua pergunta. "Seu amigo?"

"Rowan é meu professor de história, na verdade."

"Huh. Tratando pelo primeiro nome um professor, não é? E o que exatamente Rowan queria?"

"Ele estava falando comigo sobre a minha dissertação."

Eu agito-o em seu rosto, mostrando o grande A + vermelho em cima dele. Naz o arranca da minha mão, os olhos passando por cima do papel. "Você

escreveu exatamente o que eu disse."

"Sim," eu digo, absolutamente nenhuma vergonha.

Ele ri, entregando-o de volta. "É bom saber que ainda tenho isso."

Tirando minha bolsa, dobro meu papel e empurro-o para dentro. Tento

colocar a bolsa de volta, mas Naz agarra-a, tirando-a de mim.

"Eu posso carregar minhas próprias coisas, você sabe."

"Besteira."

Besteira.

Essa é a resposta dele.

Quase me ofendo.

Estendendo-me, eu pego minha bolsa de volta, ignorando-o conforme eu

coloco-a.

Besteira, minha bunda.

Ele ri novamente, me alcançando, puxando-me para ele. "Estou feliz por

ver que você está se sentindo melhor."

Eu reviro meus olhos para isso.

Eu estava me sentindo enjoada mais cedo, e eu ainda sinto como se eu pudesse dormir por um maldito ano inteiro, mas pelo menos eu não vomitei

hoje.

Bata na madeira.

~ 160 ~

"Então você tem alguma aula esta tarde?"

"Matemática... Inglês..." Eu o olho com cautela. Ele conhece o meu horário. Ele tinha memorizado antes de mim. "Por quê?"

"Pensei que poderíamos passar algum tempo juntos esta tarde," diz ele, "se você não estivesse muito ocupada."

Eu estou igualmente lisonjeada e suspeita. Eu amo quando ele quer passar tempo comigo, mas eu não sou uma idiota. Eu sei quando Naz está

tramando alguma coisa.

Eu tenho bastante prática neste momento para dizer isto.

"Nunca estou muito ocupada para você. Você quer almoçar ou algo assim? Sair? Uma caminhada?"

"Uma caminhada está ótimo."

Sim, definitivamente tramando algo.

Nós não fazemos *caminhadas*.

Eu sinalizo para nossa frente, pela calçada, em direção ao Washington Square Park, na esquina perto da faculdade. É um bom lugar para caminhar.

Naz pega minha mão, algo que me surpreende, embora provavelmente não

devesse. Estamos casados, pelo amor de Deus, mas ainda assim... ele me tira o

fôlego às vezes com as pequenas coisas.

O parque está cheio, como geralmente está a esta hora, já que os estudantes vêm e vão entre as classes. Encontramos um banco vazio perto da

entrada e sentamos nele. Deixo a minha bolsa a meus pés, chutando-a para o

lado, longe de Naz, para que ele não tenha ideias brilhantes sobre tentar levá-la

novamente.

Ele cuida de mim o suficiente.

"Você já pensou mais sobre isso?"

Sua pergunta me surpreende.

Não tenho certeza do que ele quer dizer.

"Já pensei no quê?"

"Sobre sair de Nova York."

"Oh." Meu interior torce com isso. Já pensei em ir embora? Claro.
Penso

nisso pelo menos uma vez por dia, às vezes mais. Mas eu já decidi se quero ou

não? Bem, é aí que eu não tenho tanta certeza...

Memórias me perseguem aqui. Toda vez que eu viro uma esquina, elas estão lá, persistentes, à espreita, um lembrete de tudo o que aconteceu, as coisas

que ele fez, as coisas que eu *causei*. Eu sei que não é tudo culpa minha, nem um

pouco, mas não sou inocente. *Silêncio implica consentimento*. Eu ouvi dizer isso

muitas vezes. Se você não fala sobre algo, você está deixando isso acontecer.

Aquiescência. Viver aqui, não há nenhuma maneira que possamos realmente ter

um novo começo. Estamos cobertos de marcador permanente. Não podemos

apagar nossas marcas negras... não em Nova York.

~ 161 ~

Mas realmente ir embora significa me afastar do único lugar que eu já pensei como *lar*. Significa deixar as pessoas que importam, deixar o minha

melhor amiga, dizer adeus ao pai de Naz. Estou pronta para isso? Significa

deixar para trás as boas lembranças que tive aqui junto com todas as más.

Porque tem havido muitas ruins, sim... mas ainda havia muitas boas.

" Oh," ele repete após um momento de silêncio. "Devo tomar isso como

um não?"

"Eu não sei," eu digo com um suspiro. "Eu só... isso é um erro? Eu não quero que seja como se estivéssemos apenas fugindo de nossos problemas,

porque eventualmente eles nos alcançariam sempre que parássemos de fugir,

você sabe?"

"Sim," ele diz. "Eu sei."

"Eu só queria que alguém me desse algum tipo de sinal, então eu saberia

qual a coisa certa a fazer."

"A coisa certa, Karissa, é o que você *quer* fazer. Não há nenhuma decisão

errada aqui."

Eu quero acreditar nisso.

Mas não me sinto assim.

"Eu não sei," eu digo. "Eu não sei o que eu quero. Eu estou feliz aqui, mas

me pergunto se talvez estaria mais feliz em outro lugar."

Ele não diz nada a isso.

Eu não sei o que ele está pensando.

Eu gostaria que fosse ele quem tomasse essa decisão.

Mas ele coloca isso em mim, e isso é muita pressão, porque apesar do que

ele diz, eu temo que pode haver uma decisão errada aqui.

E me conhecendo?

Eu seria a única a fazê-la.

"Ei pessoal!"

A voz de Melody é inconfundível. Quando olho para cima, ela já está bem

na minha frente, arrastando um Leo aturdido com ela, sua mão trancada na dele

tão firmemente que as unhas cavam em sua pele. Ele não discute, mas ele não

parece muito entusiasmado com isso por algum motivo.

"Senhorita Carmichael," diz Naz, casualmente. "É bom ver você de novo."

"Você também." Ela lhe dá um breve aceno. "Estiloso e profissional, como

sempre, eu vejo."

Naz olha para si mesmo, com a sobrancelha franzida, como se não soubesse o que ela quer dizer.

"Ei, Mel," eu chamo, para poupá-lo daquela conversa. Se ele perguntasse,

provavelmente só o confundiria mais. "O que vocês estão fazendo?"

"Indo almoçar," diz ela. "Oh, por que você não se junta a nós? Isso seria

incrível, não é?"

~ 162 ~

Eu começo a declinar, enquanto Leo nervosamente esfrega o pescoço com

a mão livre, mas Naz se interpõe antes que qualquer outra pessoa possa dizer

qualquer coisa. "Acho que é uma ideia maravilhosa."

Uh... ok.

Não é a resposta que eu estava esperando, especialmente depois da conversa que tínhamos tido sobre ele fazer amigos. Ele olha para mim, erguendo

as sobrancelhas, esperando um acordo. Eu encolho os ombros, porque realmente, quem sou eu para recusar neste momento? Ele já disse que sim.

"Claro," eu digo. "Onde estamos indo?"

Melody se vira para Leo, sorrindo orgulhosamente, sabendo que ela realizou um grande feito por conseguir que Naz concordasse. "Para onde?"

Ele hesita, olhando entre Melody e eu, seus olhos nunca cumprimentando Naz. "Onde quer que você queira comer, amor."

"Eu conheço um lugar," diz Naz, levantando-se. Ele está bem em frente a

Leo, a poucos metros entre eles. Ele ajeita casualmente sua gravata, olhos

diretos sobre o menino, nem uma vez desviando o olhar. Leo ainda não olha

para ele, mas é óbvio que ele percebe, com a maneira como ele se move,

puxando Melody mais perto, tentando parecer insatisfeito, mas cara... ele é uma

bagunça.

Naz diz que eu não sou intuitiva, que eu sou terrível em ler as pessoas, e é

óbvio até mesmo para mim que Leo está desconfortável com meu marido.

"A deli?" Eu pergunto, esperançosa. Eu não vi Giuseppe desde o incidente. Sinto falta do cara. Seria bom vê-lo novamente.

Naz ri. "Não, a pizzaria no Brooklyn."

"Oh, uh..." Eu olho para Melody para sua reação, sabendo que nós comemos lá antes com Paul, mas ela apenas encolhe os ombros, como se isso não a incomodasse.

"Parece ótimo para mim," diz ela, olhando para Leo por sua reação, mas

ele não diz nada. Sem objeções. Sem confirmações. *Nada*.

"Maravilhoso," diz Naz, estendendo as mãos para o bolso. "Eu vou dirigir."

Vejo isso então, o pânico nos olhos de Leo. A cor drena de seu rosto conforme ele rapidamente sacode a cabeça, travado no lugar, puxando a mão de

Melody para pará-la quando ela tenta se afastar. "Nós vamos encontrar vocês

lá."

Naz levanta as sobrancelhas. "Bobagem, meu carro está bem ali."

"Sim, mas, você sabe..." Leo balbucia, como se estivesse procurando uma

razão para não entrar naquele carro. "É só que, bem..."

"Vamos lá," Melody diz. "Nós vamos chegar lá mais rápido se nós apenas

formos com eles. Além disso, ugh, eu realmente não estou a fim de pegar o

metrô hoje."

"Mas..." Leo fica parado, respirando fundo, antes de concordar. "Ok, eu acho."

Naz não parece ofendido pela hesitação do garoto, mas eu quase estou.

Eu entendo, no entanto.

Ele está intimidando.

Ele ainda *me* deixa nervosa às vezes.

O Mercedes está estacionado a menos de um quarteirão de distância.
Nós

entramos nele, e Naz liga o motor, as fechaduras travam automaticamente no

segundo que ele põe o carro em movimento. Meus olhos estão fixos no espelho

lateral, e da minha visão periférica eu vejo Leo se encolher no assento traseiro,

seu olhar na porta. Ele parece querer pular, como se ele já estivesse considerando dobrar e rolar no meio da estrada, quando Naz puxa para o

trânsito.

Melody parece alheia, no entanto.

Quando chegamos ao primeiro semáforo, Naz se estende, ajustando seu

espelho retrovisor, inclinando-o para que ele possa olhar no banco de trás.

Melody fala incessantemente durante a viagem. Eu não a vi tão despreocupada em muito, muito tempo...

Leo, por outro lado, parece estar amarrado firme.

Os olhos de Naz piscam entre a estrada e o espelho retrovisor até o

Brooklyn. Eu tento divertir minha amiga, conversando com ela, mas minha

atenção está *nele*.

Uma sensação de afundamento está se instalando no abismo do meu estômago. Estou começando a pensar que essa foi uma má ideia.

Uma terrível ideia fodida.

E tenho absoluta certeza disso quando chegarmos à pizzeria e Naz, como

de costume, consegue uma mesa imediatamente. Seguimos a anfitriã para a

pequena mesa redonda na parte de trás, isolada dos outros clientes. Naz puxa

minha cadeira para mim, olhando para Leo conforme o garoto faz o mesmo para

Melody.

"Garrafa de seu melhor vinho," diz Naz à mulher.

Ela traz isso prontamente, acompanhada pelo proprietário do

restaurante. Andretti, acho que esse era o nome dele. Ele aproxima-se da mesa,

um amplo sorriso no rosto, saudando Naz como Giuseppe cumprimenta, bem...

todos *menos* Naz.

"Ah, Vitale!" Diz o homem sorrindo enquanto aperta carinhosamente o ombro de Naz. " *Che piacere vederti 5!*"

Naz responde com algo que eu não compreendo, e eles vão e vem por um

minuto, jorrando italiano, conforme a rolha é aberta na garrafa de vinho. Eu

escuto, mesmo que eu não tenha absolutamente nenhuma ideia do que qualquer

um deles está dizendo, e posso sentir meu rosto aquecendo quando os dois

homens olham na minha direção.

"Ciao, bela," diz o dono, estendendo sua mão e pegando a minha, beijando a parte de trás dela. " *Come stai, uh... pessoa especial?*"

5 É bom ver você.

~ 164 ~

"Karissa," diz Naz. "O nome dela é Karissa."

"Karissa," o homem repete, erguendo as sobrancelhas enquanto espera que eu responda o que ele me perguntou.

"Uh... hey," eu digo, puxando minha mão.

Eu não tenho ideia do que eu deveria dizer.

"Ele perguntou como vai você," Naz diz, despejando vinho em seu próprio

copo.

"Oh, eu estou bem," eu digo. "Ótima, realmente. Maravilhosa."

Os olhos do homem estreitam conforme ele começa a disparar coisas, rápido e fluente e direto sobre a minha cabeça fodida. Olho fixamente para ele

enquanto ele animadamente conversa fazendo movimentos com as mãos,

apontando para mim, antes de parar, as sobrancelhas levantadas, como se ele

esperasse novamente que eu respondesse a algum tipo de pergunta que estava

ali.

"Ele disse que você está mentindo," Naz sinaliza, despejando um pouco

de vinho nos outros três copos. "Ele diz que você parece... como eu posso dizer

isso gentilmente? *Cansada.*"

"Legal," eu murmuro. "Diga a ele que eu disse obrigada pelo elogio."

Antes que Naz possa dizer qualquer coisa, o homem continua, jorrando

algo que faz com que Naz engasgue com o ar. Ele tosse, rindo, e balança a

cabeça. "Não, não... ela está apenas doente."

O homem me olha por um momento antes de dar de ombros, olhando para Melody. Ele a cumprimenta calorosamente em italiano, também pegando

sua mão e beijando a parte de trás dela, antes que seus olhos brilhem sobre Leo.

É sutil, a mudança no comportamento do homem.

Ele não diz nada para ele.

Nem olá.

Nem prazer em conhecê-lo.

Nada.

Em vez disso, ele se vira para Naz, inclinando-se mais perto,

murmurando algo que eu não consigo ouvir. Não que eu entenda, de qualquer

maneira, mas o homem está intencionalmente tentando escondê-lo de orelhas

curiosas. Naz acena com a cabeça em confirmação para o que quer que seja, e o

dono novamente aperta seu ombro antes de simplesmente ir embora.

"Diga-me uma coisa, Leo," diz Naz, pegando o copo e girando o vinho tinto antes de tomar um gole. "Você é fluente, ou você apenas sabe um pouco?"

Leo olha para ele, pela primeira vez encontrando seus olhos. "O que?"

" *Mi avete sentito*," Naz diz, seu tom cortado. " *Tu parli Italiano*6."

Leo hesita antes de murmurar, "Só um pouco."

6 Você me ouviu. Você fala Italiano.

~ 165 ~

Naz acena com a cabeça, como se não estivesse surpreso com aquela resposta, mas eu estou. Eu sei o suficiente para entender onde essa conversa

está indo e filho da puta... Leo fala italiano?

Eu olho para Melody. Ela parece tão surpresa quanto eu com isso. "Você

sabe italiano?"

Leo olha para ela, um rubor leve em suas bochechas, como se ele estivesse envergonhado de ter essa conversa. "Um pouco... o básico, eu acho,

mas não muito mais do que isso."

"Uau." Melody se inclina para ele. "Diga algo sujo para mim."

Eu rio disso, assim como Naz, mas o rubor de Leo só se aprofunda.

"Beba," diz Naz, empurrando o copo de Leo para ele. "Você provavelmente precisará com essa daí."

Melody revira seus olhos nisso, agarrando seu copo, e virando toda a sua

bebida antes de estender o copo, pedindo mais. Naz concede,

derramando um

pouco de vinho, antes de colocar a garrafa no meio da mesa, dizendo-lhe para se

servir tanto quanto ela quiser.

É estranho, vendo-o tão... gentil.

Ele é gentil comigo, claro. Ele me *mima*. E ele sempre tolerou Melody, até

certo ponto, por minha causa. Mas agora ele está sendo hospitaleiro, como se ele

estivesse realmente tentando fazer amigos. Ele está tentando.

Nós pedimos a comida.

Eles bebem vinho.

Tomo um gole, mas é muito amargo para o meu paladar, e eu não estou

realmente sentindo isso, seja lá o que for. Então eu bebo água em vez disso,

observando conforme eles ficam à vontade, a postura de Leo não tão tensa, mas

não escapa a minha observação que ele ainda tenta não olhar para o meu

marido.

"Diga-me, Leo," diz Naz quando chega a comida. "Você tem algum objetivo para o futuro?"

Objetivos.

Para o futuro.

É uma entrevista de emprego?

"Uh... Eu não tenho certeza, realmente. Ainda tentando me acostumar a

viver aqui," diz Leo. "É tão acelerado em comparação com onde eu cresci."

Naz não pergunta onde é isso, e começa a questioná-lo mais sobre o futuro, mas eu pergunto. Chame-me de curiosa. "Onde você cresceu?"

Leo olha para mim e hesita. "Flórida."

"Onde na Flórida?"

Ele não responde, mas Melody salta, sua voz levantada com excitação.

"Oh meu Deus, eu não posso acreditar que eu me esqueci de lhe dizer... ele é de

Kissimmee! Isso não é loucura? Kissimmee..." Ela aponta para mim.

" *Kissimmee!*"

~ 166 ~

Aquela sensação de afundamento do carro se instala novamente. Eu olho

para Naz, e ele não reage a isso. Ele não parece surpreso, como se ele já

soubesse tudo isso.

Provavelmente sim.

Afinal, ele sabia quem eu era antes mesmo de *eu* saber, então por que ele

não iria aprender a história da vida de Leo no segundo em que foram apresentados?

"Isso é loucura," eu digo. "Mundo pequeno."

Naz se estica, colocando seu braço em volta de mim. "Um mundo pequeno, de fato."

O almoço é estranho, enquanto Naz dispara pergunta após pergunta,

todas elas destinados a Leo. Ele pergunta sobre sua família (um irmão, sem

pais... é órfão desde que ele era apenas um garoto). Ele pergunta sobre seu

trabalho (agora lavando pratos em Paragone... seu irmão conhecia um cara que

conhecia um cara que conseguiu o emprego). Ele pergunta sobre sua situação de

vida (fica em uma casa em Bensonhurst com sua família).

Ele só falta perguntar, " *quais são suas intenções com esta mulher?*"

Embora, ok, eu meio que queria perguntar isso, então eu gostaria que ele

tivesse feito.

Leo leva tudo com calma. Ou, bem, ele tolera isso, realmente. Ele não parece feliz em ser interrogado, mas ele responde a tudo o que Naz lança para

ele.

Eu como algumas fatias de pizza, meu apetite voltando um pouco, enquanto eles três terminam a garrafa de vinho. Melody e Leo conversam

calmamente enquanto Naz relaxa em sua cadeira, sem ter dado uma mordida na

comida.

"Estou envergonhado, Passarinha engaiolada," ele diz, pegando meu copo

da mesa. "Você está deixando o vinho ser desperdiçado."

"Então beba," eu digo. "Realmente... você deve beber, provavelmente custa tanto quanto minhas mensalidades anuais."

Sorrindo, ele bebe meu copo. "Não exatamente."

"Ugh, nem me diga," eu digo. "Você sabe, há pessoas morrendo de fome

na América, pessoas com água potável impura, que mal têm aquecimento em

suas casas para se manter aquecido. Há pessoas na louca Nova York que estão

congelando lá fora, porque eles não podem sequer pagar roupas. "

"Talvez devêssemos dar a suas," ele diz brincalhão, sua mão deriva pelo

meu peito, seus dedos mergulhando abaixo do decote da minha camisa,

acariciando a pele ao redor do meu sutiã. "Eu mesmo vou mantê-la quente."

Eu bato na sua mão quando ele tenta pegar um peito. "Jesus Cristo, Naz!

Mantenha-o em suas calças, estamos em público."

"Pensei que era assim que você gostava."

Revirando meus olhos, eu pego meu copo de água e bebo um gole,

tentando esconder o rubor feroz em minhas bochechas. Melody limpa a

~ 167 ~

garganta então, felizmente distraindo Naz, enquanto ela checa seu relógio. "Nós

devemos ir, estamos aqui há um tempo."

Naz acena com a cabeça. "Posso levá-los de volta à cidade."

"Não se preocupe com isso," diz Melody, dispensando-o. "Vocês vivem, tipo, bem no fim da rua daqui."

Mais como pelo bairro, mas próximo o suficiente.

"Além disso, nós vamos ir para a casa do Leo um pouco, então ele só vai

ter seu irmão nos pegando em alguns minutos. Sem problemas"

Naz olha para ela.

Ele não diz nada.

Algo me diz que, para ele, por alguma razão, isso é um problema.

"Quanto lhe devemos?" Melody pergunta, se levantando.

"Nada," diz Naz, estendendo a mão e parando Leo quando ele puxa sua carteira. "Não preciso do seu dinheiro."

Espero uma luta nisso. Espero que estes dois homens tenham um concurso de mijo sobre a conta. Ao invés disso, Leo hesita antes de guardar a

carteira, balançando a cabeça.

"Você é um cara legal, Ignazio," diz Melody. "Não me importa o que alguém diga."

Naz pisca algumas vezes. Eu vejo seus lábios se moverem conforme ele incredulamente murmura as palavras *cara legal*.

Melody se afasta, e Leo começa a segui-la, mas a mão de Naz sai, segurando firmemente o braço de Leo, detendo-o. Eles olham um para o outro

em silêncio por um momento... um momento que parece que dura para

sempre... antes que Naz solte seu aperto.

Ausente é seu comportamento casual.

Pela primeira vez, em um tempo, eu estou vendo *Vitale* novamente.

"Envie meus cumprimentos ao seu irmão," diz Naz, sua voz dura.

Leo puxa seu braço para longe, sem dizer nada, enquanto ele corre para

longe, desaparecendo da pizzeria sem uma palavra em resposta a isso. Fico

boquiaberta para Naz enquanto ele relaxa novamente, terminando o vinho do

meu copo.

Envie meus cumprimentos a seu irmão.

Putá merda.

"Estou certa, não estou?" Minha voz é baixa, como se as palavras não quisessem sair. "Eu estava certa sobre ele. Ele é... você sabe... ele é como *você*."

"Ele não é nada como eu."

Eu não sei se ele quer dizer isso.

Eu não sei o que pensar.

Naz não iria mentir para mim, não agora, mas algo está errado sobre isso.

~ 168 ~

"Prometa-me uma coisa," diz Naz.

Eu olho para ele. "O que?"

"Apenas me prometa," diz ele. "O que quer que eu esteja prestes a dizer,

você vai me ouvir. Prometa que vai confiar em mim."

Ugh. "Eu prometo."

"Afastese dele."

Minha testa enrugada. "O que?"

"Eu não estou dizendo que você não pode ser amiga de Melody," diz ele.

"Tudo o que estou pedindo é que você mantenha distância do namorado dela,

sem mais encontros com eles."

"Por quê?"

Ele olha para mim, parando enquanto seus olhos examinam meu rosto,

estudando-me novamente como se houvesse outro teste. Ele vai passar nesse,

também, como ele passou no último.

Ele me conhece.

Ele me conhece melhor que ninguém.

"Porque eu não quero ter que matar outro namorado dela."

Essas palavras me congelam.

Ele diz isso com confiança, como se fosse realmente uma perspectiva.

Como se ele realmente pudesse matá-lo, e pode ser *minha* culpa por não ouvi-lo.

"Mas—"

Sua mão salta, cobrindo minha boca, silenciando meu protesto. "Você prometeu."

Estendendo a mão, arranco a mão dele. "Mas você disse que ele não era

como você"

"Ele não é," diz ele. "Mas isso não significa que ele é inofensivo, querida.

Algumas das pessoas mais perigosas só são perigosas por causa do que elas

significam para os outros, não por causa de quem eles são."

Como você.

Ele não diz essas palavras, mas eu sei que ele quis dizer isso. Sou perigosa

por causa de Naz. Naz mataria por mim. Ele mataria por minha causa. Eu sei

que ele faria.

Ele já fez isso antes.

E ele está me dizendo agora, se eu não mantiver distância, ele pode ter que fazê-lo novamente.

~ 169 ~

CAPITULO

catorze

Ignazio

Há uma diferença entre uma luta e uma batalha. Uma briga é isolada,

geralmente acaba tão rápido quanto começou. Mas uma batalha? Uma batalha é

parte de uma guerra maior.

As batalhas podem durar para *sempre*.

Longa, prolongada, sangrenta e impiedosa... É o tipo de batalha que nos

encontramos no meio agora. A cidade está queimando e as pessoas estão caindo

enquanto a devastação se espalha pelos bairros, tocando em lugares que não

havia infectado antes.

O novo rei decidiu que era hora de reivindicar mais do que apenas as terras do orgulho. Ele quer aqueles pedaços sombrios que não lhe pertencem.

Ele quer todo o reino.

O problema, você vê, é que a maioria das pessoas não parece notar. Eles

seguem seus dias como se nada tivesse mudado. As baixas mal aparecem no

jornal, tratadas como incidentes isolados, como se nem sequer estivessem

conectadas.

Mas elas estão.

Todas elas somam uma situação fodida.

Uma que eu sou pego precisamente no meio.

"Ele tem que ir."

~ 170 ~

Genova se senta em frente a mim no escritório de sua casa de tijolos,

freneticamente baforando um de seus charutos. Fumaça permeia a sala. É

fechado firmemente e não tem nenhum lugar para ir. Meus olhos ardem da

névoa, meu peito apertando a cada respiração. Eu posso sentir isso chamuscando meus pulmões e eu nem sequer fumo.

"Quem?" Eu pergunto, não totalmente certo por que eu estou aqui. Ele me pediu para me encontrar com ele em curto prazo, dizendo que ele tinha algo

importante para discutir comigo.

"O cara," diz ele. "Scar."

Ah!

Scar.

"Ele atingiu um dos meus refúgios esta semana," ele continua. "Roubou um suprimento de armas. Derrubou três de meus caras!"

Pena, eu acho, mas eu não digo isso.

Não quero irritar o chefe mais do que eu já irritei.

"Ele é certamente persistente," eu digo.

Gostaria de poder dizer que estou surpreso.

Eu não estou.

"Ele é uma dor na minha bunda," Genova rebate. "Ele é uma fodida barata que eu quero esmagar. Ele tem que ir, não há outro jeito. Então eu

preciso que você cuide disso para mim, como você disse que iria."

Eu apenas olho para o homem depois que ele diz isso.

"Eu nunca disse—"

"Você disse que ia lidar com o problema."

"Eu lidei com isso."

"Sim? Então, por que diabos ele ainda está respirando?"

Boa pergunta.

"Ele é um chefe agora," eu assinalo. Se o que Lorenzo disse é verdade, que

ele foi chamado para se encontrar com as famílias, goste ou não, ele agora é um

deles. Ele está fora dos limites. "Eu não posso matar um chefe sem a permissão

dos outros."

Eu fiz isso uma vez e escapei.

Eu não terei tanta sorte se eu fizer isso de novo.

Há outras três famílias lá fora que precisariam dar permissão antes que

eu sequer pudesse tocar em um homem em sua posição. São regras não escritas,

aquelas que já me advertiram antes.

~ 171 ~

Não posso arriscar.

Eu arriscaria.

Mas eu não posso.

Não enquanto fico fora de tudo.

"Ele não é *nada*," Genova geme, sacudindo as cinzas do charuto para o chão. "Ele não é ninguém! *Ninguém*! Ele nunca será um chefe!"

Eu não sei se ele quer dizer o que ele está dizendo ou se é a raiva falando,

então eu aceno de forma evasiva e apenas espero que isso seja o suficiente para

tirá-lo do meu caso sobre isso.

"Então?" ele pergunta. "Você vai cuidar disso ou não?"

Ou não.

"Eu estou fora," eu digo. "Já lhe disse isso "

Ele zomba. "A única *saída* desta vida é em uma maldita caixa de madeira.

Você está *dentro* há tanto tempo quanto eu o conheço. Só porque você pertencia

a Angelo..."

"Eu não *pertencia* a ninguém," digo, cortando-o. "Eu não sou um homem

feito, Genova. Nunca prestei juramento. Nunca disse esses votos. Nunca me

prometi a ninguém."

"Exceto para sua esposa, certo?" Ele ri com amargura. "Ou *esposas*, eu acho. Você fez juramentos para elas, não é? Comprometeu-se com elas. Elas são

boas o suficiente para sua lealdade, mas o que, nenhum de nós é?"

Ele está distorcendo essa merda, tentando me manipular. "É diferente."

"Até onde eu sei, Vitale, é tudo o mesmo. É tudo amor, respeito e *família*.

Você faz um voto a um pedaço de buceta para adorá-la para sempre, mas você

nunca foi homem o suficiente para fazer um voto para se comprometer com a

fraternidade conosco. Depois de tudo que Angelo fez por você, depois de tudo o

que ele perdeu ... tenho que dizer, isso sempre me irritou. "

Posso ouvir a raiva em suas palavras, o profundo ressentimento que sempre suspeitei que ele sentia. Recusei seu sagrado convite, provavelmente o

único que já fez isso.

O único que viveu para contar sobre isso.

Eu tenho um passe para a rejeição por causa de quem eu sou.

Ou melhor, quem eu *era*.

Mas eu não sou mais essa pessoa.

Eu não sou mais o garoto de ouro de Angelo, o genro sanguíneo ansioso

para assumir o mundo inteiro pela causa. Eu já disse isso antes... não há amigos

neste negócio. Há apenas pessoas que precisam de você até que eles não

~ 172 ~

precisam mais. Ou você está do lado deles ou você está em seu caminho, e o

último lugar que você quer estar é no caminho de uma guerra.

E eu estou parado no meio do campo de batalha com nenhum lugar para

ir.

Escolha um lado, eles estão todos gritando.

É um cabo-de-guerra que eu não posso vencer.

"O que você faria agora?" Ele pergunta. "Se eu convidasse você para se juntar a nós, para ser um de nós, para jurar sua lealdade para nós depois de

todos esses anos, você negaria a família novamente?"

"Eu não sou seu inimigo," eu digo a ele, evitando essa pergunta, porque

ele não gostaria da minha resposta a isso. Eu não vou me juntar.

"Você também não é meu amigo," ele diz, "não se você virar as costas para nós."

O silêncio permeia a sala então. Guardas ficam nos cantos do espaço, caindo nas sombras escuras, observando, esperando, protegendo o homem a

quem se juraram, um homem que estou irritando muito por me recusar a me

juntar a eles. Mas isso não era eu, apesar do que todos eles poderiam ter

pensado. Eu não fui feito para ser um soldado de rua. Eu não fui construído

para seguir ordens. Não tenho medo de um homem com uma arma. O sangue de

Giuseppe Vitale corre em minhas veias. Tanto quanto o homem possa odiar, isso

é um fato inegável. Não há nada codificado no meu DNA que me torne um

molenga passivo... nada que me torne um dos seus macacos com lavagem

cerebral.

"Eu o conhecia," eu digo.

Genova olha para mim. "Quem?"

"Scar." Olho para o homem, esperando por uma reação, para ver se ele sabia disso. Sua expressão permanece em branco. Eu não tenho certeza se ele é

apenas tão malditamente bom em usar uma máscara para esconder sua

surpresa ou se ele fez sua lição de casa, também, se ele fez a conexão. Não

poderia ter sido tão difícil. Você vê, enquanto o sangue de Lorenzo veio direto da

família Gambini, um Accardi o criou, e os Accardis sempre foram leais a

Genova. Isso deve doer. Isso é *pessoal*. "Eu o conheci há muito tempo. Eu o

conhecia, e vi algo nele, algo que me lembrava de mim mesmo."

"Por que você está me contando isso?"

"Porque não será fácil *esmagá-lo*, Genova," eu digo, "não quando *eu* o ajudei a ser o monstro que ele é."

Genova concorda.

Não, ele não está surpreso.

~ 173 ~

"É por isso que estou pedindo sua ajuda, Vitale." Ele se inclina para mim,

jogando ainda mais cinzas no chão. "Junte-se a nós. Ajude-nos. Vamos pôr toda

essa animosidade atrás de nós e vamos finalmente nos abraçar como *amigos*".

Olho para ele por um momento, pensando em como responder, antes de

eu apenas dizer as palavras. "Eu não tenho amigos."

Tem alguém na minha porta da frente.

Risque isso. *Duas* pessoas – uma mulher e uma menininha. A mulher está vestida em um terninho com saltos, alta e loira e demasiado atrativa para

ser natural. A criança, talvez sete anos, está puxando um carrinho vermelho,

vestindo um colete verde.

Uma escoteira.

Eles são facilmente reconhecíveis.

Eu coloco meu carro em minha entrada e paro por um momento, observando como elas falam com Karissa. Ela está de pé na varanda com elas, a

porta da frente muito aberta atrás dela, Killer abanando a cauda excitadamente

no quintal, sendo adorado pela menina.

Eu não sei quanto tempo elas estão aqui, mas estou chutando um tempo.

Todas elas parecem tão *confortáveis*.

No momento em que saio do carro, porém, isso muda. As visitantes saem

rapidamente, indo na direção oposta, enquanto a postura de Killer torna-se

defensiva.

Karissa se vira para mim. "Para onde fugiu esta manhã?"

Já é de tarde.

Ela ainda está de pijama.

É óbvio que ela não foi a lugar algum.

Huh. "Você não tinha aula hoje?"

"Eu perguntei primeiro."

"Tinha coisas para fazer."

"Bem, eu também," ela diz, acenando atrás dela, para a casa aberta.

"Muitas coisas para fazer, tipo... *dormir*."

Eu rio disso, subindo na varanda com ela. Meu olhar desvia para rua na

direção em que as pessoas se afastaram. "Então você teve alguns visitantes

hoje?"

~ 174 ~



"Uh, sim... elas estavam vendendo biscoitos. Comprei algumas caixas."

Balançando a cabeça, eu passo por ela entrando no foyer e congelo. Pelo

menos uma dúzia de caixas de biscoitos está empilhada bem dentro da porta da

frente.

"Algumas caixas," eu repito conforme Karissa se junta a mim, levando Killer para dentro.

Ela fecha a porta. "Sim, quero dizer, eu teria comprado mais, mas isso era

tudo o que tinha sobrado."

"Mais?" Eu pergunto com incredulidade. "Você comprou todos."

Ela passa por mim, pega a caixa de cima e revira os olhos

dramaticamente, certificando-se de que eu veja. Abrindo a caixa, ela rasga,

tirando um dos biscoitos de manteiga de amendoim, nem mesmo hesitando

antes de comer a coisa. "Você sabe que essas coisas são mercadorias raras, e elas

só as vendem, tipo, uma vez por ano. Precisamos estar acumulando-as como se

fosse o maldito apocalipse."

Olho para ela, erguendo uma sobrancelha. "Eu não acho que eles são tão

sérios."

"Vamos lá, nem sequer aja como se aquelas pessoas em *The Walking*

Dead não estariam um bilhão de vezes mais felizes se elas tivessem *Thin Mint*7."

"Eu acho que eles preferem ter chuveiros, roupas limpas e talvez até mesmo o bife ocasional para comer."

"Bem, então, eles são estúpidos," diz ela, pegando outro biscoito e apontando para mim com ele. "Essas coisas são a chave para a sobrevivência.

Marque minhas palavras... as garotas escoteiras são gênios. Elas estão salvando

o mundo, uma Samoa de cada vez."

Pegando algumas caixas, eu as levo para a cozinha, encontrando espaço

no armário para guardá-las. Karissa me segue, carregando o resto das caixas,

mas ela não se incomoda em me ajudar a guardá-las. Ela guarda a caixa aberta,

devorando as coisas, enquanto ela pula no balcão ao meu lado, apenas sentando

lá, balançando as pernas.

"Eu sempre quis ser uma Menina Escoteira," diz ela. "Realmente, eu acho

que era só pelos malditos biscoitos, mas ainda assim... é uma boa razão como

qualquer outra."

"Por que você não fez isso?"

7

~ 175 ~

"Minha mãe não me deixou."

"Huh."

"Sim, algo sobre isso ser muito perigoso," diz ela. "Acho que ela pensava

que o bicho papão poderia me achar mais fácil se eu usasse aquele colete verde."

"Ele poderia," eu ofereço, não tenho certeza se minha honestidade a fará

se sentir melhor sobre isso. "Teria sido outra peça em uma trilha de papel."

"Então, basicamente, o que você está dizendo é que é *sua* culpa que eu esteja acumulando biscoitos."

Fecho o armário e olho para ela. Ela está brincando com isso. Não há nada acusatório em seu tom. "Você parece estar de bom humor hoje."

"Sim, estou me sentindo melhor," diz ela. "Eu acho que eu estava

queimando, você sabe, entre a escola e a vida e *você...* é apenas um monte de

estresse."

"Que bom que você me inclui."

Ela chuta o pé para fora, batendo em mim. "Você sabe o que eu estou dizendo."

"E sei. E eu estou feliz que você esteja se sentindo melhor."

"Eu também," diz ela. "E a Cherry e a Destiny trazendo-me biscoitos foi apenas mais uma coisa boa."

Cherry.

Destiny.

Que diabos?

"Cherry e Destiny," eu repito.

"Sim, os Montgomerys," diz ela. "Eles moram no fim da rua. Cherry é uma mãe dona de casa. Seu marido, David, é um banqueiro de investimentos.

Não é legal? Eu disse a ela que você fazia todas essas coisas também."

" *Que coisas?*"

"Como ações e carteiras comerciais ou qualquer outra coisa."

"Você está pensando em um corretor. Um banqueiro de investimentos ajuda as empresas a levantar dinheiro."

"A mesma coisa," ela diz, me dispensando enquanto pega outro biscoito.

"É tudo sobre dinheiro, não é? Você sabe sobre o *dinheiro*."

"Então, você falou sobre mim?"

"Claro," diz ela, como se isso não fosse nada demais. "Ela perguntou o

que meu marido faz para ganhar a vida."

"E o que você disse a ela?"

~ 176 ~

"A mesma coisa que você me disse."

"Qual é?"

"Freelance."

Eu rio. *Freelance*. Lembro-me de lhe ter dito isso. Era verdade, embora enganador, eu admito. Eu deixei de lado a parte que o que eu estava fazendo era

ilegal.

Suponho que ela deixou isso de fora também.

"Você sabe, seu marido vai para um clube," diz ela. "Um daqueles tipos de

clubes apenas para homens que não são de strippers, que você costumava ir.

Um bando de rapazes ricos bebendo licor e fazendo concursos de mijo ou algo

assim, eu não sei ... o que quer que vocês fazem nesses lugares. Disse-lhe que

você poderia estar interessado..."

"Karissa, apenas... *não*." Caminho até ela, embalo seu rosto em minhas mãos e olho fixamente para ela. "Eu te amo, eu amo, mas Deus me ajude, a

próxima pessoa que falar comigo sobre *fazer amigos* vai ter sua língua arrancada. Você me entendeu?"

Ela aperta os lábios fechados.

"Não estou interessado em sair com banqueiros de investimento," eu

digo, soltando-a. "Prefiro passar meu tempo com você."

Ela abre a boca, como se ela fosse dizer algo sobre isso, mas em vez disso

ela apenas encolhe os ombros e termina seu biscoito.

Uma vez que acaba, ela fecha a caixa e deixa-a de lado antes de saltar para baixo em seus pés. "Ugh, estou morrendo de fome... você quer ir para a

cidade e pegar algo para comer?"

Eu agarro seus quadris, puxando-a para mim. "Eu tive um dia longo e eu

estou cansado. Por que nós não apenas pedimos alguma entrega, em vez disso?"

Minhas mãos percorrem a curva de seu traseiro enquanto eu me aperto contra

ela. Mergulhando a cabeça, meus lábios encontram seu pescoço. Sua pele é

suave e quente, ligeiramente ácida, conforme minha língua faz o seu caminho ao

longo de sua garganta. "Nós podemos comer e então eu posso... *comer.*"

Meus dentes beliscam a base de sua garganta, e ela assobia, empurrando

para longe de mim. "Pensei que estivesse cansado?"

"Nunca estou muito cansado para você, querida."

Assim que essas palavras estão fora, eu estou bocejando.

"Ugh, por melhor que isso soe, eu tenho uma reunião com meu

conselheiro um pouco mais tarde, então eu não tenho outra escolha senão ir à

cidade."

Eu suspiro, soltando dela. "Você não pode ignorar isso?"

~ 177 ~

"Receio que não," diz ela. "Chegou a hora de finalmente escolher uma especialização."

Huh.

Eu não estou exatamente surpreso. Ela está na faculdade por um bom tempo agora e ela está ficando sem tempo. Mas ela não mencionou isso antes

deste momento.

Não trouxe o assunto.

"Então o que você está escolhendo?"

"Não sei."

"Você não sabe."

"Não."

"Nenhuma ideia?"

Ela balança a cabeça. "Pensando em jogar uni-duni-tê neste momento."

Eu não sei o que dizer a ela.

Ela está indecisa desde que a conheço.

"Você não deve fazer algo apenas por *fazer*," eu digo a ela.

"Diz o cara que há apenas algumas semanas me disse que ele precisava de

um hobby para fazer algo."

Acho que ela me pegou nisso.

Eu ainda estou tentando descobrir o meu *algo*.

Porque esta vida? Este cabo de guerra? Não é o que quero.

"Vista-se e vou levá-la para a cidade," eu digo, apontando para as escadas.

Ela sobe as escadas, para o quarto, e eu faço meu caminho para a sala de

descanso, tomando um assento no sofá para esperar. Meu peito ainda está

apertado da minha visita a Genova. Meus pulmões parecem como se tivessem

sido carbonizados pelas chamas. Alguém fez um buraco em mim antes de

colocar fogo no interior, certificando-se de que cada centímetro de mim queime.

Eu estou atordoado, olhando fixamente para parede, repassando a

conversa desta manhã, repetidas vezes passando por suas palavras. Meus olhos

ardem, e eu os fecho enquanto deito a cabeça para trás, roubando um momento

de escuridão para tentar encontrar alguma paz.

Paz.

Paz.

Tudo que eu quero é um pouco de paz.

~ 178 ~

"Naz?"

Meus olhos se abrem ao som do meu nome, encontrando o olhar de

Karissa. Ela está bem na minha frente, já vestida, o cabelo arrumado e um

pouco de maquiagem no rosto.

Sentando-me, eu gemo, esfregando os olhos. "Isso foi rápido."

"Uh, não realmente... isso me levou quarenta e cinco minutos."

Eu olho para ela com confusão. *Quarenta e cinco minutos?* "Eu devo ter adormecido."

Eu começo a levantar quando ela pressiona suas mãos para o meu peito,

empurrando-me de volta contra o sofá. "Por que você não dorme um pouco?"

"E o almoço?"

Ela zomba. "Eu posso me alimentar."

"Eu lhe disse que te daria uma carona para a cidade."

"Eu posso encontrar meu próprio caminho até lá."

Eu debato sobre isso, e quase refuto, mas a verdade é que estou exausto e

poderia ter algum descanso. "Ligue para um carro."

"Eu vou," diz ela. "Eu vou olhar para os dois lados antes de atravessar a

rua, e eu não vou mesmo aceitar doces de estranhos, mesmo que seja chocolate."

Agarrando-a, eu puxo-a para baixo em direção a mim, dando-lhe um beijo. "Boa menina."

CAPITULO

quinze

Karissa

No momento em que abro a porta da deli, sou recebida por um som.

Assobio.

É alto e entusiasmado, francamente alegre, ecoando sobre a conversa habitual. O som me faz parar, meus olhos procurando a fonte por trás do longo

balcão.

Giuseppe.

Ele está cortando carne no cortador, de costas para todos. É como se ele

estivesse em seu próprio mundo... um mundo cheio de arco-íris, e sol, e tudo o

mais que faz as pessoas felizes.

Cachorrinhos?

Eu não sei.

Felicidade para mim hoje em dia é orgasmo.

Passaram-se semanas desde a última vez que vim aqui, desde o dia em que o tiroteio tentou estragar a felicidade do homem. Não tenho certeza quando

Giuseppe reabriu a deli, mas os meus receios disso ferir o seu negócio eram

manifestamente infundados.

O lugar está caótico.

As pessoas lotam as mesas, almoçando, enquanto o menino que trabalha

na caixa registradora ajuda os clientes, os pedidos se acumulando. Giuseppe não

parece nem um pouco preocupado com isso. Ele não está correndo de forma

alguma.

Ele está gostando.

~ 180 ~

O caixa olha para mim enquanto me aproximo e sorri calorosamente.

"Seu habitual?"

Tenho um *habitual*.

Naz me daria um sermão sobre isso.

"Claro," eu digo, tirando algum dinheiro para pagar, deixando o troco com ele no caixa, como de costume, para que eles mantenham como uma

gorjeta.

Há apenas uma pequena mesa vazia, uma de dois lugares ao longo da parede que alguém acabou de desocupar, deixando seus restos lá .

Ugh. Eu

limpo, jogando o lixo em uma lixeira próxima, e volto para tomar um assento

quando uma das cadeiras se desloca e alguém senta nela.

Fodidamente inacreditável.

"Desculpa," eu digo em voz alta, aproximando-me da mesa. "Eu estava sentada aí."

O cara olha para cima, e algo dentro de mim se contorce. Eu fico branca.

É errado, eu sei, e eu me sinto terrível imediatamente, mas fisicamente recuo.

Eu não o conheço, nunca o vi antes, mas ele tem um rosto único. Uma cicatriz

horrível corta todo o lado dele, direto através do seu olho. A cor dele é leitosa,

turva, uma espécie azul de como um lago obscuro. Parece olhar para mim.

Vago.

Ele percebe minha reação. *Ugh, ele percebe.* Eu posso dizer isso em sua expressão, a maneira como seus lábios se desenham em uma linha dura e fina. É

como se ele se endurecesse em apenas alguns segundos, como se ele estivesse

endurecendo por causa da minha reação ao seu rosto.

Deus, eu sou uma merda.

Eu sou uma pessoa horrível.

"Desculpa," diz ele. "Não havia outro lugar para se sentar."

Ele bruscamente empurra a cadeira de volta para se levantar, mas eu

impeço-o enquanto me sento em frente a ele. "Não, espera, está tudo bem."

Ele faz uma pausa, meio fora do assento, e ergue as sobrancelhas.

"Não há nenhuma razão para que você não possa sentar aqui, também,"

eu digo. "Quero dizer, eu não preciso dessa cadeira, e você está certo... não há

outro lugar para sentar, então, realmente... sente-se."

Ele parece que ele ainda pode sair, e só olha para mim em silêncio, sua

expressão tensa, antes de ele se instalar na cadeira.

Cavando através da minha bolsa, eu puxo um catálogo da NYU.

Provavelmente vai demorar um pouco até que eu consiga minha comida, então

eu também poderia passar por ele novamente e tentar tomar algum tipo de

decisão sobre o que eu estou fazendo.

"Então, eu estou supondo que você é uma estudante?"

Ele diz calmamente enquanto mexe com um relógio no pulso, passando

os dedos pela faixa de metal. Parece absurdamente caro, como pode até ser um

~ 181 ~

Rolex, mas ele não está exatamente vestido como um empresário rico. Jeans, e

uma camisa, com um tênis branco em seus pés. Ele quase parece que *ele* poderia

ser um estudante, exceto que ele é um pouco mais velho que eu.

Trinta, talvez até mais velho... Eu não sei.

Eu não sou boa em julgar a idade.

"Sim eu sou."

"O que você está estudando?"

"Uh, não tenho certeza, eu só estou levando qualquer coisa. Eu realmente

deveria escolher uma especialização em tipo, duas horas, e eu ainda não tenho

ideia do que eu quero fazer."

Ele ri, o som baixo e casual, como se isso realmente o divertisse. "Não é

fácil decidir o seu futuro, não é?"

"Não no mínimo," eu murmuro, folheando as páginas de especialização.

"Eu sempre fui ruim em tomar decisões, no entanto, então isso realmente não é

nada de novo. É só... Acho que tenho dificuldade em me imaginar fazendo *isso*

para sempre."

"Isso é porque para *sempre* poderia ser um tempo muito longo", diz ele.

"Ninguém quer fazer a mesma coisa para sempre. Ninguém que *eu* conheça, de

qualquer maneira."

"É isso que me preocupa," eu digo. "Eu gosto de ir para a faculdade, e aprender, mas eu não estou certa de onde isso está indo, e se eu não sei onde

isso está indo, estou preocupada que não há nenhum ponto, você entende?"

Ele *entende*?

Eu nem conheço esse cara e estou lhe fazendo perguntas existenciais pessoais.

"Não, há sempre um ponto," diz ele. "E se você não fizer isso para sempre? Isso é o que é ótimo sobre a vida... você sempre pode mudar de ideia e

fazer outra coisa em vez disso. Então não pense sobre para sempre. Pense no

hoje. Hoje pode ser todo o para sempre que você consiga, de qualquer maneira."

"Foi assim que decidiu uma especialização?"

"Ah, não... nunca me encontrei nessa posição," diz ele. "Nunca fui para a

faculdade, nunca me formei no colégio."

"Sério? Porque não?"

"Não havia nada que a escola pudesse me ensinar que eu quisesse saber,"

diz ele. "Eu encontrei um professor melhor no mundo real. Eu aprendi a

sobreviver... como *prosperar*... e isso era o que importava para mim."

"Então, o que você faz para ganhar a vida? Quer dizer, se você não se importa de eu perguntar..."

"Eu assumi o negócio da família."

"E o que exatamente são os negócios de sua família?"

~ 182 ~

Ele hesita, um pequeno sorriso puxando o canto de seus lábios. Acho que

talvez ele não tenha a intenção de me dizer, mas depois de um momento ele

simplesmente diz, "Produzir".

Produzir.

Como... cultivar?

"Então, você cultiva coisas?"

"Claro. Bem, os trabalhadores fazem... Eu meio que simplesmente me sento e desfruto dos frutos de seu trabalho, por assim dizer. Não é uma posição ruim para se estar dentro."

"Eu aposto," digo, voltando ao catálogo. "Infelizmente, eu não tenho família, então eu não tive a sorte de herdar qualquer negócio... ou qualquer

coisa, realmente... então eu estou sozinha aqui."

Do canto do meu olho, vejo seu rosto embaçar com confusão.

"Nenhuma

família?"

"Bem, quero dizer, eu tenho um marido." Levantando minha mão, eu agito meu anel em direção a ele. "E eu tenho um sogro agora. Ele na verdade é

dono deste lugar. Fora isso, não... Eu tinha uma mãe, mas ela morreu há mais

de um ano, e meu pai, bem, ele era uma pessoa notável. Eu nunca o conheci, e

ele está morto agora, de qualquer maneira, então isso realmente não importa.

Ouvi dizer que ele tinha uma mãe que ainda estava por perto, mas tenho certeza

que ela não quer nada comigo considerando que ela não queria nada com ele."

"E é isso? Não há irmãos ou irmãs, nem tias, nem tios, nem primos?"

"Não, não há nada, não que eu saiba, de qualquer maneira. Quero dizer, é

difícil dizer, considerando que até um ano atrás eu nem sabia o meu próprio

sobrenome."

"Como você não sabia o seu próprio sobrenome?"

"Longa história," eu digo a ele. "Mas isso se resume a meus pais a mudarem seus nomes."

"Como, proteção de testemunha ou algo assim?"

"Ou algo assim," eu murmuro. "Como eu disse, longa história. Mas não importa realmente, já que eu sou uma Vitale agora. Não tenho que me preocupar se eu sequer era ou não uma Rita para começar. Família é mais do

que sangue. É o que meu marido diz."

Ele olha para mim.

E olha para mim.

E olha para mim mais um pouco.

Ele me olha como se não entendesse o que diabos eu estava falando, e realmente, eu não posso culpá-lo. É certamente uma história enrolada. Nem

sequer sei por que me incomodei a dizer-lhe isso, por que estou falando com

esse cara, exceto que me sinto mal pela maneira como reagi a ele mais cedo.

Ugh, isso me faz uma pessoa ainda pior que eu esteja usando sua

companhia por culpa?

~ 183 ~

"Fascinante." Ele estende a mão para mim. "Eu sou Lorenzo, a propósito,

e você é...?"

Pego sua mão, sacudindo-a. "Karissa."

"Prazer em conhecê-la, Karissa," diz ele. "Você é certamente uma garota

interessante."

Ele solta, puxando a mão para longe, e se senta em sua cadeira, mexendo

com seu relógio novamente quando minha comida é finalmente entregue. O

menino a desliza à minha frente, dando-me um pequeno sorriso, antes de fugir

para lidar com os outros. Eu olho para o meu sanduíche, meu estômago

roncando, antes de eu olhar para o cara em frente a mim.

Eu debato por um momento antes de dizer *'foda-se'* e pegar o meu sanduíche, dando uma mordida dele. É rude comer antes de todo mundo ser

servido, mas não é como se estivéssemos aqui *juntos*. Só estamos compartilhando uma mesa.

A comida é boa, tão boa que eu quase malditamente dou um gemido. É

um sanduiche italiano, sim, e talvez você possa obtê-los em toda a cidade, mas

nenhum tem o sabor tão gostoso quanto os daqui. Giuseppe cozinha

com amor,

e isso sempre transparece em sua comida.

Eu o devoro em apenas alguns minutos. Nem mesmo cinco minutos, e a

maldita coisa se foi. Lorenzo se senta em frente a mim, sem prestar atenção,

agindo como se eu não estivesse nem na mesa com ele. Ele puxa um telefone e

está digitando, mensagens de texto ou e-mail ou fazendo o que quer que seja a

merda que as pessoas que trabalham em *produzir* fazem em seus telefones.

Levantando-me, caminho até a lata de lixo, jogando o lixo fora, quando a porta

do lugar abre, uma brisa entrando. Meus olhos olham naquela direção

exatamente quando a porta se fecha, e eu vejo as costas de Lorenzo enquanto ele

desaparece lá fora.

Acho que ele conseguiu sua comida para viagem.

Sentando-me de volta, empurro o catálogo de volta em minha bolsa,

quando o assobio na deli fica mais alto, mais perto de mim.

Levantando, coloco

a bolsa nas minhas costas quando Giuseppe aparece na minha frente.

"Você

finalmente ficou esperta?"

Minha testa enruga com a pergunta. "O que?"

"Você finalmente recobrou seu juízo sobre deixar o meu filho?"

"O que? Não, claro que não... por que eu iria?"

Ele encolhe os ombros. "Vi você sentada aqui com alguém que certamente não se parecia com Ignazio."

"Oh." Estou quase envergonhada e sinto meu rosto aquecer com o que ele

poderia ter pensado quando ele viu aquilo. "Não, o cara só precisava de um

lugar para se sentar, você sabe, já que está cheio aqui, então nós compartilhamos uma mesa."

"Huh."

Huh.

Jesus Cristo, eu odeio essa palavra.

~ 184 ~

Eu odeio quando Naz a usa, e é ainda pior quando Giuseppe faz. Ele parece que talvez ele não acreditasse em mim, como se ele pensasse que eu

estava mentindo sobre isso. "Estou falando sério... ele disse que precisava de um

lugar para se sentar".

"Eu acredito em você," ele diz, erguendo as mãos. "É meio engraçado."

"O que é engraçado?"

"O fato de que ele precisava de um lugar para se sentar, mesmo assim ele

nem comeu."

"Oh, eu acho que ele decidiu levá-lo para viagem ou algo assim. Nada estranho sobre isso."

"Não, ele apenas não pediu nada. Ele entrou, sentou-se e saiu novamente.

Por isso achei que ele estivesse com você... não seria a primeira vez que trouxe

alguém que se recusasse a comer."

Giuseppe estende a mão, acariciando minhas costas, e me oferece um sorriso antes de passar para algum outro cliente, a conversa acabou. Eu olho

para a mesa, confusa por isso, antes de encolher os ombros.

Acho que ele só precisava descansar por alguns minutos.

Realmente não importa, então eu o empurro isso da minha mente, indo

para fora. Os táxis permanecem no bairro, mas eu os ignoro, indo para o metrô

para pegá-lo para Greenwich Village, usando o tempo para pensar.

Tenho uma decisão a tomar, e só tenho uma hora para fazer.

"E você tem certeza absoluta disso?"

A voz do conselheiro é cética enquanto ela me olha através do escritório

pequeno e brilhantemente iluminado. As lâmpadas fluorescentes fazem minha

cabeça doer, e eu semicerro os olhos um pouco enquanto olho para ela. É quase

como se eu estivesse presa em um par de faróis e não tenho certeza de qual

caminho correr.

"Tenho certeza," eu minto, porque sinceramente? Não tenho certeza nenhuma. Eu poderia estar cometendo o maior erro da minha vida.

Inferno, eu

provavelmente estou cometendo o maior erro da minha vida. Eu provavelmente

deveria sentir vergonha... Eu provavelmente deveria *estar* envergonhada... mas

eu não sinto nada além de uma estranha sensação de alívio.

E, ugh, aborrecimento com as porras de luzes brilhantes.

Sério, isto é um maldito interrogatório?

"Bem, se você mudar de ideia, Karissa, isso pode ser facilmente revertido

no registro." Ela diz, reorganizando minha papelada em uma pasta antes de

entregá-la para mim, "mas caso contrário, eu suponho que terminamos aqui."

"Obrigada."

Eu não espero para ouvir se ela diz 'por nada'.

~ 185 ~

Foi um dia estranho, e honestamente, neste momento, estou pronta para

ir para casa.

São cinco horas em ponto, provavelmente o pior momento na vida para

tentar chegar em casa no Brooklyn. As ruas estão lotadas, e o metrô estará

lotado. Eu chamo o serviço de carro enquanto eu desço a rua, para a interseção

mais próxima.

"Vai demorar cerca de trinta minutos," diz o despachante.

Suspiro, parando, e olho o mar de táxis passando ao meu redor, a maioria

deles apagados, não em serviço. Estou prestes a dizer-lhe que está tudo bem,

que eu vou apenas esperar, quando um táxi, de repente, acende sua luz na

minha frente.

"Esqueça," eu digo ao despachante, desligando o telefone, enquanto estendo meu braço. O táxi para de repente e estaciona perto de mim. Eu salto na

parte de trás dele antes que alguém possa tentar roubar a maldita coisa. *Graças*

a Deus.

"Brooklyn," eu murmuro, antes de resmungar o endereço, me acomodando na parte de trás. Ele chicoteia de volta no trânsito, e eu olho para

cima em direção à frente, minha testa franzindo. Leva apenas um segundo,

quando o meu olho brilha sobre a licença pendurada no painel, para reconhecê-

lo.

Abele Abate.

Eu pego seu olhar no espelho retrovisor, e ele sorri suavemente, mas não

diz nada, entrando e saindo das pistas enquanto seguimos para o sul. O tráfego

é pesado, então eu me instalo no banco, abrindo minha pasta para olhar a

papelada.

Termo de Retirada

Licença de Ausência

Não, não tenho certeza sobre isso em tudo...

Mas eu tenho lutado, desde que tudo isso aconteceu... lutado para encontrar minha base, para encontrar sentido nisso. É difícil entrar naquelas

salas de aula, enfrentar aquelas pessoas, saber que elas olham para mim e

pensam essas coisas sobre mim. Então talvez eu não tenha certeza sobre deixar

Nova York... ainda... mas eu acho que estou certa sobre deixar NYU.

Isso deixou sua marca em mim da melhor maneira possível, mas eu deixei a minha marca nisso, também, e a marca que eu deixei não foi bonita. Há

uma história que eu ouvi, logo depois que eu me mudei para o dormitório, sobre

o fantasma de um jovem artista assombrando um dos edifícios da universidade

depois que ele morreu nele, e eu não sou uma tola de pensar que eu não tive

uma parte em criar mais lendas para o futuro.

O tipo destinado a assustar os outros.

O tipo que mancha a imagem da faculdade que eu amo.

O tipo que torna as coisas boas escuras.

Suspirando, eu olho pela janela lateral enquanto passamos por um cruzamento. Eu tenho um vislumbre da placa de rua, apenas um olhar borrado,

mas a minha testa enrugando com o que eu vejo. *E. Broadway*. Estamos indo para o

leste, através do Lower Eastside, quando deveríamos ter ficado para o sul, em

direção à Manhattan Bridge.

Meu estômago torce e meu coração parece cair, meu peito apertando com

conhecimento. Eu tento manter a calma enquanto olho para frente do táxi, mas

o pânico está surgindo através de mim quando encontro os olhos de Abele.

"Tráfego intenso", ele diz imediatamente. "Acidente ruim no Canal, por isso estou tomando um caminho diferente."

Isso é lógico, eu acho.

Talvez?

Eu não sei.

Porra, como eu deveria saber?

O que eu *sei* é que Brooklyn está a sul daqui, e o táxi é apontado em uma

direção diferente. E isso, Naz diria, é um *absurdo*. Especialmente considerando

que o motorista não tem certeza de nada disso, ele mesmo. Seus olhos estão

saltando entre a estrada e o espelho retrovisor, enquanto ele tece através de

pistas, parecendo que ele não planeja voltar ao sul em breve.

Olhando para trás, vejo um BMW preto direito em nosso para-choque.

Há um outro alguns carros atrás. Eu não sei se eles estão relacionados, mas eu

sei o suficiente para dizer que ser perseguido de perto por um carro por

qualquer motivo nunca é bom.

Girando de volta, eu assisto conforme chegamos perto do final da estrada.

Direita ou esquerda. São suas opções. Esquerda, norte, nos levará em direção a Williamsburg Bridge, enquanto direita, sul, nos levará para o Manhattan, onde deveríamos ter ido para começar. Neste ponto, ambas as

direções nos colocaram fora do nosso caminho, mas pelo menos, com uma

delas, eu poderia chegar ao Brooklyn hoje.

Nós alcançamos a interseção e eu prendo minha respiração.

Direita. Esquerda.

Direita. Esquerda.

Direita. Esquerda.

Parece que ele vai para a esquerda, e oscila para a pista, mas no último

segundo abandona seu caminho e corta os carros, ignorando a buzina incessante

soprando quando ele toma a direita. Eu agarro o assento, meu coração

martelando erratically, e olho para trás, pela janela de trás. O BMW hesita,

chegando perto de uma parada completa no meio do cruzamento. O táxi corta

outra rua, fazendo uma volta, antes de dirigir direto para *Corlears*

Hook Park.

Ele salta uma pequena calçada, dirigindo em um caminho, indo para onde eu

estou muito fodidamente segura de que carros não são suposto ir. Ele faz

algumas voltas, xingando em voz baixa. "Merda, merda, merda..."

"Olha, o que quer que esteja acontecendo, eu não tenho nada a ver com

isso... então, por favor, apenas me deixe sair... desacelere e eu vou *saltar* para

fora ... apenas, por favor..."

~ 187 ~

"Cale a porra da boca," ele rosna, chicoteando o carro ao redor "Estou pensando!"

Ele dirige direto para um edifício de concreto. É pequeno, mas grande o

suficiente para que ele possa estacionar, fora de vista. Ele estaciona o carro, e eu

vou dizer alguma coisa, mas não há tempo.

Ele não foi rápido o suficiente.

Ele não foi habilidoso o suficientemente.

Quem o perseguia, o achou.

Oh Deus.

Antes que qualquer um de nós possa dizer outra palavra, antes que eu possa tentar fugir, um gira em torno do prédio atrás de nós, batendo direto no

táxi. *BAM*. Eu sacudo, batendo nas costas do assento na minha frente, minha

pasta caindo, papéis espalhando por todo o chão do táxi, enquanto meu telefone

vai voando em direção ao banco da frente. Eu pisco algumas vezes quando

minha visão fica preta. São apenas alguns segundos antes de tudo voltar para

mim. Minha cabeça está latejando... latejando... latejando... e os sons são

abafados... mas eu posso ver novamente.

E o que eu vejo quase me faz desmaiar.

Homens, vestidos de preto, usando máscaras de esqui nos cercam. Abele,

frenético, praguejando, tranca as portas da cabine, mas é inútil. É fodidamente

inútil. Uma arma aponta direto na janela, pressionando contra o vidro.

Abele grita, mas é apenas meia palavra antes deles silenciá-lo.

BANG BANG BANG

Três tiros, direto na cabeça, sem hesitação, o gatilho puxado em rápida

sucessão. Vidro quebra e sangue voa, e eu abaixo a cabeça, me encolhendo no

assento traseiro, soltando um grito. Isso se origina no meu peito, e eu tento ficar

em silêncio. Eu tento ser complacente. Eu não quero morrer. Porra, eu não fiz

nada para merecer isso, seja lá o que for. Mas é muito difícil, e eu sou muito

fraca para mantê-lo dentro. Eu grito, e a janela acima de mim é quebrada, uma

mão enluvada alcançando dentro, destrancando a fechadura, antes de

abrir

porta tão duramente que quase a rasga fora das dobradiças.

Braços fortes me agarram, me puxando da traseira do táxi, me arrastando

como se eu não pesasse nada. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e eu

não consigo respirar. Eu estou hiperventilando, conforme ele me puxa de volta

contra ele, sua mão envolvendo meu pescoço, prendendo-me lá, sua arma

apontada para minha têmpora.

Outro carro para atrás de nós. Eu não posso vê-lo, mas eu o ouço... posso

ouvir o motor, as portas abrindo, e passos contra o concreto antes de uma porta

bater. O sujeito me segurando gira, e eu aperto meus olhos fechados, minha

visão borrando.

Eu mal posso ficar de pé com meus próprios pés.

"Moleza, chefe," o cara me segurando diz com uma risada. "Disse que não

seria um problema."

~ 188 ~

Eu abro os olhos, piscando para limpar minha visão, mesmo que eu esteja

aterrorizada de ver. E a primeira coisa que vejo, além dos homens armados

maskarados, é um rosto familiar para mim. Ele me olha casualmente enquanto

ele se aproxima. Deve haver talvez cinco, seis caras vestidos de preto, mas ele

ainda está parecendo descontraído... jeans, camisa, tênis.

Lorenzo.

O cara da deli.

Ele não diz nada, passando por mim, olhando no carro para o motorista

de táxi morto.

É horrível, mas Lorenzo não parece incomodado por isso.

Ele se vira de volta para mim, me olhando novamente, e se aproxima, tão

perto que eu posso sentir o calor de seu corpo. É sufocante. Ele levanta a mão, e

eu tremo, pensando que ele está prestes a me bater, quando em vez disso ele

escova o cabelo para trás do meu rosto. Sua mão segura meu queixo, seu polegar

acariciando minha bochecha. Eu estremeço, seu dedo pastando sobre o que

parece um corte.

"Ela está ferida," ele diz simplesmente.

"Sim, acho que algum vidro a pegou quando eu a puxei para fora," o cara

me segurando diz. "Não é um problema."

"Eu disse para você não machucar a menina," diz Lorenzo. " *Problema.*"

Antes que o homem possa responder, Lorenzo tira uma arma de baixo de

sua camisa, apontando-a para atrás de mim. Sem hesitação. Sem

pensar duas

vezes. Ele puxa o gatilho.

Bang

Eu solto outro grito quando o cara mascarado cai. *Eu caio*. Ele me leva para baixo com ele, duro. Eu posso sentir o respingo de sangue batendo em mim

enquanto eu caio no chão em soluços. Oh, Deus... Sou tão estúpida. Tão

estúpida. Como eu não poderia vê-lo como ele era?

Que diabos há comigo?

Naz me ensinou melhor do que isso.

"Por favor," eu choro, a palavra quebrando quando eu forço para fora.

Por favor... por favor... oh, Deus, por favor... "Por favor, não me machuque."

"Você não deveria implorar," diz Lorenzo.

Não posso evitar. A palavra vem estourando de mim novamente. "Por favor."

Lorenzo olha para mim, ainda segurando sua arma. Depois de um momento de silêncio, ele levanta uma mão sinalizando atrás dele. De repente, os

homens se dispersam. Eles correm de volta para o carro, e Lorenzo olha para

mim por um momento, antes de guardar sua arma e ajoelhar-se.

"Eu conheci seus pais," ele diz. "Carmela e Johnny... Eu conheci os dois,

uma vez. E eu tenho que te dizer, raio de sol... não tê-los por perto? Você

definitivamente está melhor." Ele se levanta e passa por mim. "Envie

meus

cumprimentos ao seu marido, Sra. Vitale."

~ 189 ~

Eu prendo a respiração, olhando para frente, enquanto os carros se afastam, deixando-me ali agachada no chão, ao lado de um corpo sangrando.

Tremendo, afasto-me do sujeito, rastejando ao longo do concreto de volta para o

táxi. Minhas pernas estão fracas. Não há nenhuma maneira que eu possa ficar

de pé. Olho para a parte de trás do táxi, empurrando os meus papéis espalhados,

o sangue das minhas mãos estendendo-se por toda parte.

"Não olhe," sussurro para mim mesma, tentando ignorar o sangue. Tanto

sangue. *Não olhe. Não olhe. Não olhe.* Eu alcanço sob o assento, me encolhendo

quando o vidro quebrado me bate, e começo a chorar mais duramente.

Não consigo encontrar o meu telefone.

Levantando, eu respiro fundo, tentando me estabilizar em meus pés, conforme eu me estendo, destrancando a porta da frente do lado do passageiro.

Eu me movo para o banco da frente, abrindo a porta, e soltando-a no segundo

que eu olho dentro.

Caindo de joelhos, eu suspiro. É violento, e meu estômago torce, revirando tudo dentro de mim. Oh Deus. Oh Deus.

Jesus, fodidamente não olhe.

Não olhe.

Não olhe para o cara com a cabeça estourada.

Olhando para o assoalho, alívio mistura-se com a adrenalina no meu sistema quando vejo a sugestão de rosa reluzente espreitando sob o assento.

Meu telefone. Pegando-o, eu rastejo em volta da frente do carro, longe deles,

longe disso, longe de tudo, e me jogo na grama.

Minhas mãos estão tremendo tão forte que mal consigo segurar o telefone.

O sangue cobre minhas mãos e mancha todo o meu telefone. Eu não consigo obter a autenticação de impressão digital para destravá-lo, e os fodidos

números apenas não querem funcionar. Por que eles não funcionam? Eu os

aperto freneticamente, mas ele continua dizendo que está errado, eles estão

errados, então eu aperto o botão ‘chamada de emergência’.

Porque isso?

Esta é uma emergência, se eu alguma vez já vi uma.

CAPITULO

dezesseis

Ignazio

O barulho de uma música pop antiga e familiar me desperta da minha soneca. O segundo que eu ouço, eu salto, assustado. *Poison*. Bell Biv DeVoe.

Gemendo, eu cavo em meus bolsos.

O toque é muito melhor do que o último, mas eu já estou cansado de ouvi-lo. Agarro o telefone, eu puxo-o para fora e olho para a tela, suspirando.

Karissa.

Eu aperto o botão para atender a chamada. "Por que você não está em casa ainda? Estou começando a me sentir sozinho aqui."

Silêncio. Fungada.

Homens estão falando no fundo.

Há uma sirene à distância.

Ouço um rádio da polícia.

Merda.

"Karissa?" Pânico se instala dentro de mim. "Me responda, querida."

Há um barulho, o telefone em movimento, antes de uma voz invadir.

"Sr.

Vitale?"

"Sim," eu digo. "Quem diabos é você?"

"Detetive Jameson," ele diz, "com o NYPD—"

"Divisão de Homicídios, eu sei. Por que você tem o telefone da minha esposa?"

~ 191 ~

Eu posso senti-lo, posso senti-lo bicando no meu núcleo, a raiva, a devastação, o maldito medo.

Não. Não. *Não.*

"Só quero avisá-lo de que houve um incidente esta noite..."

"Não faça isso," eu digo, minha voz quebrando, interrompendo-o.

Não faça isso.

Não diga isso.

Não faça uma notificação por telefone.

Não faça uma notificação, ponto. Porque eu me recuso a acreditar que você precisa me notificar sobre *qualquer coisa*. Diga-me que tudo isto é um

erro, diga-me que acabou de encontrar o telefone dela, mas não me diga a única

coisa... *a única fodida coisa*... que um detetive de homicídios avisaria alguém.

"Não me diga que alguma coisa aconteceu com ela," eu digo, "não, a menos que você queira que o mundo queime."

Ele hesita.

Ele sabe que eu falo sério.

Ele lidou comigo o suficiente.

Ele fez a notificação há vinte anos no hospital.

Apareceu naquele quarto, enquanto eu estava deitado naquela cama, e me disse que Maria tinha morrido.

Eu já sabia disso, sabia que a tinha perdido.

Mas eu me recuso a acreditar que isso vai acontecer novamente.

Eu me recuso a deixar.

"Sua esposa está sendo vista por um médico agora, mas ela parece estar

bem," diz ele. "Como eu disse, porém, houve um incidente, e ela pediu que você

fosse notificado."

"Onde vocês estão?"

"Bem, estamos no Corlears Hook Park, mas—"

Eu não o deixo terminar, desligando e empurrando meu telefone em meu

bolso antes de sair pela porta. Corlears Hook. Que diabos ela estava fazendo lá?

Não é perto da NYU. Não está em seu caminho para casa. Não é onde ela deveria

estar.

O tráfego é uma bagunça.

Um pesadelo.

Eu acelero em torno de carros, cortando pistas e passando pelos faróis vermelhos, até mesmo dirigindo na direção errada, tudo em nome de chegar lá

mais rápido. Eu bato em um carro estacionado, mas continuo, xingando em voz

baixa, esperando que ninguém conseguisse meu número de placa. Para a

maioria, seria nada mais do que uma multa, uma notificação, mas eles iriam

encontrar uma maneira de enviar a minha bunda para prisão por toda vida por

isso.

Corlears Hook Park fica ao longo da costa. É um pequeno parque, em comparação com alguns outros da cidade, por isso não é difícil encontrar onde

eu preciso estar. Dezenas de carros de polícia cercam a área, luzes acesas, uma

seção cercada pela fita da cena do crime. Eu puxo meu carro para cima em

direção à entrada, pulando o meio-fio e apenas deixando-o lá.

Eles têm sorte que eu me preocupo em fechar a maldita coisa.

"Senhor? Senhor! Isso não é uma vaga de estacionamento!"

"Reboque-o, então," eu digo, passando por ele, agarrando a fita policial e

me agachando debaixo dela, indo direto para a cena do crime. Eu posso ver uma

ambulância não longe de mim, perto de um pequeno edifício de concreto. O

oficial tenta me parar, agarrando meu braço, mas eu me afasto dele, continuando.

Ele pede ajuda pelo rádio. Eu o ouço, gritando desesperadamente que alguém entrou no perímetro, e vejo outros girando seu foco na minha direção,

como se estivessem prestes a vir atrás de mim. O detetive Jameson anda ao

redor do prédio, então, diretamente na minha linha de visão, bem no meu

caminho, e os acalma. "Está bem, cavalheiros, ele é o marido da vítima."

Vítim a.

"Onde ela está?" Eu pergunto.

"Como eu disse, ela está bem." Ele sinaliza para as ambulâncias. Eu posso

ver duas, o que me diz que ela não era uma única vítima aqui. "Ela ainda está

sendo atendida."

Passo por ele, mas ele pula na minha frente, no meu caminho. "Espere."

"Deus me ajude, Jameson, não tente impedir que eu a veja."

Ele levanta as mãos na defensiva. "Não. Só estou lhe pedindo para que vá

por este caminho."

Ele aponta o longo caminho, ao redor do outro lado do prédio, e eu

começo a discutir, mas eu entendo. Se eu continuar, vou pisotear sua cena do

crime, e ele ainda finge se importar com *integridade* e *justiça*.

Então eu faço isso, esta pequena concessão, porque ele está bem dentro

do seu direito de me jogar no chão e me prender agora por interferir, e eu tenho

mais coisas importantes para me preocupar.

~ 193 ~

A primeira ambulância está trancada, as luzes apagadas. A que está bem

ao lado dela está bem aberta, oficiais a cercam. No centro, em pé na frente da

porta dos fundos está o parceiro de Jameson, Andrews. Eu não posso ver

Karissa através de todos os policiais e médicos, mas eu acho que é onde eu vou

encontra-la, então eu vou direto para lá.

Eles se separam quando me veem vindo, como se estivessem com medo

do que eu faria se não o fizessem. Todos eles saem do meu caminho, exceto por

Andrews, mas isso não importa, porque eu passo por ele. No momento em que

ele se move, no momento em que eu olho bem para a ambulância, meu coração

cai direto para os meus dedos dos pés.

Ela está sentada ali com os pés pendurados, um olhar atordoado em seu

rosto. Sangue mancha suas roupas. Seus cabelos estão mesmo emaranhados

com isso, mas eu não acho que é dela. *Graças a Deus não é dela.* Há uma

atadura na sua bochecha, e seus olhos estão alarmados enquanto eles me

procuram.

No momento em que me vê, ela fecha os olhos.

Ela fecha-os, e respira profundamente, como se estivesse sobrecarregada

de alívio.

Eu não hesito. Eu agarro ela. Eu a arranco da parte de trás da ambulância

e a puxo direto em meus braços. Seus pés não podem tocar o chão, e eu

provavelmente vou quebrar suas costas por quão duro eu a estou espremendo,

mas eu não posso evitar. Porque eu sinto isso, o alívio que ela está sentindo. Eu

sinto a respiração profunda que ela tomou. Eu sinto isso em minha alma.

Ela começa a chorar enquanto ela fuça o meu pescoço, agarrando-me de

volta.

"Está tudo bem," eu sussurro. "Apenas continue respirando e você ficará

bem."

"Sr. Vitale?" Andrews diz, "Se você não se importa, ainda temos algumas

perguntas para sua, uh... *esposa*."

"Parece que ela está em qualquer condição para responder às suas perguntas?"

Karissa empurra para longe de mim, e eu solto meu aperto, colocando-

a

em seus pés.

"Está tudo bem," ela diz, sua voz tensa enquanto tenta se recompor. Ela

enxuga as lágrimas com o dorso da mão, fazendo caretas enquanto puxa a

atadura. "Está tudo bem, eu só... Eu não sei o que mais posso dizer a você. Eu

estava no táxi, eu estava voltando da faculdade para casa, e eu não estava

realmente prestando atenção... a próxima coisa que eu sei, estamos indo na

direção errada, e um carro está nos seguindo. Ele veio aqui, eu não sei por que...

~ 194 ~

para se esconder, talvez? Mas lá estavam eles, e aqui estamos nós, e lá está ele, e

aqui estou eu."

Olho para o prédio, vendo o táxi amarelo, as janelas estouradas com o sangue a rodeando. Um corpo repousa no chão ao lado dele, coberto por um

lençol, o material branco nítido embebido em vermelho.

"E o outro cavalheiro falecido?" Andrews pergunta. "De onde ele veio?"

"Outro cara?" Eu chio. "Que outro indivíduo?"

"O motorista de táxi ainda está no carro," oferece Andrews. "O segundo

foi encontrado morto ao lado do táxi quando chegamos."

Os olhos de Karissa disparam em minha direção nervosamente. "Ele

era

um deles... um dos rapazes nos seguindo, cinco deles, talvez seis. Eu não tenho

certeza, ele me puxou para fora da cabine, e ele tinha uma arma apontada para

mim, e eu pensei que ele ia atirar em mim." Ela solta um soluço, mas levanta

suas mãos para me parar quando eu tento puxá-la em meus braços novamente.

"Não, está tudo bem, eu estou bem... ele me pegou e então ele disse algo a outro

cara, algo sobre isso não ser um problema, ser fácil, e então o cara atirou nele.

Ele simplesmente *atirou* nele!"

"Então o amigo dele atirou nele," diz Andrews, anotando isso. "Por que ele faria isso?"

"Como ela deveria saber?" Eu pergunto. "Ela não é vidente."

"Que tal você deixar que ela responda, Vitale?"

Eu me aproximo dele. "Que tal você parar de interrogá-la enquanto ela está aflita."

"E que tal você não me dizer como fazer meu trabalho."

"Seu trabalho é obter justiça, não traumatizar as mulheres... a menos que,

é claro, você curta esse tipo de coisa."

Ele não gosta disso. Sua bochecha se contrai, seus olhos brilhando de raiva. "Você quer falar comigo sobre traumatizar as pessoas? Vamos falar sobre

as coisas que você fez! Na verdade, não me surpreenderia nem um

pouco se você

estivesse envolvido nisso!"

"Eu?" Eu olho para ele, erguendo minha voz. "Você acha que eu faria isso,

que eu machucaria minha própria esposa? Eu *nunca* faria isso."

"Como eu vou saber?" Ele pergunta, jogando minhas palavras de volta para mim. "Não sou vidente."

Eu quase giro.

Eu quase o acerto.

Se Karissa não estivesse entre nós, eu o faria.

~ 195 ~

"Pessoal, pessoal... Podemos nos entender aqui?" Jameson pergunta, chegando ao lado do prédio, aproximando-se da ambulância.

Andrews murmura algo, algo que eu não consigo entender.

"O que é que foi isso?" Pergunto-lhe. "Não consegui te ouvir."

"Eu disse que vamos nos dar bem quando o seu traseiro finalmente estiver atrás das grades." Ele fecha o caderno, enfiando-o no bolso do casaco.

"Sua esposa, também, se ela está escondendo provas."

"Relaxe," Jameson diz, dando um tapinha nas costas de seu parceiro.

"Tenho certeza de que ela nos contou tudo o que sabe. Não é verdade, senhora

Vitale?"

"Sim," Karissa diz calmamente. "Não há mais nada que eu possa dizer."

"Então ela está livre para ir?" Eu pergunto, "ou seu parceiro vai persegui-

la um pouco mais?"

"Ela realmente precisa ser transferida para o hospital," diz Jameson.

"Tentei mandá-la mais cedo, mas ela insistiu que esperássemos por você."

"Hospital?" Eu a olho. "Você está se sentindo bem?"

"Sim, eu, ugh..." Ela faz uma careta, fazendo sinal para si mesma.

"Fluidos corporais em cima de mim, eles precisam coletá-los. Evidências ou

qualquer outra coisa."

Ah!

"Os quais você está contaminando," diz Andrews.

"*Além disso*," Jameson intercede, "é sempre melhor prevenir do que remediar. Eles vão querer fazer alguns testes, talvez dar-lhe algumas doses de

reforço, apenas para garantir."

Eu aprecio Jameson tentando manter a paz.

Aprecio ele intervir.

Porque se o seu parceiro continuar abrindo a boca, Karissa não será a única a visitar o hospital.

"Posso levá-la," eu pergunto, "ou tem que ser você?"

"Você pode levá-la," diz Jameson. "Lower Manhattan... eu vou encontrá-

los lá."

Andrews começa a se opor. "Mas—"

"Como você disse, já está contaminado," diz Jameson. "Ela ficará mais à

vontade indo com ele."

Eu não perco tempo tirando ela daqui. Eu não quero arriscar Jameson mudar de ideia e decidindo ser um idiota.

~ 196 ~

"Você está bem para andar?" Eu pergunto calmamente, pegando a mão de Karissa.

"Claro," ela diz, mesmo que ela não pareça certa, mas eu vou acreditar em

sua palavra. Eu a conduzo ao redor do lado do prédio, e ela quase mantém o

passo comigo enquanto nos aproximamos do meu carro, ainda estacionado no

meio-fio. "Hum, Naz?"

"Sim, querida?"

"O que aconteceu com seus sapatos?"

Olho para os meus pés... para minhas meias pretas. "Eu não estava usando nenhum quando eles chamaram."

"Então você acabou chegar aqui de pés descalços?"

"Estou usando meias."

"Uh... Ok. Eu só... nunca realmente te vi sem sapatos assim antes."

Eu paro ao lado do meu carro, abrindo a porta do passageiro para ela.

"Sim, bem, quando recebo um telefonema de um detetive de homicídio que quer

me notificar sobre algo acontecendo com minha esposa, sapatos não são

realmente o que está em minha mente."

A cor drena de seu rosto.

Qualquer cor que lhe tivesse restado, de qualquer maneira.

"Eu não pensei," diz ela. "Eu não queria que *você* pensasse..."

"Mas eu pensei," eu digo, "e você poderia ter sido... Jesus Cristo,

Karissa... quantas vezes eu lhe disse para não pegar um táxi da cidade? Quantas

vezes? *Muitas*. Mas você não ouviu. Por que você simplesmente não podia me

ouvir?"

"Eu ouvi." Sua voz se quebra quando as lágrimas enchem seus olhos. Eu

não deveria estar gritando com ela, não agora, não aqui, mas porra, isso é sério.

Ela poderia ter *morrido*. "Eu liguei para um carro, mas eles estavam muito

ocupados, e o táxi estava lá, então eu não achei que seria um problema. Eu

pensei que você estava apenas sendo paranoico."

"E ainda assim estamos aqui," eu digo. "Um duplo homicídio, em plena luz do dia, com você presa no meio disso."

Ela começa a chorar, as lágrimas se libertam, fluindo por suas bochechas

enquanto ela olha para longe de mim.

Meu peito aperta, e eu estou nauseado da raiva e da overdose de

adrenalina em meu sistema. "Não chore, está bem? *Nós estamos bem*. Eu só

preciso que você entenda o quão sério isso é."

~ 197 ~

Movo-me para a porta aberta do carro, e sem palavras, ela sobe. Eu

fecho-a, andando para o lado do motorista, ligando o carro e puxando-o para

fora do meio-fio.

Ela fica quieta por um momento, olhando para fora da janela lateral, enquanto eu dirijo na direção do hospital. Ela espera até eu puxar para o

estacionamento, o carro parando, antes que ela solte um profundo suspiro. "Ele

disse que conhecia meus pais."

Sua voz é tão baixa que eu mal entendo o que ela está dizendo, mas eu

entendo. Ela está me contando o que ela não contou aos detetives. "Seus pais."

Ela assente com a cabeça.

Huh.

"Ele disse mais alguma coisa?"

"Só para lhe dizer que ele envia seus cumprimentos."

No momento em que ela diz isso, eu sei.

Eu sei.

Eu sei quem fez isso, quem os atacou, quem malditamente quase colocou

minha esposa em uma sepultura esta tarde. "Lorenzo."

"Você o conhece," diz ela, ou pergunta... não tenho certeza. Acho que é

uma conclusão lógica, se ele conhecia seus pais...

"Vamos," eu digo. "Vamos fazer verificar você."

Geralmente as pessoas podem esperar por horas na sala de emergência para serem atendidas, mas Jameson deve ter avisado, porque no

segundo eles

colocam os olhos em Karissa, eles sabem quem ela é.

Eles sabem o que aconteceu.

Eles sabem por que ela está aqui.

Eles correm em procedimento, levando-a para trás para limpá-la e executar alguns testes. O tempo passa enquanto eu me sento na sala de espera,

aguardando. Esse filho da puta cometeu um grande erro. Ele mexeu com a

pessoa errada. Ele deveria ter sabido melhor. Eu posso ter deixado passar

quando ele atacou os negócios do meu pai, e quando ele atacou outras pessoas,

mas minha esposa?

Ele sabia que ela estava fora dos limites.

Ele fodidamente *sabia* disso.

Jameson aparece eventualmente, mas ele não fica muito tempo, indo para dentro e voltando com um saco de papel cheio do que eu suponho sejam as

roupas de Karissa. Ele se aproxima de mim com cuidado, parando fora do

alcance do braço. Estou zangado, *furioso*, e acho que ele pode notar.

~ 198 ~

"Estava indo—

Ele começa a falar, mas eu o interrompo. "Não me diga que você vai pegar quem fez isso, porque eu sei melhor, Jameson. Você não os pegou da

última vez, você não vai fazer isso agora."

Ele faz uma pausa, franzindo a testa, antes de falar novamente. "Eu ia dizer, que vamos precisar que ela vá até a delegacia quando ela puder para fazer

uma declaração oficial."

Eu concordo. "Nosso advogado entrará em contato."

Ele sai então.

Deixa-me sozinho.

Sozinho para pensar um pouco mais.

Para deixar minha raiva florescer.

Eu estou quase saltando da minha própria pele, ansioso demais para ficar

sentado aqui, esperando.

Levantando-me, caminho até a bancada, para a enfermeira encarregada

deste lugar. "Olha, qualquer chance que eu possa ir verificar minha esposa? Ela

tem estado lá por um tempo."

Ela parece dividida e pega o telefone para fazer uma chamada, perguntando a quem atende se estava bem se eu fosse permitido entrar. Ela

murmura pra mim então, oferecendo um sorriso simpático. "No final do

corredor, pegue a primeira à esquerda, e será a segunda porta à direita. Eles já

estão terminando."

Eu sigo suas instruções, e me aproximo da porta exatamente quando o médico sai. Ele olha para mim antes de desviar seus olhos,

resmungando uma
saudação enquanto ele se apressa.

Eu não me importo de bater, em vez disso caminho direto para dentro,
Karissa nem sequer olhar para cima quando entro. A enfermeira está
terminando o que está fazendo e olha para mim antes de se virar para
sair. "Nós

terminamos aqui, então você está livre para ir. Nós vamos pegar a
prescrição
para você."

Karissa murmura as palavras ‘*obrigada*’, mas eu certamente não ouço.
Ela está pálida, quase fantasmagórica. É como se ela estivesse presa
em seu
próprio mundo.

"Prescrição?" Eu pergunto. "Há algum problema?"

Ela balança a cabeça. "É apenas uma vitamina ou o que quer que seja,
eu

disse a eles que não estava me sentindo bem. O médico pensou... bem,
quero

dizer, disse que eu deveria tomar algo."

Vitaminas.

~ 199 ~

Depois do que ela passou, essa é a menor das nossas preocupações.

"Além disso?"

"Eu estou bem. Eles provavelmente terão que executar mais testes
mais

tarde, apenas no caso, mas ele me assegurou que tudo estava bem.
Tomei

algumas doses, e você sabe... um par destes."

Ela aponta para si mesma.

Ela está usando umas camisolas grandes de papel, plástico frágil prendendo. Acho que eles estão cansados de pessoas roubando os verdadeiros.

"Eu posso quase ver através delas."

"Sim, bem, a alternativa era o vestido sem costas." Ela olha fixamente para o chão.

Algo está errado.

Eu posso senti-lo.

Ela nem olha para mim.

"O que está errado?"

"Você está bravo."

Faço uma pausa. "Isso é o que está errado?"

"Apenas uma observação."

Eu ando até ela, segurando seu queixo, inclinando seu rosto para que ela

olhe para mim. Seus olhos olham ao meu redor por um momento antes de

finalmente encontrar meu olhar. Tristeza, junto com uma dose saudável de

medo. Isso é o que me cumprimenta.

Eu odeio isso.

Ela deveria ser feliz.

Ela certamente merece.

Isso era suposto ser seu final feliz.

O que aconteceu com isso?

"Eu não estou bravo com você," eu digo. "Estou puto por isso acontecer com você, que eu tenho que ser paranoico sobre você ir aos lugares. Estou puto

que eu tenho que estar com raiva, Karissa, mas eu estou tentando não levar a

minha raiva para você, porque é não é culpa sua, é minha."

É minha culpa, sem dúvida. Eu meti ela nisso.

É meu trabalho tirá-la disso.

No entanto, não sei se isso lhe interessa agora.

Se isso sequer faz a diferença.

~ 200 ~

Com certeza não alivia qualquer tristeza ou medo.

"Podemos sair daqui?" Ela pergunta. "Eu gostaria de estar em qualquer lugar, menos *aqui*."

Não posso discutir com isso.

Odeio hospitais mais do que a maioria das pessoas.

Eu gostaria de estar em qualquer lugar, exceto aqui também.

Ela não diz nada enquanto ela é dispensada e nós vamos para o carro, mas ela percebe imediatamente quando eu começar a dirigir na direção errada.

Ela fica tensa, olhando pelo espelho lateral. "O Brooklyn não fica ao norte

daqui."

"Não, mas NYU fica."

"E?"

"E você deveria visitar a Melody."

"O que?" Ela se vira para mim, olhos arregalados. "Por quê?"

"Porque agora, você poderia realmente precisar de uma amiga."

As lágrimas tomam seus olhos novamente.

Ela está tentando não chorar.

Posso dizer.

E eu não quero deixá-la, eu *não quero*, mas há algo que eu preciso lidar.

E eu não posso deixá-la em casa sozinha, não esta noite, então isso nos deixa

com Melody.

Ela estará a salvo lá.

Porque Lorenzo nunca faria nada para prejudicar seu irmãozinho, não diretamente, então se ele for atrás de Karissa novamente, não será quando ela

estiver com a namorada de seu irmão.

"Você vai fazer alguma coisa, não é?" ela pergunta. "Você está me levando

lá para que você possa ir atrás dele."

"Você vai ficar bem lá," eu digo, evitando essa pergunta. "Eu não quero

que você se preocupe."

"Não quer que eu me preocupe, Naz? E se eu não te ver de novo? E se você nunca voltar?"

Eu paro o carro na garagem de estacionamento ao lado dos dormitórios, e

corto o motor antes de girar para ela. "Não pense assim."

"Como posso não pensar?"

~ 201 ~

"Eu sempre irei buscá-la," eu digo a ela. "O maldito diabo não conseguiu

me impedir. Vão ser apenas algumas horas, amanhã, o mais tardar. Prometo

que voltarei."

"Mas eu pensei que você disse que eu deveria manter minha distância. Você me fez prometer."

"Eu só queria saber quando você estava por perto de Leo, então eu poderia manter um olho em coisas."

Ela pondera isso por um momento antes de seus olhos se estreitarem, algo parecendo golpeá-la. "É o irmão dele, não é? *Envie os meus cumprimentos*

para o seu irmão. Foi o que você disse ao Leo. É o que o cara me disse hoje.

Mande meus cumprimentos."

"É."

"Aquela coisa é irmão do Leo? Sério? E Melody está saindo com ele?"

"Não desconte em sua amiga. Uma vez, você se *apaixonou* por um monstro, essas coisas acontecem."

"Isso é diferente."

"Talvez seja," admito. "E nesse caso, o que você fez foi pior. Porque Leo?

Ele está apenas levemente pisando numa situação pegajosa. Eu? Estou profundamente até o joelho nisso."

"Mas você está fora," diz ela. "Não está?"

"Tão fora quanto eu posso estar."

É o que eu digo a ela toda vez. Não tenho certeza se ela entende.

Fora só significa que eu posso sentar na margem, esperando até que eu seja chamado de volta para o jogo. E eles têm me chamado, muito incessantemente... ambas as equipes.

Então eu estou fora, sim, o que significa que estou relutantemente ainda

dentro.

Isso é apenas a maneira que é.

"Vamos," eu digo a ela. "Vou te levar para dentro."

Não é difícil entrar nos dormitórios.

Não é difícil entrar em qualquer lugar, honestamente.

O truque é apenas para parecer que você pertence.

Se você agir como se você devesse estar lá, ninguém questiona sua presença. É tudo uma questão de confiança.

Fazemos o nosso caminho através do posto de fiscalização e vamos direto

para cima, para andar número treze. Karissa caminha atrás de mim.

~ 202 ~

Posso dizer que ela não quer estar aqui.

Ela não quer que eu vá embora.

Assim que chego ao quarto 1313, levanto o punho e bato na porta. É tão

alto que Karissa se encolhe, olhando para mim com preocupação.

Isso faz o truque, no entanto.

Leva apenas alguns segundos para a porta se abrir.

Em frente a mim está uma menina ruiva alarmada. Seus olhos se arregalam quando ela olha para mim, e ela se retira alguns passos, longe da porta, enquanto eu entro.

"Desculpa," Karissa murmura, entrando atrás de mim.

Melody está sentada em sua cama e olha para cima com confusão.

"Ignazio?" Ela olha ao meu redor, para sua amiga. "Jesus, Kissimmee, o que aconteceu?"

"Eu, uh..." Ela sai de trás de mim para apontar para sua bochecha.

"Apenas um corte."

Isso é simplificar.

Melody olha para ela como se estivesse louca enquanto ela se levantava.

"Tudo bem? O que vocês estão fazendo aqui?"

Karissa balbucia, sem dizer nada coerente.

"Ela teve um dia difícil," eu digo. "Eu espero que esteja tudo bem se ela

ficar com você por algumas horas enquanto eu lido com um pouco dos negócios."

"Oh, absolutamente!" Melody sorri, fingindo alegria, mas sua preocupação não vacila. "Karissa sabe que ela pode ficar aqui o quanto ela quiser."

A ruiva do outro lado da sala suspira alto.

Eu me viro para Karissa enquanto ela só fica lá, braços envoltos em torno

de seu peito. Nada que eu possa dizer fará com que ela se sinta melhor no

momento, então eu apenas pressiono um beijo na testa dela antes de sair.

Lugares para ir.

Pessoas para ver.

Sangue para derramar.

Você sabe como é.

~ 203 ~

A música bate da casa cor-de-rosa em Bensonhurst.

Não é alta o suficiente para chocalhar as janelas, não alta o suficiente para perturbar os vizinhos, mas eu ouço quando me aproximo da casa, ouço-a

vindo da sala da frente. As vozes carregam sobre o som, conversa sem sentido,

até mesmo um pouco de riso.

O som range em mim.

Eu não chamaria isso de festa, mas pessoas estão aqui.

Eles estão aqui, e eles estão festejando.

É quase como se estivessem *comemorando*.

Dois carros, incluindo o BMW que estou olhando, agora sem uma placa.

Ambos não podem caber na entrada de automóveis, então eles estão parados na

calçada. Eu me coloco na entrada vaga de um vizinho, roubando a vaga de outra

pessoa.

Não importa. Eu não pretendo estar aqui por muito tempo.

Entrar. Sair. Feito.

Eu salto sobre a grade branca, sem me preocupar em abrir o portão, e me

dirijo ao redor da parte de trás do pequeno lote, para o lado oposto da casa onde

as pessoas estão reunidas. A porta dos fundos está destrancada. Não estou

surpreso. Lorenzo acha que ele é invencível. *Intocável*. Nenhuma razão para

trancar as portas se ninguém é estúpido o suficiente para tentar roubá-lo, certo?

Certo.

Abro a porta dos fundos e caminho direto para a cozinha, sem hesitação

em meus passos.

Como eu disse, a chave é agir como se você pertencesse ao lugar.

Está escuro aqui.

Na verdade, a maior parte da casa está escura.

A única luz que eu posso ver é escura e brilhante em algum lugar pelo corredor.

O cômodo da frente.

Eu dou um rápido olhar ao redor, avaliando, contemplando, antes de

caminhar para as gavetas da cozinha e vasculhar através delas, procurando algo.

Está muito vazio aqui, e eu procuro armas, mas eu consigo encontrar uma faca

de bife velha escondida entre os talheres.

Foda-se. Uma faca é uma faca.

Se é afiada o suficiente para cortar carne, é boa o suficiente para mim.

Antes que eu possa me mover, a porta da cozinha se abre e alguém entra.

O cara está vestido de preto, da cabeça aos pés, e ele está muito preocupado com

~ 204 ~

algo em seu telefone para perceber que estou aqui. Eu não o conheço, mas já o vi

antes. Eu o vi sair do carro naquele dia no beco.

Agora, ele está desarmado.

Eu me movo em direção a ele. Quando ele me percebe, é tarde demais.

Ele está muito atrasado. Ele olha para cima, a sobrancelha franzida, os olhos

apertados enquanto tenta entender o que está vendo. Mas está escuro, e ele é

lento, e eu não tenho tempo para tentar negociar e convencê-lo a manter a boca

fechada.

Então eu o calo.

"Ei—"

Essa é a única palavra que ele recebe.

Agarrando-lhe, puxo-o ao redor, a faca indo direto ao pescoço dele. Eu

corto, duro, cortando a pele, cortando-o quase de orelha a orelha. Ele balbucia,

soltando o telefone, e tenta gritar, mas não há nenhuma maneira que alguém

possa ouvir seus gritos sobre a música na sala da frente.

Ele cai no chão com um baque, lutando.

Eu me movo em torno dele, passado ele, e direto para o corredor, meus

passos quietos. Benefício de não ter sapatos... é mais fácil esgueirar-se. Mas eu

não estou tentando passar despercebido. Não tem sentido.

Em dez segundos, todos saberão que estou aqui.

Dez.

Nove.

Oito.

Eu passo para o corredor, e alguém está lá.

Alguém está andando em minha direção.

Sete.

Seis.

Cinco.

Eu aperto firmemente a faca, agora coberta de sangue.

Ela goteja da ponta, salpicando o chão.

Quatro.

Três.

Dois.

Ele faz uma pausa e olha para cima.

De repente, eu sei que há um Deus.

~ 205 ~

Eu duvidei disso, uma ou duas vezes. Duvidei que poderia existir um.

Duvidei que alguém iria criar alguém como *eu*. Mas naquele segundo, quando

aqueles olhos se encontram com os meus, eu sei que... há um Deus... e Ele

apenas me entregou o milagre que eu preciso.

Leo congela ali mesmo no corredor. É como um cervo nos faróis. Ele para

e só fica lá e olha fixamente. Horror enche seus olhos, o tipo de medo mais

grave. Seu irmão pode não ter medo de mim, mas Leo certamente tem.

Bom.

Ele deveria ter.

Estou sem tempo. Eu sei disso.

Meus segundos acabaram.

Eu só tenho um jogo aqui, e eu tenho que fazê-lo.

Os sentidos de Leo aparecem assim que eu alcanço o garoto,

arrebatando-o. Eu o giro ao redor, colocando sua face longe de mim, para que

suas costas estejam contra meu peito. Minha mão esquerda o prende perto

conforme eu o arrasto direto para a sala da frente, meu aperto firme. Ele luta, e

tenta se soltar, mas não é suficientemente forte. Eu o tenho subjugado no

segundo em que entramos na porta.

É fraco.

Patético.

Karissa luta mais quando nós estamos fodendo.

"Lorenzo!" Leo grita o nome de seu irmão, sua voz uma oitava mais alta

do que a voz de qualquer cara deveria ser.

Isso atrai sua atenção.

Eles reagem instantaneamente. Três rapazes, vestidos de preto, engatilham as armas. Eles apontam para mim. Os dedos tocam nos gatilhos. A

única razão que hesitam é por causa de Leo. Não vou pensar duas vezes em usá-

lo como escudo, se for preciso. Talvez ele seja um inocente, mas ele ainda é

parte disso.

Uma *grande* parte disso.

Vítima de guerra.

Eu não quero ter que fazê-lo, mas eu vou.

Estendendo a mão, coloco a lâmina da faca sangrenta contra seu pomo de

Adão.

O ar está nublado com fumaça de maconha. Eu posso sentir o cheiro, *sentir* isso, enquanto eu inalo. Não é tão ruim quanto os charutos de Genova,

mas meus olhos ainda queimam da névoa grossa.

~ 206 ~

Posso ver Lorenzo, no entanto, claro como cristal. Ele se senta do

outro

lado da sala em um pequeno sofá preto.

Ele é o único que não pegou uma arma.

Ele não se moveu.

O silêncio toma a sala, exceto pela música que jorra dos alto-falantes.

Dez segundos mais passam antes que Lorenzo reaja.

Ele se senta para frente, e eu aperto Leo mais apertado. O garoto grita, começando a chorar, enquanto os outros parecem ser atingidos com pânico

sobre isso. Os homens estão de pé e gritam, jogando fora ameaças que não

podem cumprir a menos que eles também planejem matar Leo. É caos, e meu

coração corre em meu peito enquanto eu absorvo a cena. Estou contando que

esse homem verdadeiramente ainda ame seu irmão.

Se ele não amar, eu estou *fodido*.

"Relaxe, relaxe," Lorenzo diz casualmente, pegando um pequeno controle

remoto da mesa bem na frente dele. Pressionando um botão, ele silencia a

música. "Por que não tomamos apenas uma respiração profunda?"

Os homens ficam de guarda, mas param de gritar. Eles param de ameaçar, mas eu sei que eles ainda vão cumprir essas palavras. Eles ficam lá e

olham fixamente, esperando a permissão.

Lorenzo olha em volta para eles antes de ele voltar a descansar contra o

sofá.

Confiança.

Ela transborda dele.

Eu me pergunto o quanto disso é real.

"Ignazio, o que está acontecendo?" Ele pergunta. "O que você está fazendo?"

"Pensei em fazer uma visita."

"Entrando furtivamente? Tomando *reféns*?" Ele balança a cabeça. "Se você quisesse falar sobre algo, se quisesse me encontrar, tudo o que tinha que

fazer era perguntar, eu sempre dou tempo para meus amigos."

"*Amigos*," eu repito. "Você continua insistindo em usar essa palavra."

"Porque é verdade," diz ele, "e eu sempre falo a verdade."

Um riso agudo e amargo apunhala em meu peito. "Verdade? Você fala a

verdade, Lorenzo?"

"Sempre."

~ 207 ~

"Isso é engraçado," eu digo, erguendo minha voz, aquela raiva se

recusando a ficar na baía. "Engraçado, porque me lembro de você me dizendo

que não faria *mal à minha esposa*!"

Sua testa sulca. "Ela não está bem?"

"*Não*," eu rosno. "Nem sequer sente aí e finja que não estava envolvido."

Seja um homem, Lorenzo. *Admit* a."

"Oh, eu não estou negando nada." Ele levanta a mão, um sorriso nos lábios. Um sorriso de *merda*. Ele acha que isso é uma piada? " *Culpado!* Mas

você está exagerando."

"Eu estou exagerando?"

"Você está," ele insiste. "Você deveria estar me *agradecendo*, honestamente."

"Agradecendo você?" Eu dou um passo mais perto, empurrando Leo junto comigo. O menino choraminga, a faca pressionando mais forte contra ele.

Cada som que ele faz envia os outros mais perto da beira. Eu sou malditamente

afortunado que ninguém disparou um tiro acidentalmente. "Nós tínhamos um

acordo. Você não a machuca, e eu deixo seu irmão sozinho. Mas é óbvio que

você não é mais um homem de sua palavra, então eu acho que nosso negócio

está encerrado, Lorenzo."

Ele está começando a suar.

Eu posso ver isso.

Está construindo ao longo de sua testa, mas ele não deixa seu estresse mostrar o contrário. Seus olhos nos avaliam, lentamente, como se estivesse

considerando suas opções, tentando descobrir o que fazer aqui. Seu olhar se

instala em meus pés, eventualmente, e ele deixa escapar um suspiro dramático

enquanto empurra para longe do sofá, levantando-se, murmurando,
"Eu não

estou alto o suficiente para isso."

Ele dá um passo medido em minha direção, depois outro. O terceiro
passo é muito próximo para o meu conforto. Eu puxo Leo de volta,
longe de seu

irmão, a faca cortando em seu pescoço. É apenas um corte, apenas um
pequeno

corte. Um fio de sangue flui pelo centro de sua garganta. Não é muito
em tudo.

Mas eles reagem.

Eles não esperam mais por permissão.

Eu acho que o sangue deu-lhes o que eles precisavam.

Os homens dão o bote, vindo direto para mim, mas Lorenzo para antes
que algo possa acontecer. "Whoa, whoa, whoa! *Parem, meninos!* Eu
disse para

atacar?"

Ele fisicamente cria uma barreira entre nós, e eu puxo Leo para longe
da

porta, longe de seu irmão, antes que eles consigam suas mãos sobre
ele.

~ 208 ~

"Saiam, todos vocês!" Lorenzo ordena. "Deixem Ignazio e eu sozinhos."

Ele não precisa dizer duas vezes. Os homens abandonam a casa, indo
direto para a porta da frente. Eu fico lá, observando enquanto ele
balança a

cabeça, antes que ele se vire para mim. "Você vai deixar meu irmão ir
agora?"

"Dê-me uma razão porque eu deveria."

"Porque eu pedi gentilmente."

"Não está bom o suficiente."

"Você quer que eu diga por favor? Eu não sou realmente o tipo que implora."

"Eu quero que você me diga por que você pensou que era inteligente *atacar* minha esposa."

"Eu não a ataquei."

"Não negue—"

"Novamente, não estou negando *nada*." Lorenzo passa as mãos pelo rosto. "Olhe, deixe meu irmão ir, e você e eu vamos falar sobre isso. Eu vou te

contar tudo o que aconteceu. Mas é meio difícil me concentrar quando você tem

uma faca no pescoço dele."

Lentamente, abaixo a faca, usando minha mão livre para empurrar Leo

direto em seu irmão.

Lorenzo o agarra pelo queixo, levantando o rosto, examinando o pescoço

do garoto, certificando-se de que o corte não é muito profundo. Ele me lança um

olhar conforme ele faz isso.

Dando um tapinha nas costas seu irmão, ele acaricia seu cabelo,

tratando-o como se ele ainda fosse um garotinho. "Você vai ficar bem. Nenhum

mal feito. Olhe desse jeito... você sobreviveu a um ataque de Vitale. Não há

muita gente capaz de dizer isso."

Ele ri sobre isso então. *Ele ri.*

Não é frequente eu ser pego de surpresa, mas ele me pegou aqui.

Lorenzo se vira então, caminhando em minha direção. Eu fico tenso, preparando-me para reagir, mas ele anda em volta de mim. "Vamos," ele diz, me

acertando no peito com o dorso da mão enquanto ele passa.

"Preciso de uma bebida."

Ele vai para a cozinha.

Chame isso de curiosidade.

Chame isso de estupidez.

Chame do que quiser.

~ 209 ~

Eu o sigo.

Lorenzo balança a porta da cozinha aberta e hesita antes de passar pelo

cara que deixei aqui. Ele está no chão, em uma poça de sangue, embora ainda

esteja respirando. Eu passo com cuidado, deslizando para a cozinha atrás dele,

cada centímetro de mim ainda em guarda.

Eu vejo Lorenzo enquanto ele passeia até o balcão, pegando uma garrafa

de rum cubano e desenroscando a tampa. Ele toma um drinque da garrafa e

sibila enquanto engole.

Recostando contra o balcão, ele olha para mim.

Ele parece desapontado.

Desapontado.

"O que é?" Eu pergunto, usando suas palavras anteriores sobre ele. "O que você está fazendo?"

"Bebendo," diz ele, estendendo a garrafa. "Você quer um pouco?"

"Vou passar."

"Sirva-se," diz ele, tomando outro gole. "Se vale a pena, e eu não sei se faz

a diferença, mas eu disse-lhes para não machucá-la."

"Você disse a eles para não machucá-la."

"Sim."

"Eles não ouviram."

Ele pensa nisso antes de tomar outra bebida. "Eu sei."

Isso faz alguma diferença? *Não.*

"Lugar errado, hora errada," ele diz, encolhendo os ombros. Você sabe como é."

"Não estou interessado em suas desculpas, Lorenzo."

"Não está?" Ele pergunta. "Eu conheço você, Ignazio. Eu conheço seus métodos. Eu sei o que faz você marcar algo. E se você não está interessado em

desculpas de alguém, você não lhes dá a chance de falar. Você não veio aqui para

me matar. Você veio aqui para chegar ao fundo das coisas."

Ele diz isso com indiferença.

Eu não gosto que ele ache que ele me conhece.

E talvez ele esteja certo.

Talvez eu não tenha vindo para matá-lo.

Mas isso não significa que eu estou comprando sua merda.

"Então," ele diz, "ela te contou o que aconteceu?"

~ 210 ~

"Ela me contou tudo."

" *Tudo.*" Lorenzo diz isso com uma risada. "Ela lhe contou o nome do homem que estava dirigindo o táxi?"

"O que importa? Ele está morto."

"Precisamente," Lorenzo diz, apontando a garrafa de rum para mim.
"Eu

disse, você deveria me agradecer."

Eu estreito meus olhos nisso. "Qual era o nome dele?"

"Abele Abate," diz ele. "Lembra algo?"

Lembro.

Ele sabe que sim.

"Ele era um dos caras de Ray."

Ele balança a cabeça. "Ela lhe disse que ela tomou este táxi em particular

algumas vezes? Que esta não era a primeira vez que ele a conduzia para algum

lugar? Que sempre que ela precisava de uma carona, ele simplesmente estava na

área? Ela te contou isso?"

Não, ela não contou.

"Eu o peguei espreitando em volta dela duas semanas atrás," ele continua. "Foi inteiramente coincidente, você vê, porque eu também

estava

espreitando ao redor dela."

"Por quê?"

"Por quê?" Ele pergunta com incredulidade. "Vamos lá, eu pergunto por

aí quando eu chego à cidade e a primeira coisa que eu descubro é que você está

casado. *Novamente.* E a não apenas com qualquer uma. Você está casado com

ela. Nunca em meus sonhos mais selvagens Então me chame de curioso... Eu

queria ver a garota que finalmente descongelou seu coração congelado."

Ele sorri, mas eu não acho divertido.

"Então, o que... achou que você atingiria dois pássaros com uma cajadada

só? Derrubaria outro dos homens de Ray, enquanto perseguia ela?"

"Nunca fui atrás dela." Ele parece inflexível. "E Abele? Parece que ele estava trabalhando para alguém nestes dias, alguém que tinha um interesse

especial em sua garota."

"Quem?"

Ele hesita. "Difícil de dizer."

Difícil de dizer.

Ou ele não sabe ou não quer me dizer.

"Corte as besteiras, Lorenzo."

~ 211 ~

"Olha, tudo o que estou dizendo é que eu parei sua esposa de ser *verdadeiramente* prejudicada. De nada por isso, a propósito."

Eu não agradeço a ele.

Não sei se acredito.

É muito conveniente.

Eu olho ao redor da sala, meus olhos observando o homem no chão.
Ele

está gemendo, ainda se movendo.

"Ele ainda está vivo," Lorenzo aponta.

"Por agora," eu digo. "O que acontece com ele depende se você planeja ajudá-lo."

"Oh, eu vou ajudá-lo, não se preocupe com isso."

Olho para Lorenzo.

Ele toma outro gole do licor, olhando para o homem no chão.
"Quando

foi a última vez que você realmente matou alguém, Ignazio?"

É uma pergunta que eu não quero responder.

É uma que eu realmente não tenho que pensar.

A última vida que eu terminei foi de Raymond Angelo.

Todo mundo desde então, eu deixei vivo.

Eu hesito tanto tempo que ele sabe que eu não vou responder, mas
isso,

eu suponho, é resposta suficiente para ele. "Há muito tempo, hein?"

"Não importa," eu digo a ele. "Se foi há um ano ou uma hora atrás, não faz diferença. Há tanto sangue em minhas mãos que elas nunca ficarão limpas."

"Não importa, mas ainda assim você está tentando."

"Por ela."

"Bem, não se preocupe," ele diz, apontando para o homem que se contorce no chão. "Eu vou me certificar de que ele seja cuidado, então o último

sangue em suas mãos não será hoje."

Eu não sei se ele espera que eu agradeça, mas eu não faço. Eu não digo

nada.

Eu simplesmente escorrego para fora pela porta dos fundos.

Dirigindo-me ao redor da casa, eu vou para o meu carro na entrada do vizinho, quando eu ouço. Eu ouço o tiro solitário nos fundos da casa. *BANG.*

~ 212 ~

CAPITULO

dezessete

Karissa

Às vezes, quando eu não consigo dormir, eu simplesmente deito na cama

e reflito.

Eu me pergunto como minha vida seria se Naz não tivesse acontecido.

Se eu não tivesse entrado naquela sala de aula de filosofia, talvez

ninguém tivesse me notado. Talvez eu tivesse continuado, sem ser detectada,

construindo uma vida para mim mesma sob seus narizes, vivendo meus dias

alheia e feliz. Talvez eu nunca tivesse conhecido a verdade de minha filiação, e

eu poderia ter existido em uma felicidade ignorante eterna. Talvez eu tivesse me

especializado em arte, ou talvez até fizesse alguma coisa na ciência. Talvez eu

ainda estivesse vivendo neste mesmo quarto com Melody. Talvez eu estivesse

sempre comendo miojo Ramen enquanto recebia uma dúzia de mensagens da

minha mãe todas as tardes.

Talvez ela ainda estivesse viva.

Talvez.

Talvez.

Talvez.

Eu me imagino tendo outra vida, em outro lugar, cercada por outras

pessoas... Pessoas que eu ainda não conheci, pessoas que talvez eu nunca vá

realmente conhecer. E tanta coisa parece certa sobre isso, tanta coisa

parece

livre, mas há sempre essa dor no meu estômago, um aperto no meu peito, como

se houvesse um grande vazio que está crescendo e crescendo.

Algo está faltando.

Ele.

Quando penso em uma vida sem Naz, começo a me sentir *sozinha*. É como se estivesse em uma sala cheia, gritando, mas ninguém está ouvindo.

~ 213 ~

Naquele dia, fora da sala de aula, quando ele me entregou meu telefone, foi

provavelmente a primeira vez na minha vida que eu senti como se alguém

realmente tivesse me notado. Que alguém prestou atenção. Eu gosto de pensar

que ele me ouviu gritar, mesmo que, na época, fosse por razões erradas.

E enquanto eu me deito no chão sujo no dormitório de Melody, um quarto que guarda tantas memórias, estou fazendo isso de novo... Estou

imaginando uma vida sem ele.

Um mundo onde ele não existe.

Está escuro. Eu não sei que horas são. Eu não consigo olhar. Eu sinto como se estivesse aqui para sempre, cada tique-taque do relógio me

provocando. Estou silenciosamente gritando e esta noite, ninguém está ouvindo,

ninguém está me ouvindo, ninguém está vindo para me salvar desta

angústia.

Tick.

Tick.

Tick.

Quanto mais tempo ele está fora, maior a chance de ele nunca voltar.
Ele

prometeu que voltaria, mas ele não é indestrutível. Ele é humano. Ele é falho.

Ele tem um coração que bate em seu peito, assim como eu. Tudo o que precisaria era de uma faca para rasgá-lo. Eu sei. *Eu sei.*

Eu sinto isso.

O vazio.

A parte de mim que está faltando.

Eu sinto isso.

As lágrimas enchem meus olhos enquanto a bile queima minha garganta,

trazida a tona pela massa se expandindo em meu peito, a escuridão viciosa que

está me comendo. "Oh Deus," eu sussurro, levantando-me, minha visão embaçada por uma súbita onda de tontura. "Eu vou ficar doente."

Eu corro para o banheiro, tropeçando na merda da escuridão, grata por

encontrá-lo vazio. Desmoronando no chão, começo a engasgar, mas nada está

saindo. Não há mais nada em mim.

Por favor.

Por favor, volte para mim.

Eu preciso de você.

A luz acende, forte e me cegando, e eu aperto meus olhos fechados firmemente enquanto eu continuo implorando.

Por favor.

"Karissa?" A voz de Melody hesita quando entra no banheiro. "Você está

bem?"

Estou bem? *Não*. Eu não estou bem em tudo.

As palavras dela foram escassas desde que eu apareci há uma hora... um

dia... *um ano* atrás. Eu não sei. Eu disse a ela o que aconteceu comigo, a versão

~ 214 ~

resumida, deixando de fora as partes que têm a ver com Leo, mas derramando

segredos que nem mesmo Naz sabe ainda.

Naz.

Oh Deus... *Naz*.

E se ele nunca souber?

O choque de tudo isso a deixou sem palavras, e se eu não me sentia suficientemente solitária antes, agora eu certamente me sentia. Ninguém

entende. Ninguém me ouve. Melody tentou escutar, tentou racionalizar o que

estava acontecendo, mas nenhuma quantidade de *'tudo acontece por um*

motivo' será suficiente para me manter calma.

Em vez de responder, aperto os olhos com mais força, tentando imaginar

outro mundo de novo. Um mundo onde estamos felizes, onde estamos juntos,

onde estamos longe de tudo isso.

Um mundo sem um alvo em nossas costas.

Um mundo aonde Naz chega em casa.

Um mundo onde possamos viver em paz.

Um mundo que é só nosso.

"Tudo ficará bem," Melody diz, mudando seu curso de ação. "Ele é

Ignazio, você sabe, ele é, tipo... ele é simplesmente ele. Ele vai ficar bem."

Eu realmente quero acreditar que isso é verdade.

Mas às vezes, as pessoas não voltam.

E Melody sabe disso.

Ela sabe disso mais do que muitas pessoas.

E ela está tentando ser positiva, sendo a melhor amiga que ela pode ser,

mas eu posso ouvir a apreensão em sua voz. Eu posso sentir o pedaço de medo.

Isso é pesado, muito pesado para uma garota naturalmente tão alegre. Mas

sempre há uma possibilidade, cada vez que alguém sai, que pode ser a última

vez que você vá vê-los. Pode ser a última vez que eles encantam seu mundo.

"Se ele não voltar..."

"Não pense assim," ela diz, me cortando. "Você não pode pensar assim,

Karissa."

Empurrando para longe, eu me sento no chão e puxo minhas pernas para

cima, envolvendo meus braços ao redor dos meus joelhos. Lágrimas silenciosas

fluem dos meus olhos. Eu nem sei que estou chorando até senti-las em minhas

bochechas. "Estou apenas... Estou tão cansada de nunca ter o chão debaixo de

mim. Eu sinto como se estivéssemos em queda livre, e tudo ao nosso redor

continua se movendo em um borrão, e eu não sei como fazê-lo abrandar para

que possamos pousar em nossos pés."

"Eu sei," diz ela calmamente, "mas isso é o que acontece quando você se

apaixona por uma força da natureza."

Inclino meu rosto, olhando para ela.

~ 215 ~

Ela sorri tristemente. "Olha, eu entendo... Eu não sei *realmente* como é

Ignazio. Eu conheço o cara que ele quer que eu conheça, e realmente, eu não

acho que ele quer que eu conheça qualquer parte dele, mas ele me tolera... por

causa de você. Eu conheço esse lado dele. E ele é... *intenso*. Eu não estou

dizendo que ele não é legal, porque ele nunca foi *desagradável*, mas ele é

esmagador. Honestamente, Karissa, o homem assusta a merda fora de

mim.

Mas você o ama, e eu sei que você ama... Eu posso *dizer* que você ama... porque

ele é todo intenso. É como se ele estivesse dentro de você, e ele apertasse forte, e

não há maneira de tirá-lo de novo, a menos que arrancássemos metade de você

com isso. Ele é uma força da natureza. Então não é surpresa que uma tempestade de merda o siga, sabe?"

Eu não sei o que dizer enquanto eu a encaro, absorvendo essas palavras.

Ela nunca fez muito sentido antes. Ela pondera melhor do que eu pensava.

"Acho que todas essas classes estão valendo a pena," eu murmuro. "Você

será a maior filósofa da nossa geração."

Ela ri. "Tenho certeza de que Kanye já detém esse título. Você não ouviu?"

Eu sorrio com isso. "Tenho certeza de que *todos* nós ouvimos."

"Então, sim, eu sei que você está farta ou qualquer outra coisa," diz ela,

estendendo a mão para mim, para me ajudar, "mas você tem que manter a

cabeça erguida."

Eu fico de pé, balançando a cabeça. "Tupac."

"Quem é o maior filósofo do século XX," diz ela. "Foda-se Wittgenstein e

Sellers e Rawl... Pac é o cara."

Eu aprecio ela tentar aliviar o humor, e quase funciona, quase me distrai

da realidade, mas um batida alta vindo do quarto do dormitório ofusca tudo.

Oh Meu Deus.

Passo correndo por Melody, entrando na quarto, quase batendo em Kimberly enquanto a garota se dirige para a porta. Ela se afasta, mãos para

cima, murmurando com raiva, mas eu não escuto o que ela está dizendo.

Arrancando a porta aberta, meu coração para.

Ele para por apenas um segundo.

É a pior dor que já senti.

É como se o mundo parasse de girar, nada mais existisse, antes que tudo

começasse de novo. Quase perco a respiração dos meus pulmões quando o vejo

de pé bem ali.

Naz.

Ele não se move. Não lhe dou a chance de entrar. A corrida de emoções,

de adrenalina, de hormônios, é apenas demais para ser engarrafada. Eu solto

um grito enquanto eu me arremesso para ele, batendo nele com força, empurrando-o mais para fora no corredor.

Ele está aqui.

Ele está vivo.

Ele ri baixinho, envolvendo seus braços ao meu redor.

Ele me segura com força.

"Califórnia," eu murmuro contra seu peito.

Ele fica calado por um momento antes de perguntar: "E o que tem isso?"

"É para lá que eu quero ir."

Outro momento de silêncio. Sua mão vem descansar em meu cabelo, prendendo-me contra ele enquanto beija a parte superior de minha cabeça. "Se

isso é o que você quer."

É isso.

É tudo um borrão depois disso. Naz agradece a Melody. Estou muito confusa para dizer qualquer coisa. Saímos e caminhamos para fora dos dormitórios, suas mãos nunca me deixando. Seu carro está estacionado

aleatoriamente em fila dupla na frente. Está escuro. Meia-noite? Talvez mais

tarde.

O relógio continua marcando.

Isso o trouxe de volta para mim dessa vez.

Ele abre a porta do passageiro, mas eu fico lá, apertando firmemente sua

mão, não entrando. Lágrimas continuam fluindo de meus olhos, e eu realmente

quero detê-las, mas filha da puta... Eu não posso.

Ele faz uma pausa, também, usando sua mão livre para escovar as

lágrimas do meu rosto. "Ei, agora... está tudo bem, eu disse que voltaria."

"Eu sei, mas—"

Nem consigo terminar.

Eu só choro mais.

Meu peito dói tanto com esse vazio novamente preenchido. Agora parece

que vai explodir, como se não houvesse suficiente de mim para conter tudo isso.

Meu mundo está naufragado e eu estou me apegando a essa porcaria de

prancha, desesperada por acreditar que há espaço suficiente para nós dois

aguentarmos. Mas meus ombros estão pesados, peso demais pressionando no

meu peito, e se eu não me descarregar real e fodidamente rápido, eu vou me

afogar.

"Mas—?"

"Eu estou grávida."

Eu deixo isso escapar tão rápido que soa como uma palavra desordenada,

uma palavra que carrega o peso do mundo. *Grávida*. Eu posso sentir a pressão

sobre mim diminuindo. Segredos são difíceis de manter. Eu só soube por

algumas horas, mas cada segundo que passou isso me comeu viva.

Não era assim que eu queria dizer isso a ele.

Eu não sabia *como* dizer a ele, ponto, mas isso? Isso não é como deveria

ser. Eu não devia soltar isso em um ataque de lágrimas assustadas.

Eu não sei como ele vai reagir. Não sei se ele vai ficar feliz, ou com raiva,

ou apenas tão chocado como eu. Nós não estávamos tentando. Nós realmente

~ 217 ~

não falamos sobre isso. Eu ainda estava tomando a pílula, mas eu continuava

me esquecendo de tomá-la, e eu tentava me recuperar mais tarde, mas olha no

que isso deu.

Grávida.

Um bebê.

Ugh, eu vou ficar doente novamente.

Ele me encara.

E me encara.

E me encara mais um pouco.

Eu realmente preciso que ele diga alguma coisa, mas ele só fica olhando,

como se ele não tivesse me ouvido. Ele ouviu? Eu quase cuspo isso novamente,

mas eu ainda estou chorando, e as palavras apenas não estão se formando como

eu quero que elas se formem.

Ele me encara tão duro que eu acho que ele queimou direto através de minha alma, antes que ele pegar em minha mão, puxando-me mais perto, e diz:

"Entre no carro."

É isso.

Essa é toda a reação que eu tenho.

Eu escuto e finalmente solto sua mão, subindo no carro. Este não é o lugar para isso. Ele fecha a porta para mim, e eu coloco o cinto de segurança,

minhas mãos tremendo. Ugh, eu gostaria que elas parassem. Enxugo minhas

lágrimas e tento me recompor, esperando que tenhamos uma conversa a

qualquer momento, mas em vez disso ele entra e dirige sem uma palavra.

Estou tremendo todo o caminho para o Brooklyn.

Eu não sei o que fazer com nada.

Ele entra na garagem quando chegamos, trancando o carro, e me leva pela porta lateral, até a cozinha. Killer começa a latir excitadamente quando me

vê, pulando para cima e para baixo, quase me derrubando em minha bunda.

Dirijo-me para a porta dos fundos, deixando-o sair para o quintal, e estou

pensando em ir para o andar de cima quando Naz aparece atrás de mim. Eu vejo

seu reflexo no vidro. "Quanto de certeza você tem?"

Virando-me, olho-o cautelosamente. "Numa escala de um a dez?"

Ele estuda meu rosto antes de dizer novamente: "Quanto de certeza você

tem, Karissa?"

"Uh, muita certeza, eu acho... tão certa como eu posso estar. Eu não fiz,

tipo, xixi no palito ou qualquer coisa..."

"Então como você sabe?"

Há uma pitada de raiva em sua voz. Ele está tentando refreá-la, mas está

saindo.

"Porque o médico disse que eu estava."

"O médico."

~ 218 ~

"Sim, quando estávamos no hospital."

"No Hospital."

"Ele fez alguns testes ou o que quer que seja, e eu acho que ele apenas descobriu sem querer."

"Ele descobriu sem querer."

Ele está fazendo isso de novo.

Repetindo minhas palavras.

"Sim," eu digo. "Ele descobriu por acaso."

Naz acena, cruzando os braços sobre o peito, sua postura quase defensiva, como se tentasse me impedir de entrar. Seu rosto ainda é passivo, até

mesmo estoico, mas seus olhos estão ardentes. "Quanto tempo?"

"Oito semanas."

"Então... dois meses."

Ele olha para longe de mim, respirando fundo, como se tentasse se acalmar.

"Você está bravo."

"Eu estou."

Ugh, ele não está negando.

"Sim, bem, talvez você não seja o *único*."

Eu tento me afastar, mas ele agarra-me, puxando-me para ele em vez

disso. Meu instinto entra em cena, e eu começo a lutar com ele, empurrando e

tentando contorná-lo, mas ele apenas aumenta seu aperto, prendendo-me lá.

Desisto imediatamente.

Quando Naz quer algo, ele consegue, e sinceramente, eu me sinto melhor

em seus braços. Ele pode estar com raiva por qualquer motivo, mas eu estou

apavorada.

"Há um mês," diz ele em voz baixa. "Eu sufoquei você."

"E?"

"Você já estava grávida."

Meu estômago cai.

Isso nem sequer me passou pela cabeça.

Só o Naz para se fixar *nisso* de tudo que está acontecendo.

"Você não me machucou... ou nós... ou qualquer outra coisa."

Nós. Há um *nós*.

Há eu e este... *bebê*.

"Eu poderia ter machucado," diz ele. "Não peguei leve com você."

"Isso é porque eu posso aguentar. E isso... uh, você sabe..."

"Bebê," ele diz calmamente.

Bebê.

Jesus Cristo, eu posso sentir as lágrimas vindo novamente.

"Tem o seu DNA," eu digo. "Então, obviamente, é teimoso como merda e

vai ser resiliente."

Ele não diz nada a isso.

Eu não sei se estou fazendo a diferença em como ele se sente.

Provavelmente não.

Naz já perdeu uma família uma vez. Ele perdeu um bebê que ele nunca

teve a chance de conhecer, então eu não estou realmente surpresa por sua

preocupação arrogante.

Eu só não quero que ele remoa isso.

As pessoas tendem a se machucar quando isso acontece.

Ele solta um suspiro resignado. "Então, Califórnia, hein?"

"Sim," eu sussurro.

Uma das últimas conversas que tive com minha mãe, ela mencionou fugir

para lá. Talvez ela estivesse em algo. É quase tão longe de Nova York quanto

vamos conseguir sem sair do país.

"Bem," ele diz, "melhor começar a empacotar, então."

A maior parte da minha vida foi gasta vivendo com caixas.

Não há razão para descompactar quando, mais cedo ou mais tarde, eu só

teria que embalar tudo de novo.

Eu nunca tive muito quando criança, ou mesmo quando adolescente, por

isso não era difícil, vivendo uma vida de simplicidade, empacotar no meio da

noite e apenas ir embora. É mais fácil desaparecer, escorregar para a obscuridade, sem arrastar uma vida de bens junto.

Isso é algo que minha mãe me ensinou.

Mas eu tenho muita bagagem agora... *literalmente, figurativamente...* e

eu não estou inteiramente certa de como tudo vai se encaixar em nossa nova

vida. Dezenas de caixas de papelão desordenam todos os cômodos da casa, a

maioria ainda vazia. Já faz alguns dias desde que tomamos a decisão de nos

mudar, e eu sinto que eu venho embalando constantemente desde então, mas eu

mal comecei com qualquer dos nossos pertences.

A verdade seja dita, Naz acumulou um monte de merda.

Embora, tudo bem, eu acho que acumulei, também.

Eu costumava ser capaz de encaixar tudo o que eu possuía em três caixas,

mas agora eu preciso mais do que isso apenas para sapatos.

~ 220 ~

Em pé na sala de descanso, meus olhos varrem as prateleiras cheias de livros de Naz. Ele está sentado em sua mesa, meio vestido, calças

pretas e uma

camisa branca. Está mal abotoada, para fora, as mangas dobradas até os

cotovelos.

Ele parece exausto. Ele provavelmente está.

Ele anda por aqui, quieto, estoico, distraído-se limpando, esfregando a

mesma merda uma e outra vez. É raro eu pegá-lo sentado, como ele está agora,

mas mesmo fora de seus pés, ele ainda consegue parecer *ocupado*. Como diabos

ele faz isso? Ele está folheando o jornal, não prestando qualquer atenção a mim,

enquanto eu me estresso sobre como arrumar seus livros.

"Você está se estressando," ele diz, sem me olhar, seus olhos nunca se afastando do jornal.

"Eu não estou."

Estou mentindo.

"Você está mentindo."

Ugh.

"É apenas... são muitos de livros."

"Eu sei."

"Vamos precisar de mais um bilhão de caixas."

"Para que?"

Para que?

Que porra de pergunta...?

"Para os livros," eu digo. "Você tem muitos."

Ele lentamente põe o jornal para baixo enquanto olha para mim. "Não importa, não vou levá-los."

"O que? Por quê?"

"Porque eles não são necessários."

Em algum lugar lá fora, a cabeça de um rato de biblioteca apenas explodiu. "Como você pode dizer que os livros não são necessários?"

"Facilmente," diz ele. "Eles não são."

"Eu só... eu nem sei o que dizer para você agora."

Ele ri levemente, sentando-se em sua cadeira para me olhar. "Não há sentido em levar a *maior parte disso*, Karissa, é tudo desnecessário... são

apenas *coisas*. Eu comecei do zero uma vez, e eu estou mais do que feliz em

fazê-lo novamente."

"Então, o que, você vai simplesmente deixar tudo? "

"Nem tudo," diz ele. "Eu ainda considero levar você junto."

"*Engraçadinho*." Resisto ao desejo de mostrar a língua para ele. "O que faremos com tudo isso?"

"O que você quiser."

~ 221 ~

"O que você fez com tudo da última vez?"

"Queimei."

Eu contorço meu rosto com isso. "Que desperdício."

Ele encolhe os ombros. "Podemos jogá-los fora, ou vendê-los, ou doá-los,

ou simplesmente deixá-los. Não estou planejando vender a casa agora.
Tudo

pode ficar apenas onde está."

O pensamento de tudo ficar aqui, guardando poeira, estranhamente
faz a

pontada no meu estômago começar a crescer. Uma coisa é pegar
nossas vidas e

realocá-las em outro lugar, em algum lugar longe daqui... mas outra é
a apenas

ir embora sem tudo isso, deixar quem erávamos para trás.

"Olhe," ele diz, levantando-se e caminhando em minha direção.

"Digamos

que a casa está em chamas, e você só tem um minuto para pegar o que
é

importante para você. O que é *insubstituível*. O que você pegaria?"

"Isso soa meio filosófico," eu aponto. "Você não vai me questionar
sobre

isso mais tarde, vai? Me fazer escrever uma dissertação ou algo assim?
Se for

assim, eu vou totalmente falhar nisso. Posso ligar para uma amiga?"

Um sorriso puxa seus lábios. "Apenas responda a pergunta."

Eu penso nisso por um momento. O que eu pegaria se eu tivesse
apenas

um minuto? "Fotos, eu não tenho muitas, mas eu gostaria, você sabe,
de manter

algumas."

Ele balança a cabeça. "Compreensível."

"Killer," eu digo. "Eu quero meu cachorro."

Sua bochecha se contrai. "Não estou surpreso."

"Você... *you* conta?"

"Não, eu vou sair sozinho."

"Então é isso, eu acho."

"Fotos e o vira-lata," diz ele. "É isso que levaremos."

Eu me viro para ele. "E você, o que você pegaria?"

"Nada."

Eu olho para ele com incredulidade. " *Nada?*"

"É tudo substituível," ele diz, pisando na minha direção, suas mãos encontrando meus quadris. Inclinando-se para baixo, ele me beija, suavemente,

doces beijinhos.

"Exceto eu?" Eu murmuro contra seus lábios.

Eu posso senti-lo sorrindo contra minha boca. "Até você."

Revirando os olhos, bufando de brincadeira, eu me afasto dele quando ele

diz isso, mas ele me mantém. Rindo, ele me olha, uma de suas mãos saindo do

meu quadril e percorrendo meu estômago. Ele pressiona a palma da mão contra

minha camisa, sobre o meu umbigo, enquanto seus olhos mudam de direção.

Ele não diz nada, mas não precisa.

~ 222 ~

Eu posso ver a mudança em seus olhos, a faísca, a excitação contida. Ele

está tentando como o inferno não ter esperanças. Naz não é o tipo de cara que

vive sua vida em uma nuvem de otimismo. Ele olha para o mundo e vê a

escuridão envolvendo-o. Mas a luz está espreitando através das rachaduras em

sua armadura, e está aquecendo alguma daquela amargura que prende ele.

"Devemos ir," ele diz calmamente, "acabar logo com isso para que possamos seguir em frente."

Franzindo o cenho, afasto-me de Naz. "Vou pegar meus sapatos."

"Bom."

"Você provavelmente deve usar alguns sapatos, também, desta vez."

"Eu já estou usando."

Dez minutos depois, nós dois temos os nossos sapatos, nós dois no carro,

a caminho de Manhattan. Eu posterguei isso por tanto tempo quanto possível,

mas chegou a hora de dar minha declaração oficial sobre o ataque com o táxi. O

advogado disse a Naz que se eu não aparecesse esta tarde, amanhã eles estariam

na minha porta, preparados para me acompanhar.

Isso é a *última* coisa que quero.

A delegacia está cheia quando chegamos lá. O advogado já está

esperando, uma formalidade necessária, ou assim me disseram. Eles me levam

de volta para a divisão de homicídios, para uma pequena sala de interrogatório,

onde o Detetive Jameson e o Detetive Andrews já esperam.

"Sra. Vitale," Jameson diz, sorrindo em saudação enquanto me sento
diante dele, o advogado bem ao meu lado. "Eu aprecio você tirar um
tempo de

sua agenda ocupada para vir falar conosco hoje. Eu sei que você
provavelmente

tem coisas mais importantes para fazer."

Eu quase digo de nada para ele, achando que ele está sendo genuíno,
quando o advogado limpa a garganta, chamando. "Corte a
agressividade

passiva, Jameson. Ela está aqui. Ande com isso."

Jameson encolhe os ombros, virando-se para mim. "Vamos passar por
isso novamente. O que aconteceu naquele dia? Comece com você
entrando no

táxi."

"Eu entrei no táxi para ir para casa, eu não estava realmente prestando
atenção... estávamos dirigindo por um tempo, e quando eu olhei para
cima, nós

estávamos indo na direção errada."

Eu passo por isso, deixando de fora grandes pedaços, mas repetindo
exatamente o que eu lhes disse que aconteceu aquele dia no parque.
Assim que

eu termino, Jameson balança a cabeça, recostando-se na cadeira,
enquanto

Andrews zomba. "Você está deixando algo para fora."

"Eu não estou."

"Não acrescentou nada."

Passo por isso mais três vezes. Eles me deixam tão nervosa que eu
quase

escorrego. O advogado percebe isso, eu acho, porque quando eles começam a

me perseguir novamente, ele fala. "Ela lhes disse o que ela sabe. Ela lhes deu sua

declaração. Nós terminamos."

~ 223 ~

Jameson alcança seu arquivo e puxa um pedaço de papel em branco,

deslizando-o sobre a mesa. Ele coloca uma caneta em cima dele.

"Escreva isso."

Eu faço.

Eu escrevo.

Minha mão está com câimbras e minha cabeça está latejando no

momento em que eu acabo. Eu assino o papel, confirmando que é tudo verdade,

antes de sair. Naz está sentado no saguão, batendo impacientemente os dedos

no braço de uma cadeira.

Ele se levanta assim que nos vê.

Ele sabe que estou chateada. "O que está errado?"

"Nada, eu apenas..."

Eu não sei *exatamente* o que está errado.

Sinto-me como se tivesse sido arranhada em algumas brasas.

Eu quero chorar.

Ugh, eu estou tão malditamente emocional.

"Típico Jameson e Andrews," diz o advogado. "Você sabe como são."

Sáímos, e eu fico quieta no caminho de volta, encostada na porta e

fechando os olhos, desejando que minha cabeça parasse de latejar.
Estamos

quase em casa quando o silêncio é quebrado, uma canção tocando.

O telefone do Naz.

Ele a agarra, olhando para a tela, franzindo a testa. Eu o observo enquanto ele hesita antes de responder. "Olá."

A chamada dura apenas um minuto.

Ele quase não diz nada, exceto por um tenso, "Eu estarei lá."

Quando chegamos à casa, ele para na entrada da garagem, perto da porta,

mas ele não puxa o carro para dentro. Eu sei disso imediatamente. Eu sei que

ele está saindo.

Ele me leva para dentro, no entanto. Ele permanece por um momento.

Ele espera até que eu esteja sentada na sala de descanso antes que ele fale isso

para mim.

"Eu tenho algo para cuidar," ele diz calmamente. "Você vai ficar bem aqui

sozinha?"

Eu hesito. "Claro."

"Se você precisar de mim para qualquer coisa... *qualquer coisa*... não hesite em me ligar," diz ele. "Eu vou ter o meu telefone comigo, e quero dizer,

Karissa... *qualquer coisa*."

"Eu vou ficar bem." Eu sorrio tranquilizadora. "Eu só vou empacotar, talvez começar a empilhar algumas caixas na garagem, então elas estarão fora

do caminho."

"Só não exagere."

~ 224 ~

"Sim senhor."

Ele me cutuca antes de ir embora. Eu ouço Killer rosnando fracamente na

cozinha onde ele está dormindo enquanto Naz passa, mas é fraco, como se o cão

não soubesse se vale a pena o esforço para lhe dar o inferno hoje.

São dez, talvez vinte minutos depois, quando ouço a porta lateral da garagem abrindo. O rosnado começa quase que instantaneamente, mas desta

vez o cachorro derrama seu coração nisso.

Isso foi *definitivamente* rápido.

"Relaxe, Killer," eu digo, entrando na cozinha. "É só Na-"

Naz.

Não é Naz.

Putá merda, não é Naz.

Leva apenas um segundo para essa realidade me atingir. A cozinha está

escura. É uma tarde turva. É um homem, maciço, com ombros largos e uma

estrutura robusta. Ele provavelmente tem um metro e noventa e cinco de

músculo sólido. Sua jaqueta de couro se agarra firmemente ao seu bíceps, como

as se costuras ao redor dos braços fossem explodir. Ele é duas vezes de mim e

nem de perto o meu Naz.

Era suposto ser Naz.

Não quem quer que diabos seja *este*.

Ele está talvez a dois metros de mim, não perto o suficiente para me alcançar ainda, mas ele ainda está muito perto... *tão malditamente perto...*

perto o suficiente para eu sentir seu cheiro

Meu nariz sabia que algo estava errado antes dos meus olhos.

O perfume é forte, como se ele estivesse usando mijo que foi engarrafado

como colônia, um odor químico amadeirado que faz meu nariz contrair. Sinto

bem o cheiro e Deus, é *nojento*. Quase me tira o fôlego.

Meu peito queima enquanto o pânico varre através de mim tão rápido, tão intenso, que eu quase engasgo, tentando não respirar.

Olho para ele. Um segundo. Dois segundos. *Três*. Ele sabe que estou aqui.

Ele já me viu. Ele não parece estar sentindo o pânico que estou sentindo. Seu

rosto desalinhado é gravado com uma espécie de calma desagradável, seus olhos

uma piscina escura que levam a nenhuma alma. Alguns monstros se escondem à

vista, usando uma máscara em torno dos outros, mas eu suspeito que esse cara é

o tipo de monstro que não se importa que todo mundo veja suas verdadeiras

cores.

Ele nem sequer se perturba com o rosnado de Killer enquanto o cão mostra os dentes com raiva.

Mais alguns segundos... dez, talvez vinte... antes que ele dê um passo em

minha direção. Essa é a única advertência que preciso para me colocar em

movimento, lutar ou fugir. Não há nenhuma maneira que eu poderia sempre

derrubar essa figura enorme, então eu vou dar o fora de lá.

Eu corro.

~ 225 ~

Eu viro e corro da cozinha, meu coração disparado descontroladamente,

batendo tão forte que está vibrando em meus ouvidos. Ele está bem atrás de

mim, correndo, *ameaçando*, enquanto Killer começa a latir, se agarrando ao

homem. Tudo acontece muito rápido. Eu não sei o que está acontecendo. Killer

está mordendo, estalando, atacando o homem, mas não é suficiente para detê-

lo.

Porra. Porra. Porra.

Ele continua vindo.

Eu chego até a porta da frente. O filho da puta está próximo. Eu me atrapalho com as correntes e trancas por um segundo, mas não há tempo

suficiente para sair dessa maneira. Eu disparo em uma direção

diferente. A

porta traseira também está trancada, eu sei. Vou ter que voltar para a porta

lateral, saindo pela garagem.

Eu corro. Eu luto. As mãos me agarram, me rasgando, me jogando para

tentar fazer com que eu pare. Ele não diz uma maldita palavra. Ele está

grunhindo e rosnando de raiva, tentando subjugar-me enquanto ele luta contra

o cão. Um chute para o lado envia Killer choramingando, mas ele não recua,

pulando uma vez mais. Os dentes apertam a perna do homem, forçando-o a me

soltar.

Ele agarra Killer em vez disso, jogando-o através da sala, em uma mesa

derrubando um abajur. Isso cai no chão, e me dá distração o suficiente e corro

fora do cômodo. Eu corro, tão rápido quanto minhas pernas podem me

carregar, mas eu não sou páreo para seus passos. Dois passos depois, ele está

em mim, agarrando minha camisa, me arrastando por aí, puxando meu cabelo.

Eu sinto um puxão no meu pescoço quando a corrente em meu colar quebra.

Ele me puxa pela cozinha, mancando, e abre a porta da garagem,

arrastando-me para fora. Puxando-me ao redor por meus cabelos, eu me

encolho, dor ricocheteando em torno do meu crânio, conforme ele me obriga a

olhar para ele.

"Você vai ficar boazinha comigo, garotinha?" ele pergunta.

Eu desdenho. "Eu não iria ficar *boazinha* nem se você fosse o último homem na terra."

No segundo que eu digo isso, ele puxa um lenço vermelho e empurra-o direito em meu rosto, cobrindo o meu nariz e boca. Inspiro profundamente. Oh

Deus, isso queima. Isso *fede*.

Esse fedor.

É isso aí.

Eu luto, eu luto com ele, eu tento *respirar*, mas nada que eu faço pode parar a escuridão.

Eu posso sentir isso.

Está vindo rapidamente.

~ 226 ~

CAPITULO

dezoito

Ignazio

A casa cor-de-rosa está trancada.

Parece que encontraram um corpo dentro dela na outra noite. Isso conseguiu chegar ao jornal, mal recebendo um pequeno resumo. Outro gângster

assassinado em Bensonhurst.

Ninguém parece se importar mais.

Era curioso, porém... eles a chamavam de *desocupada*. A casa estava vazia quando a polícia chegou. Segundo eles, ninguém tinha morado lá por um

longo tempo. Lorenzo tinha saído rápido, bem debaixo do nariz das pessoas,

como se ele se movesse sem soar qualquer alarme.

Isso soa como Lorenzo.

O BMW preto não está em nenhum lugar do bairro. Eu estaciono do outro lado da rua e saio do meu carro, mas eu não me aproximo da casa, fico de

pé na calçada em vez disso, esperando.

Ele vai mostrar seu rosto.

Afinal, ele é quem me chamou aqui.

"Pena, não é?" Uma voz diz atrás de mim. "Eu gostava desse lugar."

Virando a cabeça, vejo Lorenzo conforme ele aparece na encosta de uma

residência adjacente. O prédio branco parece com metade dos outros no bairro.

"Parece que você já se mudou."

~ 227 ~

Ele olha para a casa atrás dele, encolhendo os ombros. "Na verdade, tive

esta primeiro. Mas aquela do outro lado da rua? Eu achei encantadora.

Ninguém estava usando, então eu percebi, hey... por que não?"

Isso, em si mesmo, diz tudo o que você precisa saber sobre Lorenzo. Ele

toma o que quer, e usa, e abusa, e então se afasta quando não lhe serve mais a

nenhum propósito.

"Era muito rosa para o meu gosto," eu digo a ele.

"Não era rosa... era *pêssego*," diz ele. "Você deve ser daltônico."

"Devo ser."

Ele desce para calçada, parando bem ao meu lado. Ele tem uma laranja

em sua mão, e ele casualmente corre a ponta dos dedos ao longo da casca

grossa. "Você sabia que laranjas aparecem em tipo vinte e duas cenas na saga *O*

Poderoso Chefão? Elas são simbólicas."

"Para quê?"

"Morte," ele diz, segurando sua laranja para mim. "Violência."

Olho para ele por um segundo antes de me virar, olhando para a outra

casa. "Isso não faz sentido."

"Eu acho que o ponto é que as coisas são o que nós fazemos delas." Ele encolhe os ombros pro meu desprezo e começa a descascar a laranja. "Elas

significam o que queremos que elas signifiquem. Vemos o que queremos ver. Os

sinais estão ao nosso redor... você só tem que prestar atenção."

"Se há algum tipo de ameaça nessas palavras, eu não estou ouvindo."

Ele ri. "Sem ameaças, apenas conversando um pouco."

"Eu não gosto de conversa fiada."

"Você nunca gostou."

"Então por que você não chega ao ponto", eu digo a ele. "Eu duvido que

você me chamou aqui para compartilhar curiosidades do filme."

Ele ri para si mesmo. "Não, você está certo... Eu chamei você aqui para te

ajudar."

"E como, exatamente, você está planejando me ajudar?"

Ele parece considerar isso... talvez *reconsiderar*... enquanto ele joga

algumas cascas no chão. "Recebi um telefonema de um amigo na Flórida, ele me

disse algo interessante."

"O que é isso?"

"Ele tem trabalhado com esses caras em Cuba, você sabe... o negócio de

importação e exportação. Começou há muito tempo atrás, quando meu padrasto

ainda estava por perto. Eles contrabandeavam coisas, qualquer coisa

que

~ 228 ~

houvesse mercado, e eles as estocavam no laranjal para guarda.
Faziam um bom

dinheiro disso na época. "

Eu sei tudo isso.

Ele não está me dizendo nada de novo aqui.

"Hoje em dia, não há tanta demanda. Eles ainda fazem isso, você sabe,
ainda trazem, mas do jeito que a economia está, ninguém quer pagar.
Mas este

amigo meu, ele ainda tem alguns clientes lucrativos, rapazes dispostos
a

desembolsar o dinheiro para algo especial. "

Ele faz uma pausa para comer um pedaço de sua laranja.

"Você tem um ponto aqui?" Eu pergunto. "Se eu quisesse uma lição
sobre

economia, eu iria para a faculdade de negócios."

Ele ignora meu comentário e espera até que ele engole antes de
continuar. "Há um indivíduo em particular, ele tem essa coisa para
charutos... e

não apenas qualquer charutos. Ele queria o topo da linha, estes
especiais

Montecristo. Ele estava disposto a pagar um par de dólares cada.
Então meu

amigo, ele está trazendo-os a cada poucos meses, fazendo muito
dinheiro. "

"Bom para ele."

"Bom para mim também," diz ele. "Ele ainda corre por todo o laranjal,

então eu recebo uma parte disso... e ousa dizer, eu acho que é bom para *você*,

também."

"Você está tentando me recrutar? Se sim, você está desperdiçando seu tempo."

"Este não é um discurso de vendas."

"Então chegue ao ponto."

Ele balança a cabeça, comendo outro pedaço da laranja. "Esse cliente mora aqui em Nova York. Cara velho, alto perfil, fuma esses charutos em

particular por anos, desde aquele dia, quando ele os conseguiu com meu

padrasto. Ele é um pouco recluso, no entanto, não gosta de sair, então ele

manda alguém para buscá-los para ele e entregá-los diretamente para sua casa

em Long Island."

Assim que ele diz isso, eu sei exatamente quem ele quer dizer. Há apenas

um homem em torno que iria vender sua alma para um cubano decente.

"Genova."

"Bingo."

Ele para por aí, como se nada disso significasse qualquer coisa. E daí?

Seus charutos são ilegais? O que na vida desse homem não é? "Bem, eu aprecio

a informação. Se eu quiser lhe comprar um presente, eu sei onde consegui-lo."

Eu viro, irritado, e dou um passo em direção ao meu carro. Eu não tenho

paciência para isso. Ele está desperdiçando meu tempo.

"Whoa, você não vai fazer a pergunta mágica?" Lorenzo olha para mim,

arqueando uma sobrancelha. "Não vai perguntar quem ele manda para pegá-

los?"

"Ok, eu vou comprar isso... *quem?*"

"Um cara grande, eu estou falando enorme. Meu amigo diz que ele tem

um nome memorável, como aquele cara em algum sitcom, mas ele atende pelo

apelido de—"

"Fat Joe."

Filho da puta.

Novamente, ele sorri. "Bingo."

Gostaria de poder dizer que fiquei surpreso, ou mesmo que fiquei

desapontado, mas isso é exatamente a cara de Genova. O bastardo tem brincado

comigo.

"Preciso de um favor, Lorenzo."

"Eu acabei de fazer um."

"Preciso de *outro*," eu digo. "Quero um encontro com as cinco famílias."

"E você acha que eu posso te ajudar com isso?"

"Eu acho que você acha que pode," eu digo, "e isso pode ser exatamente o

suficiente para fazer acontecer."

Ele considera isso enquanto atira parte de sua casca no chão. "Verei o que

posso fazer."

Eu sabia que ele iria.

Curiosidade vai sempre ganhar quando se trata de Lorenzo. Além disso,

tenho certeza que ele gosta do desafio. É por isso que ele está aqui, afinal, por

que ele até mesmo fez a mudança para Nova York. Ele faz o que o mundo lhe diz

que é impossível fazer. Talvez seja apenas um jogo neste momento, ou talvez ele

esteja fora para provar algo para si mesmo. Para provar que ele não é aquele que

alguma vez desiste.

Não vai acabar bem para alguém, isso é certo.

Eu não quero ficar por perto e ver o que acontece.

Mas as pessoas, eles estão tornando isso difícil para mim.

Eles estão fazendo com que seja difícil para eu viver a minha vida.

"Então," Lorenzo diz depois de um momento. "Para que você quer essa reunião?" Eu olho para ele.

~ 230 ~

"Eu acho que você vai descobrir."

Ruídos súbitos rompem o silêncio. Meu telefone. Eu puxo-o para fora do

meu bolso e olho para ele, meus músculos apertando. Seu nome está piscando

na tela. *Karissa.*

Eu aperto o botão para responder e o trago ao meu ouvido. "Karissa?
O

que você precisa, querida?"

Silêncio.

É ensurdecedor.

Ele grita mais alto para mim do que qualquer palavra.

"Karissa?"

Nada ainda.

De repente, sei que não é ela. É como um sentimento flutuando pela linha, o ar errado, muito tenso, muito pesado. Alguém está lá. Eu posso senti-lo.

Alguém está ouvindo, alguém está respirando, alguém está no outro lado desta

chamada.

Mas não é ela.

De novo não.

"Quem é?"

Não espero que ninguém me responda.

E por um momento, eles não respondem.

Mas depois de um suspiro tenso, uma longa exalada, eu ouço as palavras.

"Você tem sorte de eu não estar a fim de matar alguém hoje."

A linha cai.

Puxo o telefone para longe, olhando para ele enquanto a chamada

termina. *Você tem sorte de eu não estar a fim de matar alguém hoje.*
Conheço

essas palavras. Já as *disse*. Eu posso sentir o sangue escorrer do meu
rosto,

posso senti-lo correndo pelo meu corpo, amargamente frio, substituído
por um

gelo em minhas veias.

"Ignazio, você está bem?" Lorenzo pergunta. "Você está meio pálido."

Minha visão está borrada. Tudo fica preto nas bordas.

Eu balanço, malditamente perto de desmaiar, enquanto tudo parece
me

atingir de uma vez.

Raiva. Medo. *Adrenalina*.

Isso corre através de mim, um tóxico coquetel de emoção que quase
tira

meus pés de debaixo de mim. Lorenzo estende a mão, agarrando meu
braço,

~ 231 ~

mas é demais. Ele está me tocando. Suas mãos contaminadas estão em
minha

pele.

Eu estalo.

Agarrando-o, jogo-o de volta contra a casa tão forte que ele ofega com
a

surpresa de tudo. A laranja cai de sua mão, rolando ao longo da
calçada,

conforme eu o prendo lá. Ele não luta. Ele não resiste. Ele só olha para
mim, sua

expressão em branco, como se ele não estivesse incomodado.

"Deus ajude-me, Lorenzo, se isso tudo for você..." Eu não consigo nem terminar essas palavras.

Se tudo isso era apenas um jogo.

Um ardil...

Empurro-o novamente, batendo-o com força contra o tijolo, antes de me

virar e me afastar, movendo-me o mais rápido que minhas pernas me levam.

Quando chego ao meu carro, já estou correndo.

Dirijo para casa, correndo pelas ruas. Está melancólico lá fora, é meio da

tarde, mas as nuvens escurecidas fazem a sensação de ser muito mais tarde.

Tudo é lançado em sombras sombrias. Faz o cabelo em meus braços eriçar.

Tudo parece oco, mais silencioso no escuro.

Eu puxo o carro para a entrada de carro quando eu chego a casa, e desligo-o antes de parar, minha mão segurando a chave na ignição.

A garagem está aberta.

A porta lateral também.

Meus cabelos se eriçam ainda mais.

Cortando o motor, eu alcanço sob o assento, procurando Guerra & Paz.

Eu agarro-o, puxando-o para fora, e viro as páginas abertas, agarrando a arma

escondida.

A primeira coisa que percebo, quando entro na garagem, é o sangue

no

concreto. *Não. Não. Não.* Não é muito, algumas gotas, mas isso não pertence

aqui. Não é meu, e espero que não seja de Karissa, mas a alternativa é que haja

alguém aqui sangrando.

E eu também não gosto disso.

Passo pela porta lateral, direto para a cozinha. O segundo que eu faço, eu

ouço o grunhido débil. É fraco e tenso, no canto. Meus olhos disparam nessa

direção, meu estômago caindo quando eu vejo Killer.

Ele está encolhido lá, sangue em seu rosto. Acho que ele não está ferido,

pelo menos não seriamente. Ele parece estar inteiro, mas alguém pode não

estar. Cuidadosamente, eu alcanço no armário, quietamente pegando alguns

petiscos. Eu atiro-as para ele, e ele se acalma a um gemido, mas ele não os come.

~ 232 ~

Não dessa vez.

"Fique na cozinha," digo a ele. "Fique quieto."

Será que ele vai ouvir? Eu não sei.

Eu nem sei se ele entende.

Mas se houver uma chance de alguém ainda estar em casa, eu não estou

pronto para alertar quem quer que seja da minha presença.

A sala está destruída. Um abajur está derrubado, jogado no chão.

Examinando a área, algo brilhante capta meus olhos, e eu vou em direção a ele,

olhando para isso.

Meu mundo para.

Um colar.

O colar de *Karissa*.

O que eu dei a ela.

A corrente está arrebitada, o pingente redondo de cristal refletindo o pequeno pedaço de luz fluindo para dentro da sala. Ela nunca tira isso. Ela *não*

iria tirá-lo. Ela certamente não iria deixá-lo aqui, quebrado, no chão.

Não a menos que ela não tivesse escolha.

Alcançando, pego-o, segurando-o pela corrente para observar a coisa.

Carpe Diem.

Pego o colar firmemente, segurando-o, conforme eu rasgo através da casa, procurando por ela. Não há mais sangue, e o resto da casa está em ordem,

mas não há sinal dela em lugar algum.

Nenhum maldito sinal dela.

Minhas mãos tremem. A raiva se funde com o medo até que o vermelho

que vejo vira azul. Eu me sinto *frio*. Um arrepio rasga minha espinha.

Eles não vão tirar outra vida de mim.

Eles não podem ter minha esposa.

Eles não podem levá-la.

Eles não podem roubar minha felicidade.

Eu não vou deixá-los.

Nem agora.

Nem nunca.

De novo não.

De novo não.

~ 233 ~

"O que aconteceu?"

A repentina voz atrás de mim faz minhas costas se enrijecerem e meu aperto na arma aumentar, mas eu não me viro. Eu não olho para ele. Eu não o

ouvi se esgueirando, mas não estou surpreso que ele esteja aqui. Não me

surpreende que ele me seguiu.

"Minha esposa," eu digo, minha voz tensa. "Alguém a levou."

"Uh-oh."

Uh-oh.

Lorenzo diz '*uh-oh*', como se fosse uma resposta adequada ao que eu acabei de dizer. Ele vai ter sorte se eu não der um "boo-boo" na forma de uma

bala na sua fodida cabeça.

"Para o registro," ele diz, "*não fui* eu."

"Assim você diz."

Enfiando a arma na minha cintura, eu puxo meu telefone, esperando como inferno que o de Karissa ainda esteja ligado, onde quer que esteja, para

que eu possa localizá-lo.

"Olhe, Ignazio," ele diz. "Eu não sei quantas vezes eu tenho que dizer isso.

Eu não tenho nenhuma razão para alvejar você, ou seu pai, ou sua esposa, para

constar. Não fui *eu*. "

O telefone se conecta, e eu olho para baixo, olhando para o endereço.

É um endereço que eu conheço... um lugar onde estive antes.

"Você quer que eu acredite em você, Lorenzo? Você quer que eu confie em você?" Eu vou para ele, parando bem na sua frente. "Então consiga a minha

reunião, como eu pedi."

Passo por ele, ouvindo-o me chamar, seguindo-me para fora da casa.

"Onde você vai?"

"Trazer minha esposa de volta."

"Como você sabe onde procurar?"

Eu seguro meu telefone. "Tenho um mapa."

"Um mapa?" Ele ri. *Ri*. "Você já se sentiu como o Almirante Ackbar com

os planos da Estrela da Morte?"

Eu olho para ele, com a sobancelha franzida.

"Você sabe... *Retorno do Jedi*? É uma armadilha!"

Eu balanço a cabeça.

"Realmente? Nada?" Ele enrugando o rosto como se eu o desagradasse.

"Como somos sequer amigos?"

"Não somos."

"Olha, eu só estou dizendo..."

"Você está dizendo que é uma armadilha."

"Eu estou dizendo que isso é muito conveniente, então ou você está lidando com um bando de idiotas, ou sim... é uma armadilha. E esses caras...

eles não são exatamente brilhantes, mas eles não são estúpidos, também."

Ele não está dizendo nada que eu não esteja pensando. Mas não importa... Eu não tenho escolha.

Armadilha ou nenhuma armadilha, eu tenho que ir.

"Apenas consiga minha reunião, Lorenzo."

Ele balança a cabeça, saindo. "Isso é tão bom quanto consigo."

Killer tenta me seguir quando eu saio, mas eu o tranco na casa. Se ele se

soltar, se eu deixar que algo aconteça com ele, Karissa ficará perturbada quando

chegar em casa.

Porque ela está voltando para casa.

Ela está.

Vou destruir o mundo inteiro para ter certeza de que isso aconteça.

E eu sei por onde começar.

CAPITULO

dezenove

Karissa

Está escuro.

Tão escuro.

Mas a escuridão não foi gradual.

Foi um súbito mergulho na escuridão, como se a luz fosse tirada de mim.

Sumiu. Eu estava em casa, aterrorizada, lutando, então pisquei, e eu estou aqui.

Eu não sei onde estou.

O terror ainda flui através das minhas veias.

Onde diabos estou?

Janelas escassas me cercam, cobertas de barras velhas, o vidro tão sujo

que eles poderiam também ser matizados. Eu não consigo enxergar o lado de

fora, e sei que é tão impossível para qualquer um ver dentro. Acordei

deitada em

um chão de concreto frio, pressionada contra uma parede na escuridão.

É como estar presa em um vazio.

Um vazio sujo e repugnante. *Ugh.*

Minha visão é confusa.

O ar cheira engraçado.

Minha cabeça está latejando como uma maldita bateria fodona.

Eu recobrei os sentidos apenas um momento atrás... ou talvez uma hora

atrás, eu não sei. É tudo uma grande neblina. Forçando-me a sentar, eu pisco, e

pisco, e pisco um pouco mais, tentando fazer sentido do meu entorno, tentando

empurrar para trás meus medos, mas não está ajudando.

Nada está ajudando.

Estou confusa.

~ 236 ~

"Você deve estar confusa."

A voz do outro lado do cômodo me assusta e eu me encolho, soltando um

suspiro de ar, uma respiração entrecortada. Meu peito queima, e eu inalo

bruscamente em resposta, com o meus olhos rastreando o movimento repentino

através do quarto.

Um cara.

O cara.

O que estava em minha casa mais cedo.

Ele está nas sombras no lado oposto de qualquer sala que esta seja, me observando. *Oh Deus.* Ele parece uma besta. Ele está me encarando, esperando

alguma espécie de resposta para o que ele acabou de dizer, mas não consigo

fazer minha voz funcionar ainda.

Porra, eu mal consigo *pensar*.

Ele desiste de esperar que eu responda e dá um passo em minha direção,

sua perna quase dobrando conforme ele faz isso. "Não se machuque tentando

lembrar o que aconteceu. Se você quer saber, tudo que você tem que fazer é

perguntar."

"Quem é você?"

Minha voz racha, a pergunta quieta quando ela deixa meus lábios em uma respiração trêmula. Ele ouve, porém, e manca ainda mais perto. Ele está

ferido. Tem sangue em suas calças cáqui rasgadas. Killer rasgou-o bem.

Killer. Oh Deus, espero que ele esteja bem.

"Digamos que sou amigo do Vitale."

Eu balanço a cabeça lentamente, minha visão escurecendo ao redor das

bordas, quando eu sussurro, "ele não tem amigos."

Ele me disse isso, e eu acredito nele, mais definitivamente, se estes são

tipo de pessoas que se chamam *seus amigos*. Nós certamente definimos amizade diferentemente.

Com amigos como esses, quem precisa de inimigos?

Ele ri disso, ainda avançando na minha direção, aquele estranho cheiro

flutuando pelo ar. É enjoadamente doce. Ácido. Meu nariz enruga, meus lábios

se curvando instintivamente enquanto ele se agacha diante de mim, perto o

suficiente para que eu possa ver que seus olhos estão injetados, como se os

vasos sanguíneos tivessem estourado.

Lágrimas queimam meus olhos.

Eu desvio o olhar.

Sua mão se estende para mim, e eu aperto minhas costas contra a parede,

me encolhendo afastada, mas isso não o impede. Placas vermelhas ásperas

cobrem a pele em torno de sua palma e de seus dedos, corroída e sangrando,

como uma queimadura química. Ele agarra meu queixo, inclinando-o

bruscamente, apertando meu rosto para forçar-me a olhar para ele. Um grito

explode do meu peito, incapaz de ser contido, enquanto as lágrimas começam a

fluir de meus olhos.

Seu polegar caloso as enxuga conforme um sorriso toca seus lábios.

Ele está gostando disso.

Eu tento me afastar, ir para longe, mas ele é muito forte e foda, eu sou *fraca*. Eu cairia no segundo que eu ficasse de pés. Minhas pernas tremem,

minha cabeça afundando. Mesmo no meu melhor e ele no seu pior, eu não

poderia ultrapassar ele.

"Por favor," eu sussurro, "apenas me deixe ir."

Seu sorriso cresce.

Há uma faísca em seus olhos.

Acho que ele gosta que eu esteja *implorando*.

Ugh, filho da puta doente.

"Por favor," eu digo de novo. Se isso me compra tempo, se isso compra tempo para Naz perceber que eu fui levada, para vir para mim, eu vou fazer isso.

Porque ele virá por mim. Eu sei que ele vai. Ele prometeu, uma e outra vez. *Eu*

sempre virei por você. "Eu não sei quem é você, ou o que você quer, mas eu não

fiz nada—"

Seu sorriso se dissolve em um sorriso cheio enquanto ele ri novamente.

Desta vez é agudo e alto, cortando minhas palavras, conforme ele me aperta

mais forte. "Você realmente acha que seu ato inocente vai funcionar em mim?"

"Não é um ato."

"Oh, mas é... Você se casou com um monstro, garotinha. Não finja como

se não soubesse o que ele é, como se não soubesse o que ele faz. Ele assassina, a

sangue frio, e ele faz isso pessoal... É por isso que ele usa suas mãos, por que usa

uma faca... por que ele sufoca e estrangula..." O homem me solta e se inclina

para trás, passando as pontas dos dedos pelo pescoço dele. "Por que ele corta as

gargantas."

Meu sangue corre frio nessas palavras.

"Ele gosta de estar de perto," ele continua. "Ele gosta que você olhe para

ele, para que você saiba quem está roubando seu último suspiro, como se isso o

tornasse algum tipo de Deus, algum anjo da morte, lançando juízo enquanto ele

te olha bem na cara. Ele não *mata* apenas, garotinha... ele lhe rouba de sua

dignidade, de sua força, de seu *respeito próprio*, ele toma tudo enquanto ele

brinca com você. Ele toma tudo para si mesmo. E *então* ele te mata, depois que

você não tem nada mais sobrando. Então não aja como se você fosse inocente,

como se você fosse ignorante, porque eu sei quem você é. *Todos* nós sabemos

quem você é. Você era um das caças. Ele ia fazer a mesma coisa com você. Ele

queria que você também sofresse. E você sabe... você sabe disso, ainda

assim

you deu a ele seu coração, você deu a ele sua boceta, e agora você tem coragem

de agir inocentemente sobre isso, como se você não tivesse feito nada para

chegar aqui?"

Eu olho para longe dele novamente.

Eu sinto que vou vomitar.

"Eu sei que ele não é um bom homem," eu digo calmamente, "mas ele também não é ruim".

~ 238 ~

" *Besteira.*"

Ele cuspe a palavra para mim. Literalmente. Ele *cospe*. Eu faço uma careta, engasgando, sentindo a saliva bater em minha bochecha, inalando o odor

ácido que o rodeia por alguma maldita razão. É nojento.

Posso até mesmo sentir o cheiro em mim.

Ele se levanta e olha para mim. Eu ainda não olho para ele, mas posso sentir seus olhos. Eu posso senti-los me avaliando, me perfurando, julgando-me

da mesma forma que ele diz que Naz faz quando ele toma o último suspiro de

alguém. E eu já vi esse olhar antes... vi no rosto de Naz, eu vi a crueldade fria e

cruel em seus olhos. O dia na sala de descanso, quando ele me sufocou em sua

mesa, um dia que eu sei que ele poderia facilmente ter me matado, um dia quer

eu percebi que parte dele *queria*. Eu conheci a parte de Naz que é um monstro,

mas isso não é tudo dele, e eu me recuso a deixar alguém me dizer de forma

diferente. Talvez seja doentio, amar um homem como ele, ficar com alguém tão

perigoso, mas eu não sou sua presa, e ele não é meu predador, e este homem é

fodidamente louco se ele acha que ele pode me envenenar contra ele.

"Ele está diferente," eu digo. Estou desperdiçando fôlego. Sei quem estou.

Mas preciso de mais tempo. Preciso de uma distração. Preciso de uma saída.

"Você simplesmente não pode vê-lo."

"Diferente?" Ele pergunta com incredulidade. "Deixe-me dizer-lhe algo...

não há nada *diferente* sobre esse homem. Você pode capturar um leão e ensiná-

lo a fazer truques, mas você nunca vai mudar a natureza da besta. Ele ainda vai

rasgar sua maldita cabeça se você pisar no caminho errado."

Eu começo a responder, para refutar essas palavras, quando um flash de

luz atravessa a sala, iluminando as imundas paredes de concreto que me cercam

por um breve momento antes de fechar novamente. *Faróis*. Meu estômago

aperta enquanto o homem olha para a janela mais próxima. "Parece que a

companhia está aqui."

Companhia.

Mais homens.

Mais caras como ele.

"Por que você está fazendo isso?" Eu pergunto, minha voz tremendo.

"O

que você quer?"

Ele olha para mim. "O que *eu* quero?"

Eu concordo.

"Quero seu marido morto."

Eu inspiro profundamente.

A resposta não me choca, mas dói. Isso foddidamente dói.

"Mas realmente não importa o que eu quero," ele continua. "O que importa é o que o chefe quer."

O chefe.

É claro que ele está trabalhando para outra pessoa.

~ 239 ~

Eles sempre estão, não é?

"Então, o que seu chefe quer, se ele não quer ele morto?"

"Oh, eu nunca disse que ele não queria ele morto, mas o chefe? Ele está

tirando um jogo do manual do seu marido. Você vê? Eu faria isso rápido e fácil.

Atiraria em sua casa, o mataria sem sequer sair do carro. Eu gosto de fazer as

coisas de passagem. Isso é *atemporal*. Mas eu acho que em algum lugar ao

longo do caminho, isso se tornou pessoal, e o chefe quer Vitale obtenha uma

dose de seu próprio remédio. Roubar seu orgulho, sua esperança, sua *dignidade*. Então quando ele não tiver nada, nós tiramos a vida dele. Porque

sem o resto dessas coisas, realmente não vale a pena viver, não é?"

Ele se vira para caminhar, mancando alguns passos.

"Então, é isso que Lorenzo quer, hein? Brincar com ele?"

Ele faz uma pausa, olhando para mim, surpresa genuína brilhando em sua expressão. "Lorenzo?"

"Esse é o seu chefe, não é? Lorenzo Gambini."

Eu o peguei desprevenido. Eu posso ver isso em seus olhos. Ele me olha

como se não soubesse como responder. O homem obviamente gosta de falar

muito, mas eu o deixei sem palavras.

"Lorenzo Gambini," ele ecoa antes de dar de ombros e virar-se para sair

novamente. "Não reconheço."

Franzo a testa para porta quando ele a abre e vai para fora, deixando-a

aberta para que ele possa olhar para trás e ficar de olho em mim. É a única

maneira de entrar e sair que eu posso ver. Para escapar, eu teria que passar por

eles.

Eu não sei quantos deles há.

Ouçó algumas vozes, fragmentos de uma conversa. Eu só posso

entender

parte do que eles estão falando, mas muito pouco disso faz qualquer sentido

para mim. Eles falam sobre árvores e regras do parque, como se alguma coisa

disso fosse relevante, antes que alguém mencione uma cena do crime e algo

faísque dentro de mim. Olho ao redor do quarto em que estou, sentindo que vou

ficar doente.

O parque perto do East River.

Poderia ser?

Eles continuam balbuciando enquanto o meu captor periodicamente olha

de volta para mim, como se ele pensasse que iria me pegar no ato de fazer

alguma coisa. Eu não sei o que diabos eu poderia fazer nesta situação. É tão

malditamente escuro e minha cabeça ainda está latejando e eu estou tão enjoada

que está levando tudo em mim apenas ficar sentada em linha reta. Eu ouço mais

palavras, algo sobre charutos e emprestar um isqueiro, antes que alguém grita

para apagar um fogo antes que eles nos explodam em pedaços. Eu não sei... está

tudo além de mim... até eu os ouvir dizer o nome dele.

"Qualquer coisa de Vitale?"

~ 240 ~

Eu não conheço a voz que pergunta isso... nunca ouvi isso antes que eu

possa me lembrar. Mas é o homem robusto que responde. "Liguei para ele no

telefone da menina," diz ele. "Não deve demorar muito."

Meu telefone. *Claro*. Não demorará muito para que Naz me rastreie usando isso, e parece que eles estão contando com isso. Eu não sei o que fazer

com essa informação, no entanto, se eu deveria estar esperançosa, ou se eu

deveria estar aterrorizado que isso é tudo uma armadilha. Eu tento me lembrar

de que Naz é esperto, muito esperto para deixá-los ter vantagem, mas ele é

apenas um homem... um homem falho... um homem que provavelmente nem

sequer tem um plano.

Como diabos vamos sair disso?

Eles falam um pouco mais. Eu não sei sobre o quê. Balbuciar

interminável que entra por uma orelha e sai pela outra, conforme meus olhos

avaliam o pequeno espaço ao meu redor. Vejo os faróis mais uma vez quando o

carro sai, a porta se abre, meu captor volta para dentro.

Dez.

Nove.

Oito.

Eu conto em minha cabeça enquanto fecho meus olhos, tentando como o

inferno ficar calma, para manter meu coração de acelerar. Parece que isso vai

me abandonar a qualquer segundo. Cada inalação provoca um inchaço de

náuseas, enquanto a bile queima minha garganta. Tem alguma coisa errada. Eu

posso sentir isso fundo em meus ossos. Sinto-me intoxicada, ainda assim

sofrendo da pior ressaca... tonta e desesperada, minha cabeça quase explodindo.

Eu não sei o que diabos o homem fez para mim para me trazer aqui, mas

não pode ser bom.

Não pode ser bom para o bebê.

Envolvo meus braços ao redor do meu estômago, segurando-me junto,

uma respiração de cada vez. Inspire. Expire. Apenas continue respirando.

Lembro-me dessas palavras.

Lembro-me de Naz repetindo-as.

Você vai ficar bem... apenas continue respirando.

O homem caminha no cômodo na escuridão, as mãos empurradas nos

bolsos, o joelho dobrando a cada poucos passos. Ele está com um pouco de dor,

eu posso dizer, e ele está ficando nervoso.

Ele *deveria* estar nervoso.

Ele está certo, talvez... e talvez Giuseppe também estivesse certo. *Um*

leopardo não muda suas manchas. Foi o que ele me disse. Isso é o que todos

dizem. Para tudo que está indubitavelmente diferente sobre Naz estes dias,

algumas coisas nunca mudarão.

Naz não vai desistir.

Ele não vai ceder.

~ 241 ~

Ele não vai deixar ninguém intimidá-lo.

Ele não vai deixar ninguém *ganhar*.

O velho Naz virá para mim.

Eu não tenho nenhuma ideia do que diabos ele vai fazer para nos tirar disto, mas eu não duvido por um segundo que de alguma forma, ele vai.

Ele tem que nos tirar.

Inspire.

Expire.

Apenas fodidamente respire.

Minhas pálpebras estão pesadas de exaustão. Meu corpo está gritando para eu me deitar, para eu ir dormir. O cheiro ofensivo continua me assombrando, me cercando, como se estivesse escorrendo dos meus poros da mesma forma que se agarrou a ele.

Ele.

Ele continua a andar, murmurando para si mesmo. Não sei o nome do homem. Não que isso importe, realmente. Eu provavelmente não iria reconhecê-lo, assim como eu não reconheço o rosto. Ele é um estranho para mim. Ele está fora de sua mente, e eu acho que ele sabe disso, com a maneira

como seus olhos seguem rastejando em direção às janelas, com a maneira que

ele parece estar pulando para fora de sua própria pele. Gostaria de saber se ele

está duvidando deste plano, se ele está percebendo o quão estúpido é ir atrás de

Naz. Gostaria de saber se não é tarde demais para tentar convencê-lo de que

deixar-me ir ainda é uma opção.

Eu penso

Eu penso.

Eu fodidamente penso.

Mas não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Porque minha boca está seca, minha garganta está queimando, e se eu tentar falar, eu sei que vou perdê-la. Eu vou perder o último pedaço de minha

compostura, e ele vai saber que ele me pegou. Ele vai saber que me quebrou. Ele

não adoraria nada mais do que me ouvir implorar novamente, e eu simplesmente não posso lhe dar isso.

Não o deixe vencer.

Eu não sei quanto tempo passa. Eu pisco e pisco. Inspiro. Expiro.

Respiro. Eu acho que desmaio, porque um segundo depois eu estou deitada,

assustada por um barulho alto... alto o suficiente para vibrar o chão de concreto

debaixo de mim. Há uma comoção lá fora. Alguém grita. Há um murmúrio em

torno do edifício, frenético o suficiente para que o caos rasteje através das

fissuras no concreto, e eu sei isso então.

Eu sei.

Naz está aqui.

~ 242 ~

Minha respiração prende. Eu tenho que continuar respirando, mas no momento, eu não posso. O terror congela o sangue em minhas veias, tudo

borrado quando eu me sento e olho para a porta. O homem faz o mesmo,

parando alguns metros à minha direita, assim ainda na escuridão é como se ele

tivesse deixado de existir do peso de tudo isso. Conto em minha cabeça. Eu não

sei em que número eu estou... Eu continuo fodendo isto enquanto eu olho e olho

e olho fixamente.

A porta se abre, e eu apago com o choque de adrenalina que me atravessa. Meus olhos encontram Naz na escuridão enquanto ele calmamente,

casualmente, entra.

O filho da puta acabou de entrar.

Alguns segundos passam. Espero que o caos o siga, mas não. Nada o segue.

Ninguém.

Eu não sei o que isso significa. Eu não sei o que diabos aconteceu do lado

de fora ou o que está prestes a acontecer aqui. Tudo o que sei é que Naz está na

minha frente.

Naz.

Meu Naz.

Oh Deus.

Ele está segurando uma faca, o punho apertando ela, a ponta apontando

para o chão. Eu pego um brilho do metal. Eu exalo bruscamente, um choro

preocupado, enquanto eu olho para ele. O ruído capta a atenção de Naz, seus

olhos me procurando. Isso coloca meu captor em movimento conforme ele

dispara em minha direção, arrancando-me do chão.

Quase faço isso de novo. Eu quase apago. São apenas alguns segundos,

quando eu caio dos braços do homem, malditamente perto de bater no chão. Ele

aperta-me com força, porém, e grunhe enquanto me força a ficar de pé, me

sacudindo para me manter consciente, mas isso só agrava meu mal-estar.

Um braço maciço serpenteia em volta de mim, forçando-me na ponta dos

pés. Naz não olha para o homem imediatamente, seus olhos em mim, me

estudando, certificando-se de que estou bem.

Estou bem?

Eu vejo isso enquanto o nariz de Naz se contorce, sua postura se

enrijece,

seu aperto em sua faca aumentando. *Talvez eu não esteja.* Depois de um

momento, ele olha para trás de mim, para cima, olhando para o homem pela

primeira vez.

Algo de repente afeta Naz, quase como se ele estivesse em pânico. Ele dá

alguns passos na direção de nós, sua expressão escurecendo, quando o homem

enfia a mão no bolso, puxando algo para fora. No começo eu acho que é uma

faca quando eu pego um brilho de metal, mas quando eu forço meus olhos

naquela direção, eu vejo que é um isqueiro.

Um Zippo prateado.

~ 243 ~

O homem abre e o levanta na minha frente, seu polegar na engrenagem.

Naz para de repente. É como se ele tivesse atingido uma parede de tijolos. Algo

pisca em seus olhos, algo que eu não estou acostumada a ver nele.

Medo.

A escuridão parece derreter enquanto seus olhos me procuram de novo.

Este não é o monstro frio e calculista que o homem queria desenhar aqui. Na

minha frente está um homem aterrorizado. Eu posso dizer isso pelo olhar em

seu rosto.

Eu o vejo quebrar bem na minha frente.

A voz de Naz é baixa, ameaçadora, quando ele diz, "Você não ousaria."

O homem responde imediatamente. "Me teste."

Espero que Naz faça exatamente isso, mas ele não se move nem um centímetro. Ele não faz nada. *Nada*. Ele fica ali, segurando a faca, olhando para

mim, o desespero brilhando. Puta merda, ele está seriamente com *medo*. O que

diabos está acontecendo?

"Deixe-a ir," diz Naz.

"Largue a faca e eu vou pensar sobre isso."

Eu quase fodidamente rio. *Ok, certo*. Como se Naz fosse fazer isso. Mas de repente, sem um segundo de hesitação, ele abre a mão e a faca cai no

concreto.

Ele ouve.

Ele solta a maldita faca.

O que quer que esteja me deixando nebulosa deve estar seriamente fodendo comigo, porque nada disto fazendo sentido.

Por que ele faria isso?

"Chute-a para cá," ordena o homem, e novamente, Naz ouve. Ele chuta a

faca para nós. Isso vem parar em meus pés.

"Deixa-a ir," repete Naz, sua voz quase suplicante. "Você me quer, você me pegou, apenas deixe-a fora disso."

"Naz," eu sussurro. "O que está acontecendo?"

Naz olha para mim, mas ele não responde à minha pergunta.

Meu captor, por outro lado, está ansioso para papear. Ele me puxa mais

para ele, acenando com o isqueiro na frente do meu rosto. "Você sente o cheiro

disso? Eu sei que Vitale sente. Isso está em mim, e em você, e desde que ele

entrou, está provavelmente sobre ele agora, também. Está em todo o cômodo,

está no ar, e está agarrado às nossas roupas, mas especialmente nas suas... Você

está coberta nisso, garotinha. Eu me assegurei disso. E tudo o que precisa é de

uma pequena faísca, um piscar de meu polegar, e você queimará. *Whoosh.*"

Eu sinto o cheiro disso?

Eu sinto.

Eu o senti desde o segundo em que o vi.

~ 244 ~

"O que é isso?" Eu pergunto, as palavras saindo como um grito

estrangulado. Puta merda, ele vai me queimar. Ele vai me *queimar* viva.

"Éter."

É Naz que responde dessa vez.

Éter.

Eu assisti química suficiente na escola para reconhecer essa palavra. Eu

não poderia dizer para o que é usado, mas eu sei sem sombra de dúvida, que

éter é altamente inflamável.

"Não... Eu só... *Não!* Você não pode!" Eu começo a lutar enquanto as lágrimas começam a fluir dos meus olhos. "Também está em você. Você não

pode fazê-lo. Você vai se queimar."

O homem se inclina para baixo, mais perto do meu ouvido, enquanto sussurra, "E?"

Jesus Cristo, ele não se importa.

Não admira que ele estivesse tão ansioso.

É uma missão suicida.

"Deixe-a ir," Naz diz pela terceira vez, sua voz mais alta, mais ameaçadora.

"Por que eu deveria?" O homem pergunta.

"Porque ela está grávida."

O homem ri daquilo. Ele ri, como se fosse *divertido*. Como se eu estar grávida tornasse isso ainda mais divertido. E eu sei disso então. Eu sei que ele

não vai me deixar ir. Ele não vai me deixar sair daqui. Talvez houvesse alguma

dúvida, mas nunca foi sobre mim. Era apenas autopreservação. Mas agora é

tarde demais para isso. Ele quer matar Naz, mas mais importante, ele está aqui

para torturá-lo.

Ele vai torturá-lo torturando- *me*. Não.

Ele não pode fazer isso. Não posso deixá-lo.

Isso não pode estar acontecendo.

Algo se encaixa dentro de mim então. Eu posso *sentir* isso. É como se as

paredes me segurando comesçassem a desmoronar, o pânico empurrando seu

caminho como um rio transbordando. Os faróis piscam novamente nas janelas,

atraindo a atenção do homem, distraíndo-o o suficiente para que eu faça *algo*.

Aterrorizada, eu ataco, lutando em seus braços, meu braço empurrando para

trás, meu cotovelo indo direto em seu intestino. Forte. Seu aperto em mim

escorrega e ele perde a posse do isqueiro. O homem vai buscá-lo, e eu reajo no

momento.

Eu tenho que.

Estendendo a mão, pego a faca, a que Naz trouxe com ele.

Eu reconheço.

Ela veio direto da nossa cozinha.

~ 245 ~

Um segundo ela está firmemente na minha mão; O próximo segundo eu

estou balançando a maldita coisa. Eu não paro para pensar sobre o que diabos

estou fazendo, porque se eu fizer, eu poderia hesitar.

Não há tempo para hesitação, não quando nossas vidas estão em jogo.

Eu o acerto, acho, em algum lugar na perna. Estou surpresa com a facilidade com que a faca entra. Sempre pensei que precisasse de força bruta,

mas a lâmina desliza pela pele. Ele rosna, fodicamente rosna quando eu giro do

seus braços e puxo a faca para fora, sangue jorrando do corte.

Largo a faca enquanto corro.

Eu corro direto para Naz. Ele já está avançando na minha direção. Eu me

atiro em seus braços, tentando me segurar, mas estou chorando. As mãos de

Naz me exploram freneticamente, como se ele estivesse tentando ter certeza de

que eu estou bem, e seus lábios encontraram minha testa um momento depois.

É um beijo suave, um beijo rápido, antes que ele se afaste.

Ele me olha bem nos olhos.

Eu assisto enquanto seu terror desaparece.

Algo mais toma conta.

Uma raiva.

Uma fome.

O monstro.

"Corra," ele diz calmamente.

Eu me agarro a ele, os olhos se arregalando. "O que?"

"Saia daqui," ele diz, puxando-me para longe dele, enquanto ele me empurra para a porta. Há portas de carro batendo fora. As pessoas estão se

aproximando. *Oh Deus. Não. Não.* "Corra e não olhe para trás."

Eu quero discutir.

Quero dizer-lhe que é ele um tolo fodido.

Não há como eu sair daqui sem ele.

Até que a morte nos separe.

Eu quero ficar aqui, ficar com ele, mas eu sei, lá no fundo, não há como

ele deixar que eu fique.

Porque não sou só eu agora.

Sou eu e um bebê.

Seu bebê.

Nosso bebê.

Ele me dá outro olhar, e eu sei que não posso hesitar. Fechando os olhos,

eu olho para longe dele, correndo para a saída exatamente como ele me disse.

Abrindo a porta, eu explodo para fora, minha cabeça ainda latejando.

Sinto-me *doente*. Meu peito queima quando eu corro, incapaz de evitar enquanto eu faço isso... Eu olho para trás.

~ 246 ~

É apenas um segundo enquanto eu olho para a porta fechando.

Um segundo de hesitação.

Oh Deus. *Naz*.

Eu continuo correndo, porém, quase caindo, tropeçando em meus pés antes de bater para direto em algo.

BAM

Mãos agarram meus braços, me impedindo de cair em minha bunda.

Minha cabeça sacode, e lá eu o vejo.

Eu vejo esse rosto.

Lorenzo.

A visão dele é como levar um soco no intestino.

É paralisante.

Estou desmoronando.

Caindo aos pedaços.

"Raio de Sol," ele diz casualmente. "Achei que te encontraríamos aqui."

"Claro que sim," sussurro através das minhas lágrimas, tentando me afastar dele, mas ele aperta meus braços mais firme. Homens nos cercam, talvez

meia dúzia. Eu não os conto. Eu não dou a mínima para eles. Todos eles

parecem iguais.

Vestido de preto com máscaras de esquí.

Eles se misturam na escuridão.

"Onde está o seu marido?" Ele pergunta, mas ele não espera que eu responda. Girando-me, ele me empurra de volta para um de seus homens,

olhando para o cara fixamente quando ele diz, "Fique com ela. Certifique-se de

que ela não se machuque. Você sabe as consequências."

O homem começa a arrastar-me para longe conforme Lorenzo tira uma

arma, segurando-a firmemente em sua mão. Ele se dirige para o prédio de

concreto, e um grito explode de mim. Um grito de puro terror, de desespero

absoluto.

Oh Deus, ele vai morrer.

Ele vai *matá-lo*.

"Não!" Eu grito, lutando contra o homem que está me segurando, chutando e socando, tentando me libertar. "Naz! Por favor! Naz!"

Eu grito seu nome, rezando que ele me ouça, rezando ele esteja pronto,

orando que ele saia disto bem. Eu não posso fazer isso sem ele. Eu preciso dele.

Eu preciso dele.

É preciso três deles para me conter, para me empurrar na parte de trás de

um carro que está a apenas alguns metros de distância. Dois sobem na parte de

trás comigo, enquanto o cara para quem ele me passou fica atrás do volante. Eu

luto com todo o meu poder, agarrando máscaras e puxando elas, arranhando

rostos, tentando tirar seus olhos de merda.

~ 247 ~

Qualquer coisa para escapar.

Eu grito e grito e grito, seu nome a única palavra que eu posso conjurar

agora. *Naz. Naz. Naz.*

Eu não sei se ele pode me ouvir.

Não sei se é tarde demais.

Eu soco um cara direto no nariz antes de tentar quebrar uma janela,
batendo nisto com meus punhos, mas não está quebrando. Eu uso o
meu pé
quando eles tentam me puxar para longe disso, puxando minha perna
para cima
e chutando o vidro, com raiva que ele apenas não vai fodidamente
quebrar.

Por que não vai quebrar?

Demora cerca de uma dúzia de vezes antes do vidro rachar,
estilhaçando
e rachando, caindo aos pedaços. Meu pé vai direto para ele então, e eu
sibilo
quando o vidro quebrado corta a pele perto do meu tornozelo.

Porra, eu começo a sangrar *por toda parte*.

"Jesus Cristo," grita o motorista. "Ponha-a sob controle!"

Eu bato, e eu machuco, mas isso não me leva a lugar nenhum. Os dois
sujeitos me puxam para baixo no assento traseiro do carro enquanto
começam a

dirigir se afastando. Nós não chegamos muito longe, apenas através do
parque,

antes de um estrondo sacudir a área, alto o suficiente para que vibre
as janelas

do carro.

Um flash de luz ilumina o céu.

Eu não tenho que vê-lo para saber o que aconteceu; Eu não tenho que
olhar para saber o quão ruim é. O homem que conduz levanta sua
máscara,

descansando-a em sua cabeça, enquanto olha no espelho retrovisor,
olhando

para trás.

Não olhe para trás.

Ele solta um assobio baixo.

Estou soluçando, hiperventilando, tentando respirar, mas eu não acho que eu possa sobreviver a esse tipo de dor.

À medida que o edifício explode, meu mundo implode.

Tudo ao meu redor fica em chamas.

~ 248 ~

CAPITULO

vinte

Ignazio

Eu sempre fui fascinado por como o corpo funciona.

Como um músculo do tamanho de um punho no seu peito é

responsável

por mantê-lo vivo todos os dias. Ele bate constantemente, a cada segundo de

cada hora, empurrando sangue por suas artérias, em seguida, de volta por de

suas veias. E você não faz nada para fazer isso acontecer. Ele só faz isso, tudo

por conta própria. Não importa como você está se sentindo, o que você está

pensando, se seu coração fodido está quebrando... ele continua batendo, cem

mil vezes por dia.

Mas algum dia, ele vai parar. Algum dia, ele vai bater pela última vez, e

então não haverá nada.

Nada, exceto a morte.

Eu não sei se há uma vida após a morte, mas se existe, o que me espera

não será agradável. Porque eu fiquei lá e assisti como mais de uma dúzia de

corações pararam de bater, e raramente eu já senti algo mais do que *fascinação*

sobre isso.

Talvez, em alguma outra vida, eu poderia ter sido um médico. Um cardiologista. Em vez de parar os corações, eu poderia tê-los feito funcionar

novamente. Mas nesta vida? Eu não sou nada mais do que um homem com um

fascínio, observando como um outro coração dá sua última batida.

A porta atrás de mim abre.

Eu não me viro.

Eu realmente não preciso.

~ 249 ~



Chame isso de intuição, mas eu já sei quem é.

Eu sabia que ele não estaria muito atrás.

Lorenzo passeia para ficar ao meu lado no meio da sala, sua arma na mão. Ele não vai precisar dela, e ele percebe isso imediatamente. Ele solta um

suspiro exagerado. "Bem, isso é anticlimático."

Eu olho para ele. "Você parece decepcionado."

"Eu estou," diz ele, enfiando a arma na cintura. "Eu estava meio que ansioso para atirar em alguém hoje."

Eu não deveria rir, mas eu faço.

O filho da puta provavelmente quer dizer isso.

"Você ainda pode atirar nele," eu digo, apontando para onde Fat Joe está

deitado no chão de concreto em uma poça de sangue, seu coração não mais

batendo.

"Nenhum ponto", diz ele. "Você já o matou."

"Não, eu não matei." Estendendo a mão, eu pego a faca. "Karissa matou."

Mas ela não sabe.

Ela não tem ideia do tipo de ferida que ela infligiu.

Ela esfaqueou cegamente, visando incapacitar, fugir, mas ela o atingiu no

ângulo perfeito. Eu não poderia ter feito melhor eu mesmo. A lâmina entrou no

interior de sua coxa, cortando direto através da artéria femoral, e então ela a

girou.

Ela *girou*.

Assim que ela puxou de volta, eu sabia que ele estava perdido. Ele estava

no chão, jorrando sangue, seu coração fazendo sua última batida em menos de

um minuto.

"Huh." Lorenzo se aproxima, examinando o sujeito. "Ele cheira como se

precisássemos de HazMat8 para limpar."

"Provavelmente," eu respondo. "É éter."

Ele olha para mim com surpresa antes de voltar para o cara, hesitando quando seus olhos encontram o Zippo prateado. Ele pega, balançando a cabeça.

"Que idiota."

Essa é uma maneira de colocá-lo.

"Devemos sair daqui antes que a polícia apareça," eu digo, virando-me para a porta, carregando a faca comigo. Tem as impressões digitais dela. "Eu vou dar-lhes vinte minutos, no máximo."

Lorenzo me segue. Eu o ouço clicando no isqueiro, abrindo e fechando enquanto ele anda. O ar fresco é acolhedor quando eu piso para fora, depois de

respirar os vapores de éter nos últimos minutos.

Estou me sentindo enjoado.

Eu nem consigo imaginar como Karissa deve estar se sentindo.

Mas não tenho tempo para pensar nisso.

Viro-me para Lorenzo e começo a falar quando o vejo mexer na engrenagem do isqueiro com o polegar, acendendo-o. Filho da puta. Ele o joga

para atrás dele, para o prédio, antes de correr.

BOOM

Eu mal tenho a chance me esquivar antes das janelas explodirem, estilhaços de vidro voando, conforme o interior do edifício fica em chamas.

Meus ouvidos zumbem da explosão, as paredes de concreto mantendo a maior

parte dela contida. O fogo queima, no entanto, quente e pesado, pegando os

vapores e seguindo-os diretamente para o corpo, onde está maior concentração

disso. Lorenzo esfrega as orelhas com as palmas das mãos enquanto ele faz uma

careta. "É melhor sairmos daqui em dez minutos."

O calor que irradia do edifício é *intenso*.

Eu ainda posso senti-lo quando me aproximo do meu carro, escondido entre algumas árvores. Eu estou prestes a entrar e ir embora quando Lorenzo

me segue, deslizando no assento do passageiro.

"Onde estão seus homens?" Eu pergunto, irritado.

"Já partiram."

"Problema seu," eu digo a ele. "Encontre seu próprio caminho para casa,

preciso encontrar Karissa."

Ele me ignora, sentando-se no assento. "Minha casa."

"Já lhe disse, Lorenzo. Tenho que—"

"Tem que encontrar Karissa," ele diz, me cortando. "Já te ouvi alto e claro. E se você quer ir lá fora e rasgar a cidade procurando por ela, fique a

vontade, mas será muito mais fácil apenas, você sabe, ir para minha casa."

Chegando mais perto, agarro sua camisa, puxando-o para mim. "Que diabos você fez?"

"Relaxe," ele diz, erguendo as mãos na defensiva. "Os meus homens a levaram para guardá-la em segurança."

~ 251 ~

Guardá-la em segurança.

Não existe tal coisa no que diz respeito a Lorenzo.

Eu mal consigo sair do parque antes de ouvir as sirenes, luzes vermelhas

e azuis piscando à distância, indo direto para o fogo. Meu coração bate

ferozmente na torrente de carros da polícia passando por nós. Espero que um

deles pare. Espere um deles reconhecer o meu carro.

Mas passamos sem incidentes, e uma vez que fazemos, eu começo a acelerar. Eu entrelaço o tráfego, saindo de Manhattan, direto para Bensonhurst.

Lorenzo não diz nada por todo o caminho, olhando pela janela, sua postura

casual.

Nada disso incomoda-o.

Eu estaciono direito perto da casa cor-de-rosa abandonada e sigo

Lorenzo através da rua, para casa ao lado. Assim que entramos, ouço o caos.

Seus homens estão por toda parte, lutando e gritando.

Isso mexe um mau sentimento no meu intestino.

"Whoa, whoa, whoa," Lorenzo diz, caminhando pelo corredor. "O que está acontecendo aqui?"

Um cara se vira para ele, apertando um trapo sangrento no nariz. "A puta

me deu um *soco*!"

Os olhos de Lorenzo se arregalam quando eu congelo, olhando para ele.

Ele realmente disse o que eu acho que ele disse? "E que *puta* seria essa?"

O cara olha para mim, só agora percebendo que eu estou aqui, muito preso em suas próprias circunstâncias para perceber o que está

acontecendo ao

seu redor. A cor imediatamente drena de seu rosto, transformando-lhe em um

tom de branco que eu não tenho certeza que eu já vi antes em alguém ainda

vivo. "Eu, uh... quero dizer... ninguém. Eu não quis dizer- "

Ele está gaguejando, começando a suar, enquanto ele pisca rapidamente,

como se estivesse prestes a desmaiar e perder a consciência. Huh. Imaginava

que um homem que trabalhava para Lorenzo teria mais bolas do que isso.

"Sim, então ela quebrou seu nariz," Lorenzo sinaliza, alcançando e

agarrando o cara pelo nariz, espremendo-o bruscamente. O cara grita enquanto

o sangue começa a encharcar o pano. "Foda-se, Botão de ouro. Se você preferir,

tenho certeza Ignazio ficaria feliz em colocá-lo fora de sua miséria."

Eu concordo. "Mais que feliz."

Lorenzo empurra o cara para longe e ele cai. Ele bate no chão

imediatamente, o tapete não fazendo nada para suavizar a queda. Ele desmaiou.

Inacreditável.

~ 252 ~

"Incompetência," Lorenzo resmunga, balançando a cabeça, enquanto os

outros se esforçam para puxar o covarde para seus pés. "Estou começando a

entender por que prefere trabalhar sozinho, Ignazio."

"Você não pode contar com ninguém," digo, virando-me, olhando pela casa. Não há nenhum sinal de Karissa em qualquer lugar que eu possa ver.

"Certo," Lorenzo diz, pisando na minha direção, batendo no meu peito com o dorso da mão enquanto ele passeia. "Exceto para mim, é claro."

"Nem mesmo você."

Ele ignora minha observação enquanto ele passeia de volta pelo caminho

que nós viemos, dessa vez focando sua atenção em seus homens.
"Leve-me até

ela, número um."

Número um.

Só pode estar brincando comigo.

Eu assisto como um cara caminha atrás de Lorenzo.

Ele lhes deu números.

O cara corre em direção a uma porta no corredor, hesitando com a mão

na fechadura. Olha para Lorenzo, depois para mim, depois para Lorenzo, como

se tivesse medo de abrir aquela maldita porta por algum motivo.

Como se ele tivesse medo do que nós vamos ver.

Raiva e impaciência se agitam dentro de mim enquanto eu empurro por

eles, batendo o cara fora do caminho para abrir a porta eu mesmo. Um *porão*.

Está escuro, bem escuro. Eu mal consigo ver a escada de madeira que leva até ele. Está em grande parte em silêncio, até que eu apuro meus

ouvidos,

ouvindo apenas o mais leve choro.

É um som que me é familiar.

Um suspiro por ar, um gemido devastado, o som de Karissa tentando o seu melhor para ser forte, mas não está funcionando. Eu não hesito. Eu desço

direto aquela escada frágil, para baixo na escuridão, frenético para chegar a

ela... para encontrá-la... para vê-la. Para que ela saiba que está tudo bem, que

ela está bem, que nós vamos ficar bem.

Eu juro que, vamos ficar bem, vamos passar por isso, mesmo que seja a

última coisa que faço.

Vou dar-lhe a felicidade que ela merece.

Não mais deste sofrimento.

Não mais essas malditas lágrimas

Ela está encolhida em um canto, seus joelhos puxados para cima, sua cabeça para baixo, protegendo seu rosto. As mãos em punho agarram seu cabelo

~ 253 ~

caótico, apegando-se a ele como se a sua vida depende disso, como se segurar

isso fosse o que está mantendo-a inteira. Ela está balançando e tremendo, alheia

a minha presença, tão perdida em sua cabeça, tão dominada por sua dor, que

nem me ouviu.

Eu a olho fixamente, por apenas um segundo, observando-a enquanto ela

desmorona em si mesma na escuridão, sentindo uma dor profunda no meu

peito. Sentindo a dor que eu sei que ela está sentindo. Seu coração está

quebrado, mas a merda ainda está batendo. Segundo após o segundo, continua a

mantê-la viva.

Dou um passo em direção a ela, depois outro, antes que ela rompa seu

transe, percebendo que ela não está sozinha. Seus gemidos cessam enquanto ela

inala profundamente, preparando-se como só ela pode. Sua cabeça se levanta,

penetrante, olhos furiosos cortando a escuridão, procurando o que ela ouviu.

Seu olhar se encontra com o meu, e eu vejo quando a raiva desaparece,

derretendo direto para aquela maldita mágoa.

Eu odeio isso.

Eu odeio ver isso.

Mas, porra, ela é linda.

Feliz. Triste. Brava. Aterrorizada.

Ela é a coisa mais linda que já vi.

Ela é linda porque é forte.

Bonita porque ela é feroz.

Bonita porque, mesmo quando eu hesitei, ela não.

Ela lutou.

Ela lutou *duro*.

E porra se isso não é bonito para mim...

Sua boca se move, mas nenhuma palavra me cumprimenta.

Ela está chocada.

Ela olha para mim, lágrimas silenciosas caindo em suas bochechas.

Ela não está se movendo, nem sequer piscando, como se eu fosse apenas

um produto de sua imaginação e ela tem medo que a escuridão vai me apagar se

ela se render a ela.

"Eu te disse," eu digo calmamente. "Eu sempre virei por você."

Isso serve. Isso é tudo que ela precisa.

Um grito ecoa através do porão enquanto ela se força a se levantar, empurrando para fora do chão, mal capaz de se levantar, e muito menos de

andar, mas ela é forte o suficiente para se jogar em mim, sabendo muito bem

~ 254 ~

que eu nunca vou deixá-la cair. Envolver meus braços ao redor dela, puxando-a

para mim, segurando-a com força, saboreando seu calor. Ela está na ponta dos

pés, agarrando-se a mim.

"Eu pensei que você estivesse morto," ela sussurra, sua voz quebrando em

torno das palavras.

"Fala sério," eu digo, acariciando seus cabelos emaranhados. "Você

realmente acha que eu sou tão fácil de matar?"

Ela ri, mas não é um som feliz.

Não há nada engraçado sobre isso.

Passos se registram atrás de mim em seguida, apenas um momento

passando antes que uma luz áspera incida sobre o porão.

Semicerrando os olhos

por causa da luz, eu coloco Karissa em seus pés e afrouxo meu abraço, mas ela

se encolhe, segurando-me. Meu instinto é olhar para ela, meus olhos

examinando-a, alarmado quando vejo o sangue cobrindo seu pé sujo e descalço.

"O que aconteceu?"

Minha pergunta está perdida nela quando ela começa a entrar em pânico.

Sua respiração se acelera, o corpo tremendo, enquanto ela freneticamente se

agarra a mim, sua atenção através do quarto. *Merda.*

Viro a cabeça, olhando direto para Lorenzo, seu aparente pequeno soldado número um está ao seu lado. O cara parece nervoso.

"O que aconteceu com o pé dela?" Eu pergunto, fazendo um gesto em direção a ele, um toque de raiva na minha voz.

Ele começa a balbuciar. O que há com esses caras?

"Ela, uh... bem... ela fez isso para si mesma."

Eu olho para ele com incredulidade. "Ela fez isso para si mesma."

"Uh, sim," ele diz. "Ela chutou a janela do carro."

"Ela chutou a janela do carro."

"E o vidro, ele quebrou. Cortou-a, eu acho... Ela estava lutando contra

nós, você sabe... Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.
Como eu

disse... ela fez isso para si..."

Antes que o sujeito possa terminar de dizer 'ela mesma', Lorenzo reage,

alcançando sua cintura e tirando sua arma.

BANG

Um único tiro, direto na têmpora, ilumina o porão. Isso explode a cabeça

dele. O cara cai imediatamente. Karissa solta um grito assustada, e eu a puxo

para mim com força, segurando-a enquanto olho para Lorenzo. "Isso era

necessário?"

~ 255 ~

"Claro," diz ele, afastando a arma. "Tudo o que eu ouvi foi *blá blá blá* eu

não segui instruções, então me mate já. Por quê? O que você ouviu?"

"Que você é um lunático."

Karissa está tensa. Ela está apavorada.

Mas Lorenzo? Ele ri.

Ao contrário de todo mundo, ele acha tudo isso engraçado. A vida, para

ele, não é mais que um jogo. Produto de sua educação, talvez, mas não me

surpreenderia se isso estivesse simplesmente codificado em seu DNA. Ele nunca

conheceu seu verdadeiro pai, mas o nome Gambini é um dos piores.

Assassinos

em massa frios e calculistas. Ele foi criado por um Accardi, no entanto, que

discutivelmente não é muito melhor. Seu padrasto era um alcoólatra abusivo

com um temperamento explosivo e um dedo-gatilho comichão, o tipo de homem

que batia em uma criança até a inconsciente e não se preocupava em chamar

uma ambulância até que tivesse preparado uma bebida para si.

Por uma dessas razões eu tive que matar o homem.

"Naz," Karissa sussurra. "Nós temos que sair daqui, eu não posso... eu não posso fazer isso. Ele vai nos matar".

"Relaxe. Ele não vai nos matar. Ele é—"

"Um amigo," Lorenzo fala, parecendo quase presunçoso conforme diz.

O rosto de Karissa se contorce com a palavra. *Amigo*.

"Ele não é uma ameaça," eu digo a ela. "Não para mim."

Não agora, de qualquer maneira.

Amanhã é outro dia.

"Como você pode pensar isso? Ele... ele estava lá! Com o motorista de táxi, e o homem, e oh Deus, agora mesmo. Ele fez isso... ele é *um deles*. E você

espera que eu confie nele?"

"Não," eu digo, virando-me para ela, minhas mãos embalando seu rosto

enquanto eu a olho fixamente. "Nunca confie em uma palavra que ele diz, ele vai

mentir bem na sua cara."

"Estou aqui, você sabe," Lorenzo diz.

Eu ignoro isso.

"Mas confie em *mim*, Karissa. Você pode fazer isso?"

Ela balança a cabeça, embora olhe para mim como se eu estivesse perdendo a cabeça. Mas eu não tenho em mim para tentar explicar isso agora.

Estou completamente exausto, e ela precisa ver um médico o mais rápido

possível.

"Você pode andar?" Eu pergunto a ela.

~ 256 ~

"Uh, sim... claro."

Pego sua mão, virando-me para Lorenzo. *Não faça de mim um mentiroso.* "Estamos indo embora."

Ele se afasta para nos dar passagem para as escadas de madeira, mas ele

não diz nada. Dirijo Karissa em direção a elas, deixando-a subir primeiro, e

lançar outro olhar para Lorenzo.

Ele está me observando com curiosidade. "Você ainda quer aquela reunião?"

"Você sabe que eu quero."

Ele balança a cabeça, desviando o olhar. "Vou entrar em contato."

Não encontramos resistência para sair. Os homens ainda estão se agitando, preocupados demais para nos notar. Eles ouviram o tiro. Saímos pela

porta da frente, e ajudo Karissa diretamente para o meu carro, esperando até

que ela se estabeleça antes de entrar a seu lado.

Ela ainda está tremendo.

"Hey," eu digo, estendendo a mão, acariciando sua bochecha. "Vai ficar

tudo bem, querida."

"Você promete?"

Olho para ela, limpando uma lágrima perdida quando ela cai. "Eu juro,

Karissa. Vamos ficar bem."

Ela sorri, um sorriso triste, enquanto ela se estende e coloca a mão sobre

a minha. Ela se solta depois de um momento, virando a cabeça para olhar pela

janela lateral do bairro calmo.

Eu começo a me afastar, e ela fica quieta por um tempo, antes que ela solte um profundo suspiro. "Você o matou?"

"Quem?"

"O homem do prédio. Aquele... esta noite."

Eu paro em um sinal vermelho, fico quieto por um momento, antes de responder calmamente, "Sim, eu matei."

Ela fecha os olhos.

Ela esperava essa resposta.

Ela ainda não gosta, entretanto. Este mundo não é para ela. A violência, o

derramamento de sangue, o assassinato... não é *ela*. Ela luta para aceitar que

acabo com as vidas.

Ela nunca se perdoaria se soubesse que ela *matou* aquele cara.

Eu odeio mentir para ela. Eu odeio isso. Mas eu minto para ela dessa vez.

~ 257 ~

Eu minto para poupá-la.

Porque não importa o que ele fez, ou o que ele teria feito se não tivesse

sido parado, ele ainda era um ser humano para Karissa.

Ele tinha um coração batendo.

"Nós devemos levá-la a um médico," eu digo, mudando de assunto.
"Vou

para o hospital mais próximo."

"Não." Sua voz é aguda, quase em pânico, enquanto ela se aproxima, colocando a mão no meu braço. "Sem hospitais. Hospitais significam policiais, o

que significa *perguntas*. Perguntas sobre onde eu estava, perguntas sobre o que

aconteceu, perguntas sobre você e eu, e eu estou cansada de responder a

perguntas. Eu só... eu quero ir para casa. "

"Mas eu preciso ter certeza que você está bem."

"E aquele cara? Dr. Carter?"

"Ele é um veterinário, Karissa."

"E? Isso não impediu você de chamá-lo quando você foi baleado."

"Não seja ridícula. Você precisa de um médico de *verdade*."

"Por quê? Alguns pontos no meu pé? Eu posso costura-lo eu mesma."

Aguardo até que cheguemos a outro sinal vermelho antes de responder.

Ela está sendo absurda. Eu sei que é porque ela está com medo, mas eu não

posso arriscar.

"Você está grávida, Karissa. Não é só com *você* que eu estou preocupado."

"Eu sei, mas..." Ela solta um profundo suspiro. "Como é que vai nos ajudar se você for preso? Você matou alguém hoje à noite, Naz, e o edifício... ele

explodiu. O que eles vão pensar se eu aparecer no hospital, cheirando como uma

merda de casa de metanfetamina?"

Não há como vencer esse argumento.

Já posso dizer.

Ela tem lágrimas nos olhos, e eu não posso empurrá-la agora, não quando

ela já está tão traumatizada. Suspirando, eu puxo meu telefone, olhando através

dele para o número de Michael Carter. Ele atende no segundo toque, sua voz

hesitante. "Olá?"

"É Vitale, preciso que você me encontre em minha casa."

"É uma emergência?"

"Eu não te chamaria se não fosse."

Com isso, desligo.

Eu disse para ele estar lá, então eu sei que ele virá.

"Um compromisso," eu digo a ela. "O Dr. Carter vai olhar você, mas se ele

estiver preocupado, se ele achar que pode haver um problema, vamos direto

para o hospital."

"Justo."

Assim que chegarmos a casa, vamos para dentro, e a primeira coisa que

Karissa faz é chamar por seu cão.

Killer vem imediatamente.

Orelhas para baixo, a cauda balançando, a língua para fora, ele pula para

cima dela, e eu vou pará-lo, mas Karissa aceita isso com calma. Ela desliza para

o assoalho, sentando em sua bunda na sala de visitas, e abraça-o enquanto ela

começa outra vez a chorar.

Dou-lhes um momento, dirigindo-me para a cozinha. Eu respingo água da pia no meu rosto antes de olhar para o meu reflexo nebuloso na janela,

correndo minhas mãos através de meu cabelo.

Por favor, esteja bem.

O Dr. Carter não está muito atrás de nós. Ele para na minha entrada, chiando pneus, dirigindo como um morcego saído do inferno. Assim que abro a

porta, ele me olha, entrando no foyer, carregando uma bolsa médica preta. "O

que você tem?"

Inferno de uma pergunta.

Nem sequer saberia por onde começar a responder.

"Na verdade, é Karissa," digo a ele, apontando para a sala onde ela ainda

está sentada. "Eu preciso que você dê uma olhada nela."

Confusão obscurece sua expressão enquanto ele se dirige naquela

direção. Imediatamente, ele se fixa em seu pé. "Ah, por que você não vem para a

cozinha e vamos cuidar de você?"

Karissa se levanta, fazendo o seu caminho em direção à cozinha, com

Killer protetoramente direto em seus calcanhares. Eu paro na entrada,

encostado no batente da porta, dando-lhes espaço. Karissa sobe no balcão,

lavando seu pé imundo direto na pia. Dr. Carter lhe agarra pela panturrilha e

examina o corte.

Ele não faz nenhuma pergunta sobre como ela ficou ferida. Ele sabe que é

melhor não bisbilhotar. Sem palavras, ele abre a mala e começa a tirar

suprimentos. "Você vai precisar de alguns pontos. Eu não trouxe nada para

anestesiá-la, porque, bem, Vitale nunca quer, então se você tem algum licor

por aqui, agora é provavelmente o momento de trazê-lo."

Ela limpa a garganta, e eu mal posso ouvi-la quando ela diz, "Eu não posso."

~ 259 ~

Dr. Carter a olha de forma peculiar. "Oh, certo... não tem idade o suficiente, huh?"

"Não. Bem, quero dizer, você está certo, mas não é por isso." Ela faz uma

pausa. "Estou grávida."

Ele congela, os olhos arregalados, como se isso o chocasse. Ele não faz comentários, porém, enquanto ele volta para seus suprimentos. "Vai doer um

pouco. Parece alguém empurrando uma agulha e passando por sua pele, porque,

bem, isso é basicamente o que eu vou fazer."

Ele solta um riso estranho.

Ele está nervoso, trabalhando nela.

Achei que ele estaria.

O homem me costurou todo o tempo sem problema. Ele alegremente leva

o meu dinheiro em troca de cuidados médicos não convencionais. Ele faz isso,

sabendo que não espero perfeição, sabendo que seu silêncio é o que realmente

importa para mim. Eu passei pelo inferno e voltei, me arrastei para fora do

fundo do poço mais do que algumas vezes, brincando com a morte porque não

tenho medo disso.

Mas ela? Ela é diferente.

Ele tem que ter cuidado extra com Karissa.

"Está tudo bem," ela diz calmamente. "Tenho certeza de que já me

senti

pior."

Antes de mim, ela não tinha passado. Ela era mimada. As pessoas eram

cuidadosas. Mas eu apresentei dor em sua vida. Não sei se alguma vez vou me

perdoar por isso.

Carter faz o que ele precisa, começando a trabalhar, dando-lhe cinco pontos bem do lado do pé. No segundo que a agulha entra, Karissa faz uma

careta, mas ela não faz um som, embora eu saiba que isso dói.

Assim que ele termina, ele dá um passo para trás, olhando para ela. Eu sei que ele pode sentir o cheiro de éter. É um fedor potente. Uma vez que você o

cheira, é um cheiro que você nunca esquece. Alcançando em sua bolsa, ele pega

um estetoscópio, aquecendo-o antes de pressionar o metal em seu peito.

Ele não é idiota. É por isso que o emprego.

Ele pode descobrir a *verdadeira* questão aqui.

"De quanto tempo você está?" Ele pergunta, ouvindo seus batimentos cardíacos. Sua voz é casual, como se estivesse conversando, mas sei que está

levando isso a sério.

"Oito semanas... ou, uh, eu acho que talvez nove agora."

~ 260 ~

Ele faz um movimento para ela virar seu corpo enquanto ele se move para

suas costas, empurrando sua camisa para cima, usando o estetoscópio para

ouvir seus pulmões. "Dê respirações profundas para mim."

Karissa obedece.

Ele parece satisfeito depois de um momento e coloca o estetoscópio a distância. "Sem cólicas, sem sangramento, sem outras questões?"

Ela hesita. "Minha cabeça esta me matando."

"Podemos fazer algo sobre isso," diz ele. "Algo mais?"

"Não," ela diz. "Nada."

Ele sorri suavemente, colocando uma mão em seu ombro, acariciando-a.

"Você vai ficar bem."

Ela parece aliviada, enquanto ela fecha os olhos brevemente, retornando

seu sorriso enquanto ela salta de volta para fora do balcão, com cuidado para

não machucar mais seu pé. "Obrigada."

"O prazer é meu."

"Eu vou tomar o banho mais longo conhecido pelo homem agora, lavar

este *fedor*. "

"Você deve ter cuidado para não ficar com seus pontos molhados pelas próximas quarenta e oito horas," ele a avisa. "Eles devem sair em cerca de duas semanas."

Ela balança a cabeça, reconhecendo que o ouviu, enquanto ela passa por

mim. Killer a segue, como de costume, dando-me um grande espaço

quando ele

sai. Carter começa a arrumar suas coisas quando eu entro mais na cozinha.

Ele olha para mim. "Estou supondo que devo lhe dar os parabéns."
Faço

uma pausa ao lado dele.

"Diga a verdade."

"Eu sempre digo," ele diz, virando-se para encostar-se contra o balcão, cruzando os braços sobre o peito. "Como eu disse, ela vai ficar bem. Alguns

Tylenol e uma boa noite de sono e ela estará nova de manhã."

"E o bebê?"

Ele hesita.

Hesita.

"É tão cedo, não há maneira de saber. Éter afeta a nível celular, e com nove semanas as células estão rapidamente mudando. Muita coisa pode dar

errado nesta fase. As chances são de que tudo vai ficar bem, mas se não ficar,

bem... nem mesmo o melhor médico do mundo poderia fazer algo para mudar

isso."

~ 261 ~

Isso é o que eu esperava ouvir.

"Eu aprecio você vir," eu digo. "Antes de partir, preciso que me faça mais

um favor."

"O que é isso?"

"Verifique se o vira-lata está bem."

Ele me olha de maneira peculiar. "O que há de errado com o cachorro?"

"Vamos apenas dizer que ele enfrentou o mesmo adversário que Karissa e

ele não se saiu melhor."

"Ah!" Ele se dirige para a porta. "Lidere o caminho."

Killer está deitado no corredor, bem no topo das escadas. Ele rosna quando eu me aproximo, mas ele deixa Carter se agachar e olhar ele, não

tentando fugir.

"Ele parece bem," ele diz depois de um momento. "Um pouco machucado, talvez uma costela quebrada ou duas... O sangue nele, bem..."

"Não é dele."

Dr. Carter olha para mim enquanto ele se levanta. "Eu posso dizer."

Ele tem perguntas que ele realmente quer fazer, perguntas sobre o que diabos aconteceu esta noite, mas eu não vou responde-lo e ele sabe disso.

"Ele provavelmente deveria ser trazido para alguns raios-X," ele continua. "Fora isso, ele vai ficar bem."

"Leve-o com você, verifique ele," eu digo. "Eu passo lá mais tarde e o trago de volta."

"Certo."

Eu fico ali, observando enquanto ele sai da minha casa com o cachorro.

Eu lhe pagarei quando eu pegar Killer.

Faço meu caminho pelo corredor, em direção ao banheiro, encontrando a

porta aberta. Silenciosamente, empurro-a mais, parando enquanto olho.

Karissa está na banheira, coberta de bolhas, o pé ferido apoiado ao lado,

fora da água. Ela vira a cabeça, sentindo minha presença, e sorri suavemente,

como se estivesse feliz em me ver.

"Boas notícias," eu digo a ela. "O vira-lata vai viver."

"Isso é uma boa notícia," diz ela. "E você?"

"O que tem eu?"

"Você vai ficar bem?"

Algo sobre o jeito que ela pergunta isso me para.

~ 262 ~

As pessoas no meu mundo só se preocupam com o que você pode fazer por elas. Os *amigos* só precisam de você até que eles não precisam mais de você.

Mas Karissa me pergunta isso como se a minha resposta importasse, como se eu

vou ou não ficar bem fizesse a diferença para ela.

Eu não deveria me surpreender com isso. Ela me ama, afinal. Mas tem sido um tempo muito longo desde que alguém mais deu a mínima sobre como

eu estava me sentindo. Muito tempo desde que alguém me perguntou essas

palavras.

"Meu coração ainda está batendo," eu digo a ela. "Isso me diz que eu vou

ficar bem."

~ 263 ~

CAPITULO

vinte e um

Karissa

Uma frente fria chegou.

Foi o que me disse o jornal desta manhã.

Encontrei-o amassado, jogado no cesto de lixo ao lado da mesa de Nazna

sala de descanso, apressadamente - *com raiva* - jogado fora. Ele estava sentado

em sua mesa, olhando para seus livros em silêncio. Eu não tinha ideia do que ele

estava pensando, mas eu não perguntei.

Em vez disso, eu pesquei o jornal e olhei para ele, vendo a manchete

da

primeira página: **Assassinato no Corlears Hook Park.**

Eu li rapidamente o artigo, meu estômago caindo quando eu encontrei meu nome. *Karissa Vitale*. Única sobrevivente do primeiro ataque. Isso era tudo

o que realmente dizia sobre mim, mas olhando para Naz, eu sabia que já era

demais.

A frente fria tinha chegado da noite para o dia, a temperatura caindo para

dez graus em vez dos vinte e três graus habituais nesta época do ano. Eu podia

sentir o frio no fundo de meus ossos, como se nós não fizéssemos algo rápido,

talvez eu nunca mais ficasse quente.

"Estou pronta," eu digo a ele, jogando fora o jornal de novo.

Ele desvia o olhar dos livros, encontrando meus olhos. "Você está pronta."

Assinto com cuidado. "Estou pronta para ir."

Uma hora mais tarde, aqui estamos, sentados em seu carro enquanto ele

percorre a cidade, sem pressa em chegar a qualquer lugar. Não é como se

realmente tivéssemos um lugar para estar, de qualquer maneira. Hora de

encerrar algumas pontas soltas antes que possamos sair da cidade.

Estamos começando de novo. Uma lousa limpa.

~ 264 ~

Quando chegamos a Greenwich Village, Naz puxa, balançando na entrada

da garagem de estacionamento ao lado do antigo dormitório que eu costumava

chamar de lar. Ele para o carro, mas deixa o motor em funcionamento.

Eu olho para ele, surpresa. "O que você está fazendo aqui?"

Ele acena com a cabeça em direção ao prédio. "Eu pensei que você gostaria de vê-la."

Meu olhar desvia nessa direção, e eu a vejo. *Melody*. Está parada na frente do edifício, inclinando-se para trás, tremendo. Ela está vestindo shorts e

uma camiseta, como se pensasse que ainda é verão, se recusando a abraçar o

frio. *Claro*. Ela parece que está esperando algo, ou alguém... Eu não sei... mas eu

posso adivinhar. Por enquanto, porém, ela só está parada ali, quieta, sozinha.

Eu a observo por um momento.

Eu não me movo.

Eu nunca pensei muito nessa parte.

"Eu devo?" Eu pergunto calmamente. Eu não tenho certeza. "Não seria melhor apenas... *desaparecer*?"

Naz não responde isso imediatamente, o carro ainda ligado, seu olhar para fora do para-brisa. Eu não tenho certeza se ele sequer sabe a resposta certa.

"Alguém que ela amava desapareceu uma vez," ele diz finalmente. "Não deve

acontecer novamente."

Paul.

Demorou um tempo para ela se recuperar desse desgosto, embora eu saiba que alguma parte dela provavelmente nunca verdadeiramente o fará.

Esses ‘se’ a quebrou, fraturando um pedaço de sua alma. Melody sempre viveu

uma vida de privilégio, onde tudo era bonito e nada machucava. Ela não

conhecia dor e sofrimento. Ela nunca soube o que era ter que deixar ir. O amor,

para ela, era inocente e puro. Não foi até Paul que ela percebeu que, às vezes,

não importa o quão duro você lute, o amor só vai *doer*.

É difícil superar algo quando você não sabe o que aconteceu, quando você

não entende o que deu errado. Sem fechamento, a ferida permanece aberta, e é

duro como o inferno conseguir que cure.

Saio do carro, então, envolvendo meus braços ao redor do meu peito. Eu

estou vestindo um lenço e um suéter com leggings pretas, meu visual usual, mas

eu não poderia pôr minhas botas.

Pé machucado e tudo isso.

Então eu estou usando um par de chinelos pretos, o acolchoamento suavizando o golpe de meus passos na calçada. *Ugh*. Eu pareço absurda.

Caminho até Melody, e ela olha para cima quando ela me sente, esboçando um

sorriso em seu rosto. É genuíno. Nada sobre ela é falso. Tão peculiar como ela

pode ser, Melody usa seu coração em sua manga.

"Kissimmee!" Ela se afasta da parede, olhando para mim, seu sorriso escurecendo quando ela vê meus pés. "Oh meu Deus, você está sonambulando?"

Faço uma pausa na frente dela. "Não, definitivamente acordada."

~ 265 ~

Ela encontra meu olhar, horror torcendo suas feições. Instantaneamente,

sua mão dispara, batendo-me bem na testa. "Jesus, garota, você está com *febre*?

Está delirando? É Manhattan e você vem parecendo as *pessoas do Wal-Mart*,

usando chinelos fora da casa!"

Rindo, afasto a mão dela. "Eu machuquei meu pé, então era isto ou ir descalça."

"Descalça," ela diz imediatamente. "Você poderia usar todo o visual boêmio chique. Mas isso? Ninguém pode usar *isso*."

Ela parece seriamente aflita, como se ela fosse estourar um vaso sanguíneo sobre minha escolha de calçado. Revirando meus olhos, eu empurro

ela de brincadeira. "Sim, bem, ao contrário de você eu escolho o conforto sobre

o estilo."

"Eu sei." Ela suspira dramaticamente, seu sorriso retornando. "É a sua única falha."

Minha única falha.

Ok, certo.

"Então, como você machucou seu pé?" Ela pergunta.

Eu hesito por um momento antes de responder. "Chutei a janela de um carro."

Esse horror está de volta em seu rosto antes que ela ria. Ela acha que estou brincando... ou talvez ela apenas espera que eu esteja. "Sério?"

"Sim," eu digo a ela. "Pensei que eu estava sendo sequestrada."

"Sério?"

"Sério. Mas Naz veio e me pegou, me levou para casa... chamou um veterinário que ele conhece, que me costurou com uma agulha e um fio de linha.

Doeu como uma cadela."

"Uau." Ela balança a cabeça. "Parece que você teve um inferno de uma noite."

"Você não sabe a metade dela," eu digo a ela. "Você vê, antes de *pensar* que eu estava sendo sequestrada, eu realmente estava. Então eles me sequestraram do meu sequestrador, que eu tenho certeza que era na verdade

suicida. Ele ia nos explodir."

Ela ri. "Uau."

"Certo?"

"Então... como você *realmente* machucou?"

Faço uma pausa, sorrindo suavemente, olhando para o meu pé. "Cortei em um vidro."

Ela olha para mim por um momento. Ela ainda está sorrindo, mas há preocupação em seus olhos. Ela está tentando não transparecer, mas está

preocupada. "Mas você está bem?"

Ela não está falando sobre meu pé, não diretamente. Melody sabe muito

mais do que ela quer que alguém acredite. Se eles pensam que ela é alheia, isso

~ 266 ~

significa que ela não é uma ameaça. Ela evita escrutínio. Isso a mantém a salvo.

Mas eu a conheço bem agora, e ela provou uma e outra vez quão inteligente ela

é.

Ela provavelmente tinha isso tudo descoberto antes mesmo que eu.

"Sim, eu estou... *bem*."

Eu percebo que eu quero dizer isso quando eu digo.

Estou bem.

As coisas não são perfeitas, e estou mais do que um pouco assustada, mas

estou bem.

Vai ficar tudo bem.

Eu acredito nisso.

"Bem, isso é tudo o que realmente importa," diz ela, arranhando o nariz.

"E eu acho que vou perdoar o seu desvio na moda, já que você obviamente não

sabe nada melhor, quero dizer, dois anos depois e você *ainda* está

usando esse

maldito lenço."

"Eu gosto do meu lenço," eu digo defensivamente, estendendo a mão e acariciando-o. "Pelo menos eu não estou andando meio nua, com uma frente

fria chegando."

Ela faz uma careta. "Não odeie o jogador."

"Odeio o jogo."

"Exatamente. Vê! *Finalmente*, você está entendendo! Pode haver esperança para você ainda."

Eu rio. Improvável. Eu nunca serei alguém que eu não sou.

"De qualquer forma," eu digo, virando-me, olhando para o carro em marcha lenta. "Eu provavelmente deveria ir. Naz está esperando. E só queria

passar por aqui, ver você, para..."

Para dizer adeus.

Porra, isso é difícil.

Melody olha além de mim, direto para o carro, e eu posso ver sua expressão mudar. Em algum lugar, lá no fundo, ela sabe.

Ela sabe o que é isso.

Chame isso de intuição, ou o vínculo entre amigas. Ela pode sentir a mudança na atmosfera. Tudo está mudando ao nosso redor enquanto estamos

aqui. O mundo está se deslocando em seu eixo, os polos magnéticos nos

separando, lenta, mas certamente. Não será mais o mesmo.

Eu costumava sentir isso com minha mãe.

Acho que parte da minha mãe vive em mim.

"Você está se mudando," ela diz calmamente. "É isso que você está me dizendo?"

Sim é.

~ 267 ~

"É só... o *momento*, eu acho." Eu não sei como explicar isso. "Depois de tudo o que aconteceu e com tudo o que está acontecendo, parece certo sair de

Nova York por enquanto."

"Por agora," ela diz, "mas não para sempre, certo?"

"Você acha que eu poderia realmente ir embora para sempre?"

"Não, eu não deixaria."

Isso foi o que eu pensei.

Eu não tenho uma chance de responder a isso, quando ela me puxa em um abraço, envolvendo seus braços em torno de mim apertados, quase dolorosamente.

"Prometa que você não vai se esquecer de mim," ela sussurra.

"Eu prometo," eu digo imediatamente. "Não precisa se preocupar com isso."

"Vou ligar para você setenta e seis vezes por dia." diz ela. "Eu escreverei

cartas com essas canetas com cheiro e glitter como se estivesse no colégio... Eu

vou desenhar fotos nas margens. BFF e toda aquela merda... Eu até vou pontuar

meus i com corações."

Ela se afasta, sorrindo, embora eu possa ver que há lágrimas em seus olhos. Ela está tentando segurá-las, para levar isso bem, mas como eu disse...

adeus são difíceis.

"E eu quero ouvir tudo sobre o bebê," diz ela. "Eu quero estar lá, quero conhecê-lo... ou a ela... Oh, Deus, especialmente se for *ela*. Ela vai precisar da

Titia Mel para ensinar tudo sobre padrões, sobre tecidos e como coordenar suas

roupas. Ela vai precisar que eu lhe ensine tudo sobre moda porque Deus sabe

que você não pode fazer isso. Você terá a pobre menina usando meias com

sandálias."

"Ok, eu não sou tão ruim assim."

"Fala sério, seu marido tem um *suéter de gola alta*. Você precisa de mim,

Karissa."

"Não se preocupe, você conhecerá ela... ou ele."

"Espero que seja ela."

Eu? Eu não me importo. Só espero que o bebê esteja bem, seja o que for,

menino ou menina.

"Então sim," eu digo calmamente, apontando para o carro. "Eu tenho que

ir agora."

Ela balança a cabeça, me puxando para outro abraço. "Cuide-se."

"Você também."

"Vou sentir sua falta."

"Eu vou sentir sua falta, também, mas vai ficar tudo bem." Dou um passo

para trás, e depois outro, parando enquanto sorrio. "Através de cada noite

escura, há um dia mais brilhante."

Sua expressão se ilumina. "Apenas eu contra o mundo."

~ 268 ~

Quem precisa de '*adeus*' quando você tem Tupac Shakur?

Virando, eu vou embora, arrastando os pés de volta ao carro. Eu subo no

banco do passageiro, colocando o cinto de segurança. "Obrigada por isso. Eu

não sabia o quanto eu precisava."

"Você não precisa me agradecer," diz Naz. "Além disso, você deve sempre

dizer adeus a seus amigos."

Eu olho pela janela, olho para Melody, enquanto ela se inclina de volta

contra o prédio novamente, continuando a esperar. É menos de um minuto

depois, quando Leo aparece. No segundo que Melody o vê, ela joga-se para ele,

envolvendo seus braços ao redor de seu pescoço enquanto ela enterra a cabeça

em seu ombro.

Ela está chorando.

Eu posso dizer, com a maneira como seu corpo está tremendo, a maneira

como ela está agarrada a ele como se ele fosse sua prancha. Lágrimas queimam

meus olhos ao ver isso, meu peito doendo.

Leo apenas a segura.

Eu não acho que ele faz perguntas.

Quero pensar que ele é um bom rapaz. Quero acreditar que ele nunca vai

lhe machucar. Mas parece que vou deixá-la nas mãos de monstros, como se eu

estivesse indo embora quando minha amiga, sem saber, brinca com lobos.

"Eu não posso dizer a ela, posso?" Minha voz treme quando eu pergunto

isso. "Eu não posso dizer a ela para onde estamos indo."

"Não," diz Naz. "Você não deveria."

Eu sabia disso, no fundo, mas ainda dói ouvir isso confirmado. Passei toda a minha vida correndo. Me *escondendo*. Eu conheço as regras. Eu vivi as

regras. Qualquer pista deixada intacta conectada ao seu passado pode ser

seguida direto para o seu futuro.

Qual é o sentido em ir embora se você apenas deixá-los te seguir?

"Você acha que ela vai ficar bem?" Eu pergunto calmamente enquanto uma lágrima escorrega pelo meu rosto. Eu só quero que ela seja feliz, para viver

a vida que ela merece. "Com ele... *Leo*. Ela vai ficar bem?"

"Tenho certeza que ela vai ficar bem."

"Mas talvez eu devesse ter dito a ela. Talvez eu devesse ter *avisado* ela.

Ele é... quero dizer, seu irmão... ela deve saber quão perigoso esse mundo é."

"Não faria diferença," diz Naz.

"Como você sabe?"

"Porque você tinha todos os avisos do mundo, Karissa, e isso não fez diferença para você."

Naz retira o carro da garagem e acelera. Eu os observo, enquanto passamos por eles, então os encaro no espelho lateral até que eles desapareçam.

Adeus minha amiga.

Eu nunca vou te esquecer, isso é certo.

~ 269 ~

Eu espero que nós viremos na estrada para ir pegar meu cachorro, mas em vez disso, um pouco mais tarde, nós terminamos em Hell's Kitchen.

A Deli está cheia no meio da tarde. Posso ver uma multidão dentro, saboreando o almoço, enquanto outros passam através da porta. Os negócios

parecem melhor do que nunca, e algo parece diferente sobre tudo. Parece

estranho. Demora um momento para eu me tocar do que mudou.

Há uma placa nova acima do toldo verde, substituindo as palavras genéricas 'Delicatessen italiana.'

Vitale's

É simples, apenas as letras, nada exceto o nome, mas é mais do que eu vi

antes. *Putá merda.*

Naz não está olhando para isso, mas eu não duvido que ele percebeu no

segundo que paramos aqui. O homem percebe *tudo*. Suas mãos ainda estão

segurando o volante, o motor ainda está funcionando. Ele parece estar em

conflito, como se estivesse encerrado em um debate silencioso.

Dizer adeus ao seu pai ou não...

"Você deveria entrar," ele diz depois de um momento. "Tenho certeza que

ele gostaria de te ver."

Eu franzo o cenho. "Por que não vem comigo?"

Ele olha para mim, para a deli, os olhos fixos na nova placa. "Eu tenho algo que preciso cuidar, o último fio solto que eu preciso amarrar."

Eu entendo, então, por que o motor ainda está funcionando.

Ele está apenas me deixando aqui.

"Não deve levar muito tempo," ele continua. "Não há mais ninguém em

quem eu confie para te deixar... Meu pai... ele não aceita nada de ninguém. Você

ficará bem aqui enquanto eu estiver fora."

Não é isso que me preocupa.

Não estou preocupada com minha segurança.

Eu sei que vou ficar bem.

Mas eu não sei o que ele planejou, o que é este *fio solto*, e conhecendo Naz?

Não pode ser bom.

"Você vai voltar?"

Seus olhos mudam para mim quando eu pergunto isso, sua expressão séria. "Você sabe que eu vou."

Eu não quero deixá-lo ir, mas eu sei que ele não iria me deixar, não agora,

a menos que ele pensasse que era inevitável. Então sem palavras, eu aceno e

~ 270 ~

saio do carro, fazendo o meu caminho para a porta da deli, parando lá, mas eu

sei que ele não vai sair até eu entrar.

Entrando, eu paro, ouvindo o bate-papo amigável, ouvindo o assobio alegre. Eu não sei que melodia é, mas é a mesmo toda vez.

Giuseppe está vagando, limpando mesas, sorrindo para as pessoas, obviamente de bom humor esta tarde. Ele vira na minha direção, sorrindo, mas

sua expressão cai rapidamente.

Intuitivo.

Tal pai tal filho.

"Karissa," ele diz. "Qual é o problema, menina?"

Eu pondero essa pergunta por um momento antes de agitar minha

cabeça

"Nada."

Sua testa franze. Ele não acredita nisso. "Nada?"

"Absolutamente nada," eu digo de novo. "Você vê, eu acabei de descobrir

que vou ter um bebê, então mesmo se eu pudesse reclamar, eu não vou."

Essas palavras, elas batem duro, como eu sabia que elas iriam. Foram as

últimas palavras que minha mãe lhe disse antes de desaparecer de seu mundo. E

ele sabe disso quando olha para mim. Ele sabe exatamente o que elas querem

dizer. Elas correm mais fundo do que apenas na superfície.

Eles o cortam profundamente.

Sua expressão muda, de choque para tristeza para aceitação, conforme

ele coloca um sorriso em seu rosto novamente, engolindo isso, forçando essas

emoções de volta. Ele se estende, colocando a mão no meu braço, e acena com a

cabeça em direção a uma mesa próxima. "Que tal alguns biscoitos? Eu os fiz

frescos esta manhã."

Eu tomo um assento, e ele desaparece na cozinha, retornando um

momento depois com um prato de Snickerdoodles. Ele está assobiando

novamente quando ele os coloca na mesa e desliza para a cadeira em frente a

mim.

"Que canção é essa?"

Ele hesita por um segundo, como se tivesse que pensar sobre isso.

"Johnny Ray. *Just Walkin' in the Rain*."

"Nunca ouvi falar."

"Ah, foi bem antes do seu tempo. Inferno, foi quase antes do *meu*.
Minha

esposa... era a sua favorita. A primeira música que dançamos."

Eu sorrio para isso enquanto pego um biscoito. Ele passa os dias
assobiando a canção que ele dançou com sua esposa pela primeira vez.
"Isso é

doce."

"Sim, só me lembra de tempos mais simples. *Tempos melhores*. Quando

Ignazio era jovem, ela cantava para ele. Eu chegaria a casa de um dia
longo na

deli, e eles estariam dançando na cozinha, e ela estaria cantando com
seu

~ 271 ~

coração, e ele estaria sorrindo como um tolo." Ele pausa, rindo para si
mesmo."

Ele era um bom garoto ... um garoto *feliz*. Gostaria de saber onde
erramos."

"Vocês não erraram com ele," eu digo, dando uma mordida. Eles estão
perfeitos, como de costume. Estou com tanta fome que meu estômago
parece

que está tentando escolher uma briga. "Ele não é um homem mau,
você sabe."

Giuseppe me dá uma olhada como se eu tivesse perdido a porra da
mente

enquanto ele se levanta. "Você está morrendo de fome. Deixe-me fazer um

sanduíche."

Eu não tenho uma chance de discutir com isso. Ele se foi, desaparecendo

na cozinha novamente. No momento em que ele retorna alguns minutos depois

com um especial italiano, os biscoitos acabaram.

"Vou pegar um pouco mais," ele diz, pegando o prato vazio, mas eu o paro

antes que ele possa.

Eu me aponto para cadeira. "Venha, relaxe... me faça companhia."

Ele volta para a cadeira, relaxando enquanto como. Ele cruza as mãos atrás da cabeça, me observando e assobiando.

"Você estava falando sério?" Ele pergunta de repente.

"Sobre Naz não ser um homem mau? Absolutamente."

"Não, eu sei que você está cheia de merda sobre isso. Mas mais cedo, quando você apareceu, você disse que estava esperando um bebê."

"Oh. Uh... *sim*."

"Sim?"

"Sim."

Ele olha para mim um pouco mais, sua expressão em branco. Eu não sei

como ele se sente sobre o que eu estou dizendo a ele.

Um bebê.

Seu neto.

"Você já sabe o que é?"

Eu balanço a cabeça. "Ainda é muito cedo."

"Você sabe o que quer?"

"Não importa, desde que seja saudável."

Ele ri, sua expressão suavizando. "Isso é o que todos dizem, mas eu?
Eu

queria um menino, não havia dúvida sobre isso. Um *filho*. Alguém
para carregar

o nome Vitale, para nos orgulhar."

"Você conseguiu o que queria."

"Sim, bem, o júri ainda está decidindo isso."

"Você deveria estar orgulhoso dele," eu digo. "Ele cometeu alguns
erros...

ok, ele cometeu *muitos* deles... mas ele é forte, você sabe... ele é tenaz.
Ele é um

sobrevivente. E uma das maiores coisas sobre ele é que ele é um
homem de

palavra. Se ele diz que vai fazer alguma coisa, ele faz isso. Ele nunca
me quebrou

uma promessa para mim."

~ 272 ~

"Você só precisa dar-lhe tempo."

"E *você* precisa dar a ele uma chance," eu digo. "Você não deve manter
seus erros contra ele para sempre."

"Isso é legal da sua parte," ele diz, "defendendo ele assim, mas Ignazio
seria o primeiro a dizer que ele não precisa de você para defendê-lo.
Ele sabe

que tipo de homem ele é."

"Sim, um homem *teimoso*, assim como o pai."

Eu não acho que ele ache isso divertido, mas ele não ataca. Ele
balança

sua cadeira para trás em suas pernas traseiras, olhando-me
peculiarmente.

"Você me lembra alguém."

"Minha mãe."

"Não, você parece com sua mãe," ele diz, "mas você me lembra a
minha

esposa."

Whoa.

"Ela costumava me dizer isso o tempo todo," ele continua. "Ela era
otimista, sempre viu o melhor naquele menino. Não importava o que
ele fazia,

ela nunca perdeu a esperança nele."

"Mulher inteligente."

"Então, onde ele está?" Ele pergunta. "Esperando no carro?"

"Ele tinha algo importante para cuidar."

"Claro que sim."

"Não se preocupe, porém," eu digo, "ele vai voltar. Ele sempre volta."

CAPITULO

vinte e dois

Ignazio

Carros cercam a mansão do tijolo em Long Island, um mar dos sedans pretos com janelas escuras. É raro ver tantos juntos em um só lugar ao mesmo

tempo. Normalmente, quando isso acontece, isso significa que alguém está em

sérios problemas.

Hoje não é exceção.

Haverá um inferno a pagar.

"Tem certeza de que sabe o que está fazendo?"

Lorenzo está atrás de mim, vestido com jeans rasgados com uma camisa

branca lisa. Ele pergunta isso como se ele estivesse curioso sobre a resposta,

como se ele estivesse realmente preocupado com alguém além dele mesmo.

"Eu não tenho sempre?"

"Não tenho certeza," diz Lorenzo. "Ouvi dizer que sua esposa te envenenou. Isso é verdade?"

"De modo nenhum."

"Mesmo?"

"Eu fui drogado, não envenenado," digo a ele, "e além disso, ela não era

minha esposa naquela época."

"Ah, isso são apenas as letras pequenas," diz ele. "A música continua a mesma, meu amigo."

Meus olhos varrem a casa por um momento antes de algo me atingir. Eu

me viro, olhando para ele. "Como você sabia disso?"

~ 274 ~

Ele levanta as sobrancelhas, surpreso com a minha pergunta. "O que?"

"Eu nunca disse a ninguém que ela me drogou," eu digo. "Como você sabia?"

Ele olha para mim.

Ele está pensando em como responder.

Isso me diz que eu não vou gostar do que ele tem a dizer.

Há apenas algumas pessoas que estavam cientes do que aconteceu, e eu

não tenho certeza que alguma delas iria abrir sua boca para ele.

Inferno, a maioria delas não viveu tempo suficiente para ter a chance de

fazê-lo.

"Meu irmão ouviu isso de sua namorada. Acho que sua esposa lhe falou

sobre isso."

"Eu não acredito em você."

Karissa não disse a ninguém sobre me drogar.

Ninguém exceto seus pais...

Ele tenta manter uma cara séria, mas isso não acontece. Rachando em um sorriso, ele balança a cabeça. "Sim, você provavelmente não deveria... A

verdade, Ignazio? Eu ouvi isso de Carmela."

Essa resposta me surpreende, embora eu me recuse a deixar transparecer. "Carmela."

"Sim, parece que ela ficou desesperada. Isso foi antes que você a matasse,

é claro."

"Claro."

"Acho que ela não recebeu o memorando todos aqueles anos atrás sobre o

que aconteceu... acho que ela não sabia que você matou meu padrasto por causa

do que ele fez para mim."

Eu corto. "Eu o matei porque ele cruzou meu caminho."

"Você pode dizer tudo o que você quiser, Ignazio," diz ele, "mas você

nunca vai me convencer de que não foi por causa do que ele fez com o meu

rosto."

Não digo nada.

Ele está parcialmente certo.

O homem eventualmente acabaria matando Lorenzo se ele não tivesse morrido. Para poupar seu irmãozinho, Lorenzo tomou voluntariamente o peso

do abuso. Ele se colocaria no caminho do dano, não importando as consequências. Eu respeitei isso sobre Lorenzo.

~ 275 ~

"De qualquer forma, Carmela procurou meu padrasto, procurando por ajuda. Ela me encontrou, no entanto, me contou tudo sobre tudo, me disse que

você ainda estava nessa, caçando-os. Me disse que matou Johnny e que ela era a

próxima. Foi quando eu decidi que era hora de finalmente fazer o meu caminho

para Nova York."

Eu faço a matemática na minha cabeça. "Você está em Nova York há tanto tempo?"

"Indo e voltando," diz ele. "Não foi até depois que você decidiu tirar Ray

que eu vi minha abertura."

"Eu não *decidi* nada, foi autodefesa."

"Não é sempre? Quando se trata disso, é sempre ou você ou eles."

Ele tem um ponto lá, embora eu não vá admitir isso. Eu não estou dando-

lhe mais crédito do que eu tenho que dar. Se qualquer ego mais se espremer no

cérebro narcisista dele, ninguém estará seguro.

"Quase dois anos," eu digo, "e você espera até *agora* para dizer olá?"

"Eh, o que posso dizer? Eu não tinha certeza do que fazer com você. O

homem que Carmela falou soou um inferno de muito parecido com o amigo que

eu lembrava, o que salvou meu rabo, mas o cara que eu vi quando eu cheguei

aqui? Ele era diferente. Então eu mantive minha distância, porque, francamente, eu estava tentando decidir o que fazer a respeito."

"Estou assumindo que você decidiu."

"Estamos aqui agora, não é? Além disso, teria sido uma pena ter que te matar."

"Você realmente acha que poderia ter matado?"

"Talvez," ele diz, casualmente encolhendo um ombro. "Fico feliz que não

tivemos que descobrir."

A conversa acabou com isso.

Olho para o meu relógio. Alguns minutos antes do meio-dia. Eu estou aqui em dia longo, vestindo meu terno favorito. O sol está brilhando, mas não

está fazendo nada para proporcionar calor. Não vai demorar muito até que o

inverno esteja sobre nós, cobrindo Nova York com neve.

Eu estarei bem longe antes que isso aconteça, no entanto.

Bem longe.

Embora, uma pequena parte traidora de mim está preocupada que isso seja um erro.

Eu não deveria estar aqui.

Eu não deveria fazer isso.

~ 276 ~

Eu deveria ir.

Fugir.

Mas eu não tenho isso em mim.

As pessoas que fogem são perseguidas.

Não vou deixar isso acontecer.

Nem agora, nem nunca.

Então talvez, desta vez, eu não saiba o que estou fazendo, mas eu sei que

tenho que fazer isso.

Não há outra maneira.

Eu conserto a gravata e aliso meu paletó antes de definir o meu foco na

casa. Parece quieta, parada, mas as aparências enganam. Não há nada benevolente sobre este lugar hoje.

Às doze horas, a porta da frente se abre. Eles estão assistindo, esperando...

Eu não espero isso de outra maneira.

"É hora," Lorenzo diz, valsando bem perto de mim, praticamente

brilhando de excitação quando ele se dirige para a varanda. Ele vai aproveitar

cada segundo disso. Eu sei que ele vai. Há uma protuberância em seu quadril,

sua camisa grande ocultando a maior parte disso. Só sei que está lá porque,

bem, sempre está.

Algumas coisas simplesmente nunca mudam.

É hora.

Eu acompanho Lorenzo até a casa. Um homem está lá, vestindo todo preto, guardando a porta. Ele nos deixa entrar sem uma palavra. Alguns homens

estão reunidos ao redor, se juntando para nos levar pelo corredor, em direção ao

denso conjunto de portas. Eles param por aí, mas Lorenzo continua indo,

empurrando as portas duplas abertas e dando uma volta.

Quatro homens sentam-se dentro, à longa mesa de madeira, cada um vestido com seus melhores ternos. Os chefes das quatro famílias criminosas

restantes na cidade se reuniram novamente pelo velho eu.

Uma quinta cadeira ainda está vazia.

Acho que agora pertence a Lorenzo.

Eles não parecem felizes com isso, enquanto ele senta nela, não esperando um convite, não oferecendo qualquer tipo de saudação, como se não

houvesse dúvida sobre sua importância. Oficial ou não, ele é um deles. Ele

ganhou esse lugar. Ele se inclina para trás, chutando os pés para cima no canto

da mesa, cruzando as pernas nos tornozelos.

~ 277 ~

Genova parece que quer atirar nele bem na cara.

Conheci o homem há duas décadas. Ele é hostil, amargo e tão egoísta como você esperaria que fosse. Ele não faz trabalho sujo, no entanto. Não, para isso são os seus homens. Seu próprio pequeno exército sanguinário. Ele é um general implacável.

Ele não gosta quando os outros tentam invadir seu espaço.

Entrando na sala, fecho as portas atrás de mim, estendendo a mão e trancando-as. *Sempre tranque as portas.* Os homens estão muito preocupados

com as brincadeiras de Lorenzo para perceber o que estou fazendo.

"Armas sobre a mesa," exige Genova, sua voz beirando a um rosnado enquanto tenta conter sua animosidade.

Eu dou um passo para frente e fico lá, bem na frente da mesa, chegando

ao bolso da calça, recuperando minha mesma caneta de tinta preta. Coloco-a

sobre a mesa, mas Genova não presta atenção em mim.

Ele sabe que não tenho mais nada.

Ele não está falando comigo, no entanto.

Ele está olhando diretamente para Lorenzo.

Lorenzo, que trata sua arma como American Express. *Não saia de casa sem ele.*

Suspirando dramaticamente, Lorenzo alcança a cintura, tirando uma Colt

M1911. Ele acena com isso no ar, como se dissesse 'você me pegou', antes de

pousá-la na longa mesa de madeira.

Aparentemente satisfeito, Genova finalmente olha para mim, mas Lorenzo limpa a garganta, interrompendo. "Armas em cima da mesa." Genova olha de volta para ele. "O que você disse?"

"Eu disse *armas na mesa*," diz Lorenzo. "Fala sério... nem tente fingir que eu sou o único nesta sala armado hoje."

"Esta é a *minha* casa," diz Gênova. "Eu estou no comando aqui."

Um sorriso transforma os lábios de Lorenzo. "Me pegou nessa."

Genova tenta desviar a conversa. "Vitale—"

"Mas," Lorenzo sinaliza, enfatizando a palavra, enquanto ele deixa os pés

caírem no chão, de repente sentando em linha reta. "Me corrija se eu estiver

errado—"

"Você está errado," diz Genova.

Lorenzo ignora isso. "Mas estas coisas, essas reuniões, são governadas por um conjunto de regras, regras postas em prática muito antes de *você*

assumir... muito antes dessas reuniões serem realizadas em sua casa. *Você*

~ 278 ~

simplesmente não inventa essa merda como você quer. Até o presidente tem que

seguir a Constituição."

Genova balança a cabeça. "Isso não é uma fodida democracia."

"Assim me disseram," Lorenzo diz. "Dizem ao redor da cidade é que *você*

é meio um *babaca ditador*."

Isso atinge Genova. Eu posso vê-lo tenso, sua raiva queimando. Antes que ele possa reagir, porém, os outros interrompem, tirando suas armas e colocando-as sobre a mesa.

Regras são regras.

Todos nós temos que segui-las.

A contragosto, Genova tira uma arma de um coldre de ombro escondido.

Ele a coloca bem na frente dele, ainda a seu alcance, enquanto olha para

Lorenzo, não gostando que o homem o supere.

O sorriso volta aos lábios de Lorenzo.

Seus pés voltam para cima na mesa.

"Agora, se não houver mais objeções," diz Genova, "Eu gostaria de continuar com essa reunião. Não estou ficando mais jovem aqui."

Lorenzo ri sob a sua respiração.

"Você encontrou algo foddidamente engraçado nisso?" Genova salta. "O que você está fazendo aqui, *Scar*?"

Lorenzo odeia esse apelido. Posso dizer pelo olhar em seu rosto. Seu lábio

se contorce, o resto dele traindo seu sorriso. Está congelado em seu rosto.

"Honestamente? Eu não sei. Tudo isso, se você me perguntar, é uma besteira

total. Você está apenas se contorcendo sob a mesa, atuando, como se estivéssemos na Broadway. Dance soldadinho, *dance*. É uma piada. Eu nunca

vou entender. Mas Ignazio aqui pediu uma reunião, e que tipo de

amigo eu seria

se eu não aparecesse?"

Ele tem os outros completamente confusos. Eles estão tão acostumados com a ordem, acostumados com as pessoas simplesmente agindo na linha do

medo, que não sabem como lidar com Lorenzo. Ele traz o caos, o tipo que eles

não gostam. Ele não tem medo deles. Eles não importam para ele.

Parece que Genova não tem nada a dizer sobre isso. Seu olhar ainda me

procura. Ele quer acabar com isso. Ele quer que Lorenzo saia. "O que você

quer?"

Ele terminou de jogar os jogos.

Cansou de lidar com tudo isso.

Ele está... *feito*.

~ 279 ~

"Eu estive pensando no que você me disse há algumas semanas," eu digo.

"Sobre lealdade e honra, e saber quem são seus verdadeiros amigos."

Genova relaxa um pouco. "Isso está certo?"

"Eu cheguei a perceber, graças a você, que eu não posso simplesmente sentar mais e esperar que as coisas aconteçam... Eu preciso ir lá e ir atrás delas.

Eu preciso *lutar* por elas. E eu preciso mostrar àqueles que me rodeiam o que

suas amizades significam para mim. Então eu estou pronto agora."

"Você está pronto?"

Eu concordo. "Estou pronto para finalmente passar por isso."

Com essas palavras simples, é como se os últimos cinco minutos fossem

apagados da memória de Genova, sua irritação e impaciência desaparecem. Ele

está conseguindo o que queria.

Ou assim ele pensa.

Recostando-se em sua cadeira, ele me olha com uma espécie de temor.

"Então você está pronto para se juntar a nós, hein?"

"Eu nunca estive *mais* pronto," eu digo, "para finalmente deixar minha marca."

Um sorriso ilumina seu rosto enquanto ele ergue a mão. Ele está

chegando em minha direção, estendendo a mão, como se fosse um ramo de

oliveira, como se um simples aperto fosse apagar toda a hostilidade no passado.

Eu olho para isso por um momento. Eu olho para seus dedos de salsicha

pequenos e esguichados em todos aqueles anéis de ouro. Ele não tem calos, sem

cicatrizes, sem marcas... ele tem sangue nessas mãos no sentido figurado, mas

literalmente? Ele provavelmente nunca derramou sangue.

Entendendo-me pela mesa, eu pego sua mão. Seu aperto é firme,

vigoroso, como se estivesse tentando me intimidar, como se estivesse me

lembrando exatamente quem é o chefe aqui. Eu tolero isso, tolero sua

demonstração de força, até que ele vai se afastar.

E é aí quando *eu* estou farto.

Eu estou farto das mentiras, dos jogos, e do fingimento. Eu estou farto das brigas mesquinhas, dos egos e da *covardia*. Eu estou farto dos homens que

te exigem honra familiar, mas em seguida ordenam a morte daqueles que você

ama. Eu estou farto de tudo, cada pedaço disso.

Eu estou farto desta vida.

Estou pronto para outra.

Eu me movo rápido. Eu não dou a ele a chance de reagir. No segundo que

ele tenta soltar a minha mão, eu aperto-a firmemente, puxando sua mão e

torcendo seu braço. Minha mão livre arrebatava a caneta, e eu seguro-a.

~ 280 ~

Balançando com todas as minhas forças, com toda a força que posso reunir,

enfio-a no pescoço dele, apunhalando-o com ela.

Isso o atinge, quando eu solto e em vez disso agarro a parte de trás da cabeça dele. Eu bato seu rosto na mesa enquanto sangue jorra do buraco em seu pescoço.

BAM

Estendendo-me, eu pego a arma de Lorenzo. A dos outros eu não tenho

tanta certeza, mas a dele? Está carregada. Ele sabe que precisa estar quando

você está em desvantagem.

Bang

Bang

Bang

É como fogos de artifício saindo. A sala escura se acende com o tiroteio, e

as outras três cabeças das famílias caem. Um único tiro direto na testa, perto o

suficiente para explodir seus cérebros para fora da parte de trás de seus crânios.

Eles mal têm tempo para sequer saber o que os atingiu.

Porque os homens gostam deles, com seus empregos confortáveis e posições de poder? Eles nunca esperam que alguém seja corajoso o suficiente

para realmente *tirá-los*. Porque existem regras, regras que todos nós devemos

seguir.

Você nunca mata um chefe sem a permissão dos outros.

Genova ergue a cabeça, tentando reagir, mas está aturdido pelo golpe, o

sangue ainda derramando da ferida. Ele corre para a sua arma, seus olhos se

encontram com os meus. Terror como nenhum outro brilha dele.

Ele sabe que ele está fodido.

"Você deve a meu pai dez mil dólares," eu digo-lhe, "mas eu tomarei o pagamento na forma de sua vida em vez disso."

BANG

"Agora é disso que eu estou falando!" Lorenzo grita, sua voz tingida

com

uma espécie de excitação doente enquanto ele derruba as pernas para o chão e

se senta. "Eu sabia que você ainda tinha isso em você, Ignazio!"

Eu me volto para ele assim que ele diz isso, assim que o homem começa a

se levantar. Eu agarro-o pelo colarinho de sua camisa e o atiro direto para baixo

tão duro que a cadeira balança. Eu o empurro para trás, para o chão em suas

costas, e paio sobre ele. Aponto sua própria arma para o rosto dele, meu dedo

no gatilho, pressionando levemente contra ele.

Ele fica quieto, sem respirar, enquanto me olha nos olhos.

~ 281 ~

Em seu rosto, eu não vejo nada. Nenhuma emoção em tudo. Não há medo

de morrer. Sem preocupação. Sem alarme.

Não é porque ele não acha que eu vou fazer isso.

Ele sabe que eu vou.

Ele sabe que não vou perder um momento de sono por tirar a vida dele.

É que ele está vazio.

Ele sempre foi.

Ele é uma concha de homem. Não há alma deixada dentro dele. Eu não

estou dizendo que ele não pode se redimir, que ele não é capaz de amar... esse

não é meu lugar para julgar. Mas a escuridão há muito tempo o consumiu, uma

escuridão familiar, que eu costumava conhecer. Eu sei como que é ser alimentado por esse tipo de fome, ter uma mente feita para a carnificina. Não há

mais espaço sobrando dentro dele para ele ver a luz, não quando ele está tão

invadido pela escuridão.

Há um bater nas portas trancadas. O caos está entrando em erupção na

casa. Nenhum dos homens tem ideia do que está acontecendo, mas eles foram

treinados para sempre proteger seu chefe. Eles estão gritando, e empurrando,

tentando invadir. O mundo está desmoronando ao seu redor.

Ao contrário de Lorenzo, eles não estão calmos.

"Eu estou fora," eu digo a ele. "Você queria Nova York? Você queria o poder? É seu. Mas eu estou farto, Lorenzo. Eu estou me afastando de tudo. E

Deus me ajude, se você *alguma vez* tentar me seguir, se você sequer tentar me

parar, se você tentar me puxar de volta, eu vou te matar... Eu vou... e eu vou

tirar tudo o que você ama antes que eu o faça. Você me ouviu?"

"Alto e claro," diz ele.

Levanto-me e coloco a arma na mesa antes de estender a mão em sua direção. Ele não hesita em aceitá-la. Eu puxo-o para seus pés, e Lorenzo se

aproxima, pegando sua arma imediatamente. Meus músculos se

enrijecem em

alarme. Não confio em Lorenzo. Não posso. Eu não posso confiar em ninguém.

Mas eu preciso dele, e isso faz dele a coisa mais próxima de um *amigo* que eu tenho.

Eu preciso que ele mantenha as pessoas fora da minha trilha. Eu preciso

dele para fazer exatamente o que é natural para ele... *criar estragos*. Eu preciso

dele para ser tal incômodo que eu fique em segundo plano para o inferno que ele

faz. Eu salvei sua bunda uma vez... agora é sua vez de ajudar a salvar a minha.

Talvez eu tenha derrubado os chefes de quatro famílias, mas eu não fiz

nada para pôr fim a isto. O insaciável caçador simplesmente matou mais leões.

Não demorará muito para que mais Reis, novos Reis, apareçam.

~ 282 ~

Lorenzo desliza a arma para trás na cintura enquanto olha ao redor da sala, seu olhar se arrasta ao longo dos quatro corpos. Eu não olho para eles, meu

foco está na porta. Está balançando com a força de alguém batendo contra ela.

"Você sabe que isso nunca *realmente* vai acabar, certo?" Lorenzo

pergunta, caminhando para ficar ao meu lado. "Essas coisas não acabam nunca.

Ninguém vai simplesmente se esquecer de você e do que você fez, especialmente

depois disso."

"Eu sei," eu digo, olhando para ele, "mas estou contando com o fato de que eles estarão tão ocupados com você que quando eles vierem para mim, eu

vou ter vivido minha vida."

"E sua esposa? Seu *bebê*?"

Meus olhos estreitos. "Como você sabe disso?"

"Peguei com meu irmão. Acho que sua esposa falou com a namorada dele." Ele vira os olhos para mim. "Verdade desta vez ."

Huh.

"Eles vão ficar bem," eu digo. "Eu não estou preocupado com eles."

"Por que não?"

"Porque eu me lembro de termos um acordo, Lorenzo... você disse que iria se certificar de que minha esposa não se machucasse, e eu estou segurando

você com isso."

"Touché."

"Além disso, eu era um dos piores lá fora... eu estava fora por sangue, e

era pessoal... mas quando chegou a isso, até mesmo eu não poderia fazê-lo.

Mesmo eu não poderia tirar o filho do meu inimigo. Então eles virão para mim,

um dia, com certeza, e quando o fizerem, eles provavelmente me pegarão. Mas

Karissa, ela está sob sua proteção, e essa é a única razão pela qual eu estou

deixando você viver. "

"Não é a única razão."

"Sim, a única razão."

"Qual é!" Ele anda em volta de mim, para ficar na minha frente.

"Depois

de tudo isso, você *ainda* não pode admitir que somos amigos?"

"Vou lhe dizer, Lorenzo," eu digo, olhando em volta, para porta. "Você me

tira daqui sem feridas, e então eu considerarei contar a você como eu realmente

me sinto por você."

"Oh, isso é fácil." Ele faz uma careta, como se eu estivesse

desnecessariamente preocupado, enquanto ele enfia a mão no bolso.

"Tenho

uma granada."

Eu olho para ele com incredulidade. "Você tem uma granada."

~ 283 ~

Uma granada.

Ele está carregando uma porra de *granada*.

E não uma granada de fumaça, como a lógica diria que ele quis dizer. O

filho da puta tira a mão do bolso, e ele está segurando uma granada verde. É

pequena, talvez do tamanho de uma bola de golfe, mas não há dúvida do que é.

"O quê, como se você nunca tivesse carregado uma antes?" ele pergunta.

"Não posso dizer que eu carreguei."

"Ah, bem, elas são úteis," ele diz, dando de ombros. "Basta puxar o

pino e

ka-boom, adeus problema."

Nem sei o que dizer sobre isso.

Eu não sei onde ele colocou as mãos nisso.

Cuba, provavelmente, como tudo mais.

"E como é que uma granada me tira daqui? De preferência com todos os

meus membros."

"Fácil," diz ele. "Apenas olhe."

Lorenzo se vira e vai direto para a porta, virando a fechadura antes de voltar. Afasto-me dele, de volta para a mesa, e alcanço, pegando uma das armas

ainda ali deitada. Eu verifico, encontrando-a carregada, e giro de volta para

porta apenas atempo suficiente para que ela voe aberta.

Os homens aparecem.

Existem apenas três deles. O resto, eu acho, provavelmente fugiu do tiroteio. Eles explodem, empunhando armas, e aponto minha arma para uma de

suas cabeças, meu dedo no gatilho.

Lorenzo levanta as mãos na frente dele antes que eles possam pensar em

disparar, antes que eles possam ver os corpos, antes mesmo de terem tempo

para descobrir o que aconteceu. Ele segura a granada com uma mão, um dedo

da outra desliza pelo pino, pronto para puxá-lo.

"Senhores," ele diz em voz alta, "a menos que vocês queiram explodir

em

fodidos pedaços, eu sugiro que partam rápido."

O pânico os apanha. Dois correm. O último fica parado ali, olhando para

nós. O leal. Não, ele não tem medo de morrer, não se isso significa que ele nos

leva junto com ele.

Ele aponta para Lorenzo.

Ele vai atirar.

Eu aponto direto para ele, puxando o gatilho, rodada após rodada.

BANG

~ 284 ~

BANG

BANG

As três balas o atingem. Ele aperta o gatilho por reflexo, disparando uma

rodada, malditamente perto de atingir Lorenzo, que não tem sentido suficiente

para *desviar*. Assim que o cara cai, Lorenzo olha para ele. Duas balas atingiram

o sujeito no peito, a terceira atingindo sua têmpora. "Bom trabalho, Han Solo.

Sempre soube que você atirou primeiro."

Eu não tenho nenhum desejo de descobrir o seu absurdo.

Eu estou pisando sobre o cara e para fora no corredor no segundo

seguinte, indo direto para a porta. Lorenzo me segue sem dizer uma palavra. Eu

posso ouvir seus passos apressados correndo para me acompanhar.

Eu dou uma guinada em uma direção diferente, pegando a saída de trás

em vez disso, não querendo ser visto. Saio para o quintal e olho em volta,

virando-me para Lorenzo, prestes a dizer alguma coisa, quando vejo.

Eu o vejo.

Eu vejo exatamente o que ele está prestes a fazer.

Segurando a granada, ele aperta a segurança, seu dedo serpenteando em

torno do pino. *Filho da puta.*

De novo não...

"Lorenzo," eu rosno, mas isso é tudo que eu tenho a chance de dizer, antes que ele puxe.

Ele puxa o pino.

Filho da puta

Eu me viro e corro pelo quintal, fugindo da casa, enquanto ele atira a granada diretamente na porta dos fundos. Quatro segundos. É todo o tempo que

temos. Eu me jogo na grama, cobrindo a cabeça e prendendo a respiração.

BOOM

O chão treme enquanto explode dentro da casa. Não é suficiente para derrubá-la ou até mesmo fazer tantos danos, apenas o suficiente para destruir as

paredes em torno dela, explodir algumas janelas. Lorenzo pousa na grama ao

meu lado, rindo.

Eu olho para ele enquanto eu levanto. "Você sabe, às vezes eu *realmente*

odeio você."

Ele olha para mim. "Só as vezes."

"A maior parte do tempo."

"Mas não sempre."

Eu não dignifico isso com uma resposta.

~ 285 ~

Virando-me, afasto-me, fugindo rapidamente do quintal, deslizando em

torno de algumas casas vizinhas, para ir até meu carro. Os vizinhos estão para

fora, reunidos na rua, em pânico sobre o tumulto, sobre a explosão que abalou a

casa de tijolos. Eu sei que eles devem ter sentido isso. Deslizo pela multidão,

mantendo a cabeça baixa, recusando-me a fazer contato visual com alguém.

Lorenzo corre para me alcançar, fazendo questão de sorrir e cumprimentar as

peessoas.

"Você não deve chamar a atenção para si mesmo," digo a ele, parando ao

lado do meu carro. "Isso torna mais fácil para a polícia identificá-lo."

"Eu não estou preocupado com a polícia."

"Você deveria estar."

"Não, não quando eu já tenho alguns deles no meu bolso."

Eu balanço a cabeça. "Boa sorte, Lorenzo."

"Ei, espere," ele diz quando eu começo a entrar no meu carro. "Você pode

me dar uma carona?"

"Caminhe," eu digo a ele.

"São tipo, treze quilômetros. Vai demorar para sempre."

"Então corra."

Ele murmura em voz baixa antes de se afastar. "Vou sentir falta de nossas

aventuras, Ignazio. Tem certeza de que não vai reconsiderar, ficar por perto,

talvez me ajudar a administrar esta cidade?"

"Tenho certeza."

"Pena."

"Um conselho, Lorenzo? Não são os títulos que honram os homens... são

os homens que honram os títulos. Fará bem se lembrar disso."

Ele olha para mim. "Você está citando Maquiavel para mim "

"O que posso dizer? É o meu favorito."

Entrando em meu carro, eu aciono o motor e me afasto sem olhar para trás.

Ele queria o controle da cidade. Ele queria ser o chefe.

Só espero que, quando isso acabar, o reino ainda valha a pena.

Entrando na deli, paro, virando a cabeça para olhar a porta. *Silêncio.*

Desde que eu tive idade suficiente para caminhar, pisar dentro deste lugar foi

sempre acompanhado por um barulho, o alto tinido desagradável.

Hoje, não há nada.

A porta fecha quando eu solto. Nada ainda.

Os sinos desapareceram.

Huh.

Meus olhos avaliam por um momento antes de me virar e olhar através

da deli. Acho que a placa na frente não foi a única mudança que ele fez. A

maioria do local ainda parece o mesmo – mesas e cadeiras não estão diferentes,

nem o balcão, e imagino que a cozinha não mudou, porque eu sei que o homem

seria peculiar sobre isso, mas lá, ao longo do lado distante da parede, está algo

que eu nunca vi antes aqui.

Uma televisão.

Eu pisco algumas vezes para isso.

Você vê, meu pai nunca viu o ponto em ter uma televisão. Ele sempre disse que não fazia nada além de apodrecer o cérebro. Minha mãe, ela era mais

indulgente. Afinal, ela adorava suas novelas. Eles só tinham uma televisão em

casa para que ela pudesse vê-las.

Mais na deli? Estritamente fora dos limites.

Mas há uma, pendurada na parede, sintonizada no canal de notícias vinte

e quatro horas, completamente silenciosa, mas ainda funcionando.
Estranho.

Esquecendo isso, eu olho ao redor, procurando Karissa. Ela está sentada

em uma pequena mesa no meio da deli, em frente ao meu pai, os dois conversando. O que eles estão dizendo, eu não tenho certeza, mas posso

adivinhar que a conversa é provavelmente sobre *mim*. Porque, assim que eles

percebem minha presença, toda conversa cessa.

Karissa sorri, alívio brilhando em seus olhos, conforme ela chama por mim. "Naz!"

Lentamente, eu me aproximo, parando ao lado da mesa. Chego em direção a Karissa, segurando seu queixo, inclinando-o, enquanto meu polegar

acaricia sua bochecha. Inclinando-me, eu a beijo suavemente.
"Desculpa que

demorei tanto tempo."

"Oh, está tudo bem," ela diz, suas bochechas corando enquanto eu me afasto. Ela acena através da mesa. "Deu a seu pai e eu uma chance de conversar."

"Sobre?"

~ 287 ~

Karissa começa a falar, sua boca se abrindo, mas meu pai passa a frente

dela, soltando uma palavra solitária, "Recordações."

Recordações.

"Interessante." Eu olho para ele. Ele não parece muito feliz. Ele nunca está quando eu estou por perto, mas geralmente é raiva e desapontamento que

eu sinto. Hoje vejo *exaustão*. "Importa-se de compartilhar alguma comigo?"

Ele se inclina para trás em sua cadeira, olhando para mim por um momento, antes de acenar com a cabeça. "Eu tenho uma para você." Faço sinal para que ele continue.

"Foi há vinte anos," diz ele. "Você ainda era uma adolescente, tinha apenas dezoito anos, era apenas uma criança."

O pior ano da minha vida.

Memórias daquele ano são lançadas em uma névoa de dor e perda. É difícil me lembrar do sol sequer subindo naquela época, difícil de lembrar um

dia que não era escuro.

Eu quase digo para ele não se incomodar. Quase digo a ele para não continuar. Mas o que quer que ele tenha para dizer, eu vou deixá-lo dizer; Vou

deixá-lo dizer o seu pedaço e então eu vou embora.

"Eu lembro bem daquele ano," eu digo a ele. "Meio difícil esquecer tudo."

"Então me deixe dizer-lhe algo que você pode não saber," diz ele. "Uma

manhã, no caminho para a deli, me deparei com Raymond Angelo. Ele me disse

que sua filha estava esperando um bebê, que ele ia ser um avô. Eu não era um

tolos... ela era sua esposa, então eu sabia que a criança era sua... Eu o felicitei,

porque era isso que ele queria... E fui para casa naquela noite, e contei a sua mãe

a notícia."

Ok, ele está certo... Eu nunca ouvi essa história.

Eu não tenho certeza se eu gosto de onde está indo, no entanto.

"Sua mãe, ela estava em êxtase. Ela disse que você seria um grande pai,

porque você aprendeu com o melhor que já existiu. Eu concordei com ela, você

sabe, porque ela era sua mãe, mas eu não acreditei nisso. Você vê, naquela

época, Angelo já tinha suas garras em você, e a julgar por sua reação, ele queria

suas garras naquele bebê, também. Imagino que a criança estava condenada."

Da minha visão periférica, posso ver Karissa se contorcendo.

Ela também não tem tanta certeza sobre essa conversa.

"Mas, você sabe, o que aconteceu, aconteceu, e vinte anos depois, aqui estamos nós... outro bebê. Sua mãe não está por perto agora, não aqui para eu

compartilhar as notícias, mas eu sei o que ela diria se ela estivesse."

Ele faz uma pausa, olhando para mim.

~ 288 ~

Ele não diz as palavras, mas eu sei o que elas são.

Você vai ser um grande pai, porque você aprendeu com o melhor que já existiu.

"Eu tenho uma memória para você," eu digo. "Eu tinha mais ou menos doze anos. Era verão e você me trouxe aqui para trabalhar." Ele balança a cabeça.

"Eu lembro."

"Você me ensinou como usar uma faca. Eu passei todo o verão na parte

de trás, cortando tudo para você. Eu amava isso, você sabe, mas eu precisava de

mais prática. A faca escorregava às vezes quando eu perdia o foco. Um dia, o

último dia em que você me deixou aqui, eu cometi um erro e cortei meu dedo.

Sangue estava em toda parte, em cima de mim, em toda a mesa, em tudo o que

eu estava cortando naquela manhã. Eu pensei que estava sangrando. Eu gritei

você, e você correu para lá. Você olhou para mim, e você se lembra do que você

disse?"

Ele só olha para mim. É claro que ele se lembra.

"Você disse, *maldito seja, Ignazio, você está arruinando a minha*

comida! O ponto é, com base nisso, minhas habilidades como pai provavelmente vão precisar de algum ajuste."

Sua expressão se quebra quando eu digo isso. Um pequeno sorriso brinca

em seus lábios. Empurrando a cadeira para trás, ele sem palavras se levanta,

inclinando-se e beijando Karissa na bochecha. "Se você alguma vez

precisar de

mim, você sabe onde eu estou."

Ele pisa em minha direção, então, parando na minha frente, e estende a

mão, apertando meu ombro. Isso só dura alguns segundos, enquanto ele olha

para mim com a coisa mais próxima a orgulho que eu vi em seus olhos desde

aquele verão anos atrás.

Deixando ir, ele balança a cabeça, murmurando enquanto se afasta.
"Sai

daqui, Ignazio, e pelo bem de todos, por favor, não volte mais."

Eu só fico lá enquanto ele se afasta, desaparecendo nos fundos. Meu olhar se volta para o outro lado da deli, em direção à televisão. Eu sou instantaneamente recebido com uma manchete peculiar. Está rolando na parte

inferior da tela: **Ataque Fatal em Long Island.**

Saia e nunca mais volte. Isso soa certo.

"Você, uh... um..." Eu olho para Karissa quando ela fala, balbuciando um

pouco. Ela está apontando para o meu peito, apontando com o dedo.
"Você tem

grama em sua camisa."

"Oh." Eu olho para baixo nisto. "Sim."

"Eu quero saber?"

~ 289 ~

"Provavelmente não."

"Bem então." Ela se levanta, empurrando a cadeira. "Que tal sairmos daqui?"

~ 290 ~

CAPITULO

vinte e três

Karissa

"Pegou tudo o que você quer?"

A voz de Naz está calma quando ele faz essa pergunta, de pé atrás de mim, na entrada da sala de descanso. Uma mochila está em meus pés, minhas

fotos enfiadas nela, junto com roupas suficientes para, provavelmente, durar

uma semana. Killer está correndo no quintal, de volta do veterinário, sentindo-

se muito melhor. Nada estava quebrado.

É tudo o que eu quero?

Não tenho certeza.

Mas eu certamente não *preciso* de mais nada.

"Acho que sim," eu respondo, não querendo mentir. "Honestamente, eu realmente não sei."

"Tome seu tempo," ele diz. "Vamos sair quando você tiver certeza."

Quando eu tiver *certeza*. Se for isso que estamos esperando, nós dois morreremos de velhice aqui nesta sala. Eu nunca tive certeza sobre muita coisa,

na verdade, exceto por ele.

Tenho certeza sobre *ele*.

Ele pode me ferver viva antes que esteja tudo acabado, mas eu estou aqui,

com ele, porque tenho certeza que é aqui que eu pertenço.

"Você realmente não quer pegar nenhum desses livros?" Eu pergunto, olhando ao redor da sala lotada. Nada parece fora do lugar. Está tudo lá, onde

sempre estive, talvez onde sempre estará, a menos que voltemos para isso.

"Tipo... *nada* disso?"

Ele solta um suspiro resignado. "Não."

~ 291 ~

Eu me viro para ele. Ele tem uma mochila, também, mas só está cheia de

roupas e sapatos. "Nem mesmo *O Príncipe*?"

Ele sorri suavemente para a minha pergunta. Seu livro favorito. "Foi um

pouco danificado pela água, lembra?"

"Ugh, não me lembre," eu digo a ele. "Eu ainda me sinto mal por isso.
Eu

quase comprei outra cópia para o seu aniversário, mas achei que
provavelmente

não seria a mesma coisa."

Ele não concorda, mas também não o nega.

"Não se sinta mal. Além disso, eu não preciso mais disso. Já lhe falei

antes, está tudo aqui dentro." Ele bate um dedo em sua têmpora.

"Tudo está

aqui. Todas as minhas memórias, boas e más. Não esqueço nada disso.
Eu não

tenho que levar essas coisas comigo para me lembrar de nada. As
memórias são

tudo que importam."

Irônico, realmente, já que algumas das minhas memórias eu adoraria

esquecer. Naz, porém, as abraça. Ele não deixa que suas memórias
definam

quem ele é. Enquanto eu sempre invejei a resiliência de Melody, é
realmente a

tenacidade de Naz que eu queria ter. Nada nunca detém esse homem.

"Acho que tenho certeza, então."

Ele ri. "Você *acha*?"

Volto-me para ele, virando as costas para as estantes e sorrio. Eu sei
como isso parece ridículo. "Sim, temo que seja tão longe quanto estou
chegando."

"Bem então." Ele enfia a mão no bolso. "Antes de irmos, há algo que eu
quero lhe dar."

Aproximando-se, ele puxa algo para fora, segurando-o. Isso pega o

pouco

de luz fluindo através das janelas, o metal cintilante brilhando.

Reconheço-a imediatamente.

Meu colar.

"Encontrei-o no outro dia. Estava caído no chão, a corrente arrebentou.

Eu peguei e consertei. Achei que você ia querer de volta."

Um sorriso toca meus lábios enquanto as lágrimas queimam meus olhos.

Eu procurei isso quando eu voltei para casa, mas a coisa tinha sumido. Eu

pensei que eu tinha perdido para sempre.

Eu nunca na minha vida estive tão feliz por estar errada.

Sem palavras, eu me viro, puxando meu cabelo para cima, fora do caminho. Naz desliza-o ao redor do meu pescoço, suas pontas de dedos ásperas

roçando minha pele quente.

"Há apenas algo sobre você, Karissa," ele sussurra, "algo que eu procurei

por muito tempo."

Jesus Cristo. *Não chore*. Ele está prestes a me transformar em uma bagunça. A onda de emoção que me consome é intensa. "Isso é certo?"

"Isto é."

~ 292 ~

Inclinando-se para baixo, Naz beija minha nuca, antes de deixar cair o meu cabelo. Eu vou me virar para olhar para ele, mas em vez disso ele envolve

seus braços em volta de mim, puxando-me de volta para ele. Eu relaxo em seu

toque quando eu alcanço, brincando com o pingente brilhante. "Eu te amo,

Naz."

"Não tanto quanto eu te amo."

"*Pfft, sim, certo.*" Eu solto o colar. "Eu não acho que isso seja humanamente possível."

Ele não discute comigo.

Nenhum de nós diz nada por um tempo.

Nós apenas ficamos lá, se deleitando no silêncio, aproveitando o momento. Essa que vai ser a sensação do *para sempre*? Só eu e ele...

E o bebê, é claro.

Nossa própria pequena família.

Um novo início. Um novo começo.

"Você quer, sabe, brincar mais uma vez antes de partirmos?" Eu pergunto, deslizando em torno de seus braços, olhando para ele. "Encerrar com

sexo, por assim dizer?"

Há um brilho em seus olhos enquanto ele olha para mim. "O que você tem em mente?"

"Talvez você possa me foder como se você me odiasse novamente."

Ele alcança, cutucando meu queixo, seu polegar pastando meus lábios.

"Acho que esse tipo de jogo terá que esperar... por mais alguns meses, pelo

menos."

Eu sorrio, sentindo o rubor em minhas bochechas. "Droga."

"Posso, no entanto, dar-lhe algo ainda melhor."

"O que é isso?"

"Posso te mostrar o quanto te amo."

"Hmm, eu gosto do som disso."

Ele se inclina mais perto, parando apenas a uma respiração dos meus lábios. "Imaginei que fosse gostar."

Em vez de me beijar, ele se afasta, agarrando minha mão para sair da sala

de descanso. Eu sigo-o lá para cima, meu coração batendo forte no meu peito,

minha pele arrepiando de antecipação.

Assim que estamos no quarto, ele fecha a porta, mesmo que seja inútil.

Killer está lá fora. Ninguém vai invadir o quarto.

"Tão linda," ele diz, tirando minha camisa. Eu levanto minhas mãos no ar, facilitando para ele. Ele a joga no chão, como se fosse nada, antes de chegar

ao redor e desatar o meu sutiã, se livrando dele.

Ajoelhando, Naz desabotoa meu jeans, puxando o zíper para baixo, antes

que suas mãos escorreguem para dentro. Ele envolve minha bunda, deslizando

~ 293 ~

dentro da minha calcinha, e puxa tudo de uma vez, me despindo. No segundo

que eu tiro minha calça, ficando nua, a boca de Naz está em mim.

Putá merda.

Meus joelhos quase dobram.

Ele lambe e suga, sua língua fazendo mágica, conforme ele me prende de

frente para ele. Inclinando a cabeça para trás, solto um suspiro trêmulo, abrindo

minhas pernas mais largas, tornando mais fácil para ele. Minhas mãos de

alguma forma encontram o caminho para sua cabeça, e eu fico lá, as pernas

tremendo, agarrando firmemente a seu cabelo ondulado, enquanto ele faz amor

comigo com a boca.

Jesus Cristo, ele me *devora*.

Eu mal consigo suportar isso.

Mal posso lidar com as sensações que fluem pela minha espinha.

É um choque de eletricidade, um golpe de relâmpagos.

Isso quase me derruba.

Estou gemendo, ofegando. É o paraíso. É *tortura*. Justo quando estou a ponto de me perder, Naz me pega, me levando para a cama.

Ele me joga sobre ela, não desperdiçando nem um segundo, seus lábios

arrastando para baixo do meu estômago antes de encontrar o meu ponto doce

novamente. Ele trabalha sua mágica, o tipo de mágica que só ele é capaz. Em

menos de um minuto, eu estou me contorcendo, gritando seu nome. "Oh Deus,

Naz... *Oh Deus*..."

O orgasmo rasga-me. Minhas costas arqueiam. Meu corpo treme. Tira meu fôlego por um segundo antes que eu suspire para o ar. Assim que o as sensações começam a desaparecer, ele se levanta na cama, seus lábios arrastando por meu estômago, beijando e acariciando, antes que ele encontre minha boca.

Eu o beijo profundamente, desesperadamente, enquanto arranco suas roupas, e ele tolera isso por um momento. Apenas um momento. O tempo

suficiente para eu desabotoar sua camisa. Em um piscar de olhos, sua mão

arrebata os meus pulsos, prendendo-os juntos, prendendo-os na cama acima da

minha cabeça. Puxando um pouco para trás, ele me olha nos olhos.

Ele não diz nada.

Ele apenas me olha fixamente.

Estudando-me novamente.

É quase um minuto, conforme eu conto os segundos tortuosos na minha

cabeça. Deveria ser estranho, mas não é. É *erótico*. Seu olhar me penetra,

efetivamente fodendo minha alma.

Ele solta depois de um momento, sentando-se de volta na cama. Ele se despe, então, tirando tudo, deixando-o completamente nu.

No segundo que ele está de volta em mim, ele está acariciando a si mesmo, encontrando seu caminho entre as minhas pernas. Eu o sinto, hesitando em minha entrada, parando ali.

Ele empurra, então, lentamente, profundamente, atingindo um nervo dentro de mim. Minha respiração engata. *Oh Deus.*

"Eu amo esse som," ele sussurra, sua voz arenosa. "É a melhor música do mundo."

Eu envolvo meus braços ao redor dele. "Talvez esse devesse ser o seu toque, então."

Ele ri, com o rosto enfiado no meu pescoço. "Isso não funcionaria."

"Por quê?"

"Porque os outros o ouviriam. Esse som pertence apenas aos *meus ouvidos.*"

Ele faz amor comigo então, como só Naz pode fazer, alternando entre lento e profundo e áspero e duro, me enviando em um despencar. É um tipo de

amor apaixonante, de perder o folego, pele contra pele, capturando a alma. O

homem me tem. Ele me *consome*. Cada parte de mim foi feita para cada parte

dele. É o tipo de amor que eu não posso imaginar viver sem. É cru, e real, e é

nosso.

É *nosso*.

Vai ser para sempre.

A vida pisca diante dos meus olhos.

Nós estamos velhos, grisalhos e felizes. Nós somos *felizes*.

Nada vai ficar no nosso caminho agora.

Ele me mostra isso, e eu sinto isso, enquanto ele me segura com força, fazendo amor comigo. Estou suada, e exausta, no momento em que acaba. Meu

corpo está gasto de orgasmos, e meu coração parece que vai explodir. Eu não

digo nada, porém, com medo de falar, com medo de lhe oferecer qualquer

palavra. Porque se eu fizer, eu poderia vomitar um fodido arco-íris. Eu poderia

dizer o tipo de bobagem encontrada no romance de Napoleão.

Naz está em cima de mim por um momento depois que ele termina antes

de finalmente puxar para fora. Ele se levanta, juntando nossas roupas, atirando

as minhas para mim enquanto eu deito na cama.

"Tenho certeza agora," eu consigo dizer, enquanto vejo Naz se vestir.

Ele se vira para mim. "Sim?"

Eu aceno enquanto me sento, agarrando meu colar. "Tenho tudo o que quero."

~ 295 ~

EPILOGO

Vou contar-lhe uma história, uma história sobre um caçador que matou

um poderoso leão há não muito tempo. O caçador não pensou nas consequências, não pensou em como isso afetaria o futuro.

Você vê, o caçador só se preocupou com uma coisa... *ela*.

Para ele, nada mais importava além da segurança dela. Ele teria abatido

todo orgulho, causado extinção em massa, se isso significava salvar o que ele

amava. Porque embora o caçador possa ter aprendido sua lição, embora ele

possa ter largado sua arma, há algo inato sobre a sobrevivência.

Algo instintivo em protegê-la.

Eu estou no terraço do segundo andar na parte de trás da casa de praia,

de frente para o oceano azul escuro. A água mistura-se ao céu noturno, uma

parede de escuridão acentuada por ondas quebrando. Este trecho de praia é

calmo, muito poucos estranhos vagueando nessa direção. É isolada, a maioria

das casas vizinhas vagas usadas para férias.

É como se fosse o nosso pequeno mundo lá fora.

Karissa está na praia, descalça, já não está grávida. Ela está usando shorts

jeans gastos e um top de biquíni florido amarrado ao redor de seu pescoço. Ela é

linda, seu longo cabelo castanho chicoteando no vento. Mesmo com areia

agarrada ao seu corpo suado, estrias marcando sua pele bronzeada, ela ainda é a

mulher mais bonita que eu já vi.

Eu posso ouvir sua risada todo o caminho até aqui. É leve e

despreocupada. *Feliz*. Ela nunca costumava rir assim. Não *antes*. Ela está

jogando uma bola de tênis na praia e assistindo como Killer persegue excitadamente isso, mostrando nenhum medo quando ele corre para a água.

Ela olha para o terraço, sorrindo, enquanto empurra os cabelos para fora

do rosto. A casa de praia é de dois andares, aberta e arejada, toda a parede

traseira feita de vidro. Podemos sentar na sala de estar e olhar para o oceano,

podemos deitar na cama e olhar para o céu noturno estrelado.

Karissa olha para mim de seu lugar na praia, e eu olho de volta,

absorvendo sua visão ao luar. Eu quase quero descer e me juntar a ela, mas um

barulho atrás de mim, na casa, descarta isso.

Virando-me, caminho para dentro, para fora do quarto principal e do

outro lado do corredor, dirigindo-me cuidadosamente para o único outro

quarto. Está escuro, apenas um pequeno abajur ligado, iluminando o berço de

~ 296 ~

madeira branca próximo a porta. Eu me aproximo dele, parando enquanto eu

olho para baixo.

Olhando diretamente para *ele*.

Ele está bem acordado, seus grandes olhos azuis brilhantes abertos, se concentrando em mim no segundo em que eu apareço. Ele se parece muito com

sua mãe, eu acho, embora Karissa afirme que ele é uma versão em miniatura de

mim. Ele é quieto, talvez meio incomum, raramente chora.

A felicidade parece irradiar dele.

Fabrizio Michele Vitale

Ele faz três meses hoje.

Ele é perfeito.

"Ei, pequeno homenzinho," digo, chegando em sua direção. "Você não devia estar dormindo?"

Ele sorri ao som de minha voz, piscando seu sorriso desdentado, e pega

meu dedo indicador, envolvendo seu punho em torno dele. Pegando-o, eu o

embalo em meus braços enquanto caminho pela casa, balançando-o para

dormir.

É tão silencioso aqui.

É quase *muito* quieto.

Encontro-me cantarolando.

O que posso dizer? Ele gosta.

Ouçõ Karissa entrar, a ouçõ se aproximar. Eu paro de cantarolar e viro para ela quando ela entra na cozinha onde estou, mas é tarde demais.

Ela me ouviu.

" *Just Walking in the Rain.*"

"Sim, minha mãe—"

"Eu sei," ela diz, deixando uma trilha de areia por todo o chão. "Seu pai

me contou."

Huh.

Killer corre para dentro, então, vindo direto para a cozinha, deixando cair

sua bola de tênis nos pés de Karissa.

Ele se vira para mim.

Ele começa a rosnar.

Suspirando, alcanço no armário, agarrando um petisco e jogando-o para

ele. Ele silencia, comendo.

Karissa ri. "Ele totalmente tem você treinado."

"Tenho certeza de que é o contrário."

"É?" Ela levanta as sobancelhas enquanto caminha em minha direção.

"Fala sério, Naz, ele tem vivido com você por um tempo. Ele teve tempo

~ 297 ~

suficiente para se acostumar à sua presença, mas ele sabe, se ele rosnar, você vai

dar-lhe um petisco."

Ela levanta na ponta dos pés, me beijando, antes de arrancar o bebê dos

meus braços, saindo para alimentá-lo. Eu fico lá, considerando isso

enquanto

Killer termina seu petisco. Assim que acaba, ele olha para mim.

Ele começa a rosnar novamente.

Filho da puta.

Eu menti, roubei e enganei. Eu tomei vidas e agredi homens. Eu consegui

o que eu queria através da coerção, através da intimidação, usando a força

quando necessário. Eu sempre ganhei.

Mas um maldito vira-lata conseguiu me enganar.

Inacreditável.

"Eu estou de olho em você," eu digo a ele, indo embora. "Consiga seus próprios petiscos do caralho agora."

Eu caminho para o quarto, encontrando Karissa deitada na cama,

segurando o bebê. Eu fico lá na porta, observando, sentindo meu peito apertar

com emoção.

Ela e ele.

Minha vida.

Meu segundo vento.

Eu assumiria o mundo por eles.

E eu prometo... Eu *venceria*.

~ 298 ~